

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA PARA O  
DESENVOLVIMENTO SOCIAL – PPGTDS**

**TIAGO QUARESMA COSTA**

**O ENSINO DO ESPORTE E A RACIONALIDADE TÉCNICA NA  
CONTEMPORANEIDADE: POSSIBILIDADES E LIMITES.**

Rio de Janeiro  
2018

**TIAGO QUARESMA COSTA**

**O ENSINO DO ESPORTE E A RACIONALIDADE TÉCNICA NA  
CONTEMPORANEIDADE: POSSIBILIDADES E LIMITES.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Tecnologia para o Desenvolvimento Social vinculado ao Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NIDES/UFRJ). Como requisito para a obtenção do grau de Mestre de Tiago Quaresma Costa.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr. André Malina

Rio de Janeiro  
2018

**TIAGO QUARESMA COSTA**

**O ENSINO DO ESPORTE E A RACIONALIDADE TÉCNICA NA  
CONTEMPORANEIDADE: POSSIBILIDADES E LIMITES.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Tecnologia para o Desenvolvimento Social vinculado ao Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NIDES/UFRJ). Como requisito para a obtenção do grau de Mestre de Tiago Quaresma Costa.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr. André Malina

Aprovado em: 19/06/2018

---

Dr° Prof. André Malina – UFRJ

---

Dr° Prof. Efrain Maciel e Silva – UFG

---

Dr° Prof. Ângela Celeste Barreto de Azevedo – UFRJ

---

Dr° Prof. Silvio de Cássio Costa Telles – UFRJ

## CIP - Catalogação na Publicação

C837e Costa, Tiago Quaresma  
O Ensino dos Esportes e a Racionalidade Técnica  
na Contemporaneidade: Possibilidades e Limites. /  
Tiago Quaresma Costa. -- Rio de Janeiro, 2018.  
376 f.

Orientador: André Malina.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Núcleo Interdisciplinar para o  
Desenvolvimento Social, Programa de Pós-Graduação em  
Tecnologia para o Desenvolvimento Social, 2018.

1. Racionalidade Técnica. 2. Pensamento  
Unidimensional. 3. Pensamento Dialético. 4. Ensino  
dos Esportes. I. Malina, André , orient. II. Título.

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa teve como principal questão de investigação a racionalidade técnica e sua forma de manifestação no esporte. Para isso, partimos da questão da técnica como aspecto que assume uma potente presença nas sociedades capitalistas, sobretudo nas formas como acontece a produção de mercadorias. As sociedades capitalistas possuem um tipo de racionalidade própria que demarca as formas como as sociabilidades humanas ocorrem e que essa racionalidade tende a se espalhar pela sociedade. Compreendemos que tais sociedades influenciam a produção desta racionalidade e, ao mesmo tempo, absorvem seus traços característicos. A racionalidade técnica tende a proliferar-se de tal forma que acaba por gerar uma sociedade, na visão de Marcuse, unidimensional e, conseqüentemente, o próprio homem unidimensional. Os elementos da cultura, como é o caso do esporte e da educação, podem sofrer a influência desta unidimensionalidade, resultando em uma formação humana unilateral. Nesse sentido, pretendeu-se aqui captar as expressões dessa unidimensionalidade em alunos dos anos finais do ensino fundamental por meio de um questionário aplicado inicialmente, buscando entender como se manifesta o pensamento unidimensional-positivo em relação ao esporte. Em contraposição a essas expressões, foi utilizada uma Matriz Metodológica Crítica, de corte crítico-dialético, em unidade didática composta por dez aulas, após as quais tentamos captar possíveis avanços em relação à superação do pensamento unidimensional-positivo a partir da unidade didática realizada. A verificação dessa superação foi realizada por meio de outro questionário (final) aplicado ao término das dez aulas. A partir do questionário inicial, foi verificado que os alunos do 2º segmento do ensino fundamental apresentaram predominantemente o pensamento unidimensional-positivo em relação ao esporte. Em sentido oposto, ao final das aulas realizadas, foi possível identificar indicativos de supressão e/ou questionamento do pensamento unidimensional-positivo e ascensão do pensamento dialético-negativo, apesar de o pensamento unidimensional-positivo permanecer predominante.

Palavras-chave: Racionalidade Técnica, Pensamento Unidimensional e Pensamento Dialético.

## **ABSTRACT**

The present research work had as main issue of investigation the technical rationality and its form of manifestation on sport. For this, we start from the question of the technique as an aspect which assumes a powerful presence in capitalist societies, especially in the way it happens the production of goods. The capitalist societies have a type of proper rationality tends to spread throughout the society. We understand that such societies influence the production of this rationality and, at the same time, absorb their characteristic traits. The technical rationality tend to proliferate in such a way tha ends up generating a society, in the view of Marcuse, one-dimensional and, consequently, the one-dimensional man himself. The elements of culture, as is the case of sport and education, may suffer the influence of this one-dimensionality, resulting in a unilateral human formation. In this sense, it was intended here to capture the expressions of this one-dimensionality in final year students of the elementary school by means of a questionnaire initially applied seeking to understand how the one-dimensional positive thinking manifests in relation to the sport. In contrast to these expressions, it was used a Critical Methodological Matrix, of critical-dialectical, in teaching unit composed by ten classes, after which we tried to capture possible advances in relation to the overcoming of the one-dimensional positive thinking from the teaching executed. The verification of this overcoming was carried out by means of another questionnaire (final) applied at the end of the ten classes. From the initial questionnaire, it was verified that the second segment students of the elementary school predominantly presented the one-dimensional positive thinking in relation to sport. In the opposite direction, at the end of classes held, it was possible to identify indicative of suppression and/or questioning the one-dimensional positive thinking and rise of dialectic-negative thinking, despite of the one-dimensional positive thinking remain predominantly.

Key words: Technique, One-dimensional society, One-dimesional thinking and Dialectical thinking.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me guiado e me ajudado a superar as dificuldades.

A minha esposa Bruna, amiga e companheira.

Ao meu filho Isaac, amigo e precioso.

Aos meus pais Fernando e Elizete pelo esforço de uma vida.

Ao Nides, ao Programa de Pós-graduação em Tecnologia para o Desenvolvimento Social (PPGTDS) e aos professores pelos conhecimentos adquiridos.

Ao Prof. Drº André Malina pelo empenho e dedicação na orientação desta pesquisa.

À Banca pela disponibilidade.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Definição das Categorias utilizadas na Análise.....	136
Tabela 2 - Esporte Predileto.....	138
Tabela 3 - Você costuma praticar seu esporte preferido?.....	140
Tabela 4 - Quantos dias por semana você tem costume de praticar esporte?.....	140
Tabela 5 - Qual o principal local que você o pratica?.....	140
Tabela 6 - Você costuma encontrar dificuldades para praticar esportes?.....	142
Tabela 7 - Quais são essas dificuldades?.....	143
Tabela 8 - As Influências para a Predileção do Esporte - Total de Influências Citadas. .....	146
Tabela 9 - As Influências para a Predileção do Esporte - Respostas Indefinidas ou Incoerentes com a Pergunta. ....	147
Tabela 10 - Os Motivos que levaram à Predileção de determinado Esporte.....	149
Tabela 11 - Significados do Esporte.....	152
Tabela 12 - Os Aprendizagens do Esporte. ....	157
Tabela 13 - Utilidade das Aprendizagens advindas do Esporte – Respostas Afirmativas.....	165
Tabela 14 - Utilidade das Aprendizagens advindas do Esporte – Respostas Negativas. ....	165
Tabela 15 - Os Significados da Vitória e da Derrota no Esporte - Vencer.....	172
Tabela 16 - Os Significados da Vitória e da Derrota no Esporte - Neutro. ....	173
Tabela 17 - Os Significados da Vitória e da Derrota no Esporte - Perder. ....	175
Tabela 18 - Os Significados da Vitória e da Derrota no Esporte - Total de Respostas por Categoria.....	175
Tabela 19 - A Vitória e a Derrota no Esporte como Lição de Vida. ....	178
Tabela 20 - Percepções sobre o Atleta Profissional. Resposta "Sim". ....	180
Tabela 21 - Percepções sobre o Atleta Profissional. Resposta "Não".....	181
Tabela 22 - A Vida dos Atletas como Lição para a Vida. Resposta "Sim".....	186
Tabela 23 - A Vida dos Atletas como Lição para a Vida. Resposta "Não". ....	187
Tabela 24 - Os Valores Desumanos do Esporte de Alto Rendimento como Exemplo para a Vida.....	194
Tabela 25 - Valores Desumanos do Esporte e as Situações do Cotidiano Esportivo dos Alunos.....	197



Tabela 26 - Referência dos Níveis relacionados à Presença dos Valores Desumanos do Esporte.....	199
Tabela 27 - Quantitativo dos Níveis relacionados à Presença dos Valores Desumanos do Esporte.....	199
Tabela 28 – Predominância por Questionário de Marcações relacionadas à Concepção de Esporte através de Imagens.....	202
Tabela 29 - Quantitativo de Marcações por Imagem relacionadas à Concepção de Esporte.....	203
Tabela 30 - Ranqueamento das Imagens Marcadas.....	203
Tabela 31 - Exclusividade de Marcações presentes em Questionários em Concepções de EAR e EFCAR.....	204
Tabela 32 - Quantitativo Total de Marcações Relacionadas às Imagens de EAR e de EFCAR.....	204
Tabela 33 - Apresentação dos Valores Positivos e Negativos do Esporte.....	236
Tabela 34- Ossos e Músculos.....	251
Tabela 35 - Caracterização do Jogador de Futebol Profissional e do Jogador de Futebol de Rua.....	253
Tabela 36 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O que você gostou e o que você não gostou nas aulas sobre o futebol? .....	285
Tabela 37 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: Qual aula chamou mais a atenção e por quê? .....	288
Tabela 38 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: As aulas sobre futebol contribuíram para saber de coisas sobre o esporte que você não sabia? .....	290
Tabela 39 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: Você mudaria a forma como as aulas foram realizadas?.....	292
Tabela 40 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O esporte de alto rendimento e o esporte que estudamos e praticamos são parecidos? Ou são diferentes? .....	293
Tabela 41 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O que significou vencer e perder nas aulas?.....	296
Tabela 42 - Comparativo entre as Expressões relacionadas à Pergunta "O que significou vencer e perder nas aulas?" entre a etapa 1 e 3. EXPRESSÕES DA ETAPA 1.....	298

Tabela 43 - Comparativo entre as Expressões relacionadas à Pergunta "O que significou vencer e perder nas aulas?" entre a etapa 1 e 3. EXPRESSÕES DA ETAPA 3.....	299
Tabela 44 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O atleta profissional pode servir como exemplo para as pessoas? .....	300
Tabela 45 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O que é o corpo humano para você? .....	303
Tabela 46 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O que você aprendeu sobre o corpo humano durante as aulas? .....	306
Tabela 47 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O que você entendeu sobre a relação entre corpo e sociedade? .....	308
Tabela 48 – Quantitativo de Marcações realizadas pelos Alunos sobre a Recorrência dos Valores Desumanos do Esporte durante as aulas da Unidade Didática Aplicada. ....	309
Tabela 49 – Quantitativo de Marcações relacionadas aos Valores Desumanos do Esporte e as Situações ocorridas durante as Aulas da Unidade Didática (Etapa 3). ....	312
Tabela 50 – Comparativo entre o Quantitativo de Marcações relacionadas aos Valores Desumanos do Esporte e as Situações ocorridas no Cotidiano Esportivo dos Alunos (Etapa 1) e o Quantitativo de Marcações relacionadas às Aulas da Unidade Didática (Etapa 3).....	315

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Esporte Predileto. ....	138
Gráfico 2 - Total de Influências Citadas. ....	147
Gráfico 3 - Motivos da Predileção do Esporte por Categoria. ....	149
Gráfico 4 - Os Significados do Esporte por Categoria. ....	153
Gráfico 5 - Aprendizados do Esporte por Categoria. ....	158
Gráfico 6 - Afirmação na Utilidade das Aprendizagens do Esporte para a Vida. ....	165
Gráfico 7 - Negação na Utilidade das Aprendizagens do Esporte para a Vida. ....	166
Gráfico 8 - Atribuições a Vitória por Categoria. ....	173
Gráfico 9 - Atribuições "Neutras" por Categoria. ....	174
Gráfico 10 - Atribuições a Derrota por Categoria. ....	175
Gráfico 11 - Total de Atribuições por Categoria. ....	176
Gráfico 12 - Respostas Afirmativas sobre o Atleta Profissional. ....	180
Gráfico 13 - Respostas Negativas sobre o Atleta Profissional. ....	181
Gráfico 14 - A Vida dos Atletas com Exemplo - Respostas "Sim". ....	186
Gráfico 15 - A Vida dos Atletas com Exemplo - Respostas "Não". ....	187
Gráfico 16 - Os Valores Desumanos do Esporte servem para a Vida? ....	194
Gráfico 17 - Quantitativo de Situações Marcadas por Valor. ....	198
Gráfico 18 - Quantitativo do Nível de Presença de Valores Desumanos no Esporte. ....	200
Gráfico 19 - Concepção de Esporte por Imagens - EAR X EFCAR - Predominância por Questionário. ....	202
Gráfico 20 - Concepção de Esporte por Imagens - Quantitativo de Marcações por Imagens. ....	203
Gráfico 21 - Total de Imagens Marcadas - EAR X EFCAR. ....	204
Gráfico 22 - Percepção sobre os Valores Desumanos do Esporte Pós Unidade Didática. ....	310
Gráfico 23 - Total de Marcações feitas por Valor Pós Unidade Didática. ....	313
Gráfico 24 - Comparativo de Marcações por Valor - Etapa 1 e Etapa 3. ....	315

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Unidade Didática Planejada por meio da Matriz Crítica para o Ensino do Esporte (a).....	59
Figura 2 - Unidade Didática Planejada por meio da Matriz Crítica para o Ensino do Esporte (b).....	225
Figura 3 - Representação dos Jogos de Invasão aplicados em aula: 2 Golzinhos e Golzão.....	232
Figura 4 - Valores Desumanos do Esporte de Alto Rendimento e Valores Humanos do Esporte como Contraste.....	236
Figura 5 - Representação de jogo aplicado em aula relacionado às Noções de Ataque e Defesa com Marcação por Zona.....	241
Figura 6 - Representação de jogo aplicado como Parte das Aulas: Futebol Setorizado.....	243
Figura 7 - Funções Gerais da Matriz do Esporte.....	321
Figura 8 - Função "Novo" da Matriz do Esporte.....	321
Figura 9 - Layout Inicial da Barra de Tarefas Horizontal e Vertical da Matriz do Esporte.....	322
Figura 10 - Barra de Tarefas da Matriz do Esporte com a Matriz por dentro (a). ....	323
Figura 11 - Layout da Área de Trabalho do Planejamento de Aula por intermédio da Matriz Crítica do Esporte.....	323
Figura 12 - Função Carregar Matriz.....	324
Figura 13 - Função "Biblioteca".....	324
Figura 14 - Função "Configurações".....	325
Figura 15 - Barra de Tarefas da Matriz.....	326
Figura 16 - Barra de Tarefas Horizontal.....	326
Figura 17 - Barra de Tarefas Vertical.....	327
Figura 18 - Barra de Tarefas da Matriz do Esporte com a Matriz por dentro (b). ....	327
Figura 19 - Adição de Unidades Didáticas.....	329
Figura 20 - Barra de Tarefas da Matriz do Esporte com a Matriz por dentro (c). ....	330
Figura 21 - Adição de Meios.....	331
Figura 22 - Exemplo de Matriz com Quatro Meios.....	332

## Conteúdo

INTRODUÇÃO .....	16
1. CAPÍTULO I .....	23
1.1 A Característica Interdisciplinar da Técnica e a Racionalidade Hegemônica na Base Material da Sociedade. ....	24
1.2 A Característica Interdisciplinar da Técnica e a Racionalidade Hegemônica nos Aspectos Socioculturais da Sociedade. ....	30
1.3 Contextualizando a Racionalidade Conservadora presente na Educação Física e as Tentativas de Rompimento desta Racionalidade .....	43
1.4 Formulação da Situação-Problema.....	49
1.4.1 Problema de Estudo .....	51
1.4.2 Questão a Investigar.....	51
1.5 Objetivos do Estudo .....	51
1.6 Relevância do Estudo .....	51
2. CAPÍTULO II .....	54
2.1 Metodologia .....	54
2.2 Sobre a Pesquisa.....	54
2.3 Sobre o Referencial Teórico. ....	55
2.3.1 Caracterização metodológica do referencial teórico .....	55
2.4 Aspectos metodológicos da análise realizada .....	58
3. CAPÍTULO III .....	61
3.1 A Tecnicização do Trabalho como Forma de Dominação do Homem. ....	61
3.1.1 Técnica e Dominação do Homem: Um Panorama Geral .....	62
3.1.2 O Lugar do Trabalho: entre a Essência e a Aparência .....	64
3.1.3 Trabalho: da essência à decadência .....	66
3.1.4 Trabalho: da decadência à fragmentação.....	70
3.1.5 Trabalho: da fragmentação à dominação .....	75
3.2 A Ideologização da Técnica como Forma de Dominação do Homem.....	81

3.2.1 Breve Histórico: Marcuse e a Escola de Frankfurt.....	81
3.2.2 Racionalidade Técnica, Sociedade Unidimensional e o Homem Politicamente Unidimensionalizado .....	84
3.2.3 Racionalidade Técnica e Sociedade Unidimensional: A Tensão entre Necessidade e Liberdade como Elemento Essencial para a Emancipação Humana. ....	92
3.2.4 Liberdade como aparência e como essência.....	96
3.2.5 A razão científica moderna como pensamento positivo.....	101
3.2.6 O pensamento dialético como negação da realidade positiva .....	110
3.3 Técnica X Homem: uma síntese do referencial teórico .....	120
3.4 A relação entre a Racionalidade Técnica e Esporte. ....	126
4. CAPÍTULO IV .....	130
4.1 Apontamentos sobre a Estruturação Metodológica Adotada para a Análise. ....	130
4.1.1 Sobre o Instrumento de Coleta de Dados da Etapa 1.....	132
4.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO INICIAL (ETAPA 1).....	136
4.2.1 Conhecendo o Esporte Predileto no Cotidiano dos Alunos .....	137
4.2.1.1 A Prática do Esporte no Cotidiano dos Alunos .....	139
4.2.1.2 As influências sofridas na predileção pelo esporte .....	146
4.2.2 OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO ESPORTE .....	148
4.2.2.1 Os motivos que levaram à predileção de determinado esporte .....	148
4.2.2.2 Os significados do esporte .....	151
4.2.3 OS APRENDIZADOS DO ESPORTE .....	156
4.2.3.1 Os aprendizados proporcionados pelo esporte. ....	156
4.2.3.2 A Utilidade das Aprendizagens Advindos do Esporte.....	163
4.2.4 OS SIGNIFICADOS DE VENCER E PERDER.....	171
4.2.4.1 O significado da vitória e da derrota no esporte .....	171
4.2.4.2 A vitória e a derrota no esporte como lição de vida .....	178
4.2.5 O ATLETA PROFISSIONAL .....	179

4.2.5.1	Percepções sobre o atleta profissional .....	179
4.2.5.2	A vida dos atletas como lição para a vida.....	184
4.3	2º BLOCO DE QUESTÕES – OS VALORES DESUMANOS DO ESPORTE	193
4.3.1	1º Questão - Os Valores Desumanos do Esporte são úteis para a Vida das Pessoas? .....	193
4.3.2	2º Questão - Valores Desumanos do Esporte e as Situações do Cotidiano Esportivo Discente.....	196
4.3.2.1	Nível de Presença dos Valores Desumanos do Esporte na Prática Cotidiana dos Discentes.....	199
4.3.3	A Percepção do Esporte através de Imagens.....	201
4.4	Sociedade Unidimensional e o Esporte como Instrumental Técnico-Ideológico. ....	205
4.5	Esporte Unidimensional e Alienação Do Homem.....	210
4.6	Trabalho, Pensamento Unidimensional e Esporte: Fragmentação do Conhecimento e Unilateralização do Homem. ....	215
5.	CAPÍTULO V .....	222
5.1	Análise da Unidade Didática (Etapa 2) .....	222
5.2	Apresentação da Matriz Metodológica Crítica, da Unidade Didática e do Instrumento de Coleta de Dados da Etapa 2 da Análise.....	223
5.3	Caracterização das aulas e da participação dos alunos. ....	226
5.4	Mediações da análise das aulas com o debate entre pensamento unidimensional e pensamento dialético. ....	264
5.4.1	Realidade Contraditória e Ensino do Esporte .....	264
5.4.2	Racionalidade Técnica e Esporte. ....	276
6.	CAPÍTULO VI .....	283
6.1	Análise do questionário final (etapa 3) após os alunos vivenciarem as aulas da unidade didática.....	283
6.2	1º BLOCO DE QUESTÕES – Tensões do Pensamento Dialético-Negativo.	284

6.3 2º BLOCO DE QUESTÕES – 1º QUESTÃO – A Presença dos Valores do Esporte de Alto Rendimento no Ensino do Esporte. ....	309
6.4 2º BLOCO DE QUESTÕES – 2º QUESTÃO – As Situações e Vivências no Ensino do Esporte e os Valores desumanos. ....	311
6.5 Síntese da análise realizada nas etapas 1, 2 e 3: entre o pensamento unidimensional-positivo e o dialético-negativo. ....	316
7. CAPÍTULO VII.....	319
7.1 Matriz do Esporte.....	319
7.2 Introdução ao Software.....	319
7.3 Funcionalidades gerais da “Matriz do Esporte”.....	320
7.4 Funcionalidades do Processo de Planejamento das Aulas na Matriz do Esporte.....	325
7.4.1 Manuseio da matriz na elaboração do planejamento.....	329
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	333
ANEXOS .....	343
ANEXO 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....	343
APÊNDICES.....	346
Apêndice A – Questionário da Coleta de Dados. Etapa 1.....	346
Apêndice B – Questionário da Coleta de Dados. Etapa 3.....	350
Apêndice C – Primeiro texto da Matriz Didática. Aula 1.....	353
Apêndice D – Segundo Texto da Matriz Didática. Aula 3.....	357
Apêndice E – Terceiro Texto da Matriz Didática. Aula 6.....	359
Apêndice F – Quarto texto da Matriz Didática. Aula 9.....	363
Apêndice G - Quadro Teórico Estruturado do Questionário Inicial .....	366
Apêndice H – Quadro Teórico Estruturado do Questionário Final .....	373



## INTRODUÇÃO

A tecnologia é um elemento bastante presente nas sociedades desenvolvidas. No senso comum, o termo tecnologia, refere-se, de forma geral, aos artefatos produzidos pelo homem que nada mais são do que o resultado do potencial científico produzido e acumulado pelo homem ao longo de sua existência. Nesse caso, o conhecimento humano é materializado fisicamente através do processo de industrialização de matérias-primas que as transformam em bens úteis ao homem. Temos, assim, os artefatos tecnológicos que marcam sua presença no mundo contemporâneo.

Nos dias atuais, o desenvolvimento técnico tem sido um quesito importante em avaliações que visam determinar o nível de desenvolvimento econômico e social das nações. Esta não é uma regra exata, mas considera-se que o desenvolvimento técnico possui grande relevância e influência no desenvolvimento econômico das nações pelo fato de ser traduzido em capacidade de competitividade no mercado acirrado do capitalismo globalizado.

Sendo assim, os potenciais da técnica podem ser elementos importantes para o desenvolvimento econômico e social em um sentido contrário à lógica de mercado predominante. Na atualidade, pode-se afirmar que o homem através do desenvolvimento técnico e de conhecimentos inerentes às diversas áreas reúne condições para solucionar problemas cruciais que ameaçam a vida humana.

De forma genérica, a técnica é entendida de forma pragmática com o desenvolvimento de meios para atingir fins. Desta compreensão subentende-se que quanto mais eficazes forem os meios pelos quais se busca atingir o objetivo, melhores serão os resultados no cumprimento da meta que se quer alcançar. Dessa maneira, a técnica passa a estar relacionada com procedimentos, processos e mecanismos de controle que rigorosamente devem estar alinhados com a máxima eficiência possível para o cumprimento da meta a ser alcançada (BRACHT, 2009).

Em outra possibilidade de compreensão, a técnica poderia desenvolver a produção, a distribuição da produção e a satisfação de necessidades diversas dos indivíduos, tanto materiais quanto espirituais, através de meios racionalmente organizados para o atendimento dos homens em sua totalidade. A técnica poderia

ser um potencial instrumento de socialização das conquistas científicas da humanidade embasadas pela concepção ética de proteção da vida, beneficiando a todos e minimizando problemas como a fome, por exemplo.

Ao que parece, a técnica não está isolada do contexto social onde está inserida sua funcionalidade, assim como os usos que se faz dela, envolvem conotações que traduzem também objetivos políticos e ideológicos dos interesses de determinada classe social.

Entendendo que a sociedade é um campo de tensões conflituosas entre classes com interesses antagônicos, podemos compreender a técnica dentro desta conjuntura. Apesar do enorme potencial técnico que as sociedades industrializadas atuais possuem, nas sociedades capitalistas, a técnica serviu para promover a submissão do homem pelo homem à medida que produzia uma enorme quantidade de mercadorias para o abastecimento da sociedade (MARCUSE, 1964), confirmando o capitalista como o controlador dos meios de produção que, por isso, assumiu a posição de classe dominante.

Nesse caso, o que destacamos, é a forma como determinado tipo de racionalidade avança por intermédio da técnica à medida que esta se prolifera e se amplia para diversos segmentos da sociedade, principalmente quando ocupa lugar na superestrutura<sup>1</sup> e passa a influenciar as esferas políticas, jurídicas e de produção de ideias na sociedade de modo a influir diretamente na cultura.

É possível que a adoção da técnica como instrumental que denota satisfação, conforto, praticidade e agilidade para as diversas atividades da vida, inclusive profissionais, impregne os diferentes setores da sociedade. A técnica materializada em diferentes artefatos e em diversos procedimentos culmina no controle social exercido pela racionalidade de conservação da sociedade de classes. A racionalidade presente na técnica nos dias atuais parece guardar aproximações com aquela manifestada nos setores produtivos da sociedade no período em que se consolidou o capitalismo no século XIX através do desenvolvimento técnico, como apontado por Marx (2014).

---

<sup>1</sup> A ideia de base e superestrutura no pensamento de Marx, embora seja importante na construção do materialismo histórico-dialético foi apropriada de maneira diversa por pensadores marxistas. Grande parte dessa apropriação foi bastante criticada por um possível mecanicismo. De forma geral, pode-se dizer que a sociedade do tipo capitalista tem uma determinação material que tende a influenciar setores da superestrutura, como os setores jurídico e político. Assim, “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual” (2008, p. 47).

O alto investimento dos capitalistas no desenvolvimento técnico de máquinas ampliou a produção de mercadorias e, em consequência disso, a extração de mais-valia<sup>2</sup> aumentou exponencialmente. A mais-valia<sup>3</sup> demarca o objetivo pelo qual se deu o desenvolvimento técnico no setor de produção de mercadorias na sociedade. A substância desta racionalidade atrela-se à acumulação de capital e à coisificação do homem pela lógica de mercado proposta pelo modo de produção capitalista. A concepção de sociedade livre se dá apenas para uma minoria, sendo que, para a maior parte dos homens, a labuta e a luta pela sobrevivência ainda impera.

O desenvolvimento técnico foi capaz de gerar riquezas nunca antes vistas na história da humanidade com o acompanhamento de uma enorme quantidade de mercadorias que incentivam a lógica de consumo. Com isso, os desejos de obtenção de mercadorias levam os indivíduos a identificarem-se com o modo de produção que torna tais mercadorias abundantes na sociedade. Ao consumir a mercadoria, o indivíduo consome também a ideologia impregnada na mercadoria (MARCUSE, 1964).

Nesse sentido, a ideologia dominante prolifera-se através do aparato técnico capaz de tornar as mercadorias disponíveis a todo aquele que tiver condições de obtê-las. Com a sua racionalidade voltada para a lógica de mercado e a crescente necessidade de expandir-se, o capitalismo, nesse movimento expansionista, tende a transformar em mercadoria as diferentes esferas da vida humana. Essas esferas (política, jurídica, cultura etc.) são parte da superestrutura (Marx, 2014) – como no caso da educação – e trazem a ideologia de mercado e as perspectivas de produtividade inerentes ao modelo ideológico unidimensional<sup>4</sup> assumido pela técnica no setor produtivo, como aponta Marcuse (1964).

---

<sup>2</sup> Na presente pesquisa será adotado o termo mais-valia, embora esteja sendo empregado o termo mais-valor em diversas versões de livros de Marx.

<sup>3</sup> O conceito de mais-valia é desenvolvido por Marx (2014) para explicar o processo de exploração do trabalhador no interior das fábricas. A mais-valia é definida por Marx (2014) como o produto do trabalho não pago pelo capitalista ao trabalhador, sendo uma forma de exploração caracterizada de duas formas, através de dois tipos de mais-valia: a absoluta e a relativa. A primeira se dá através do prolongamento da jornada de trabalho para além do trabalho para o atendimento das necessidades vitais do trabalhador. A segunda utiliza diferentes técnicas que permite otimizar a produção de mercadorias reduzindo o tempo do trabalho necessário para ampliar, com isso, o tempo destinado ao trabalho não pago pelo capitalista.

<sup>4</sup> O conceito de unidimensionalidade é desenvolvido por Marcuse (1964) para explicar o processo de uniformização ideológica das consciências em prol de um único modelo de pensar a sociedade: o da lógica do capital. Tal unidimensionalidade acontece a partir do amadurecimento do aparato técnico nas sociedades industrialmente desenvolvidas do século XX. O aparato técnico tornou-se capaz de gerar uma quantidade enorme de mercadorias que tende a trazer uma falsa ideia de conforto e satisfação frente às diversas necessidades humanas, que são na verdade, falsas necessidades, já

Assim, cabe, no desenvolvimento da presente pesquisa, compreender como a ideologia unidimensional se apresenta na forma de uma racionalidade técnica materializada na formação humana. Com a finalidade de resolver tal questão, destacamos o esporte como fenômeno da cultura corporal presente na formação humana que, de acordo com diferentes autores (COLETIVO DE AUTORES 1992; KUNZ, 2006; BRACHT, 2009), possui papel relevante no fomento de ideias que favorecem a manutenção da ideologia que unidimensionaliza o homem.

Na presente pesquisa, foi investigada a racionalidade técnica e sua forma de manifestação no esporte para tanto tomamos como objeto de estudo o tipo de racionalidade predominante em alunos dos anos finais do ensino fundamental (6° ao 9° anos). Para o diagnóstico acerca do tipo de racionalidade predominante nesses alunos, foi realizado um questionário inicial (Etapa 1). Após a identificação da predominância do pensamento unidimensional-positivo<sup>5</sup> (conservador) nos alunos pesquisados, foi elaborada e, posteriormente, ministrada uma unidade didática (Etapa 2) utilizando uma matriz metodológica crítica para o ensino dos esportes com uma turma do 6° ano do ensino fundamental (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017). Para a coleta de dados durante as aulas, foi utilizado um diário de campo. A intenção da unidade didática realizada foi de promover o ensino do esporte na perspectiva que denominamos na presente pesquisa de dialético-negativa<sup>6</sup> em contraposição à perspectiva que unidimensionaliza o homem, conforme a categorização de Marcuse (1964). Após a realização das aulas, um questionário final (Etapa 3) foi realizado com os alunos do 6° ano participantes da unidade didática. A pretensão do questionário final foi

---

que aprisionam ideologicamente os indivíduos no pensamento unidimensional. Paralelamente ao aprisionamento dos indivíduos, o pensamento unidimensional potencializa os aspectos positivos da ideologia de mercado presente nas sociedades industrializadas e subvertendo formas de pensá-la criticamente.

<sup>5</sup> A grande produção de mercadorias gerou a unidimensionalidade nas consciências dos indivíduos em sociedade. Essa unidimensionalidade carrega certo conformismo em relação ao *status quo* social desigual vigente como uma forma de cristalização da ideologia dominante. Não cabe no pensamento unidimensional uma lógica contrária a sua, como a lógica do pensamento dialético-negativo, por exemplo. No pensamento unidimensional está positivado o poderio do aparato técnico burguês, mascarando as reais contradições inerentes ao processo social (MARCUSE, 1964). Nesta pesquisa, utilizaremos o termo unidimensional-positivo como referência à forma de pensamento ou ideologia que trata da manutenção do *status quo* social.

<sup>6</sup> Para Marcuse (1964), a dialética é forma de pensamento que possibilita melhor compreensão dos conflitos sociais e é um instrumento que pode ser utilizado para denunciar a unidimensionalização das consciências estabelecida pela lógica do capital. A dialética é uma forma de negar a aparência do real concreto que vela os conflitos sociais. Por isso, na presente pesquisa, estaremos abordando o termo dialético-negativo como forma de pensamento ou ideologia que possibilita uma denúncia e um posicionamento no pólo oposto da perspectiva unidimensional-positiva.

verificar se com uma sequência de aulas dadas a partir de uma concepção crítica de ensino do esporte seria possível, até certo ponto, negar/superar o pensamento unidimensional-positivo relacionado ao esporte.

O desenvolvimento da pesquisa considerou, sobretudo, as influências do contexto social especificamente relacionado com determinada racionalidade que incita formas de condutas, comportamentos e pensamentos que atendam aos interesses de manutenção do *status quo* social, assim como possibilidades de estranhamento e humanização via mecanismos de ensino do esporte.

Dessa forma, a pesquisa está estruturada em cinco capítulos que se seguem após esta introdução. O primeiro capítulo traz uma exposição sobre a técnica e a sua característica interdisciplinar em discussão com a racionalidade delineadora dos sentidos ideológicos predominantes na sociedade. A racionalidade conservadora parece ter sido absorvida também na concepção de esporte que se reflete no seu ensino. O debate sobre o ensino do esporte encontra um *locus* privilegiado nos estudos da educação física brasileira que, por sua vez, tem como um dos seus conteúdos de estudo (e de ensino) o esporte. Assim, a questão da interação entre a educação física brasileira e racionalidade conservadora em questão foi também abordada através de breve contextualização histórica com vista a esclarecer acerca das características ideológicas que operam sobre a educação física brasileira.

Após a exposição das temáticas apresentadas no parágrafo acima cujo conteúdo serviu como problematizador para as pretensões da pesquisa em tela, destacamos a formulação da situação-problema, problema de estudo, as questões a investigar, o objetivo da pesquisa, e a metodologia do estudo.

O segundo capítulo traz o referencial teórico adotado apoiado em dois intelectuais alemães, Karl Heinrich Marx e Herbert Marcuse. Em Marx, foi realizada uma discussão em torno do trabalho como elemento essencial que fundamenta a existência humana. Ao ser dominado pelo capitalismo em ascensão, o trabalho perde seu atributo formativo e, como consequência, possibilita a alienação o trabalhador. Esta alienação decorreu também do desenvolvimento técnico ligado às exigências da racionalidade capitalista inclinada à maximização dos lucros.

A expropriação sofrida pelo trabalhador no que se refere aos benefícios formativos advindos do trabalho aumenta conforme também amplia o emprego da técnica na produção. Nesse sentido, para Marx, a técnica serve como um

instrumento do capital para a dominação do trabalhador que, alienado, passou a ter como única opção se submeter a tal conjuntura de trabalho.

O potencial de ampliação da produção de mercadorias foi apontado por Marx (2014), mas em Marcuse (1964), já em um estágio posterior do capitalismo, é possível a observação da relação entre a alta produção de mercadorias (aspecto possibilitado pelo amadurecimento do desenvolvimento técnico das sociedades afluentes) e o espalhamento da ideologia conservadora como influência sobre as consciências humanas de modo a torná-las unidimensionais. As sociedades com alto poder de produção de mercadorias foram denominadas por Marcuse de sociedades unidimensionais. Tal definição ocorre por causa da racionalidade de um aparato técnico gestado pela classe dominante que propicia a adesão por parte da classe dominada referente à naturalização das sociabilidades de controle e dominação ideológicas postas na sociedade.

Tanto em Marx quanto em Marcuse, percebe-se a alienação como fundamento para a perpetuação das sociabilidades de conservação do *status quo* engendrada pela classe dominante. Marx (2014) deflagra, dentre outros, um aspecto da alienação sofrida pelo trabalhador por meio da perda do conhecimento do processo de produção. Já Marcuse (1964) deflagra a falta de conscientização das relações contraditórias na sociedade dividida em classes por parte da classe dominada que pelas vias do aumento das possibilidades de consumo de falsas necessidades acabam aderindo às sociabilidades unidimensionais em vigência. Houve, portanto, uma alienação dos que produzem (em Marx) e uma alienação dos que consomem (em Marcuse).

Posteriormente, após a exposição das ideias do referencial teórico, o terceiro capítulo foi dedicado à análise da pesquisa. Esta análise foi dividida em três momentos estruturados e ordenados conforme os procedimentos adotados para a coleta dos dados empíricos descritos na metodologia. Os três momentos foram:

- 1- Aplicação de questionário inicial para a identificação ou não de traços do pensamento unidimensional-positivo em relação ao esporte em discentes dos anos finais do ensino fundamental;
- 2- Aplicação de uma unidade didática em uma perspectiva dialético-negativa de ensino do esporte com o subconteúdo futebol. Essa unidade didática foi trabalhada com aulas em uma turma de 6º ano do ensino fundamental para verificar se existem possibilidades de rompimento com o pensamento

unidimensional-positivo presente nas consciências dos alunos por intermédio do ensino do esporte;

- 3- Aplicação de novo questionário (com a turma participante da unidade didática) com intuito de colher novas expressões e percepções discentes que favorecessem a identificação de aproximações em direção ao pensamento dialético-negativo (crítico).

Já no quarto capítulo, foi apresentada uma proposta de software denominada de “Matriz do Esporte”. O software, como produto da presente pesquisa, teve suas funcionalidades detalhadas para maior compreensão das possibilidades oferecidas na tarefa de auxílio para o trabalho do professor no que se refere ao processo de planejamento de aulas relacionadas ao ensino do esporte.

No quinto e último capítulo, foram expostas as considerações finais, além de um panorama geral da pesquisa realizada que destacaram suas possibilidades e limites.

Dada a introdução acima realizada, a seguir, daremos início ao primeiro capítulo envolvendo em forma de problematização temáticas relacionadas à técnica e à sociedade. Ainda no primeiro capítulo, também foram apresentados tópicos como a formulação da situação-problema, problema de estudo, questões a investigar, objetivos do estudo e metodologia.

## 1. CAPÍTULO I

Neste capítulo serão apresentados os elementos problematizadores sobre a questão da técnica na sociedade e do conteúdo político-ideológico inerente aos usos que se fazem dela. Nas páginas que se seguirão, a técnica será tratada em acordo com a sua característica interdisciplinar e será problematizada com a questão da racionalidade presente nas determinações sociais.

De modo geral, há tensões de ordem ideológica na técnica derivadas das necessidades da classe dominante sobre a base material, ou seja, uma racionalidade da classe dominante. Desta racionalidade surgem formas de controle ideológico-social que interferem nas relações sociais prevalentes na sociedade fazendo com que ocorra a perpetuação das desigualdades entre as classes trabalhadora e burguesa. No sentido de apontar a relação da técnica com a racionalidade conservadora hegemônica na sociedade, foram apresentados dois tópicos descritos abaixo:

- A Característica Interdisciplinar da Técnica e a Racionalidade Hegemônica na Base Material da Sociedade.
- A Característica Interdisciplinar da Técnica e a Racionalidade Hegemônica nos Aspectos Socioculturais da Sociedade.

Após a apresentação dos tópicos acima, foi elaborado outro tópico voltado para a problematização da questão da racionalidade conservadora presente na técnica e os impactos que essa racionalidade gera na sociedade, sobretudo nas esferas da vida humana. Dadas às características da presente pesquisa, elaborada com dados extraídos em aulas de educação física, foi necessário traçar uma breve contextualização de alguns fatos relevantes relacionados, por exemplo, à história da educação física brasileira. Tal contextualização é relevante, pois destaca as disputas ideológicas que culminaram na fragmentação da educação física brasileira em dois pólos opostos que foram denominados, no presente trabalho, de perspectivas biológico-esportivista e sociocultural. Na conjuntura instaurada por essa fragmentação da educação física, a racionalidade conservadora presente na perspectiva biológico-esportivista parece ser dominante nos processos pedagógicos de ensino dos esportes, tal como foi mostrado no capítulo de análise. Dessa maneira, o tópico desenvolvido foi:



- Contextualizando a Racionalidade Conservadora presente na Educação Física e as Tentativas de Rompimento desta Racionalidade.

Por fim, após a exposição dos tópicos acima, adentramos nos itens que tratam da formulação da situação-problema, do problema de estudo, das questões a investigar, dos objetivos do estudo e da metodologia.

### **1.1 A Característica Interdisciplinar da Técnica e a Racionalidade Hegemônica na Base Material da Sociedade.**

Foi através da origem e consolidação do capitalismo que a questão da técnica assumiu importância considerável para o setor de produção da sociedade. Pela sua alta capacidade de contribuição com o aumento da produção, deu-se a sua aceitação irrestrita. Tomando tal proporção social, a técnica passou a ser objeto de reflexões inerentes a diferentes áreas com finalidades distintas, seja para desenvolvê-la cada vez mais, seja para refletir sobre esse fenômeno pela potência com que demarca sua presença na sociedade, confirmando-a ainda mais ou estabelecendo críticas aos modos como é utilizada.

Pela sua característica interdisciplinar, atualmente, a técnica pode ser empregada em diferentes âmbitos e áreas do conhecimento humano. Desta forma, é possível identificar em diversas publicações científicas (apresentadas no presente nos itens 1.1 e 1.2) que tratam de áreas muito distintas entre si, mas que, ao mesmo tempo, possuem algo em comum, pois estas áreas guardam a especificidade de serem produto do conhecimento humano.

No setor produtivo, tido como o setor que define a infraestrutura e serve como base de sustentação para o crescimento da superestrutura, existe a presença da técnica como forma de propiciar as condições de produção em níveis que favoreçam o desenvolvimento da superestrutura<sup>7</sup> (MARX E ENGELS, 2001). Dessa forma, a racionalidade técnica burguesa, presente nos setores produtivos, parece ser um

---

<sup>7</sup>Em A ideologia Alemã, Marx e Engels (2001) tratam a superestrutura também como aspecto influenciador da base material através das ideias da classe dominante que consolidam a manutenção das condições objetivas. Como dizem: “Os Pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante” (p. 48). Com isso, não queremos desconsiderar a influência da superestrutura sobre a infraestrutura, muito menos desconsiderar o pensamento dialético de Marx acerca da sociedade no que diz respeito à relação entre infra e superestrutura. Neste caso, estamos dando certo destaque ao sentido de influência infra-supra, pois a ideia é demonstrar as influências da técnica e sua racionalidade sobre as diferentes esferas da sociedade.

aspecto relevante para a formação ideológica da superestrutura burguesa tendendo a se proliferar por toda a sociedade, sendo a cultura igualmente atingida pelas influências dessa racionalidade.

A técnica é amplamente utilizada no setor produtivo das sociedades. Ela se apresenta em menor ou em maior escala, ou ainda, em níveis de complexidades que se diferem de acordo com o grau de desenvolvimento e industrialização dos países. Nos setores industriais, sejam eles de bens duráveis ou não duráveis, há a utilização da técnica como forma de viabilizar *upgrades* na produção. Esses *upgrades* são exigências constantes para que os negócios possam ter condições de se manterem competitivos, como determinam as leis de mercado neoliberal.

Tendo em vista essa perspectiva, é possível encontrar na literatura científica estudos que visam oferecer saídas ou estratégias de desenvolvimento que podem se manifestar através de métodos organizacionais do trabalho em diferentes instituições, podendo assumir características de procedimentos técnicos, ou dispositivos, ou artefatos, ou softwares que melhorem o desempenho produtivo ou ampliem a capacidade de controle do gestor sobre a produção e sobre os diferentes setores que interferem diretamente nos negócios como estoque, logística etc.

Nesse sentido, Gama *et al.* (2015) realizaram um estudo em uma importante indústria de motores elétricos brasileira, tendo em vista as possibilidades de geração de novas oportunidades para o desenvolvimento de produtos como forma de se manter à frente em um setor demarcado pela alta competitividade de mercado.

Os autores afirmam que a captação do contexto de mercado, assim como, a decisão acerca das melhores estratégias a serem tomadas são determinantes para a sobrevivência da empresa em um cenário de extrema competitividade como o da atualidade. Para a definição da melhor decisão acerca dos rumos que a empresa irá tomar, os autores levantam termos como eficiência, eficácia e efetividade como critérios que devem nortear todos os processos decisórios com os quais os gestores devem lidar em um ambiente de mercado de difícil interpretação, pois é incerto e imprevisível.

Na perspectiva capitalista, os critérios de eficiência, eficácia e efetividade são balizadores de escolhas organizacionais que envolvem: a proteção (manutenção) de clientes e a conquista de novos e a inovação como fator preponderante para agregar valor competitivo à empresa. A inovação resume-se ao desenvolvimento de novas

soluções e produtos que atendam aos patamares desejados pelos gestores de contínuo crescimento da empresa.

Gama *et al* (2015) defendem a utilização do *Front-end* como modelo para “gerenciar as incertezas do processo inicial de captação, seleção e escolhas de novos produtos” (p. 461). Desse modo, para os autores o *Front-end* é um conjunto de conhecimentos na área de gestão de empresas que se configura com uma técnica desenvolvida para lidar com as demandas de mercado visando à captação de novos produtos e servindo como um estimulador decisório que resulte no pioneirismo da empresa em relação ao lançamento de determinado produto.

A racionalidade sobre a técnica adotada segue os rumos direcionados pelo mercado por se tratar de uma empresa capitalista. A proposta de inovação utiliza um conjunto de conhecimentos técnicos de coleta de informações que viabilizem a melhor decisão sobre o produto a ser lançado para contribuir com a manutenção das taxas de lucro ou até mesmo resultar no aumento delas, já que a ampliação dos lucros, no modo de produção capitalista, significa ser competitivo.

Em Gonzalez e Martins (2015), percebemos na mesma perspectiva mercadológica a questão da inovação como elemento essencial para a sobrevivência no mercado altamente competitivo, realizaram uma pesquisa em empresas do ramo automobilístico e do ramo de bens de capital na qual defendem o conceito de melhoria contínua como um conjunto de procedimentos para a formação de uma estrutura estável a nível organizacional. A melhoria contínua é definida por eles como “...um processo de inovação incremental, focada e contínua, envolvendo toda a organização” (p. 726), acrescentam ainda que a melhoria contínua:

(...) deve levar em conta o desenvolvimento de uma cultura para melhoria contínua, que vise eliminar os desperdícios em todos os processos, envolvendo todos os funcionários, sem necessariamente fazer enorme dispêndio financeiro (p. 726).

A melhoria contínua configura-se assim em um conjunto de conhecimentos que visam o controle mais eficaz do trabalho nos diferentes níveis da empresa, ou seja, máxima eficiência como o menor custo possível tendo em vista a maximização

da organização e produtividade do trabalho para o desenvolvimento de uma estrutura interna de trabalho mais estável e, por isso, mais salutar para os negócios.

A presença da técnica pode ocorrer no setor produtivo também por meio da área computacional, como na simulação de planos de negócios através de algoritmo genético que, de acordo com Medeiros (2015), é uma técnica que objetiva a determinação aproximada do mix de produção. Essa técnica visa calcular o resultado operacional e a lucratividade no processo de produção de dois ou mais produtos. O cálculo é realizado a partir de um banco de dados com informações sobre a matéria-prima e sobre o fluxo de produção (MEDEIROS, 2015).

A racionalidade técnica na organização de trabalho apresentada por Gonzalez e Martins (2015) parece não se diferenciar da apontada por Gama *et al* (2015) na técnica de *Front-end* voltada para a inovação de produtos. Assim como, a racionalidade técnica presente em Medeiros (2015), com o algoritmo genético.

Tal racionalidade de mercado manifesta-se em diferentes técnicas na forma de gestão organizacional do trabalho, da produção ou de estratégias decisórias acerca dos rumos empresariais, como demonstrado através dos estudos de Gama *et al* (2015), Gonzalez e Martins (2015) e Medeiros (2015).

As técnicas empregadas, nos estudos apresentados, demonstra a sua característica flexível (já que pode assumir características distintas de acordo com a natureza do problema apresentado) de propor diferentes meios para atingir um mesmo fim, que na ordem estabelecida pelas dinâmicas do mercado significa acumulação de capital.

A técnica assume diversas formas de manifestação e tem como característica ser um potente meio pelo qual pode ocorrer a maximização da acumulação de capital. Em sociedades capitalistas, o desenvolvimento técnico por parte das empresas tende a ser apreciado como processos de inovação determinantes para o sucesso ou fracasso da empresa. Sendo assim, há um importante montante de capital investido no desenvolvimento técnico por parte do setor privado que vê na técnica uma forma de sobrevivência ou de expansão e acumulação de capital. Dessa forma, a técnica apresenta diferentes formas de se manifestar e assim, torna-se um instrumental altamente ajustável aos diferentes contextos e âmbitos do mercado.

Como meio para gerar acumulação de capital, a técnica pode servir para dar conta dos diferentes processos de gestão e organização do trabalho e da produção

nas empresas, como apontado até aqui, mas também pode se materializar em artefatos que servirão para dar conta daquilo que o homem, por si só, não pode fazer. Como exemplo, temos as diferentes estruturas responsáveis pela extração do petróleo, matéria-prima de suma importância para a economia brasileira.

No processo de geração de riquezas advindas do petróleo, o homem precisou, através dos conhecimentos ligados à engenharia, desenvolver uma série de equipamentos e estruturas tecnológicas para dar conta da exploração do Petróleo em águas cada vez mais profundas. O trabalhador, então, passa a estar submetido à técnica materializada em estruturas que servem para cumprir tal finalidade.

Nesse contexto, temos os trabalhadores *offshore*, submetidos a este tipo de trabalho caracterizado pelo alto desenvolvimento tecnológico e pela alta complexidade que, aliado ao isolamento no mar, acaba por resultar em uma enorme diminuição na qualidade de vida desses trabalhadores (CASTRO, 2013).

De acordo com Castro (2013), o trabalho *offshore* possui inúmeros riscos diagnosticados e observados a partir de

um histórico considerável de acidentes graves, inclusive com o surgimento de diversos quadros de adoecimento psíquico, como consequência da exposição dos trabalhadores a uma situação em que o trabalho é concomitantemente intenso, coletivo e complexo (p. 838).

O ambiente altamente tecnicizado por estruturas e mecanismos de controle e, especialmente, pela complexa organização do trabalho, tornam o trabalho recheado de fatores que determinam essa condição de insalubridade, principalmente, nos aspectos psicológicos dos trabalhadores. Como aponta Castro (2013), os trabalhadores *offshore* possuem uma rotina de trabalho bastante extenuante, sobretudo por estarem acoplados ao complexo sistema técnico de produção.

De acordo com *Alvarez et al (apud CASTRO, 2013)*, as condições dos trabalhadores *offshore* apresentam-se da seguinte forma:

O trabalhador envolvido na exploração do petróleo na Bacia de Campos tem um trabalho intenso porque a produção deve fluir ininterruptamente, durante as 24 horas de todos os dias ao longo do ano, condição, aliás, que demanda o revezamento de vários grupos

de trabalhadores na execução das tarefas (contingência que, convém mencionar, não é restrita ao labor *offshore*). Além disso, uma vez que as diversas partes desse sistema tecnológico se encontram interligadas numa estrutura de rede, em que há inúmeras conexões e os componentes estão complexamente acoplados, os casos de falhas podem acarretar acidentes graves devido à imprevisibilidade das múltiplas interações que venham a se estabelecer (p. 838).

Tendo como base a citação acima, podemos compreender o trabalhador *offshore* inserido em um contexto de alta complexidade técnica cuja inserção no ambiente de trabalho mencionado pode ser tratada como uma espécie de engrenagem do processo de produção do petróleo. Apesar das leis que regulam a atividade *offshore* e os ganhos acima da média nacional relacionados a esse tipo de trabalho, não foi possível impedir completamente que condições debilitantes afetassem os trabalhadores inseridos em um contexto de trabalho altamente tecnicizado como das plataformas *offshore* de extração do petróleo.

No estudo apresentado, a organização do trabalho está circunscrita pelo maquinário e pelas estruturas técnicas daquele ambiente (CASTRO, 2013). Ao que parece, quando a técnica passa a ser um fator determinante do processo de trabalho, tendendo, inclusive, a submeter o homem aos seus padrões (sistemáticos), transforma-o em uma mera engrenagem do processo de produção resultando na coisificação do trabalhador que passa a exercer um trabalho que é estranho a ele cujo ritmo de trabalho é determinado pelo conjunto de processos técnicos e não pelo trabalhador.

Até aqui, foram apresentadas algumas características gerais da presença da técnica e de algumas formas como esta se manifesta no setor de produção da sociedade. O foco principal foi dado ao tipo de racionalidade que tem determinado a técnica como mecanismo de acumulação de capital refletido nas diferentes formas de controle do trabalho e da produção, assim como, a possível secundarização do trabalhador que em muitos casos é visto como uma engrenagem que deve ajustar-se ao trabalho regido pelos procedimentos técnicos.

Adiante, sem perder de vista a questão da racionalidade presente na técnica, será abordada essa temática em diálogo com algumas áreas que se assentam na superestrutura da sociedade e que parecem absorver a mesma racionalidade presente na infraestrutura da sociedade.

Nesse sentido, discorreremos acerca da forma como a racionalidade técnica interfere em algumas áreas do conhecimento humano ligadas à produção e/ou transmissão cultural que estão situadas na superestrutura, como as artes e a educação. Depois, trataremos a questão da racionalidade técnica na educação física, especialmente em relação ao ensino do esporte, objeto de estudo do presente trabalho de pesquisa.

## **1.2 A Característica Interdisciplinar da Técnica e a Racionalidade Hegemônica nos Aspectos Socioculturais da Sociedade.**

Neste tópico, será abordada a questão da racionalidade técnica em áreas do conhecimento situadas nos aspectos socioculturais da sociedade. Destacam-se as artes, a educação e a educação física, áreas que contribuem para a formação humana e surgem do desenvolvimento cultural produzido e acumulado pelo homem ao longo de sua história.

Nesse sentido, diferentes publicações colocam as artes em contato com áreas como a cibernética. Para exemplificar, o estudo de Couchot (2012) se apropria dessa relação. O autor, tendo como ponto de partida a cibernética, tem nas ciências cognitivas seu cabedal teórico para pensar a influência da cibernética sobre as teorias das artes e também da estética. Dessa forma, o autor tenta lidar com o problema da oposição existente entre racionalidade científica e sensibilidade artística; objetividade científica e subjetividade artística, balizado pelas ciências cognitivas que refutam tal oposição, apesar de considerar similaridades e diferenças nessas relações, e as diferenças de finalidades entre ciência e arte.

Couchot (2012) nega os conhecimentos advindos da ciência como únicos verdadeiros. Coloca os conhecimentos artísticos em igual superioridade com os científicos, mas confere a esses conhecimentos diferenças entre si. A partir de conhecimentos cognitivistas que dão o caráter técnico da cibernética, o autor foi capaz de discutir as artes em um estudo de cunho teórico.

Em Entler (2014), temos pesquisas relacionadas à imagem técnica que são aquelas captadas a partir de um artefato técnico. O autor busca compreender, por meio da análise de imagens religiosas, a problemática existente na relação entre homem e religião. A partir da imagem técnica é possível estabelecer aproximações

com o fenômeno religioso e seus mitos sem perder de vista a figura do homem nesse processo.

No caso apresentado por Entler (2014), a fotografia serviu como um meio para compreender a relação entre religião e homem. A fotografia é bastante apreciada pelas artes, e serve como meio pelo qual se busca compreender determinado fenômeno ou ser ela mesma o resultado de um trabalho artístico, ou seja, a fotografia pode tornar-se a própria obra de arte.

Outro produto técnico bastante explorado pelas artes, que surgiu partir da consolidação técnica da fotografia, foi o cinema que, em tese, seria a união entre imagens com a velocidade. Podemos dizer, então, que na atualidade o cinema é uma manifestação artística que se dá através da técnica e que são capazes tanto de reproduzir imagens reais quanto artificiais (BARRETO, 2014).

Técnica, ciência e cinema, como nos aponta Barreto (2014), possuem relações muito próximas e o produto da atuação artística desta fusão entre arte e técnica resulta na possibilidade de intervir na percepção do espectador, assim como faz o pintor e o escultor. Ao que parece, arte e técnica possuem significativas proximidades.

Nesse sentido, as artes audiovisuais são exemplos de produção artística que utiliza meios técnicos, como câmeras, computadores e aparelhos de sons, para o desenvolvimento de imagens que tenham como objetivo mexer com a sensibilidade, capacidade de refletir sobre determinado assunto ou até pensar a partir de ângulos e aspectos não considerados até então. As artes possuem teor político que podem servir, inclusive, para condicionar o pensamento aos padrões de conduta que interessam a determinada ordem social.

Essas questões são trazidas por Rincón e Tono (2015). Nesses autores percebemos a tentativa de resgate da audiovisualidade enquanto elemento técnico politicamente contrário às formas estabelecidas fincadas no empobrecimento da visão política, da democracia e da transparência. Os autores deflagram a falta de transparência manifestada nos meios audiovisuais cuja função é evitar a revelação da ambiguidade social pela cristalização das aparências limitadas ao brilho das televisões em HD. Dessa forma, para os autores, os meios audiovisuais prestam-se ao papel político de controle e manutenção do *status quo* vigente.

Os meios audiovisuais (cinema, TV, vídeo, youtube, instagram e demais), para Rincón e Tono (2015), são determinados por uma racionalidade conservadora.



A transparência visual destes equipamentos de ponta em altas resoluções serviria apenas para impressionar os olhos diante de tamanho brilho ao mesmo tempo que os enganam.

A racionalidade técnica que está presente nas artes passa a ser uma preocupação, já que os meios audiovisuais poderiam seguir um sentido contrário da alienação imposta e tornarem-se mecanismos de libertação dos sentidos humanos, mas acabam servindo aos mecanismos de veiculação ideológica que mantém a opressão do homem.

Desta forma, compreendendo determinadas relações de dominação presentes na arte, Ribeiro (2015), tratando de questões ligadas a projetos de transformação social, argumenta que a arte possui um potencial de desenvolver novas ferramentas e estratégias que possam desequilibrar o pensamento predominante na relação homem e natureza. Na tarefa de tentar alterar o pensamento hegemônico se faz necessário a formulação de propostas transdisciplinares focadas nas artes, tecnologia, ciências e natureza que se materializem de forma a contestar esse pensamento mediante intervenções que dinamizem possibilidades de negação para uma formação política consciente. A discussão que Ribeiro (2015) busca levantar é a possibilidade da arte como fomentadora de estratégias de combate de determinada racionalidade que olha a relação homem x natureza de forma exclusivamente pragmática, sendo resultado desse olhar, a afirmação da lógica predatória.

De acordo com os estudos citados, percebemos que a questão da técnica se faz presente como um problema de considerável importância nas artes. A técnica pode assumir uma forma de racionalidade conservadora que deve ser trazida à luz. No mesmo raciocínio, tem-se a tentativa de revelação dos reais interesses que perpassam a sociedade que adere tal racionalidade.

A racionalidade técnica é identificada em outros âmbitos da esfera cultural das sociedades capitalistas. A educação é uma área bastante influenciada por esta forma de racionalidade. Na prática docente, a racionalidade técnica se dá no próprio fazer pedagógico, nos aspectos didáticos que guardam relação com os procedimentos técnicos a serem empregados no ato de ensinar (LIBÂNEO, 1994).

Importa observar que quando se considera procedimentos técnicos para o exercício da docência sem distinguir de forma consciente os aspectos filosóficos que definem as ações que serão tomadas, assim como a direção política do ensino, a

docência acaba por exercer, no processo pedagógico, a legitimação das condições de dominação que persistem nas sociedades capitalistas (SAVIANI, 2006).

Menezes (2013), tratando das questões que envolvem a docência no ensino técnico profissional, alerta para o fato de que o docente é um ser necessariamente interativo, já que a transmissão do conhecimento se dá de forma intersubjetiva e deve, então, transpassar as questões do instrumentalismo técnico centrado nos conteúdos para atender a formação do trabalhador e da produção da sociedade.

A educação profissional tende a ser regida pelas leis do mercado e pela racionalidade técnica das sociabilidades mercantis, deixando de lado as possibilidades de criação, afirmando assim, a reprodução técnica como demarcação do modelo de formação profissional. A autora defende, em contraposição ao modelo reprodutivista, a criação de alternativas que visam a omnilateralidade<sup>8</sup> na formação humana.

Em outra pesquisa sobre a formação do profissional de nível médio, Bezerra e Barbosa (2013), a partir da concepção de ensino médio como prática que deve resgatar a relação entre conhecimento e trabalho, defendem que o ensino deve se estabelecer na politecnia como fundamentação teórico-pedagógica que trata do conhecimento científico identificado com o trabalho moderno. A politecnia deve sobrepor a perspectiva instrumental, ou seja, o adestramento exclusivo de técnicas para a produção.

Ao analisar os PPPs dos Institutos Federais de Formação profissional, Bezerra e Barbosa (2013) perceberam que o direcionamento dado pelos PPPs visava exclusivamente a formação de futuros profissionais unilaterais. Foi identificado, por meio dos objetivos presentes nos PPPs, a caracterização curricular aproximada com a de cursos profissionalizantes, deixando de lado a formação humana do futuro trabalhador.

Como visto acima, a racionalidade técnica presente na esfera educacional de forma acrítica pode empobrecer as possibilidades de formação do homem em níveis qualitativamente superiores. Nesse sentido, parece haver a presença de um reducionismo limitador da formação humana distanciando-a da omnilateralidade.

---

<sup>8</sup> De acordo com Manacorda (2010), o conceito de omnilateralidade está em contraposição ao conceito de alienação sofrida pelo homem como resultado da exploração de outro homem. A omnilateralidade visa atender ao “desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos, das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade da sua satisfação” (p. 94).

Essas limitações educacionais atendem aos interesses da lógica de mercado, ou seja, indivíduos tecnicamente capazes e produtivos para ocupar postos de trabalho para produzir e reproduzir a sociedade nos moldes da ordem estabelecida.

Na educação física, a racionalidade de conservação do *status quo* social parece também se perpetuar quando se limita aos ditames da técnica, ao saber fazer, em detrimento de possibilidades mais amplas quando trata dos elementos da cultura corporal e do corpo.

Silva, Silva e Molina Neto (2016) tratam da questão do tecnicismo<sup>9</sup> e da saúde presentes na educação física dentro dos Institutos Federais de Educação (IFes) questionando o papel que a cultura corporal possui na formação do futuro trabalhador de nível Médio. Ao tratar da legislação que embasa a criação e expansão dos IFes, os autores identificam que, além da formação profissional e produção tecnológica, os IFes devem proporcionar uma “formação humana e cidadã, sem a qual a qualificação para o exercício profissional não promove transformações significativas para o trabalhador e para o desenvolvimento da sociedade” (p. 328). Argumentam ainda:

esses documentos defendem o comprometimento com uma educação integral e interligada à capacitação profissional, o que significa que a opção por uma profissão técnica não libera/dispensa o sujeito de uma formação humana, crítica e reflexiva, dimensões que o caracterizam ser humano (SILVA, SILVA E MOLINA NETO, 2016, p. 328).

Na realidade, há barreiras que impedem o desenvolvimento de uma prática pedagógica consciente voltada para a emancipação do futuro trabalhador como atuante na sociedade, tanto em seu agir profissional quanto em pensar o agir profissional em relação ao contexto social onde ele, o trabalhador, está inserido.

---

<sup>9</sup> Tecnicismo é a exacerbação dos aspectos técnicos em detrimento de outros também relevantes, como por exemplo, os aspectos políticos e filosóficos no ato de transmitir os conhecimentos. As técnicas determinam os fins do processo educacional. Na área da educação, o tecnicismo é representado por uma tendência denominada de comportamentalista ou *behaviorista* (DA SILVA 2016). No esporte, o tecnicismo se manifesta principalmente pela predominância do ensino da técnica esportiva (fundamentos técnicos, estratégias e táticas do esporte) sem considerar questões culturais e sociais mais amplas no processo de ensinar o esporte. Sobre o tecnicismo na educação, verificar Saviani (2007 e 2008) e Libâneo (2014). Sobre o tecnicismo no esporte e na educação física escolar, verificar Marinho (2010), Coletivo de Autores (1992), Bracht (1987).

Nesse contexto, para se pensar a educação física no interior de instituições como os IFes, faz-se necessário considerar as discussões políticas ligadas à educação e, principalmente, à educação Técnica Profissional, vinculando tais temáticas aos interesses presentes na sociedade, pois a educação física só terá um papel significativo na formação dos futuros trabalhadores a partir de uma elaboração ética e política que anteceda a sua prática e atuação no processo de formação humana. Isso se faz importante para que o desenvolvimento da educação física não siga os rumos ditados pela lógica de mercado que se reflete na alta competitividade e exclusivamente na formação técnico-profissional quando o compromisso firmado pela educação física deve ser com a formação integral do homem (SILVA, SILVA E MOLINA NETO, 2016).

Os autores observam que a educação física nos IFes, inicialmente, transferiu a característica esportivista presente nas escolas propedêuticas para o interior das instituições profissionalizantes. Mais recentemente, para atender ao currículo dessas instituições, a educação física passa a estar fortemente vinculada ao desenvolvimento de conteúdos voltados para a promoção da saúde do trabalhador em seu ambiente de trabalho, provavelmente desvinculada de qualquer reflexão mais aprofundada acerca do mundo do trabalho e das questões políticas e sociais que o cercam.

As diversas incertezas ocasionadas pela lógica de mercantilização da educação para o atendimento dos interesses neoliberais se refletem nas indagações sobre como os conhecimentos da cultura corporal podem contribuir para a formação do trabalhador em um ambiente de formação técnica e tecnológica exigida pelo mundo do trabalho.

Para Silva, Silva e Molina Neto (2016), a educação física está centrada no desenvolvimento de capacidades físicas que atendam a formação para as demandas de mercado. De outra forma, Quando não relacionada ao desenvolvimento das capacidades físicas, a educação física atrela-se a concepção de promoção da saúde dotando o discente de informações que possibilite uma autonomia frente às demandas do cuidado de si em um mundo caracterizado pela sua flexibilização e incertezas.

Nessa conjuntura de reflexões em torno do papel da educação física, os autores criticam a forma como o trabalho se dá na sociedade e defendem a formação humana dentro de uma perspectiva que proporcione mais do que a

formação técnico-profissional tem oferecido. A educação física deve ter em vista a formação do cidadão (categoria política) em detrimento do consumidor (categoria econômica).

Partindo dessas colocações a inserção da educação física nos IFes deve atender à apropriação crítica e reflexiva por parte dos alunos em relação às manifestações da cultura corporal. A racionalidade presente no fazer pedagógico vinculado à educação física, apontado por Silva, Silva e Molina Neto (2016), diz respeito ao ajustamento dos indivíduos ao modelo social determinado pelo neoliberalismo. Nesse caso, o desenvolvimento técnico no ensino da educação física precisa vir acompanhado de outra racionalidade. Uma que considere a formação do homem em todos os aspectos que interessem à aquisição dos conhecimentos da cultura corporal de forma crítica.

Em pesquisa realizada com professores de educação física do ensino fundamental e médio da educação básica sobre a intervenção pedagógica na escola podemos perceber uma perspectiva de trabalho pedagógico em educação física caracterizada pelo tecnicismo. Assim, Bagnara e Fensterseifer (2016) identificaram forte vinculação do trabalho pedagógico dos professores de educação física com o desenvolvimento da aptidão física, ou seja, a educação física escolar é vista, ainda, como uma forma de promover a saúde e o desenvolvimento psicomotor. De acordo com os autores, a educação física, ainda nos dias atuais, tem sido demarcada na escola através do desenvolvimento da aptidão física, do rendimento e das técnicas esportivas.

Nessa conjuntura de foco no desenvolvimento técnico de habilidades e capacidades físicas impera o pragmatismo nas aulas privilegiando o desenvolvimento técnico do movimento. Na perspectiva dos professores de educação física que atuam nas escolas públicas, o esporte aparece como conteúdo predominante e a técnica esportiva como o principal objetivo no ensino dos esportes (BAGNARA E FENSTERSEIFER, 2016).

De acordo com os autores, as consequências dessa forma de concepção da educação física escolar é a sua esportivização. O esporte e a técnica esportiva são reproduzidos no interior da escola e transmitidos aos alunos sem a devida tematização que possibilite ultrapassar a esfera do fazer nas aulas. O ensino do esporte assume, assim, uma perspectiva tecnicista ou recreativa. Na primeira, a mais predominante nos professores pesquisados, percebe-se forte tendência ao

ensino da técnica esportiva para a reprodução do movimento tido como correto, com o esporte de alto rendimento como referência. Na segunda, menos predominante nos professores pesquisados, decorre o que chamam de “rola bola” na qual os alunos decidem a atividade a ser realizada e o papel do professor se resume à observação das aulas. Nesse caso, o esporte não é problematizado no contexto escolar, ele assume uma característica pragmática, de pouco valor crítico e reflexivo, ou seja, não fornece subsídios teóricos e conceituais que capacite o aluno a pensar a cultura corporal de forma crítica (BAGNARA E FENSTERSEIFER, 2016).

Em outro estudo que visou analisar o ensino dos esportes nas aulas de educação física a partir de uma visão fenomenológica, Freire Júnior, Maldonado e Silva (2017) pesquisaram as estratégias e estilos de ensino dos esportes utilizados por professores de educação física em turmas que vão do 6º ao 9º anos do ensino fundamental na cidade de Aparecida/SP.

Para os autores, a educação física escolar tem uma herança do tecnicismo, aspecto bastante característico nas aulas de educação física e seguem modelos dominantes que possuem a seguinte característica:

Percebe-se a presença de tais modelos nas aulas de EF escolar, quando os profissionais dão ênfase às técnicas esportivas. Os alunos são ensinados por meio de exercícios que buscam aprimorar a técnica necessária para tais práticas. No entanto, vale lembrar que o indivíduo é um ser sociocultural e as aulas restritas à técnica esportiva, por enfatizarem apenas aspectos motores, colaboram para a desintegração desses aspectos em relação aos cognitivos e afetivo-sociais que deveriam estar em sintonia na formação dos discentes (FREIRE JÚNIOR, MALDONADO E SILVA, 2017, p.30).

Os autores criticam as aulas pelo fato dos alunos não possuírem espaço para envolvimento nas aulas no sentido de realizar comentários e estabelecer diálogos. Outra crítica é referente a não utilização por parte dos professores de métodos mais participativos, democráticos e críticos no processo de ensinar esportes. Nesse sentido, os autores consideraram que a participação dos alunos é passiva frente ao conteúdo ensinado, pois:

(...) estratégias estão sempre voltadas para o ensino das técnicas e das regras das modalidades esportivas e para a melhora do comportamento dos alunos para que possam praticar os esportes ensinados e não direcionadas à formação do pensamento crítico e da cidadania dos discentes (FREIRE JÚNIOR, MALDONADO E SILVA, 2017, p. 44).

Na crítica aos professores pesquisados, os autores não identificam a racionalidade predominante sobre o esporte e que carrega algumas características como eficiência, produtividade e alta competitividade, ou seja, criticam o processo de ensino do esporte no fazer pedagógico desses professores sem considerar a relação entre o fenômeno esportivo e a sociedade.

Em relação à atividade dos jogos pré-desportivos, por exemplo, Freire Júnior, Maldonado e Silva (2017) argumentam que:

O jogo pré-desportivo é rico em situações problemas que podem estimular os alunos a pensarem em diferentes respostas, mas observou-se na presente pesquisa que os professores não relataram aplicar os jogos na escola com o objetivo de estimular os alunos a desenvolverem essas ações cognitivas e motoras dentro do jogo, visando a formação de alunos mais inteligentes taticamente e independentes para praticar os esportes ensinados. Os professores pesquisados parecem perceber a utilização do jogo pré-desportivo apenas como uma ferramenta para a melhora da execução dos gestos técnicos (p. 34).

O desenvolvimento cognitivo em relação ao conteúdo esporte refere-se apenas à problematização da aula no que diz respeito aos desafios motores que os alunos deverão lidar de forma criativa.

A qualidade do ensino dos esportes passa a ter relação com o aumento da participação dos alunos no processo de ensino. Nesse caso, não há reflexões mais aprofundadas acerca da função ideológico-social que o esporte exerce na sociedade. De forma crítica, nos propomos a argumentar é que não há um questionamento acerca da racionalidade que é propagada pelo esporte, assim como os interesses que desta racionalidade emergem.

Os autores concentram seus esforços em tratar a esportivização existente na educação física através de um modelo de ensino do esporte que possa contribuir com o desenvolvimento cognitivo-motor individual sem se preocupar com a

problematização do esporte enquanto fenômeno social que deve ser estudado e compreendido de forma crítica. Essa compreensão mais específica do fenômeno esportivo, no que tange às possibilidades de sua compreensão e às influências que exerce tanto em relação aos professores quanto em relação aos estudantes, pode ter ocorrido pelo referencial da fenomenologia dado ao texto.

A racionalidade presente no esporte não é mencionada pelos autores como conteúdo a ser abordado nas aulas. Há, no entanto, a contestação de alguns valores presentes no esporte ligados, principalmente, a supervalorização da técnica (tecnicismo), resultando na esportivização da educação física.

O esporte é um conteúdo bastante desenvolvido nas aulas de educação física, possivelmente o mais ensinado dentre os elementos da cultura corporal. Essa perspectiva de ensino possui vinculação com o predomínio atual do esporte como elemento hegemônico da cultura corporal na sociedade.

Os estudos sobre a educação física escolar que apresentamos até aqui (SILVA, SILVA E MOLINA NETO, 2016; BAGNARA E FENSTERSEIFER, 2016; FREIRE JÚNIOR, MALDONADO E SILVA, 2017) tem em comum a discussão sobre o conteúdo esporte e as tentativas de caracterizar as aulas de educação física na instituições de ensino de forma distinta do tecnicismo.

Nos três estudos houve uma pretensão de combater o tecnicismo por meio de outras formas de intervenção em educação física. Para realizar tal intento, a técnica presente no movimento esportivo é questionada como um fim em si mesmo nas aulas e são elaboradas reflexões e/ou modificações de como o movimento técnico nos esportes deve ser concebido. A técnica presente nos movimentos esportivos é questionada pelo fato de estar vinculada à exclusão atrelada ao alto padrão de eficiência que é transferido do esporte de alto rendimento para o interior da escola dificultando a participação mais ampliada de alunos no ensino do esporte. Dessa forma, os autores identificam que o esporte transferido diretamente para os alunos na escola, nos moldes com que se apresenta na sociedade, resulta em um distanciamento de propostas educacionais mais amplas.

A racionalidade presente no esporte – manifestada nos movimentos fundamentais das práticas esportivas – assemelha-se a da sociedade vigente, ou seja, eficiência, rendimento, racionalização, meritocracia, tecnicismo etc. A técnica como forma de inserção no esporte, quando exacerbada no tecnicismo, leva à exclusão, processo que é bastante comum nas sociedades do tipo capitalista.



Os valores que permeiam o esporte possuem relação direta com a sociedade. Vale, possivelmente, a analogia de que a racionalidade excludente advinda da sociedade manifestada no tecnicismo não parece ser foco de aulas de educação física.

Considera-se, assim, que a técnica corporal como meio de inserção do indivíduo em um âmbito cultural como o esporte pode não questionar a racionalidade técnica presente no esporte, se os processos de exclusão não forem criticados para a realização de uma proposta mais comprometida com a formação humana.

A relação entre esporte e técnica nas aulas de educação física pode dar relevo aos processos de racionalização técnica para revelar contradições e aparências presentes no fenômeno esportivo para atender as demandas educacionais em uma perspectiva omnilateral.

Apesar da aceitação do esporte no contexto escolar como conteúdo de ensino, o tecnicismo parece fundamentar um ensino acrítico e limitador das potencialidades do esporte como elemento da cultura corporal capaz de propiciar uma formação crítica apropriada aos discentes inseridos no contexto da educação física brasileira (VAZ, 2016).

A incompreensão sobre a presença da técnica na vida do homem e da função da escola tornam a utilização da técnica como sinônimo de tecnicismo nos processos educacionais. Nesse sentido, Vaz (2016) traz considerações em seu artigo sobre os sentidos sociais da técnica antes de adentrar na relação desta com o esporte. Vejamos:

A técnica é parte da condição humana. Sem ela não haveria como cada um de nós relacionar-se com um mundo que lhe é, em primeira instância, hostil. Lançar um objeto com finalidade específica, manusear um martelo ou um garfo, operar uma máquina ou praticar um esporte, tudo isso nos exige um conjunto de ações técnicas. A conformação corporal em direção a uma motricidade muito refinada, em consonância com o desenvolvimento de um cérebro capaz de operações altamente complexas, permitiu que houvesse consciência do humano sobre si mesmo, o que, entre outras potencialidades, ofereceu-lhe a possibilidade de operar com seu corpo, tornando-o primeiro instrumento técnico de que se tem notícia (p. 89).

De acordo com Vaz (2016), a técnica é fundamental na constituição do homem, na sua formação enquanto ser humano. O corpo humano estabelece um elo

entre o homem e o mundo. O homem para estar no mundo deve desenvolver meios que o permita transformar o real concreto. Nesse sentido, podemos considerar que a atuação do homem sobre o mundo tem como produto a cultura intermediada pelo corpo. A cultura modifica o mundo tornando-o apreensível ao homem, e essa relação (cultura-sociedade) também modifica o homem, pois por meio do mundo culturalmente humanizado, o homem se humaniza também.

Sobre o papel do corpo como intermediário técnico da relação entre o homem e o mundo, o autor expõe que:

Embora o corpo não seja apenas instrumento, o que é evidente, é preciso lembrar sua dimensão técnica construída no confronto com as dificuldades impostas pela natureza que nos circunda. É por meio da técnica – uma ação deliberada sobre um objeto no sentido do seu domínio e eventual transformação – que não apenas a espécie seguiu viva sobre a Terra, mas foi capaz de fazer desta um lugar habitável, resultando também na produção de obras que oferecem durabilidade para além da vida ordinária de cada um de nós, como é o caso das artes e também dos esportes... (VAZ, 2016, p. 89).

Vaz (2016) aproxima-se de uma concepção de técnica que tem como conteúdo a capacidade de intervenção do homem sobre o mundo. O autor busca distanciar-se da compreensão de que o corpo é um instrumento, mas ao mesmo tempo não nega as características técnicas presentes no corpo que tornam o homem protagonista nas transformações e superações dos limites impostos pela natureza, o que viabilizou a perpetuação da vida humana.

Corpo e técnica parecem indissociados. Disso, resultaram as diversas produções humanas, dentre elas, temos o esporte. Nesse caso, o corpo não foi apenas capaz de produzir a cultura humana através da sua dimensão técnica. A cultura humana também foi capaz de alterar os procedimentos técnicos que encenam a atuação do corpo na realidade.

No esporte não ocorre diferente, cada modalidade esportiva possui uma série de fundamentos técnicos que possibilitam ao corpo inserir-se naquela determinada cultura corporal, assumindo certas características que lhe possibilitam ser mais eficiente no cumprimento das metas e na resolução dos diferentes problemas motores que se apresentam em um jogo esportivo.

O esporte, como colocado no parágrafo anterior, são formas representativas da cultura humana, e se utilizam de procedimentos técnicos que se reconfiguram assumindo perspectivas estéticas diferentes no interior do mesmo âmbito cultural. Isto pode gerar novos sentidos à cultura e novos procedimentos técnicos de produzi-la.

Por outro lado, a técnica é capaz de modificar a própria técnica já estabelecida que, por sua vez, modifica a cultura, complexificando-a, diferenciando-a e ampliando-a. Dessa forma, o corpo é um elemento que contribui com modificações na cultura resultante da mutabilidade ocasionada pela própria técnica e pela capacidade de criação de novos mecanismos técnicos relacionados ao próprio corpo. Assim, nascem novos meios de atuar no mundo, novas formas de manifestações corporais, novas formas culturais.

Em contraposição a esta lógica, a sociedade capitalista estabelece uma racionalidade de valores que delimitam a produção ou apagam a atuação de manifestações técnicas não coincidentes com os seus interesses. Um exemplo disso são os jogadores de futebol pois, ao mesmo tempo que demonstram suas capacidades técnicas nos campos de futebol, servem igualmente à veiculação dos valores dominantes por meio do espetáculo esportivo.

Como o capitalismo é o modo de produção hegemônico na atualidade, propicia a propagação de valores por meio do esporte. Isto ajuda a explicar o porquê das aulas de educação física na escola terem o esporte como conteúdo que é trabalhado na perspectiva do alto rendimento. Dessa lógica resulta a proliferação de aulas de educação física escolar nos moldes da perspectiva biológico-esportivista, focada no desenvolvimento da aptidão física e no ensino do esporte com foco na técnica como um fim em si mesma.

A concepção biológico-esportivista demarcou historicamente a educação física (AZEVEDO, 2013). Nesse caso, faz-se necessário entender como se deu a formação da concepção biológico-esportivista no trabalho com a educação física escolar. Os traços do conservadorismo que impregnam o movimento humano e determinados conhecimentos ligados à cultura corporal possuem determinantes históricos que culminaram na concepção biologicista-esportivista como concepção hegemônica da educação física.

A perspectiva de educação física biologicista-esportivista, hegemônica na área, traz uma racionalidade predomina na sociedade capitalista, o que resulta na

oferta de uma formação unilateral. O espaço escolar e o nível de conscientização dos discentes está impregnado do esporte tal como é ideologizado pela mídia especialmente nos moldes do espetáculo televisivo. Com isso, é veiculada uma forma de pensamento unidimensional por meio do esporte<sup>10</sup>.

Nesse sentido, serão apontados a seguir elementos problematizadores na relação entre a visão de esporte na educação física brasileira em relação a sua história recente. Nossas pretensões serão de apontar para alguns processos históricos que submeteram a educação física ao serviço de manutenção do *status quo* social, fazendo com que o conteúdo conservador permanecesse cristalizado na educação física ainda nos dias atuais com uma determinada racionalidade.

### **1.3 Contextualizando a Racionalidade Conservadora presente na Educação Física e as Tentativas de Rompimento desta Racionalidade**

Historicamente, a educação física brasileira esteve vinculada a um projeto societário conservador. No final do século XIX, a educação física adentrou nas escolas europeias com a finalidade de melhorar a saúde dos discentes através do exercício físico. Era assim que a educação física era justificada no interior da escola como parte do processo educacional dos discentes. Essa vinculação à promoção da saúde por meio do exercício físico foi o que deu à educação física o *status* de profissão (OLIVEIRA, 2008).

No Brasil, a educação física sofreu influências das instituições militares e médicas. Foi através das instituições militares que a educação física tomou grande proporção na sociedade e, assim, foi propagandeada, principalmente quando, a partir de 1858, o exercício físico tornou-se obrigatório nas escolas militares. Já em relação à área médica, a educação física sofreu a influência de inúmeras teses desenvolvidas nas faculdades de medicina, o que fundamentou epistemologicamente a educação física e suas bases para o desenvolvimento da saúde física (OLIVEIRA, 2008).

De acordo com Castellani Filho (2007), a educação física exerceu papéis diferentes na sociedade brasileira no decorrer da sua história. Esses papéis estavam

---

<sup>10</sup> O termo “unidimensional” é tomado emprestado de Marcuse (1964) como uma forma de expressar a manifestação do tipo de racionalidade presente no esporte de alto rendimento que promove, através da mídia, os aspectos axiológicos que interessam ao sistema sem levar em consideração as diversas contradições ideológicas presentes no esporte. Nesse caso, o esporte serve como veículo ideológico do pensamento unidimensional-positivo.

sempre voltados para o fortalecimento do movimento conservador que, se apropriando da educação física, reforçava a estereotipação do comportamento masculino e feminino; e o adestramento físico. Já na década de 30, A educação física auxiliou o desenvolvimento de comportamentos ufanistas para a consolidação do civismo e da moral concernentes com as preocupações de defesa da pátria.

Posteriormente, no processo de industrialização da sociedade brasileira, a educação física esteve à frente do projeto de fortalecimento e recuperação do trabalhador, adestrando-o e docilizando-o para o atendimento das demandas pontuais do desenvolvimento econômico daquela época.

Até aquele momento, a educação física estava engajada socialmente com os objetivos da promoção de determinada visão da saúde da população. A preocupação estava diretamente ligada em promover o movimento corporal baseado por uma concepção biologicista que visava fomentar a aptidão física, tornando os corpos fortes e aptos para contribuir com a sociedade. Esse era um objetivo a ser alcançado pela educação física que sofria, naquela época, as influências do higienismo e, conforme a consolidação do Estado Novo (1937-1945), do eugenismo (CASTELLANI, 2007).

No processo histórico de desenvolvimento da educação física, o esporte teve intensa participação. O esporte passou a ter mais força nas aulas de educação física progressivamente após o término da segunda guerra mundial. Naquela época, a educação física brasileira acabou sofrendo, além da influência dos métodos natural austríaco, a influência do método desportivo generalizado como tendência de educação física a ser implementada nas escolas.

No método desportivo generalizado havia a predominância do conteúdo esporte que passou a disputar a hegemonia como método de ensino nas escolas. O esporte já demonstrava forte desenvolvimento e, como resultado da influência da cultura europeia, obteve grande aceitação e adesão social em diversos países. O esporte, então, passou a ser o principal ou o único conteúdo a ser ensinado nas escolas (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Nessa assimilação do esporte por parte da educação física, importa frisar que:

(...) o esporte, enquanto fenômeno cultural, foi assimilado pela educação física, inicialmente, sem que isso modificasse a visão hegemônica de sua (da educação física) função social (desenvolvimento da aptidão física e do “caráter”), mas, paulatinamente, o esporte impõe-se a educação física, ou seja, instrumentaliza a educação física para o atingimento de objetivos que são definidos e próprios do sistema esportivo (BRACHT, 2009, p. 14).

A educação física brasileira progressivamente se submeteu às normas, aos princípios e aos valores do esporte socialmente difundido, em especial o de alto rendimento. O ensino do esporte o qual vinha influenciando a educação física era aquele de cunho esportivista cujo interesse primeiro era o rendimento (KUNZ, 2006). “A influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, pág. 54).

Por estar submetida ao esporte de alto rendimento, a educação física acabou promovendo traços ideológicos condizentes com a organização estrutural da sociedade hegemônica, refletindo a ideologia das classes dominantes, pois, como afirma Bracht (2009), o esporte é “regido pelas leis de mercado” (p. 13). Com essa afirmação, podemos apontar, ainda, alguns traços que demarcam o esporte como suporte ideológico para a sociedade a partir de alguns autores, a saber: meritocracia, alta competição, individualismo, sobrepujança, rendimento, entre outros (COLETIVO DE AUTORES, 1992); sobrepujança e comparações objetivas (KUNZ, 2009); forte orientação no rendimento e na competição, seletividade via concorrência, igualdade formal perante as leis ou regras etc. (BRACHT, 2009).

O ensino do esporte, em aulas de educação física, atrelou-se ao alto rendimento vinculando as aulas aos objetivos de aprimoramento da aptidão física via técnica esportiva pautada pela ideia de eficiência do movimento humano. O aluno passa a ser inserido na prática de atividades corporais objetivando o rendimento máximo de suas capacidades físicas e coordenativas, ou seja, o aprimoramento do condicionamento físico e técnico.

Assim, ao submeter-se ao esporte de alto rendimento, a educação física agravou e aprofundou a perspectiva biologicista do movimento humano nas aulas, tendo, portanto, como objetivo máximo, aprimorar física e tecnicamente os alunos inseridos na educação básica. Com isso, as aulas passaram a se basear no ensino

de movimentos padronizados do esporte de alto rendimento, fundamentados na eficiência motora. Isso caracterizava uma perspectiva exclusivamente tecnicista de ensinar a educação física, o que resultou no empobrecimento e no reducionismo das possibilidades de intervenção da educação física na escola.

A educação física, posteriormente, foi influenciada pelo momento turbulento que o país atravessava, precisamente no final da década de 70, e inseriu-se no movimento que reivindicava uma “abertura política” em curso no país que contava com muitos movimentos sociais organizados. Esse período da crise do regime militar imposto no país, portanto, não foi um movimento isolado da educação física, e sim, um movimento que se disseminou pela sociedade brasileira e que favoreceu e impulsionou a efervescência das críticas na área dirigidas ao modelo conservador de educação física. Tais críticas paulatinamente foram se materializando, tendo início na década de 80 e se estendendo pela década de 90. Disso ocorreu o surgimento de diferentes concepções de educação física que a tratam distintamente daquelas fundamentadas pela perspectiva biologicista.

Podemos considerar, ainda, que as décadas de 80 e 90 do século passado, foi um marco importante na área da educação física. Segundo Medina (*apud* CAPARROZ, 2007), esse período histórico foi de grande relevância pelas críticas, revelações, denúncias e descobertas sobre a função e papel da educação física na construção política e ideológica da sociedade neoliberal brasileira.

Caparroz (2007) destaca que, nesse período, as produções científicas da área se multiplicaram, tendo como preocupação a revelação das influências ideológicas conservadoras que existiam sobre a educação física brasileira. O principal intuito dos intelectuais foi de apropriação das denúncias como forma de coleta de subsídios suficientes para erguer uma nova possibilidade metodológica para a educação física escolar, distinta do modelo biologicista-esportivista.

Esse movimento, fomentado por discussões teóricas demarcadas por críticas e denúncias na educação física, tinha como pauta principal a questão da:

(...) biologização do movimento humano, (que) materializavam-se por intermédio de práticas desportivizadas, visando basicamente à formação de atletas e ao desenvolvimento da aptidão física, desenvolvida por meio de uma pedagogia tecnicista (CAPARROZ, 2007, p. 8).

Essas críticas e denúncias ao modelo biologicista-esportivista, apontadas por Caparroz (2007), possibilitaram a elaboração de algumas propostas metodológicas críticas de grande relevância que serviram de subsídios para viabilizar o ensino da educação física na escola através de conhecimentos advindos das ciências humanas. Dentre as propostas que tiveram grande destaque em atender essa perspectiva, temos a abordagem humanista, proposta por Vitor Marinho de Oliveira no texto Educação Física Humanista de 1985; a abordagem crítico-superadora, elaborada por um coletivo de seis autores (Valter Bracht, Celi Nelza Zülke Taffarel, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar, Carmen Lúcia Soares e Elizabeth Varjal) no livro denominado de Metodologia do Ensino de Educação Física cuja primeira edição trata do ano de 1992, e a abordagem crítico-emancipatória de Elenor Kunz, tratada no livro Transformação Didático-Pedagógica do Esporte que foi publicado em 1994.

Apesar dos mais de vinte anos desde a publicação de tais obras, elas ainda possuem uma relevância importante como referência para o desenvolvimento dos conteúdos da educação física na escola em perspectivas críticas, alinhadas à consideração que o movimento humano é eminentemente uma questão sociocultural. Entretanto, ainda nos dias atuais, o que pode estar ocorrendo no desenvolvimento da prática docente em educação física, é a predominância da perspectiva biologicista-esportivista da educação física, tendo no esporte de alto rendimento os parâmetros balizadores para o desenvolvimento das aulas de educação física na escola.

Essa perspectiva biologicista-esportivista gerou a desvalorização do trabalho docente em educação física. De acordo com Marinho (2010), a educação física, nos moldes biologicistas, limita a atuação do professor de educação física a um mero “agente de instrução física” (p. 100). Para ele, “o professor não pode, diante da sua missão, aprofundar-se unicamente nos seus conhecimentos técnicos” (p. 101), como quer a perspectiva biologicista da educação física. O esporte deve ser considerado pedagogicamente, cabendo enxergá-lo da seguinte forma:

(...) a prática esportiva é muito mais que simples deslocamentos pelo espaço, saltando, nadando e batendo recordes. É produção de cultura em seu sentido mais amplo. É processo de produção de



consciência saudável, em que os jovens competem, sim, mas aprendem a jogar com os outros, e não contra os outros. Essa lição é incorporada a seus valores, contrariando máximas sob as quais temos sido educados, do tipo “cada um por si e Deus por todos” (MARINHO, 2010, p. 23).

Marinho (2010) compreende o esporte como uma manifestação cultural humana cheia de sentidos e significados, como produto da relação que o homem estabelece com o meio social, com o seu mundo. A questão central do texto mostra preocupações pedagógicas do homem na sua relação com as diferentes manifestações corporais vinculadas à cultura corporal. Não caberia mais ao ensino da educação física se prestar ao serviço consensual de manutenção do *status quo* estabelecido, no qual o corpo é limitado à execução de movimentos padronizados e estereotipados regidos pelo esporte institucionalizado.

Marinho (2010) considera, ainda, que uma formação esportiva em educação física que atenda à perspectiva sociocultural da cultura corporal, em detrimento da abordagem biologicista, deve contemplar a compreensão do esporte enquanto fenômeno social considerado em sua totalidade.

Em outro debate feito pelo mesmo texto, o esporte deve ser visto como fenômeno complexo, e Marinho (2010) tece críticas à visão fenomenológica de esporte, pois, enxerga-o como parte da sociedade, sem conexão com o todo social. Sobre essa questão, para o autor, se a concepção biologicista-esportivista da educação física reduz o corpo unicamente a sua esfera física, em uma perspectiva de corpo fenomenológica, podemos correr riscos quando, “colocamos nosso corpo ‘entre parênteses’, isolando-o de todo o processo histórico que o produz” (p.18) e, do mesmo modo, “não podemos colocá-lo entre ‘parênteses’, esquecendo as condições e produção da sua existência” (p. 22). Essa frase torna-se verdadeira quando o corpo não é considerado em uma esfera mais ampla em relação às suas múltiplas determinações. A citação acima abre espaços para ampliar a concepção de homem e de seu corpo em uma perspectiva omnilateral na qual sejam consideradas todas as dimensões que determinam a existência do homem e que estejam atreladas aos propósitos educacionais de sua formação.

A abordagem sociocultural, em uma perspectiva crítica da educação física (MALINA E AZEVEDO, 2017), pode romper com as barreiras biologicistas e esportivistas que delimitam a atuação da educação física escolar para uma

compreensão dos elementos da cultura corporal (jogos, danças, ginástica, esporte, capoeira etc.) em um sentido mais amplo. Deve servir para o processo de reflexão sobre as manifestações da cultura corporal na perspectiva que interessa à emancipação do homem, e assim compreender “o ser humano e seu corpo como produto de suas determinações, sejam elas de ordem cultural, biológica, social e, principalmente, econômica” (MARINHO, 2010, p. 18).

O corpo que se movimenta no esporte de alto rendimento é pragmático e tecnicista, está submetido à reprodução do movimento humano de forma alienada para cumprir com os objetivos que importam à eficiência técnica, sendo passível de avaliações quantitativas de desempenho (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A cultura corporal na perspectiva sociocultural pretende conceber não apenas o movimento que atende às necessidades lúdicas e criativas do homem, mas também às manifestações esportivas onde o corpo está inserido. Nesse sentido, entender o homem que se movimenta na esfera sociocultural é importante para superar ambivalências entre corpo e mente, no sentido de alterar para uma concepção qualitativamente superior à perspectiva biologicista na sociedade e, por conseguinte, nas escolas.

Nesse sentido, cabe nos entender quais os aspectos que devem atender ou aproximar-se ao máximo de uma formação omnilateral de homem. Nesse caso, Saviani (2011) traz alguns apontamentos sobre o que se deve ensinar em qualquer processo educativo. Para ele, a especificidade da educação envolve “ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades” (p. 12). De posse desses apontamentos, compreendemos que a educação física deve ser capaz de possibilitar, ao homem, uma gama mais ampla de possibilidades no processo de formação. É necessário, então, que se atente para novas formas de conceber o ensino de educação física tanto em relação ao esporte quanto em relação ao corpo que se movimenta.

#### **1.4 Formulação da Situação-Problema**

Tentamos, até aqui, apontar elementos acerca da problemática histórica da educação física que sempre esteve vinculada aos valores conservadores da sociedade brasileira. Da mesma forma, buscamos mostrar que há na perspectiva hegemônica da educação física, denominada de biologicista-esportivista, traços desse conservadorismo no ensino do esporte.

Em contraposição a esse modelo de educação física, apresentamos o esforço de alguns intelectuais da área de superação desse modelo por outro mais aproximado de uma perspectiva sociocultural, mas, dadas as circunstâncias atuais, parece que tais esforços ainda são insuficientes.

Dessa forma, a perspectiva biológico-esportivista predomina como modelo idealizado para as aulas de educação física das escolas, tendo como foco principal o aprimoramento do condicionamento físico e do ensino das técnicas esportivas como única forma viável para o movimento humano. O corpo, nesse caso, é especificamente considerado na sua dimensão física de modo a refletir a racionalidade técnica que perpetua a formação unilateral do homem, já que dicotomizado, o homem perde a sua essência totalizante, passa a ser fragmentado.

Já a perspectiva sociocultural figura como o modelo que pode estar em contraposição à perspectiva biologicista-esportivista, pois considera o esporte e o corpo em contato com a cultura corporal de acordo com uma visão mais ampla, mais totalizante e, ao assumir um teor crítico, tal perspectiva sociocultural pode abrir possibilidades de compreensão, tanto do esporte quanto do corpo, em relação às múltiplas determinações que os influenciam enquanto produtos da sociedade.

Pode-se, então, compreender o esporte/corpo na perspectiva sociocultural e tentar aproximá-lo de uma concepção omnilateral de homem, o que amplia as possibilidades, os sentidos e os significados do corpo e do movimento humano. Com isso, pode haver um tensionamento sobre a técnica esportiva de forma a submetê-la a uma racionalidade distinta da que tem predominado historicamente.

Nesse sentido, a compreensão que se tem do esporte e do corpo formam elementos a serem investigados, sobretudo em relação ao ensino realizado nas aulas de educação física na escola e, principalmente, acerca do tipo de racionalidade que embasa os fundamentos do ensino e da assimilação do discente na aprendizagem. Tal temática é considerável pela preocupação que se deve ter com a educação física escolar no que diz respeito ao tipo de formação que se pretende ofertar aos discentes das escolas brasileiras.

Para isso, no entanto, faz-se necessário um referencial teórico que comporte tal elemento de investigação. No caso do presente estudo verificamos pertinência em Marx (2014) e também em Marcuse (1964) quando nos mostram como formas de compreensão e de manifestação das relações sociais que podem gerar a manutenção de uma organização social. Ao mesmo tempo, no entanto, podem

emergir outras formas de pensamento que entram em conflito com tais compreensões e manifestações das relações sociais.

#### **1.4.1 Problema de Estudo**

Quais tensões são expressas na racionalidade técnica presente na concepção de esporte de alunos dos anos finais do ensino fundamental submetidos a um processo pedagógico crítico de ensino do esporte?

#### **1.4.2 Questão a Investigar**

Qual é o tipo de racionalidade técnica, demarcada pelo pensamento unidimensional-positivo ou dialético-negativo, que predomina em alunos dos anos finais do Ensino Fundamental em relação à concepção de esporte?

#### **1.5 Objetivos do Estudo**

- Contribuir para a formação de um pensamento crítico sobre o esporte dentro de determinada racionalidade técnica contra hegemônica.
- Identificar as expressões que caracterizam a concepção de esporte em discentes dos anos finais do ensino fundamental.
- Propor alternativa de ensino do esporte em aulas de educação física escolar em uma perspectiva crítica.

#### **1.6 Relevância do Estudo**

Os caminhos traçados realizados no processo de investigação proposto neste trabalho possuíram como tema central a racionalidade técnica e a sua relação com o esporte moderno (BRACHT, 2005). Com isso, partimos do esporte concebido pela racionalidade das sociedades unidimensionais que guarda familiaridades com o positivismo. A racionalidade unidimensional se dá na educação física a partir da perspectiva biologicista-esportivista cuja abordagem pode fragmentar o homem através da formação de consciências unidimensionais e, assim, exclusivizar a dimensão física do homem.

Na manifestação da cultura corporal aproximada do esporte de alto rendimento no interior da escola, pode ocorrer uma intensificação da alienação do homem. O resultado dessa alienação geraria uma postura passiva pelo homem ao submeter-se aos padrões da técnica esportiva. Isso se dá porque a técnica presente

no esporte de alto rendimento, que adentra na escola a partir do ensino da educação física, guarda aproximações com uma perspectiva de formação unilateral própria das sociedades capitalistas cujo tipo de formação humana vincula-se ao pensamento unidimensional-positivo<sup>11</sup>.

Contraopondo-se a este modelo conservador, temos o esporte concebido pela perspectiva sociocultural dentro do viés crítico, que pode enxergá-lo através das múltiplas dimensões que o determinam em sociedade considerando-o de forma complexa e total. Assim, o esporte, vislumbrado em sua totalidade, pode ser ensinado de forma mais aproximada da categoria de omnilateralidade.

Tais ideias podem encontrar fundamentação a partir da dominação do homem pelo capital por meio da proliferação da racionalidade própria do modo de produção capitalista. Nesse sentido, ao tornar-se globalizado, o capitalismo atende de igual forma à proliferação da sua lógica de dominação embasada pela perspectiva positivista presente nas formas de sociabilidades apresentadas por esse modelo econômico.

No modo de produção capitalista, a técnica possibilitou o aumento da extração de mais-valia relativa e, com isso, a ampliação do poder econômico do capital, consolidando-o como o modo de produção globalmente hegemônico. Nesse sentido, interessa compreender a técnica como parte do setor produtivo que, ao assumir as características próprias da racionalidade do modo de produção capitalista, contribuiu para a fragmentação do homem, acentuando a dicotomia entre corpo e mente na concepção de ser humano.

Como consequência da proliferação da racionalidade técnica embasadas pelo modo de produção capitalista e pela adesão dos indivíduos a esse tipo de racionalidade, decorre o fenômeno da unidimensionalização do homem. O esporte, como aspecto decorrente dos valores de tal modo de produção, parece sofrer influências ideológicas da racionalidade técnica manifestada através do pensamento unidimensional-positivo.

---

<sup>11</sup> A realidade se apresenta contraditória, com os pólos positivo (pensamento conservador) e negativo (pensamento crítico) atuando conjuntamente (MARCUSE, 1964). O pensamento unidimensional é considerado por Marcuse (1964) como conservador e situa-se no polo positivo, pois visa maximizar e mascarar as relações sociais contraditórias para gerar nas consciências a adesão das sociabilidades em curso. O pensamento unidimensional, portanto, por meio da grande produção e circulação de mercadorias influencia gera falsas necessidades que são aderidas pelos potenciais consumidores, fazendo com que a lógica consumista assuma consentimento como forma naturalizada que demarca as relações sociais. Há, então, uma adesão consentida e, por isso, positiva frente à conjuntura de consumo.

Interessamo-nos, então, em saber como a racionalidade do tipo unidimensional-positivo tem se expressado no esporte, assim como no tipo de formação humana proveniente dessa racionalidade. Também é relevante saber se e como uma intervenção pedagógica no ensino dos esportes pode contribuir com uma possível destruição do pensamento unidimensional-positivo para a ascensão do pensamento dialético-negativo, já que este atende a uma forma de pensar qualitativamente superior.

## **2. CAPÍTULO II**

### **2.1 Metodologia**

Inicialmente, na metodologia, será abordado sobre o contexto onde a pesquisa ocorreu e algumas caracterizações sobre o público-alvo participante contidas no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Escola Municipal Parque Capivari. Em seguida, será apresentado o referencial teórico adotado (Marx e Marcuse) e a ordenação das ideias que foram expostas e desenvolvidas no capítulo 3. Por fim, serão apresentados os aspectos metodológicos da análise, em destaque os instrumentos utilizados para a coleta dos dados.

### **2.2 Sobre a Pesquisa**

A presente pesquisa foi realizada na Escola Municipal Parque Capivari situada no 4º distrito do município de Duque de Caxias no Rio de Janeiro. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP), a escola atende alunos da educação infantil, anos iniciais e anos finais do ensino fundamental. A região onde está localizada a escola é tipicamente rural e afastada do centro comercial de Duque de Caxias, o que confere a ela a caracterização de escola do campo ou rural. Na localidade, o atendimento à saúde da população é precário, não existem espaços de lazer estruturados, o bairro possui uma infraestrutura ruim, sendo a Escola Municipal Parque Capivari o único referencial de serviço público (CAPIVARI, 2017).

As atividades econômicas da região estão limitadas à agricultura e à pecuária, sendo estas as principais fontes de renda da população e de geração de emprego, mesmo que muito baseada na informalidade. Os filhos de trabalhadores atendidos pela escola têm, em sua maioria, renda familiar de um salário mínimo para famílias compostas de 4 a 10 pessoas. Tais dados demonstram que grande parte dos alunos que estudam na Escola Municipal Parque Capivari vive em condições de pobreza (CAPIVARI, 2017).

Feita a caracterização da localidade, da escola e das condições socioeconômicas onde ocorreu a pesquisa, a seguir será apresentado o modo como a presente pesquisa foi estruturada e organizada. Primeiro, apresentaremos como o referencial teórico foi abordado e, posteriormente, a análise.

## **2.3 Sobre o Referencial Teórico.**

No referencial teórico, buscamos construir uma base teórico-conceitual crítica que nos permitisse pensar sobre as questões da racionalidade técnica pautada pela ideologia dominante em Marx (2014) e, como consequência dos avanços alcançados por essa racionalidade, pensar sobre a formação do pensamento unidimensional em Marcuse (1964). Para aquele autor, a racionalização do trabalho do homem tendeu a padrões cada vez mais desumanos à medida que a técnica adentrava nas fábricas substituindo o homem, secundarizando-o no processo produtivo do trabalho. Em Marcuse (1964), já no capitalismo tardio, o desenvolvimento técnico alcançou um estágio de maturidade suficiente para propagar a ideologia dominante através da abundância de mercadorias, da capacidade de gerar falsas necessidades e de atender a essas diferentes falsas necessidades almejadas pelos indivíduos. Tal forma racional de gestão da sociedade gerou o que foi denominado por Marcuse de homem unidimensional.

Antes de apresentarmos os aspectos metodológicos da análise, detalharemos metodologicamente como o referencial teórico foi exposto e abordado.

### **2.3.1 Caracterização metodológica do referencial teórico**

O referencial teórico do presente trabalho encontra-se no capítulo III e foi dividido em duas partes que tratam da questão da racionalidade técnica em dois momentos históricos distintos. Na primeira parte, tratamos do desenvolvimento técnico no século XIX com textos de Marx, em especial o volume I de O Capital (2014). Já na segunda parte, tratamos da questão da técnica no século XX, observando categorias de Marcuse presentes no texto Ideologia da Sociedade Industrial (1964).

Dentro da primeira parte do referencial teórico, pautado em Marx (2014), após uma introdução geral, fizemos uma organização das ideias expostas partindo de um sequenciamento progressivo que começou na compreensão do trabalho em sua essência e seguiu em direção à precarização do trabalho até chegar na dominação do trabalhador via trabalho submetido à ordem do capital. Dessa forma, os tópicos que deram conta da organização apresentada acima foram:

- Técnica e Dominação do Homem: Um Panorama Geral.



- O Lugar do Trabalho: entre a Essência e a Aparência.
- Trabalho: da essência à decadência.
- Trabalho: da decadência à fragmentação.
- Trabalho: da fragmentação à dominação.

Dessa forma, em Marx a técnica pode ser um elemento de controle do homem, já que exerce domínio sobre o trabalho (fundamento ontológico do homem) cujo resultado no modo de produção capitalista são as diversas formas de alienação<sup>12</sup>.

Na segunda parte do referencial teórico, apropriamo-nos das ideias de Herbert Marcuse (1964) que tratam de forma crítica o desenvolvimento técnico da sociedade capitalista em estágio mais avançado, cuja organização social passa a ser ditada pela abundância de mercadorias que homogeneízam as consciências aos interesses dominantes. Isso resultou naquilo que Marcuse denominou de homem unidimensional. A exposição da segunda parte do referencial teórico se deu por meio dos seguintes tópicos:

- Breve Histórico: Marcuse e a Escola de Frankfurt.
- Racionalidade Técnica, Sociedade Unidimensional e o Homem Politicamente Unidimensionalizado.
- Racionalidade Técnica e Sociedade Unidimensional: A Tensão entre Necessidade e Liberdade como Elemento Essencial para a Emancipação Humana.
- Liberdade como aparência e como essência.

---

<sup>12</sup> Para Manacorda (2010), em seus estudos realizados no Manuscrito de 1844 de Marx, a alienação do homem se dá pela unilateralidade com que se dá a formação do trabalhador cujo trabalho está submetido a exploração de outro. O trabalho alienado causa deformidades no trabalhador que “tanto mais pobre se torna quanto mais produz riqueza; tanto mais desprovido de valor e dignidade quanto mais cria valores; tanto mais disforme quanto mais toma forma o seu produto; tanto mais embrutecido quanto mais refinado é o seu objeto; tanto mais sem espírito e escravo da natureza quanto mais é espiritualmente rico o trabalho” (p. 85).

Para Mészáros (2016), o trabalho, nos moldes da divisão do trabalho exercida pelo modo de produção capitalista, “é a base de toda a alienação do homem” (p.78). A fragmentação do trabalho humano é a causa da fragmentação do próprio homem.

Essa fragmentação do homem, descrita por Mészáros, parece gerar a formação unilateral do homem descrita por Manacorda. No estágio do capitalismo tardio, parece que há uma movimentação da alienação ocorrida no trabalho proliferando-se da infraestrutura para a superestrutura. Como aponta Marcuse (1964), a adesão pelo modo de produção capitalista por parte dos indivíduos ocorre no plano ideológico por meio da ideologia da mercadoria em abundância na sociedade. A aceitação dos indivíduos por essa ideologia resulta na fragmentação das consciências que passam a conceber o ponto de vista social da classe dominante sem se atentar para uma visão total da realidade social. Nesse caso, toda e qualquer forma de compreensão da sociedade que não siga a lógica da classe dominante é sufocada.

- A razão científica moderna como pensamento positivo.
- O pensamento dialético como negação da realidade positiva.

Por fim, apresentamos ainda dois tópicos. O primeiro serviu como síntese do referencial teórico e o segundo serviu para articulação prévia das ideias de Marx (2014) e Marcuse (1964), expostas no referencial, com o problema da presente pesquisa. Especificamente, tratamos da relação com o esporte e a educação física, privilegiando o binômio formação humana - ensino do esporte. Seguem tais tópicos abaixo:

- Técnica X Homem: uma síntese do referencial teórico.
- A relação entre a Racionalidade Técnica e Esporte.

A síntese dos assuntos abordados nos tópicos acima explicitados relacionados aos aspectos metodológicos tomados em relação ao referencial teórico pode assim ser explicitada:

- 1- Em Marx, a ascensão da técnica no setor produtivo é elemento preponderante para o modo de produção capitalista pela sua capacidade de extração de mais-valia. Na mais-valia relativa, a utilização da técnica toma grandes proporções para o modo de produção capitalista enquanto, inversamente, submete o homem à fragmentação. São utilizadas para explicação da questão da técnica, inicialmente uma temática mais geral do trabalho como essência constituinte do homem, após, a organização técnica do trabalho na manufatura e, em seguida, a materialização da técnica manifestada pela maquinaria e a relação com o trabalho.
- 2- Em seguida, já com Marcuse, é apontado como o método das ciências naturais se apodera do aparato técnico rejeitando as subjetividades humanas nas relações sociais e moldando, nos indivíduos, a adesão das sociabilidades regidas pelo aparato técnico conservador alinhado com a perpetuação do *status quo* vigente. Disso, temos o apagamento do pensamento negativo e a formação daquilo que Marcuse chama de pensamento unidimensional.
- 3- O resultado da unidimensionalização do pensamento é a formação de indivíduos dóceis diante da realidade aparente legitimadora de falsas liberdades fundamentadas pelo desejo de obtenção de mercadorias e satisfação de falsas necessidades. O aparato técnico produtivo, ao assumir a racionalidade ditada pelo mercado, determina formas de sociabilidades e as impõe sobre os indivíduos. A proliferação dessa racionalidade conservadora,

ao que parece, ocorre em instituições e em áreas distintas da cultura humana, como na educação, no esporte e na educação física.

Conforme mostrado na caracterização metodológica do referencial teórico, há relação entre racionalidade, cultura e esporte na perspectiva positiva posta na sociedade unidimensional que pode sofrer um ajuste crítico e/ou uma contraposição pela sua negação por meio da dialética. Nesse sentido, no capítulo III, após o referencial teórico, foi produzida uma análise cuja explicação metodológica ocorrerá a seguir.

#### **2.4 Aspectos metodológicos da análise realizada**

A análise da relação entre racionalidade técnica e esporte na sociedade unidimensional e a possibilidade de sua negação se estabeleceu a partir do cruzamento dessa relação em três etapas teórico-práticas desenvolvidas nos capítulos IV, V e VI, a saber:

**Etapa 1** - Aplicação de questionário inicial<sup>13</sup> (Apêndice A) aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental visando obter a expressão da sociedade unidimensional presente na concepção de esporte. Foram distribuídos 75 questionários e, destes, retornaram 44 questionários respondidos e utilizados nesta etapa 1 (Capítulo IV);

**Etapa 2** - Intervenção pedagógica docente direcionada a alunos de uma turma de 6º ano do ensino fundamental também participantes da Etapa 1 (Capítulo V). A intervenção pedagógica ocorreu em um conjunto de vinte aulas (cada tempo de aula teve duração de 45 minutos) realizadas em dez dias (o período dessas aulas foi do dia 02 de outubro de 2017 a 04 de dezembro do mesmo ano) e foi utilizada uma Matriz Metodológica Crítica proposta para o ensino do esporte (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017). Essa Matriz traz uma perspectiva crítico-dialética de pensar o esporte, também sendo possível trabalhar com abordagens críticas de distintas orientações teóricas e de corte marxista. Nesse sentido, em relação à visão da negação da sociedade unidimensional a partir do pensamento dialético, foi implementada uma intervenção pedagógica na perspectiva que chamamos, com base em Marcuse (1964), de dialético-negativa. Essa perspectiva está em contraposição à pressuposta concepção de esporte

---

<sup>13</sup> O Quadro Teórico Estruturado do Questionário Inicial encontra-se no apêndice G.

unidimensional-positivo presente na perspectiva de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Ao longo das 10 aulas, foram feitas anotações em um diário de campo para registrar os principais elementos extraídos do processo de ensino do esporte. Os textos formulados para a unidade didática constam para consulta nos apêndices C, D, E e F respeitando a ordem em que apareceram os meios da Matriz Didática. A Matriz Metodológica Crítica para o ensino de esportes (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017), adaptada para as aulas realizadas, está representada abaixo:

MATRIZ CRÍTICA	MEIOS DA UNIDADE DIDÁTICA									
	Texto: Os valores do Esporte de Alto Rendimento.	Jogos pré-desportivos	Texto: O Esporte como Bem da Humanidade	Jogos pré-desportivos	Jogos pré-desportivos	Texto: Corpo: Do funcional ao contraditório	Confecção de Cartazes	Apresentação dos cartazes, retomada de discussão com o texto dado.	Exposição dos cartazes e Texto: Sociedade e Valores do Esporte	Aula Avaliativa: Jogo Oficial
SEQUÊNCIA DOS MEIOS										
TEMÁTICA: VALORES DO ESPORTE	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
CONCEITO: RACIONALIDADE TÉCNICA E ALIENAÇÃO.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
INSTRUMENTAL: PASSES; ESTRATÉGIAS E TÁTICAS OFENSIVAS E DEFENSIVAS.		X		X	X					X
BIOLOGIA: ANATOMIA DOS MEMBROS INFERIORES		X		X	X	X	X	X		X

**Figura 1 - Unidade Didática Planejada por meio da Matriz Crítica para o Ensino do Esporte (a).**

**Etapa 3** - Aplicação de questionário final<sup>14</sup> (Apêndice B) aos alunos submetidos ao conjunto de aulas para coletar dados que pudessem demonstrar, ou não, alterações relacionadas à supressão do pensamento unidimensional-positivo com aberturas à ascensão do pensamento dialético-negativo na concepção de esporte dos alunos submetidos ao conjunto de aulas (unidade didática). Nesta Etapa 3, portanto, foram coletados 23 questionários que foram aplicados apenas aos alunos da turma de 6º

<sup>14</sup> O Quadro Teórico Estruturado do Questionário Final encontra-se no apêndice H.

ano do ensino fundamental que participou das aulas da unidade didática estruturada (Capítulo VI).

Assim, com os dados coletados, foi realizada uma análise contando com os elementos do referencial teórico estabelecidos para captar expressões das tensões da sociedade unidimensional frente ao pensamento dialético-negativo presente nas aulas da unidade didática.

Como síntese da metodologia do capítulo de análise, ratificamos que a coleta de dados foi realizada através dos seguintes instrumentos: questionários (inicial e final) e desenvolvimento de vinte aulas que formou uma unidade didática perspectivada em uma concepção de ensino dialético-negativa utilizando-se da Matriz Metodológica Crítica para o Ensino dos Esportes (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIRETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017). As informações extraídas das aulas foram registradas em um diário de campo.

Em seguida à análise, no sétimo capítulo, foi apresentado o produto da presente pesquisa denominado de “Matriz do Esporte” cuja intenção é oferecer ao professor de educação física uma ferramenta de auxílio para o planejamento do ensino dos esportes. O *software* Matriz do Esporte foi baseado na Matriz Metodológica Crítica para o Ensino dos Esportes (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017) utilizada na presente pesquisa.

A apresentação do produto (Matriz do Esporte) seguiu a seguinte ordenação de exposição: breve introdução acerca do *software*, abordagem das funcionalidades gerais do *software*, abordagem sobre as funcionalidades no processo de planejamento das aulas e manuseio da matriz no processo de planejamento.

Por fim, foram realizados alguns apontamentos finais sobre a pesquisa realizada como forma de conclusão deste trabalho. Cabe lembrar que, para participarem da presente pesquisa, os sujeitos, menores de dezoito anos, tiveram, obrigatoriamente, que ser autorizados pelos seus responsáveis por meio de termo de consentimento livre e esclarecido<sup>15</sup> (TCLE).

Após discriminar os passos metodológicos da presente pesquisa, será encaminhada, no próximo capítulo, a exposição do referencial teórico que trará a sustentação conceitual para a realização da análise que virá em seguida, tanto no tocante aos questionários quanto às aulas que foram realizadas.

---

<sup>15</sup> Modelo do TCLE em anexos: Anexo 1.

### **3. CAPÍTULO III**

Nas linhas que se seguirão, será apresentado - conforme definido metodologicamente - o referencial teórico que foi composto por categorias e textos de dois autores fundamentais: Karl Marx e Herbert Marcuse. Mais precisamente em dois livros tomados como principais referências: O Capital – Livro I Volume I (2014) e A Ideologia da Sociedade Industrial (1964). Para dar início ao referencial teórico foi realizada uma introdução geral, destacando os assuntos principais que, por sua vez, foram caracterizados conforme sequência exposta na metodologia.

#### **3.1 A Tecnicização do Trabalho como Forma de Dominação do Homem.**

Nesta primeira parte do referencial teórico, apresentaremos o pensamento de Marx tendo como referência a discussão sobre o crescente desenvolvimento técnico das sociedades capitalistas e as formas de submissão do trabalho do homem à técnica. Importa observar que a discussão que se pretende estabelecer, tanto nesta primeira parte quanto na segunda parte do referencial teórico (em discussão com Marcuse), é a relação que a técnica possui com os valores hegemônicos. Esses valores estão relacionados aos ditames da ordem capitalista o que gerou a maximização da técnica enquanto elemento potencializador da produção em sociedade e de mais-valia para o capitalista. Em Marx, encontramos subsídios teóricos para pensarmos a adoção da técnica nos processos produtivos advindos da base da sociedade e as consequências para o trabalhador. Na base social temos o ponto de partida do desenvolvimento técnico da sociedade capitalista que tendeu a ampliar a exploração sofrida pelo trabalhador principalmente o porquê da técnica ter assumido a racionalidade desse modelo de sociedade.

Dessa forma, inicialmente faremos um breve resumo sobre as principais ideias que serão apresentadas no referencial teórico. Após, daremos continuidade com a questão que envolve o trabalho enquanto aspecto constituinte do homem que, na conjuntura do capital, tende a se precarizar.

Será abordada em seguida a questão do trabalho e a sua relação com a técnica, com seus procedimentos de organização do trabalho no setor manufatureiro, destacando os aspectos iniciais de exploração do trabalhador pelo capitalista que resultará na divisão do trabalho.

Após a discussão da técnica no período manufatureiro, daremos encaminhamento à técnica no período de ascensão da indústria moderna, na qual a figura da máquina passa a ser a própria figura de dominação do homem pela presença da racionalidade técnica, própria da ideologia da classe dominante.

### **3.1.1 Técnica e Dominação do Homem: Um Panorama Geral**

O capitalismo está relacionado ao acúmulo de capital e à crescente lógica de dominação. Esta lógica fundamentou-se por meio do controle econômico através do monopólio e privatização dos meios de produção por parte da burguesia e que, ao manter essa lógica de dominação, tendeu a ampliá-la para diferentes esferas da sociedade como, por exemplo, acontece no capitalismo tardio. O controle econômico dos meios de produção se dá por meio de uma atmosfera desumana que acentua as mazelas sociais da maioria da população submetida nessas condições. Nessa realidade, não há qualquer possibilidade de convergência entre os interesses de acumulação de capital e a resolução dos problemas sociais de forma a beneficiar a população trabalhadora, maioria na sociedade.

Nesse sentido, as determinações impostas pelo capitalismo estão aproximadas com a manutenção das condições objetivas que imperam na sociedade, na qual uma classe minoritária apropria-se das benesses advindas do trabalho da classe trabalhadora. Essa relação é perversa pois, ao não reconhecer a maior parte da população trabalhadora como igualmente produtora das riquezas que circulam na sociedade, inviabiliza a sua socialização e mantém a classe trabalhadora em condições de subalternidade, coibindo o desenvolvimento do homem e as possibilidades de vida mais justas e dignificantes.

Apesar de todas as críticas plausíveis que condenam o modo de produção capitalista, o discurso do liberalismo ideologicamente fundamentado na liberdade tende a ser um mecanismo que busca camuflar as reais determinações sociais. Na verdade, o que se apresenta na realidade concreta é a lógica que viabiliza a dominação do homem pelo homem impossibilitando a vivência de formas de manifestação da vida mais amplas do que as engendradas pelas relações mercantis. Para sustentação do *status quo*, o sistema vigente precisa realizar formas de conformação que possam tornar aceitáveis as relações de dominação prevalecentes.

Ao longo do desenvolvimento dos setores produtivos capitalistas, tivemos a participação da técnica como elemento preponderante para a consolidação do sistema capitalista como hegemônico. A técnica materializou-se em máquinas, assumindo o trabalho duro do homem, mas a lógica de acumulação de capital e da propriedade privada resultaram na ampliação da dominação do homem pelo homem. Por meio dela, o homem foi instrumentalizado até o ponto em que parte do seu trabalho tornou-se dispensável.

Em Marx, mais precisamente na sua obra *O Capital*, poderemos perceber que a racionalização técnica do trabalho produtivo, inicialmente, não esteve vinculada às máquinas, mas à organização do trabalho, como quando Marx (2014) trata do período manufatureiro do capitalismo. Em seguida, a grande inserção de ferramentas, como artefatos técnicos a serviço do trabalho humano, daria indícios de que a técnica se materializaria externamente ao homem. Nessa fase de grande acréscimo de ferramentas, a técnica ainda manifestava-se em relação à organização do trabalho e também como implementos instrumentais de auxílio ao trabalhador nas suas tarefas.

Paulatinamente, os instrumentos de trabalho foram se desenvolvendo cada vez mais, ao ponto de deixarem de ser meros auxiliares para assumir progressivamente o protagonismo no processo de produção. A escassez que demarcava a vida social dos trabalhadores daquela época, acompanhada da necessidade de sobrevivência, gerou a aceitação das condições de extrema precariedade ao qual estavam inseridos os trabalhadores nas fábricas capitalistas, já que com o salário recebido poderia prolongar ainda um pouco a sua vida.

O desenvolvimento técnico poderia ser um elemento de libertação do homem da labuta para a promoção de uma existência de vida mais significativa, mas a racionalidade positivista presente nas formas de utilização da técnica tornou-a a principal arma contra o trabalhador.

No século XX, o aparato técnico possui condições de abastecimento da sociedade com extensa quantidade de mercadorias. A escassez que antes atemorizava os trabalhadores, no século XX assume uma abundância fetichizada como veículo ideológico de adesão da sociedade capitalista por parte dos indivíduos na esfera do valor de troca. Esta exposição de mercadorias presente nas sociedades industrialmente desenvolvidas fomentou o pensamento unidimensional nas consciências dos indivíduos. Estas sociedades foram denominadas por Marcuse



(1964) de sociedades unidimensionais pois, pela exuberância gerada pela abundância de mercadorias, há uma atração por parte dos indivíduos a aderirem a um projeto liberal de sociedade. Essa foi a forma com que o aparato técnico burguês realizou a proliferação de sua ideologia mercantil, docilizando os indivíduos através da grande quantidade de mercadorias circulantes enquanto mascarava as relações de dominação presentes no bojo social, mais precisamente, a luta de classes.

Para cumprir com a tarefa de mascarar as relações sociais e obscurecer a forma como ela realmente se apresenta, as sociedades economicamente desenvolvidas utilizam o aparato técnico como forma de assegurar que as relações de classe permaneçam inalteradas. A presença da técnica, assim como seus adventos, tem interferência direta no encaminhamento de consensos necessários à manutenção da atual estrutura social.

Após feita essa breve introdução ao referencial teórico, ratificamos os aportes teóricos utilizados na elaboração do referencial teórico com Marx e Marcuse, tratando da questão da técnica como produto do desenvolvimento científico do homem. Tomado pela ideologia burguesa, no entanto, torna-se ferramenta de dominação e não de libertação. Discorreremos, então, inicialmente, acerca do trabalho enquanto alvo da racionalidade técnica burguesa de dominação e do crescente desenvolvimento técnico no século XIX, tendo Marx como nosso principal aporte teórico.

Após, no século XX, com o capitalismo consolidado e o aparato técnico maduro, apoiaremos-nos em Marcuse, apresentando a hegemonia da racionalidade burguesa nas consciências possibilitada pela capacidade produtiva do aparato técnico, refletida principalmente na abundância de mercadorias e, com isso, na veiculação da ideologia que interessa à classe dominante.

### **3.1.2 O Lugar do Trabalho: entre a Essência e a Aparência**

Marx realizou, através de enorme esforço intelectual, críticas ao modo de produção capitalista do século XIX. O pensador alemão realizou ampla pesquisa na tentativa de compreensão do homem inserido especificamente nas formas de sociabilidades que predominavam naquele século. O capitalismo como modo de produção estabelecido estava em crescente ascensão quando Marx realizou suas reflexões.

Para cumprir com as pretensões de compreender o homem na sociedade capitalista, Marx dedicou sua vida e, no processo de busca pela explicação dessa questão, identificou diversos problemas, assim como as consequências para a vida da grande maioria das pessoas. O trabalho intelectual de Marx teve foco na explicação do homem e no modo como, em sociedade, o homem produz e reproduz sua existência.

Na atualidade, o capitalismo se tornou o modo de produção predominante no ocidente, influenciando, sobremaneira, as formas como as relações entre os homens se dão na atualidade. As denúncias dessas influências, em relação ao modo de produção sobre a vida humana, tomaram grande proporção nos estudos de Marx no século XIX com o capitalismo já em seu desenvolvimento, ampliação e crescente amadurecimento. Tal análise alcançou importante maturidade para compreensão do capitalismo naquela época e tem servido de subsídios ainda para os dias atuais quando realizadas as devidas mediações.

Na tarefa de estudar as relações sociais no modo de produção capitalista, Marx ergueu diferentes categorias e conceitos que conduziram o seu pensamento tornando a sua teoria profunda e complexa. No século XIX, a burguesia já apontava como a classe dominante enquanto uma enorme quantidade de proletários estava submetida em condições completamente desumanas (JOST E SCHLESENER, 2009).

Aos olhos de Marx, guiado pelo pensamento dialético, havia nas relações sociais um contraste de interesses que deflagrava determinada lógica de dominação entre as classes burguesa e trabalhadora. Aquela exercia a dominação sobre esta por meio do controle dos meios de produção. A lógica de dominação da classe burguesa sobre a trabalhadora se aprofundou e se complexificou à medida que a técnica se desenvolveu pois, apesar de aumentar a produção, aumentou também a expropriação do homem do produto do seu trabalho e também de todo o processo de produção.

Antes de debater a questão do desenvolvimento técnico e sua racionalidade configurada pelos interesses do modo de produção capitalista, discorreremos sobre a categoria trabalho pela importância que ela tem como concepção ontológica de homem na teoria de Marx e também para o capitalismo. Este, por sua vez, tendo como objetivo assentar-se como modo de produção hegemônico, submeteu o

trabalho ao controle racional para direcioná-lo ao atendimento das necessidades de expansão e aprofundamento da lógica do capital.

### **3.1.3 Trabalho: da essência à decadência**

O trabalho, como conteúdo substancial da essência humana, é o aspecto formador do homem. Traz os sentidos para a vida humana na sua capacidade de potencializar a interação entre os homens, e os homens com o mundo em um processo constante de formação, de humanização. A categoria trabalho é determinante para o pensamento de Marx nas críticas que estabelece ao modo de produção capitalista, sobretudo, para compreender o homem a partir das relações sociais em que está situado.

Nos manuscritos econômico-filosóficos de Marx, tem-se o destaque acerca da questão do trabalho como elemento constituinte do homem enquanto ser social. Ranieri (2004), em seu texto de apresentação dos manuscritos, relata o trabalho como aspecto fundamental que serviu de base para a crítica da economia política. Para ele:

é nesse texto que o lugar do trabalho como forma efetivadora do ser social é realmente exposta e desenvolvida (...) é nele que o conjunto das esferas da existência humana (desde o lugar da arte, da religião, da filosofia passando pela conceituação da liberdade, até as formas concretas e imediatas de realização do trabalho) aparece como dependente da esfera da produção. O trabalho é mediação entre o homem e a natureza, e dessa interação deriva todo o processo de formação humana (2004, p.14).

Nesse sentido, Ranieri chama a atenção para o aspecto formador do trabalho que se dá na relação entre trabalho humano e a natureza. A interação desses elementos determina a existência humana e coloca o homem como ser social, que se forma e se transforma à medida que transforma a natureza. Argumenta ainda que a produção é a forma com que o homem tem de se sustentar, está relacionada aos aspectos que norteiam as necessidades humanas, tanto materiais quanto espirituais, assim como a busca pela satisfação destas necessidades.

A questão de interação entre o homem e a natureza mediada pelo trabalho é abordada também por Saviani (2007) cuja argumentação trata dessa interação como processo preponderante para a subsistência das necessidades humanas. O homem

se depara com a condição de provedor da sua própria vida, não estando, portanto, inerte frente à natureza, precisa produzir sua vida e no ato de produzi-la, produz-se a si mesmo. O homem, portanto, modifica a natureza atuando sobre ela, e nesse processo, o homem também é modificado, é formado. Nesse sentido, o aspecto essencial do trabalho, tendo como base a teoria marxiana, é apontado da seguinte forma por Saviani (2007):

O ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. A essência humana não é, então, dada ao homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico (p. 154).

A interação entre homem e natureza é a própria produção da vida humana. Tal interação tende a se manifestar de modo preponderante na constituição humana, já que assume formatos distintos ao longo da história, pois a forma de produção igualmente não é a mesma. A produção é, portanto, um aspecto influenciador da constituição e das sociabilidades humanas e, por isso, tem importante destaque na teoria de Marx. Sobre isso, ele afirma:

A maneira como os homens produzem seus meios de existência depende, antes de mais nada, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve considerar esse modo de produção sob esse único ponto de vista, ou seja, enquanto reprodução da existência física dos indivíduos. Ao contrário, ele representa, já, um modo determinado da atividade desses indivíduos, uma maneira determinada de manifestar sua vida, um modo de vida determinado. A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção (2001, p. 11).

A produção e as formas pelas quais o homem se apropria dela carregam sentidos e significados que vão além da simples manutenção e sustento do corpo

físico. Para Marx, é em torno da produção que se dão as bases da vida humana e das relações sociais. A produção é o ponto em comum entre os homens, nela e por meio dela os homens realizam e desenvolvem seu trabalho. Assim,

essa produção só aparece com o aumento da população. Esta pressupõe, por sua vez, o intercâmbio dos indivíduos entre si. A forma desses intercâmbios se acha, por sua vez, condicionada pela produção (2001, p. 11).

A produção tende a ser um importante aspecto em relação às formas como as relações sociais se manifestam entre os homens cujo trabalho. A forma configurada pelo modo capitalista de produzir está relacionada com a precarização do trabalho e, conseqüentemente, da vida do trabalhador que passa a ter uma vida ditada pela submissão ao capital, vendendo sua força de trabalho em troca de um salário. Assim, não é apenas desprovido de meios de subsistência, o trabalhador é desprovido dos elementos espirituais de formação que pode ser proporcionados pelo trabalho, já que este passa a ser um elemento estranho e sem sentido.

O trabalho submetido ao capital tem como resultado a exploração do trabalhador que se dá através do desenvolvimento racional dos processos de produção em tornar o tempo da jornada de trabalho, em sua maior parte, dedicada ao trabalho excedente. O trabalhador como uma engrenagem passa a ser visto como uma peça ajustável ao ritmo e intensidade dos processos de produção de mercadorias do capitalismo.

A precarização do trabalho é a consequência da forma capitalista de produção. A forma como se manifesta esta precarização está refletida na acentuação dos aspectos desumanos, especificamente atrelados à fragmentação e à alienação do trabalhador. A forma capitalista de produzir visa especificamente à produção de mais-valia, sendo por meio desta a forma peculiar de apropriação do trabalho não pago ao trabalhador (trabalho excedente) por parte do capitalismo para a realização da expansão do capital.

Nas sociedades industriais, o trabalho produtivo é explorado pelo capital. Sobre isso, Marx (2014), em *O Capital*, identifica a relação do trabalho produtivo como gerador de mais-valia para o capitalista, assim argumentando que

o conceito de trabalho produtivo não compreende apenas uma relação entre atividade e efeito útil, entre trabalhador e produto do trabalho, mas também uma relação de produção especificamente social, de origem histórica, que faz do trabalhador o instrumento direto de criar mais-valia (p. 586).

A mais-valia é um aspecto chave para a compreensão das formas exploratórias do trabalho, e, especificamente, a forma peculiar de expansão do capital. Segundo Marx (2014), a mais-valia é a forma pela qual o capitalista reproduz e amplia seu capital. Para executar essa tarefa, é necessário ter na concepção da jornada de trabalho duas partes distintas que compõem a totalidade da jornada que são denominadas de trabalho necessário e trabalho excedente. O trabalho necessário faz referência à quantidade de trabalho gasto na produção de mercadorias que deve ser suficiente para pagar o salário do trabalhador, e o excedente é o trabalho exercido além do tempo do trabalho necessário. O trabalho excedente é o tempo que o trabalhador produz gratuitamente para o capitalista.

Tendo sido caracterizadas as partes que compõem a jornada de trabalho, a mais-valia pode ser abordada tendo em vista a sua função de reprodução do capital (PIERETTI *et al*, 2017). A mais-valia é extraída do trabalho de duas formas: através do prolongamento da jornada de trabalho, que é denominada de mais-valia absoluta, e através da redução do tempo dedicado ao trabalho necessário para a ampliação, em consequência, do trabalho excedente, denominada de mais-valia relativa. Esta última, segundo Marx (2014), “revoluciona totalmente os processos técnicos de trabalho e as combinações sociais” (p. 586), principalmente quando atinge o estágio de desenvolvimento demarcado pela indústria moderna. Como argumenta Marx (2014):

Como método especial de produzir mais-valia relativa, só opera, em sua propagação, ao apossar-se de indústrias até então apenas formalmente subordinadas ao capital e quando revoluciona continuamente, com novos métodos de produção, as indústrias que já estão sob seu domínio (p. 587).

Na indústria, a exploração capitalista do trabalho alheio assume a sua maturidade plena, tendo como resultado a submissão do trabalhador à ordem do capital. O trabalhador é absorvido completamente pelos ditames técnicos provenientes da racionalização do trabalho. Como consequência do processo de absorção pelo capital, o trabalho perde sua essência formativa e passa a exercer uma função alienante, já que o produto do trabalho, assim como o conhecimento do processo de produção, ao estarem submetidos à divisão do trabalho em níveis aprofundados, perde sentido para o trabalhador que passa a estar submetido ao controle racional do trabalho para a produção de mais-valia para o capitalista.

Em paralelo à mais-valia, cabe argumentar sobre o trabalho submetido aos procedimentos técnicos do capital que paulatinamente foram sendo desenvolvidos para a dominação do trabalhador. Assim, o caminho histórico vai da manufatura até a indústria moderna, como apresentado em *O Capital*, nos capítulos XII e XIII, tendo como foco principal a apresentação da racionalidade capitalista presente nos procedimentos técnicos desenvolvidos na organização do trabalho produtivo.

Seguiremos, então, em discorrer sobre o trabalho atrelado à manufatura. Nesse estágio da produção, a forma de extração de mais-valia ainda contava com procedimentos técnicos pouco desenvolvidos, isto é, não haviam assumido desenvolvimento tal que pudessem eliminar o trabalhador do processo de produção. Após a abordagem ainda embrionária do desenvolvimento técnico da sociedade capitalista no estágio manufatureiro, será apresentado o desenvolvimento técnico em sua forma mais madura constatada por Marx (2014) no século XIX acerca da indústria moderna, tratando, em especial, da forma racionalizada com que a indústria capitalista lidou com o trabalho, de modo a tentar apagar a figura do trabalhador como protagonista no processo de produção, na medida em que o trabalho morto pudesse ampliar às margens de produtividade e lucro.

### **3.1.4 Trabalho: da decadência à fragmentação**

No capítulo XII de *O Capital*, sobre a divisão do trabalho e a manufatura, Karl Marx inicia o seu texto sobre a dupla origem da manufatura. O pensador alemão busca situar o leitor sobre o tempo histórico, que vai do século XVI até o último terço do século XVIII, onde coloca a cooperação fundada na divisão do trabalho como forma clássica na manufatura naquela época.

Marx (2014) destaca que a manufatura, em seu estágio inicial, pouco se distinguiu da forma de produção artesanal. A manufatura funcionou como uma transição para o desenvolvimento industrial posterior, e ocorria basicamente de duas formas. Na primeira delas, a manufatura tem início a partir da combinação de ofícios independentes que em dado momento perdem essa independência e cedem lugar à especialização crescente das funções, resultando no parcelamento das funções do trabalhador no processo de produção de mercadorias. Na segunda forma, há o incremento da cooperação dos trabalhadores.

Na combinação das duas formas mencionadas acima (especialização e parcelamento + cooperação), os trabalhadores são colocados em uma oficina sob o controle do capitalista de modo a combinar os ofícios envolvidos na produção de uma dada mercadoria. O produto necessariamente precisa passar pelas mãos desses trabalhadores até atingir seu estágio final, considera-se assim, que uma carruagem, por exemplo, necessita da atuação de diferentes ofícios até o término da produção.

A fabricação de uma carruagem é citada por Marx (2014) para exemplificar os diferentes conhecimentos que estão envolvidos no processo produtivo manufatureiro. Os trabalhadores tinham papel essencial na combinação dos conhecimentos para a produção e atuavam utilizando os conhecimentos específicos de seu ofício em toda a sua extensão ainda sem a fragmentação de seu ofício. Dessa forma, Marx (2014) coloca que no início da manufatura a produção de uma carruagem, por exemplo, era realizada a partir da combinação de diferentes e independentes ofícios reunidos em uma oficina. Portanto, o envolvimento dos trabalhadores (que trabalham em cooperação entre si) na produção da carruagem se dava do início ao fim, em toda a extensão do processo de fabricação.

Com o tempo as funções específicas dos ofícios de cada trabalhador passam a ser exercidas parcialmente e a execução do ofício deixa de ser realizado em toda a sua extensão pelo mesmo trabalhador. Dessa forma, a manufatura racionalizada para a extração de mais-valia torna-se um sistema que divide a produção em diversas operações especializadas em que o trabalhador passa a ter como função a execução de uma tarefa extremamente reduzida da que ele tinha antes.

Posteriormente, em decorrência da ampliação da produção, a fragmentação dos ofícios em partes mais reduzidas resulta na fragmentação do próprio trabalhador que se ocupa com tarefas especializadas, acarretando a insipiência do



conhecimento do ato de produção de determinado produto. Por isso, Marx chama esse tipo de trabalhador (que realiza apenas uma parte do todo de determinado ofício na produção de artefatos) de trabalhador parcial.

Na segunda forma originária da manufatura, os trabalhadores que estão situados no interior da oficina, sob o controle do capitalista, trabalham em conjunto, ou seja, em cooperação. Nesse caso, os trabalhadores ou um grupo de trabalhadores realizam a produção da carruagem em toda a sua extensão, do início ao fim. Os mesmos trabalhadores ocupam-se das diferentes operações do processo produtivo, como da carruagem, por exemplo.

Depois, o trabalho é reorganizado. O trabalhador que antes cuidava de todas as operações distintas em uma ordem sequencial na produção de uma carruagem, tem agora operações separadas e entregues a trabalhadores distintos. Cada trabalhador, nesse momento, deveria se ocupar apenas de uma parte do trabalho que antes realizava na sua totalidade.

A crescente especialização e racionalização do trabalho vêm em decorrência da necessidade de se aumentar a produtividade, reduzindo ainda mais o tempo que uma determinada mercadoria leva pra ser finalizada no processo produtivo. Automaticamente, a criação de mecanismos ou sistemas de reorganização do trabalho em prol da maior eficiência na produção resultou na fragmentação do trabalho e, conseqüentemente, do trabalhador que passou a ter o conhecimento do processo de produção e do produto do seu trabalho de forma parcial.

A fragmentação do trabalho, que se deu de forma crescente ao longo do processo de ascensão e consolidação do capitalismo, como apontado por Marx (2014), impôs ao trabalhador a alienação e completa submissão ao modo de produção capitalista, já que o trabalhador via no produto do trabalho algo estranho a ele. Na manufatura, ocorre o início do processo de divisão do trabalho que, posteriormente, seria levada a patamares mais aprofundados pela indústria moderna, o que acentuaria ainda mais a fragmentação do homem<sup>16</sup>. Ainda sobre a manufatura, Marx chega a defini-la como “um mecanismo de produção cujos órgãos são seres humanos” (p. 393).

Com a parcialidade do trabalho, as próprias ferramentas usuais do trabalhador também se modificam. As ferramentas, assim como o trabalho, também

---

<sup>16</sup> Essa questão será abordada posteriormente, no item 2.1.5 Trabalho: da fragmentação à dominação.

se especializam e assumem funcionalidades mais específicas e complexas dentro do processo produtivo. Marx (2014) chega a dizer que

a manufatura produz realmente a virtuosidade do trabalhador mutilado, ao reproduzir e levar sistematicamente ao extremo, dentro da oficina, a especialização natural dos ofícios que encontra na sociedade (p. 394).

Através do trabalho parcial, realizado por uma única pessoa de forma repetitiva, a execução era aperfeiçoada. A repetição de uma mesma função ao longo de um tempo possibilitava ao trabalhador realizar tal tarefa com máxima eficiência e mínimo esforço, maximizando assim, a velocidade com que executava uma determinada tarefa parcial.

Nesse processo de aperfeiçoamento do trabalho parcial surgiu também o aperfeiçoamento de ferramentas. Tais ferramentas passam a ser desenvolvidas para atender aos trabalhadores parciais nas diferentes operações do processo produtivo. A divisão do trabalho, com sua especialização, tinha como racionalidade a extração da mais-valia relativa. A grande quantidade de ferramentas constatadas por Marx (2014) refletiu o grau de especialização presente no trabalho do período manufatureiro, como bem argumenta: “Só em Birmingham se produzem umas quinhentas variedades de martelos, cada um destinado a um processo de produção particular...” (p. 396).

O corpo do trabalhador sofria com a racionalização crescente, voltada para o controle dos processos do trabalho produtivo como modo fundamental para aumentar a produtividade. A visão do capitalista sobre o trabalhador era a de um instrumento a ser controlado, sendo, portanto, o trabalhador a própria manifestação do corpo-máquina.

Na racionalização do trabalho para atender ao capital, o capitalista via na especialização as condições de ampliação da mais-valia a ser apropriada. O desenvolvimento técnico do trabalho relacionado à organização, bem como as funções parciais exercidas pelos trabalhadores, tendeu a se expandir e se intensificar pelas ferramentas de trabalho especificamente desenvolvidas para atender à especialização progressivamente ampliada no processo produtivo.

O desenvolvimento de ferramentas cada vez mais específicas para as diversas funções parciais no processo produtivo vinha ao encontro da crescente necessidade de aumentar a produção. As ferramentas especializadas tinham essa função e surgem no sentido de aperfeiçoamento do trabalho parcial, reduzindo ainda mais o tempo de trabalho necessário para a produção de mercadorias e ampliando ainda mais o trabalho excedente, ocasionando a diminuição do valor do trabalho humano empregado na fabricação das diferentes mercadorias. A consequência disso foi o crescente desenvolvimento técnico na produção e a redução do valor do trabalho do trabalhador.

Esse processo de especialização das ferramentas na produção demonstra a crescente inclusão da técnica já no período manufatureiro. Disso ocorre o aperfeiçoamento do trabalho parcial, o que possibilitaria futuramente o aprofundamento da parcialidade do trabalho até culminar com as condições objetivas necessárias para estabelecer formas técnicas de fragmentação do trabalho em suas manifestações mais complexas. De acordo com Marx,

o período manufatureiro simplifica, aperfeiçoa e diversifica as ferramentas, adaptando-as às funções exclusivas especiais do trabalhador parcial. Com isso, cria uma das condições materiais para a existência da maquinaria, que consiste numa combinação de instrumentos simples (MARX, pág. 396, 2014).

Na manufatura, apesar de estar sob as determinações de acumulação do capitalista, o trabalhador tinha sua importância no ato produtivo. O trabalho era submetido ao controle técnico do capitalista que, com intuito de aumentar o trabalho excedente, fragmentou o trabalho em partes e incluiu uma grande quantidade de ferramentas para acelerar a produção. A submissão do trabalhador ao capital ainda não era completa, pois o capitalista, mesmo desenvolvendo os processos técnicos do trabalho para aumento da produção, ainda dependia do trabalhador.

Na forma de produção manufatureira, a técnica manifestava-se no controle do trabalho, que dividido em partes para o aumento da mais-valia, fragmentou também o homem que paulatinamente era expropriado do conhecimento dos processos de produção, tornando o produto do seu trabalho estranho ao trabalhador. Além disso,

a evolução e desenvolvimento de ferramentas para atender as demandas específicas ligadas à fragmentação do trabalho refletiu o início da transição da técnica como auxiliadora do trabalhador para alcançar, na indústria moderna, a autonomia em relação ao trabalhador. Esse processo causaria uma inversão nos papéis exercidos na produção, ou seja, na manufatura o trabalhador usa a técnica para atingir os objetivos da produção; e já na indústria, a técnica usa o trabalhador como simples controlador de botões e manivelas.

Essa transformação conjuntural foi favorável ao capitalista que passou a exercer total autonomia em relação ao trabalhador, pois antes, mesmo controlando os meios de produção não podia dar conta da própria produção. No entanto, ao controlar tanto os meios quanto os instrumentos de produção, acabou por afirmar a dominação completa do capital sobre o trabalhador, pois esses instrumentos tornaram-se capazes de produzir muito mais do que o trabalhador, eliminando inclusive muitos dos trabalhadores de seus postos de trabalho.

Na indústria moderna, a presença da técnica não apenas se ampliaria, mas assumiria uma presença tal que tomaria o lugar do homem na produção. O homem, na indústria, passa a ser um acessório na produção, na qual sua atuação se torna padronizada e limitada ao funcionamento da máquina. Esta, por sua vez, assumiria a posição de protagonismo na produção.

O desenvolvimento técnico capitalista favoreceu o aumento da produção de mercadorias, embora a lógica racional desse desenvolvimento era de gerar cada vez mais riquezas (materializadas na forma mercadoria) para a apropriação do capitalista, realizada pela extração de mais-valia. A racionalidade da produção capitalista com total sujeição do trabalhador, entretanto, se daria somente na indústria moderna, na qual o capital teria as condições objetivas para subverter o homem materialmente e espiritualmente, para aliená-lo por completo. A técnica baseada pela racionalidade da classe dominante tornou-se o principal instrumento de dominação, como veremos adiante.

### **3.1.5 Trabalho: da fragmentação à dominação**

Marx dá início à exposição realizada no capítulo XIII de *O Capital*, sobre a maquinaria e a indústria moderna, demonstrando a gênese da máquina no setor produtivo e a evolução dela no processo crescente de inserção na produção

capitalista, assumindo, com isso, o papel de impulsionadora do desenvolvimento industrial.

A evolução da máquina gerou transformações no modo de produção capitalista. A máquina tornou-se instrumento indispensável para a classe dominante na produção que determinou o surgimento da indústria moderna. Essa evolução foi capaz de conferir ao capitalismo a tão almejada consolidação como modo de produção hegemônico, elevando muito a extração de mais valia relativa enquanto submetia o trabalhador à condição de precariedade tanto material quanto espiritual.

Marx (2014) destaca a diferença que caracterizou a manufatura e a indústria moderna especificando a substância que dava vida a essas formas de produção: na manufatura a força de trabalho era o motor que impulsionava a produção, enquanto na indústria o instrumental de trabalho é o motor da produção. Essa transição, da manufatura para a maquinaria, significou um aumento da produtividade do trabalho através da substituição do homem pela máquina para baratear a mercadoria produzida e diminuir ainda mais o tempo necessário de trabalho para a produção. Nesse sentido, aumenta-se a quantidade de trabalho não pago ao trabalhador (trabalho excedente), possibilitando um aumento muito maior de extração da mais-valia (aqui na forma relativa) em comparação com aquele visto na manufatura.

Para que ocorresse o desenvolvimento do processo produtivo, foi necessário, no início, a evolução técnica rumo à maquinaria moderna, com a transformação da ferramenta para a máquina-ferramenta. Esta consistia na substituição da ferramenta do trabalhador por um mecanismo (máquina). A operação da máquina-ferramenta estava sob o domínio do homem que operava como força motriz. Posteriormente, ao ser considerado como força motriz para impulsionar a máquina-ferramenta, o homem passaria a ser facilmente substituível pela água, pelo vento, pelo vapor etc. (MARX, 2014).

Com o aumento do tamanho da máquina-ferramenta, as formas motrizes que impulsionavam a máquina foram desenvolvidas para atender essa demanda do aumento de tamanho. As forças motrizes ligadas à natureza não mais davam conta das exigências de constância produtiva (já que a natureza é inconstante) desejada pelo capital. Então surge a máquina-vapor que confere a máquina um motor capaz de isolar a participação humana. A máquina-vapor passa a ser capaz de fazer funcionar diferentes máquinas-ferramentas ao mesmo tempo, o que possibilitou,

naquela época, a cooperação de muitas máquinas da mesma espécie, configurando-se naquilo que se denominou de sistema de máquinas (MARX, 2014).

Na cooperação, as máquinas operavam sobre todo o produto, cumprindo a tarefa de produção com as diversas ferramentas que possui. No sistema de máquinas, o produto é parcial, ou seja, passa por diversas máquinas conectadas entre si até o seu acabamento final. Qualquer familiaridade com o homem na manufatura não é coincidência, mas pela sua impressionante capacidade de produção, a máquina já dava demonstrações que chegava para ficar... no lugar do homem.

Nesse sentido, a evolução do modo de produção capitalista encontrou cada vez mais, na evolução do maquinário empregado, a forma peculiar de sua ampliação. Essa condição de aumento das forças produtivas gerou um impacto contrário sobre a importância do trabalhador no interior do processo de produção. A desvalorização do trabalhador, que já havia se iniciado no período manufatureiro, aprofundou-se, já que com o emprego e evolução da máquina e a consequente diminuição do tempo de trabalho necessário para a produção, decresceu o valor do trabalho humano empregado no produto. Com isso, o trabalho humano foi desvalorizado de tal forma pela máquina que esta foi capaz de anulá-lo quase que completamente do processo de produção. O trabalhador tornou-se heterônimo diante do capital.

Esse processo de exclusão de uma grande quantidade de trabalhadores, de certa forma, contribuía ainda mais para o aumento da extração da mais valia por parte do capitalista. Por isso o emprego das máquinas, assim como a busca pelo desenvolvimento e pela evolução delas, era um aspecto fundamental para o capitalista que, por causa da concorrência, deveria investir sempre mais no desenvolvimento técnico, buscando se manter como dirigente da classe dominante. Enquanto isso, o trabalhador, progressivamente expropriado do seu próprio trabalho e deformado na sua formação e humanidade, submeteu-se a um capitalismo que o desvalorizava constante e crescentemente.

No início do processo manufatureiro, o trabalhador vendia sua força de trabalho para o capitalista. Posteriormente, o trabalhador, não tendo como trabalhar autonomamente, passa a se inserir de forma heterônoma ao regime do maquinário e passa a ser um instrumento no processo de produção de mercadorias, pois sua intervenção se limita apenas ao controle das máquinas. Estas se ocupam da

realização dos diferentes estágios da produção de mercadorias, enquanto o trabalhador aliena-se e passa a ser desvalorizado, pois na mesma medida que a mercadoria é barateada pela alta capacidade de produção da máquina, o trabalhador também é desvalorizado.

O agravamento das condições precárias de trabalho no modo de produção capitalista foi acentuado pela máquina. Esta se transmutou nos próprios meios de exploração do trabalhador até a subversão do direito e acesso ao próprio trabalho. O trabalhador encontrava-se dominado pela sede de acumulação capitalista cujas consequências dessa dominação, resultante da enorme queda do valor do trabalho necessário, foi a diminuição dos salários.

O esvaziamento espiritual sentido pelo trabalhador chega ao ápice quando sua família passa a ter de adentrar nas fábricas. A inclusão de mulheres e crianças na fábrica se dá pela diminuição do esforço estritamente físico possibilitado pelas máquinas nas tarefas realizadas no ato produtivo. Assim, o trabalhador e toda sua família ingressam nas fábricas, pois o salário que antes era dado ao trabalhador, chefe de família, passou a diluir-se por todos os componentes da família. Assim, com o pagamento de um único salário era possível explorar mais tempo do trabalhador.

Nesse processo, Marx (2014) demonstra as cruéis consequências da forma capitalista de proceder com a produção de mercadorias refletidas em situações de extrema precariedade de vida sofrida pelos trabalhadores na fase de ascensão do capitalismo industrial. Uma dessas crueldades identificadas por Marx (2014), e que nos servirá como exemplo, aponta para a morte de muitas crianças naquele período já de consolidação da indústria capitalista. Esta situação se deu principalmente pela inclusão de grande contingente de mulheres nas fábricas. Essas mulheres passavam a maior parte do tempo trabalhando (ou lutando pela sobrevivência) para o capitalista. Com isso, na estruturação familiar da época, os filhos ficavam a mercê da vida e muitas vezes sucumbiam diante da situação de abandono forçado em que se encontravam. Marx (2014) relatou uma investigação médica (bastante machista aos olhos de hoje) datada de 1861 que demonstrava que as condições de exploração das mulheres pelo capital tornavam-nas sem o aparente incômodo da morte dos seus filhos e até mesmo de os matarem.

A degradação moral foi resultado das condições precárias impostas pelo modo de produção capitalista que passou a atingir mulheres e crianças que

dependiam dos salários para sobreviverem. Já naquela época, Marx (2014) apontava para os riscos que o capitalismo traria para a vida humana. O capitalismo demonstrava o seu poder de destruição dos homens, dos sonhos e da esperança. A maquinaria aumentou o contingente humano explorável quando diminuiu o valor dos salários e, com isso forçou a inclusão de mulheres e crianças no processo de produção da indústria capitalista.

O desenvolvimento técnico presente na fase industrial moderna assumiu sua maturidade. Tal afirmação pode ser dita a partir da consolidação da burguesia como a classe dominante através da submissão de uma enorme quantidade de pessoas só tem sua força de trabalho a ser vendida ao capital. Ao controlarem o instrumental técnico produtivo que abastece a sociedade com mercadorias, a burguesia tornou o homem e seu trabalho obsoletos. A técnica materializada pelas máquinas no setor produtivo proporcionou tanto o aumento da produtividade em níveis jamais vistos como conferiu ao capitalista total controle sobre o processo de produção. Nesse caso, restou ao trabalhador a aceitação das condições de dominação impostas a ele.

Na manufatura, havia a dominação do trabalho por parte do capitalista através do controle dos meios de produção. O trabalhador não havia sucumbido diante do capital pois ainda era peça fundamental na produção, apesar de encontrar-se fragmentado pela divisão do trabalho. Na indústria moderna, perpetuou-se o controle dos meios de produção que já existiam no período manufatureiro, unindo a isso, o controle do instrumental técnico produtor por parte dos capitalistas, sendo o maquinário dotado de capacidade produtiva muito acima do que a do trabalhador. Este sofreu a completa desvalorização o que resultou no seu apagamento como figura central do processo produtivo.

A racionalidade capitalista ao determinar a técnica no setor produtivo transformaria as relações humanas e as formas como estas eram produzidas na sociedade. O trabalhador foi completamente expropriado do processo e do produto de seu trabalho, sua atuação limitar-se-ia a ajustamentos corporais aos padrões mecânicos da máquina, sendo um mero controlador da máquina que produzia as mercadorias. A racionalidade técnica manifestada no setor produtivo da sociedade tornou-se uma forma de controle do homem, do seu corpo, das suas condutas e comportamentos. O trabalhador passou a estar completamente alienado do produto do seu trabalho.



A técnica passa a ser uma aliada imprescindível aos propósitos de acumulação do capital, pois legitima a classe burguesa no poder pelo controle econômico possibilitado pela crescente extração de mais-valia. A técnica, assumindo a racionalidade da classe dominante, passa a ter como compromisso o enriquecimento das classes abastadas enquanto deteriora a maior parte dos homens que detêm apenas a sua força de trabalho para sobreviver.

A racionalidade burguesa parece proliferar-se pela sociedade à medida que a técnica foi se desenvolvendo até alcançar e espelhar-se pela superestrutura. A partir de Marcuse (1964), veremos que a ideologia burguesa propaga-se pelas sociedades industrializadas no século XX através das mercadorias que é veículo da própria ideologia dominante gerando e aguçando os desejos de consumo por parte dos indivíduos.

O aparato técnico desenvolveu-se de tal forma que as falsas necessidades geradas por ele alcançou os indivíduos em sociedade que, tomados pelo desejo de consumo das mercadorias produzidas pelo aparato técnico produtivo, aderiram às formas de sociabilidades impostas pela ordem capitalista. A abundância de mercadorias geradas pelo aparato técnico foi a forma peculiar com que a sociedade capitalista convenceu os indivíduos a participarem do projeto social conservador estabelecido. A mercadoria em circulação assume ideologicamente o papel de docilização dos indivíduos que passam a tê-la como objeto de consumo, e não apenas a mercadoria é consumida, mas também a própria ideologia presente nas mercadorias. Em Marcuse (1964), é possível detectar a ilusão da vida forjada pelo aparato técnico mediante incitação do consumo de falsas necessidades.

As reflexões em torno das questões de formação de consensos próprias das sociedades industrialmente desenvolvidas ligam-se diretamente às ideias de Herbert Marcuse, um dos principais intelectuais que estudaram o aparato técnico como mecanismo de dominação, que não apenas domina a população majoritária da sociedade por uma minoria, mas, ao gerar conformismo à ordem social vigente, mascara a luta de classes e a ideia da existência de interesses contraditórios entre as classes sociais envolvidas, a saber: burguesa e trabalhadora.

Para tratarmos dos aspectos ideológicos que assumiu a técnica na sociedade capitalista do século XX, apresentaremos adiante Herbert Marcuse (1964), intelectual que trata da técnica como aspecto conformador das consciências à

aceitação das sociabilidades hegemônicas cujo produto é a unidimensionalização do homem.

### **3.2 A Ideologização da Técnica como Forma de Dominação do Homem**

Nesta segunda parte do referencial teórico, apresentaremos as ideias de Herbert Marcuse sobre a questão da técnica como elemento ideológico de acentuação da lógica de dominação. Nesta parte, veremos que a técnica, no século XX, assume certa maturidade dentro do modo de produção capitalista, proporcionando abundância de mercadorias na sociedade e, por meio desta abundância, realiza a docilização das consciências para atender aos interesses hegemônicos estabelecidos pela ordem do capital.

#### **3.2.1 Breve Histórico: Marcuse e a Escola de Frankfurt**

Herbert Marcuse foi um dos grandes intelectuais marxistas do século passado participou intensamente da formulação e desenvolvimento da teoria crítica da Escola de Frankfurt voltada, principalmente, para a compreensão do modo de produção capitalista na sua manifestação tardia. Ao longo de sua vida como pesquisador, Marcuse dedicou-se ao estudo de processos psicológicos submetidos à racionalidade de dominação presente nas sociedades industrialmente desenvolvidas. Seu pensamento absorveu influências especialmente dos seguintes pensadores: Hegel, pela concepção dialética do pensamento; Marx, pela necessidade de trazer os aspectos históricos e Freud, utilizado como referência para a compreensão do psiquismo humano. A teoria de Marcuse desenvolvida sobre as sociedades industriais tem como pano de fundo metodológico tanto uma perspectiva psíquica quanto sócio-histórica (SEVERIANO, 1992).

O pensamento de Herbert Marcuse ficou registrado em diversas obras que vão de artigos a livros ao longo de sua vida como intelectual e crítico do capitalismo. As obras que tiveram maior visibilidade e importância foram “Eros e Civilização” publicado em 1955 e “A Ideologia da Sociedade Industrial” em 1964. Outro estudo importante publicado em 1941 e que merece destaque é “Razão e Revolução”<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Além dessas obras, Marcuse foi autor também de, Contra-revolução e revolta (1972), O Fim da Utopia (1967), Ideias sobre uma Teoria Crítica da Sociedade (1972) etc. Além disso, foi publicado o livro Cultura e Sociedade Vol. I (1997) e II (1998) que reúne ensaios escritos na década de 1930 que são relevantes para a compreensão do pensamento de Marcuse.

Marcuse foi considerado um filósofo polêmico e radical, considerava-se marxista, mas durante sua vida como intelectual, realizou críticas à Marx confrontando o pensamento deste com as sociedades industriais desenvolvidas da modernidade (PISANI, 2009).

Filho de Judeus, Marcuse nasceu na Alemanha, na capital Berlim, em 19 de julho de 1898. Elaborou importante trabalho que visava compreender as sociedades industriais desenvolvidas e as formas encontradas por estas sociedades para suavizar os impactos destrutivos do modo de produção capitalista. Impactos estes asseverados pela proliferação da técnica ideologicamente fundamentada na concepção burguesa de sociedade.

Marcuse foi um dos integrantes da Escola de Frankfurt. O início da história da Escola de Frankfurt se deu em 1923 quando foi autorizado, a partir de uma decisão ministerial, a construção de um prédio vinculado à universidade de Frankfurt voltada exclusivamente para estudos e pesquisas em ciências sociais. O instituto que nasceria ali seria o local de convergência do pensamento crítico desses intelectuais que se chamaria, posteriormente, de escola de Frankfurt (MOGENDORFF, 2012).

Foram integrantes da escola de Frankfurt, dentre outros, Max Horkheimer, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Herbert Marcuse e Jurgen Habermas. A perspectiva teórica predominante na escola de Frankfurt concentrava-se na questão da emancipação humana nas dimensões totais do homem, tendo como importância a temática da subjetividade como elemento influenciado pela cultura na conformação dos indivíduos à sociedade capitalista. Tais temáticas foram bastante exploradas por esse grupo de intelectuais alemães (SEVERIANO, 1992).

O surgimento do instituto de pesquisas sociais de Frankfurt (posteriormente chamado de escola de Frankfurt) teve como principal precursor Felix Weil (1898-1975). Weil nasceu na Argentina, seu pai (Herman Weil) imigrou para lá e tornou-se dono de um grande negócio de cereais. Em 1908, seu pai retornou para a Alemanha, mais precisamente para Frankfurt. Após o término da primeira guerra mundial, Weil passa a estudar a teoria socialista e, quando encontra com Kurt Albert Gerlach, recém admitido professor de ciências econômicas da Universidade de Frankfurt, impulsiona a criação do instituto. Gerlach se tornaria o primeiro diretor do instituto.

Alguns fatores foram propiciadores de tal empreendimento, no qual podemos destacar: 1- o interesse em investir do pai de Felix Weil, que tinha em vista o título

de doutor *honoris causa*; 2- a cidade (Frankfurt am Main) caracterizada pelo mecenato e abrigava uma universidade com uma faculdade de ciências sociais e economia, com uma população aproximada com teorias socialistas e comunistas; 3- o Ministério da Educação e Cultura com os interesses de fomentar uma reforma universitária (MOGENDORFF, 2012).

Após a morte de Gerlach, alguns nomes tiveram relevância em torno da direção do instituto, são eles: Friedrich Pollock, Max Horkheimer e Carl Grunberg. Na época, foi escolhido Carl Grunberg para o cargo. As ideias de Grunberg tinham um teor revolucionário e o foco específico dessas ideias foi capaz de considerar o ensino do marxismo e do movimento operário em níveis universitários. Com o seu adoecimento, Grunberg precisou se afastar, assumindo então Max Horkheimer em 1931 (MOGENDORFF, 2012).

Uma das alterações de destaque de sua gestão foi a mudança do foco teórico da revista onde eram publicados os trabalhos do instituto, passando de um viés econômico para o filosófico. A revista se chamava *Zeitschrift für Sozialforschung* (Revista de Pesquisa Social) e tinha como objetivo a pesquisa social em campos teóricos e empíricos de diferentes áreas do conhecimento – economia, sociologia, psicologia e a cultura em geral. A compreensão assumida pelo instituto era de que o conhecimento produzido pudesse dar conta da explicação da realidade social a partir da sua totalidade, identificando as diferentes relações existentes na sociedade histórica. Para essa tarefa, diferentes campos do conhecimento humano serviram como alicerce para a explicação da sociedade em sua complexidade (LEANDRO, 2007).

No ano de 1932, Hebert Marcuse passou a integrar o instituto. Em 1933, por causa da ascensão de Hitler como Chanceler, a casa de Horkheimer foi invadida e o instituto, em julho do mesmo ano, foi fechado. Os motivos eram as atividades “hostis” desenvolvidas ali. Por causa do momento tenebroso pelo qual passava a Alemanha, com a ascensão cada vez maior do nazismo, a sede do instituto foi transferida para Genebra na Suíça e a impressão da revista passou a ser feita em Paris. Posteriormente, o instituto passaria a funcionar em Nova York sendo denominado de *International Institute of Social Research* (MOGENDORFF, 2012).

Com a crescente proliferação do nazismo, Marcuse foi para os Estados Unidos. Durante sua estada, passou pelas universidades de Columbia, Harvard e Brandeis até chegar na universidade de San Diego (LEANDRO, 2007).

O instituto de pesquisa social foi marcante para o desenvolvimento e florescimento da teoria crítica. Segundo Mogendorff (2012), o termo teoria crítica era um termo utilizado para camuflar o marxismo, uma das teorias de referência para o pensamento dos intelectuais alemães. Além de Marx, eram utilizadas ali, também, as teorias de Freud e de Nietzsche.

Depois de anos nos Estados Unidos, Marcuse escreveu o livro “A ideologia da Sociedade Industrial”, publicado em 1964 e conhecida como uma de suas principais obras. No livro, o autor discute as sociedades industrialmente desenvolvidas a partir da racionalidade tecnológica para o controle e dominação da natureza e do homem. Na esteira de críticas à razão tecnológica, Marcuse busca realizar a denúncia de como os processos técnicos tornaram-se capazes de formar consensos favoráveis à lógica irracional do funcionamento das sociedades industriais. Isso se dá por meio de influências docilizadoras que tem no aparato técnico-produtivo o motor ideológico responsável pela suavização das consciências frente às severas consequências do sistema capitalista de produção. Integra-se, assim, ao legado intelectual de Marcuse, algumas demarcações conceituais da ciência e tecnologia nas sociedades industrialmente desenvolvidas (KLEIN, 2006).

Marcuse (1964) compreende que, ao ampliar o desenvolvimento tecnológico, as sociedades industrialmente desenvolvidas ampliam também a dominação, conseguindo, com isso, suprimir as subjetividades limitando-as de forma a conduzi-las em uma direção positiva. Com isso, forma-se a sociedade unidimensional, que por meio dos valores com objetivo de ajustamento do indivíduo à lógica mercantil da sociedade, tende a controlar politicamente o homem, criando, assim, o homem unidimensional.

### **3.2.2 Racionalidade Técnica, Sociedade Unidimensional e o Homem Politicamente Unidimensionalizado**

A sociedade unidimensional é um conceito chave utilizado por Marcuse na compreensão das sociedades industriais. Tal conceito é utilizado para apontar a uniformização da vida dos indivíduos que, inseridos nessas sociedades, são cerceados em sua autonomia para assumirem uma heteronomia de forma a ajustarem-se ao aparato tecnocrático conservador que atua sobre as subjetividades humanas.

No estágio que se encontra a sociedade industrial paira uma prosperidade que possibilita a formação unidimensional do homem. As riquezas e variedades de mercadorias propulsionadas pelo modo de produção capitalista gera a falsa ideia de liberdade, já que a grande quantidade e variedade de produtos e bens e serviços favorece a ideologia neoliberal na conformação e adesão, por parte dos indivíduos, ao modo de produção vigente. Essa sociedade que uniformiza os indivíduos às sociabilidades estabelecidas pelo modo de produção capitalista foi denominada de sociedade unidimensional (MARCUSE, 1964).

A sociedade unidimensional tem como tendência a harmonização dos opostos, influenciando, dessa maneira, condutas e pensamentos homogêneos sobre os indivíduos que não conseguem escapar desta influência (PERENCINI, 2012). Os indivíduos passam a pensar e a agir de acordo com os aspectos axiológicos próprios do capitalismo tardio tendo uma falsa ideia de liberdade, quando na verdade são governados pelos valores conservadores consolidados pelo aparato técnico.

De acordo com Bastos (2014), a sociedade unidimensional segue as vertentes ideológicas do capital, isto é, baseia-se pelos valores e ideais do mercado e do lucro. O homem com sua consciência e subjetividades passa a ser moldado para atender às demandas do capitalismo. O resultado disso é a total submissão inconsciente aos padrões e formas ideológicas de controle, tornando o indivíduo um ser heterônomo diante da sociedade. Nesse caso, temos o homem unidimensional definido pelo autor da seguinte forma:

refere-se principalmente a um modo de vida condizente com o capitalismo vigente e também se expande de forma consensual e com grande tendência totalizante pelo tecido social: de um lado, esse “homem” faz avançar os pressupostos do mercado pelo território econômico, social, político, cultural, científico, tecnológico etc. De outro, avança ainda pelo território subjetivo, notadamente pela produção do desejo inconsciente (p. 113).

As sociedades industrialmente desenvolvidas, unidimensionais, apresentam-se como Estado de bem-estar social que, por sua alta capacidade produtiva, possui condições de satisfazer necessidades vitais ao indivíduo como acesso à saúde e à educação de boa qualidade, entretanto, através da melhoria do poder de aquisição, é capaz também de gerar e satisfazer necessidades supérfluas (BUENO, 2004).

Por causa das contradições existentes no interior das sociedades moldadas pelo capitalismo, Marcuse (1964) refere-se à sociedade unidimensional como aquela cuja tendência está associada tanto ao Estado de bem-estar social, pela grande capacidade de produção de bens e serviços, quanto ao Estado beligerante, por gerar destruição. A sociedade unidimensional, através da alta capacidade administrativo-racional, consegue, dentro dos processos internos próprios de sua sociabilidade, realizar o isolamento ou dissipação dos pontos problemáticos e dos elementos dissociativos que denunciam a sua estrutura, tornando-os passíveis de serem gestados e controlados dentro de patamares que pareçam inofensivos.

Para favorecer o fortalecimento de sua estrutura, assim como, a sua reprodução, a sociedade unidimensional assume algumas características:

Concentração da economia nacional nas necessidades das grandes corporações, sendo o Governo uma força estimulante, sustentadora e por vezes até controladora; deslocamento dessa economia para um sistema mundial de alianças militares, convênios monetários, assistência técnica e planos desenvolvimentistas, assimilação gradativa das populações de operários e “colarinhos brancos”, de tipos de liderança nos negócios e no trabalho, de atividades de horas de lazer e aspirações em diferentes classes sociais; fomento de uma harmonia preestabelecida entre a erudição e o propósito nacional; invasão da vida no lar pelo companheirismo da opinião pública; abertura da alcova aos meios de informação em massa (MARCUSE, 1964, p. 38).

O capitalismo tardio americano foi o modelo de sociedade que serviu de base para os estudos de Marcuse e para a denominação das sociedades industriais como sociedades unidimensionais. Estas sociedades se materializam através da absorção de todas as manifestações públicas e privadas de relações sociais, da racionalização da sociedade e, sobretudo, dos instintos dos seres humanos. Manifesta-se de forma impositiva à afirmação de pensar as relações sociais de forma unilateral, desconsiderando qualquer pensamento que venha a chocar-se com os interesses do *status quo* vigente (PEIXOTO, 2011).

Como crítico do modo de produção capitalista e, principalmente, das formas de dominação que este modo de produção exerce sobre a vida humana, Marcuse (1964) apresenta algumas considerações acerca das sociedades ocidentais, definindo a forma como a organização racional dos processos técnicos, articulados

com processos políticos e intelectuais, tem dado conta em justificar as contradições do próprio modo de produção capitalista, a saber:

Uma falta de liberdade confortável, suave, razoável e democrática prevalece na civilização industrial desenvolvida, um testemunho de progresso técnico. De fato, o que poderia ser mais racional do que a supressão da individualidade na mecanização de desempenhos socialmente necessários, mas penosos; a concentração de empreendimentos individuais em organizações mais eficazes e mais produtivas; a regulamentação da livre competição entre sujeitos econômicos desigualmente equipados; a redução de prerrogativas e soberanias nacionais que impedem a organização internacional dos recursos? O fato de também essa ordem tecnológica compreender uma coordenação política e intelectual pode ser um acontecimento lamentável, mas promissor (MARCUSE, 1964, p.23).

A atratividade gerada pelas sociedades avançadas leva à adesão da forma como elas estão estruturadas cujos padrões estáveis estão longe de ser uma realidade, mas o “progresso” e a evolução constante da produção e do seu aparato são mecanismos que impedem qualquer cogitação de pensar de forma oposta à lógica estabelecida. A sedução exercida pela potente organização produtiva absorve qualquer energia que possa desagregar a conjuntura social posta e formulada pelo aparato técnico.

Nesse caso, não havendo a percepção das formas de controle presentes, pois estão obscurecidas pelo poder do aparato técnico presente em tais sociedades, o não conformismo com o sistema estabelecido parece descabido. Ao que parece, a dominação estabelecida pela sociedade capitalista tardia é realizada a partir de uma repressão silenciosa que se consolida invisivelmente a partir da grande quantidade de mercadorias que são geradas pelo aparato produtivo. Quantidade esta potencializada pelo aparato técnico que favoreceu a consolidação de comportamentos convergentes com as formas de sociabilidades regidas principalmente pelas normas econômicas. A escassez antes presente dá lugar à sociedade afluenta caracterizada pela abundância, pelo padrão de vida materialmente crescente (SEVERIANO, 1992).

Com isso, desenvolve-se na sociedade capitalista, relações sociais sem um terror aberto, consolidada a partir da liberdade administrada e do controle dos instintos que passam a ser fatores imprescindíveis para o aumento da produtividade



dentro da lógica social opressora vigente. A crescente produtividade econômica e tecnológica se tornou a própria personificação da destruição da vida, apontada nas diferentes agressões que o sistema social hegemônico inflige sobre o planeta e sobre o homem, a saber: “exaustão de matérias-primas, de forças de trabalho, poluição do ar, da água e violência generalizada” (PEIXOTO, 2011, p. 157).

A sociedade de consumo possui alta capacidade produtiva e, na mesma medida, capacidade destrutiva em grandes proporções. A racionalidade presente na técnica e na ciência impulsionou a produção, resultando no chamado “progresso” das sociedades industrialmente desenvolvidas. Disso resultou a formação do Estado de bem-estar social acompanhado do controle político que determina as necessidades a serem geradas que interessam à sociedade capitalista, colocando tais interesses em convergência com as dos indivíduos.

Estes indivíduos podem ser comparados com engrenagens para o funcionamento do sistema, e precisam estar bem ajustados para contribuir com o “progresso” social. O resultado disso é a unidimensionalização do indivíduo que passa a ter sua consciência instrumentalizada pelo aparato técnico para a formação de um ambiente social propício à reprodução da lógica social vigente. Assim, a coisificação do homem parece estabelecer-se de forma natural, despercebida (PEIXOTO, 2011).

A unidimensionalização do indivíduo resulta do papel preponderante que o aparato técnico possui no processo de mascaramento das contradições e problemas gerados pelo modo de produção capitalista e da capacidade que possui de gerar conformismo através da abundância. Os processos técnicos do aparato, através da sua crescente racionalização para atender aos interesses do capitalismo, viabilizaram as condições que importavam ao avanço e desenvolvimento das sociedades industriais que, no mesmo ritmo que evoluíram, tenderam a gerar, em igual ritmo, a opressão das liberdades.

O aparato técnico tornou-se um instrumento potencialmente eficaz para os propósitos de dominação humana que acontece primordialmente pela capacidade de produção de mercadorias em abundância, docilizando a sensibilidade perceptiva acerca das contradições da realidade que se apresenta. Cria uma ilusão que se manifesta em formas de sociabilidades que inviabilizam a percepção da realidade.

Isso se dá através de necessidades aparentes que servem para atender exclusivamente ao modo de produção capitalista. Isso acontece, sobretudo, através

do consumo de bens e serviços supérfluos por parte da população. Na mesma proporção que os indivíduos passam a aceitar as necessidades supérfluas geradas pelo sistema capitalista como suas, cresce também o controle social ao qual estão submetidos os indivíduos. As adesões às falsas necessidades e aos desejos estimulados pelo aparato técnico fortalecem nos indivíduos a repressão de suas subjetividades que passam a estar marcadas inconscientemente pela lógica dominante do mercado (BASTOS, 2014).

O aparato técnico unidimensionaliza o homem e sua consciência determinando as subjetividades que devem compor a vida. A racionalização inerente aos processos técnicos perpetuou a dominação do homem pelo homem. O aparelhamento tecnológico determinado pelo modo de produção capitalista configura a técnica e as formas como esta se manifesta na dinâmica social, fazendo com que assuma características desumanas, já que amplia a lógica de dominação enquanto eleva a capacidade produtiva da sociedade.

Apesar de a técnica possuir características mais destrutivas do que construtivas nas mãos da ordem do capital, Marcuse (1964) aponta para alternativas pelas quais a técnica pode assumir uma condição estruturante mais humana na sociedade, com um teor político distinto, oposto ao atual. A técnica e as possibilidades advindas dela podem ter valores condizentes com as reais necessidades humanas podendo, inclusive, ser um fator de justiça social capaz de produzir o suficiente e possibilitar condições de vida qualitativamente melhores. O intelectual exemplifica da seguinte forma:

Os processos tecnológicos de mecanização e padronização podem liberar energia individual para um domínio de liberdade ainda desconhecido, para além da necessidade. A própria estrutura da existência humana seria alterada; o indivíduo seria libertado da imposição, pelo mundo do trabalho, de necessidades e possibilidades alheias a ele; ficaria livre para exercer autonomia sobre uma vida que seria sua. Se o aparato produtivo pudesse ser organizado e orientado para a satisfação das necessidades vitais, seu controle bem poderia ser centralizado; tal controle não impediria a autonomia individual, antes tornando-a possível (p. 24).

Ao contrário dessa proposição mais humana apresentada, a lógica de utilização do aparato tecnológico segue uma direção de repressão e dominação. Ao

se desenvolver, o aparato fortalece e aprofunda as condições sociais vigentes, impondo-se através das suas próprias exigências que submetem a economia e a política aos seus interesses, cobrindo assim, cada vez mais, o tecido social e, com isso, estabelece uma espécie de ditadura silenciosa, naturalizando as relações e não permitindo que possibilidades distintas de refletir a sociedade emergjam e se estabeleçam.

A sociedade industrial assume, então, uma postura totalitária. A questão do totalitarismo é tratada por Marcuse (1964) da seguinte forma:

Em virtude do modo pelo qual organizou sua própria base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende a tornar-se totalitária. Pois “totalitária” não é apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-econômica não terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos. Impede, assim, o surgimento de uma oposição eficaz ao todo (p. 24 e 25).

A organização política do aparato técnico possibilita tal totalitarismo. O poder político das sociedades industriais tende a se estabelecer através do desenvolvimento técnico e científico que está disponível nas sociedades industriais e atua sob os indivíduos através da capacidade que o aparato técnico possui de suprir as diversas necessidades vitais e supérfluas geradas nos indivíduos.

Essa dinâmica entre controle político e aparato técnico visa amenizar as contradições ideológicas presentes nas sociedades industrialmente desenvolvidas. As tensões próprias do contexto social conservador passam a ser obscurecidas por necessidades falsas que são geradas pelo aparato técnico-produtivo tendo em vista o envolvimento dos indivíduos à adesão de tais necessidades. Os indivíduos passam a tomar as necessidades falsas como realmente suas e permanecem ocupados com elas em detrimento de questões mais amplas e importantes. As necessidades falsas cumprem com o objetivo de suavizar as relações sociais desumanas, conferindo à realidade social uma aparência propícia à aceitação dos condicionantes conservadores nas consciências dos indivíduos.

Com isso, a presença do totalitarismo na sociedade unidimensional representa a uniformização da vida e das formas de condutas a favor das sociabilidades próprias do mercado. Além disso, essa forma de totalitarismo

mercadológico consolida-se tanto no plano político quanto no plano técnico-econômico, no sentido de fazer prevalecer a lógica de dominação e a garantia das benesses advindas do *status quo* social à classe minoritária (PEIXOTO, 2011).

A supremacia política daqueles que controlam os meios de produção e, por conseguinte, regem e dão forma à sociedade, só é possibilitada por causa da máquina ter se tornado superior ao indivíduo e a quaisquer grupos de indivíduos. Nesse sentido, para Marcuse (1964) a máquina tornou-se “o mais eficiente instrumento político de qualquer sociedade cuja organização básica seja a do processo mecânico” (p. 25).

Tendo em vista esta questão, Marcuse (1964) alerta para o fato de que o poder existente na máquina é apenas o poder transferido do homem para ela. Trata-se da dominação do homem pelo aparelhamento da técnica, tendo como base aspectos ideológicos que seguem o sentido de conformar através da grande produtividade proporcionada pelo aparato técnico, enquanto esconde as verdadeiras relações sociais prevalecentes.

Existe outra questão que se ergue em relação com a busca pela libertação do indivíduo das amarras do aparato técnico politicamente ideologizado para perpetuar a dominação de uma minoria. É o discurso de “liberdade” e de “sociedade livre” pregada e promovida pelo aparato da sociedade unidimensional que assume tendências valorativas distintas das possibilidades reais de liberdade do homem. Prevalece a liberdade das minorias às custas da maioria dos homens, isto é, enquanto o “progresso” do capital avança é deixado um rastro de destruição e morte.

Compreender a questão da liberdade em condições distanciadas da aparência, isto é, na forma como se apresenta na realidade através do discurso liberal, é importante para elucidar e fazer transparecer a essência. Nesse sentido, continuaremos apresentando o pensamento de Marcuse sobre a falsa ideia de liberdade presente nas falsas necessidades assimiladas pelos indivíduos através da influência do aparato técnico para, depois de reveladas as aparências do objeto liberdade, apontarmos a essência contida na noção concreta de realidade.

### **3.2.3 Racionalidade Técnica e Sociedade Unidimensional: A Tensão entre Necessidade e Liberdade como Elemento Essencial para a Emancipação Humana.**

Para Marcuse (1964), o alcance da real liberdade pelo homem requer a libertação de diferentes esferas da vida humana aprisionadas pela lógica da sociedade unidimensional capitalista, a saber:

Assim, liberdade econômica significaria liberdade de economia – de ser controlado pelas forças e relações econômicas, liberdade de luta cotidiana pela existência, de ganhar a vida. Liberdade política significaria a libertação do indivíduo da política sobre a qual ele não tem controle eficaz algum. Do mesmo modo, liberdade intelectual significaria a restauração do pensamento individual, ora absorvido pela comunicação e doutrinação em massa, abolição da opinião pública juntamente com os seus forjadores (p.26).

Nesse sentido, o alcance da real liberdade pelo homem só poderá acontecer a partir da conscientização do homem sobre a sua condição de explorado, de dominado pelo sistema vigente. Para isso, é necessário identificar as reais necessidades vinculadas à vida humana, ou seja, estabelecer de forma clara a distinção entre as necessidades falsas e as necessidades verídicas da existência humana.

As necessidades falsas são aquelas forjadas para cumprir a tarefa de exercer sobre o indivíduo uma força de repressão à sua liberdade de modo que o leve a servir a interesses sociais particulares. As necessidades falsas cumprem o propósito de submeter o indivíduo aos seus ditames, escravizando-o a essas necessidades que apenas poderão ser satisfeitas (ou não) pelo aparato técnico. Permanece, com isso, a dependência do indivíduo ao sistema vigente. Como bem afirma Perencini (2012):

A liberdade é vista agora como um poderoso instrumento de dominação já que se encontra institucionalizada no conceito das falsas necessidades criadas pela tecnologia. A concepção de que, com a ideia de progresso tecnológico, as necessidades individuais estão sendo totalmente satisfeitas, anula a busca pela liberdade do indivíduo (p. 82).

A lógica do consumo e das relações mercantis presentes na sociedade industrial não se estabelecem apenas como formas condutoras predominantes nas relações sociais. Essas lógicas se consolidam fortalecendo os vínculos de controle entre o indivíduo e a sociedade que o domina por meio da influência que exercem na consciência do indivíduo levando-o a introjetar necessidades que visam apenas ao conformismo e à manutenção da ordem estabelecida.

De aparência agradável, a falsa necessidade tende a legitimar a repressão, limitando as potencialidades de desenvolvimento do ser humano e, assim, impossibilita a compreensão do todo pelo indivíduo. Evita-se, com isso, o surgimento de ideias ou condutas transformadoras. Como bem afirma Marcuse:

Tais necessidades têm conteúdo e função social determinadas por forças externas sobre as quais o indivíduo não tem controle algum; o desenvolvimento e a satisfação dessas necessidades são heterônomos (1964, p. 26).

A heteronomia presente nas necessidades dos indivíduos (necessidades falsas que assumem importância em suas vidas) são organizadas e estruturadas para atender às demandas de acumulação regidas e legitimadas pela ordem do capital. A racionalidade burguesa se apropria do aparato técnico e estabelece padrões de condutas e comportamentos por meio da docilização das consciências, privilegiando as relações que interessem ao aparato burguês. O indivíduo submetido a essa ordem social passa por um processo racionalmente estruturado que o determina em suas subjetividades. Daí, o que se tem é a presença de um tipo de sociedade politicamente voltada para a formação dos costumes, das condutas e estímulo ao ajustamento aos padrões sociais estabelecidos. Suscita-se, assim, a adaptação necessária ao equilíbrio social, apaziguando as relações e mascarando a dominação de uma classe minoritária que controla os meios produtivos e concentra as riquezas através do aparato técnico.

O resultado da heteronomia sofrida pelos indivíduos em sociedade é a unidimensionalização inclinada à aderência do tipo de política conservadora que restringe possibilidades de mudança. As necessidades dos indivíduos passam a ser

geradas e atendidas pelo modo de produção vigente. Isso gera uma inibição de diferentes possibilidades de se pensar e atuar na sociedade. Desse modo, o capitalismo como mecanismo substancial de atuação dos grandes grupos industriais e financeiros estabelece não apenas o controle material da sociedade, mas também o controle emocional. Para que a concentração material permaneça nas mãos das minorias que controlam os meios de produção é necessário que formas de controle das emoções, descontentamentos, insatisfações e frustrações sejam formulados para moldar o indivíduo no que tange a sua aceitação as condições impostas pelo regime totalitário do capital (BUENO, 2004).

A população majoritária, sem suspeitar que faz parte de um plano político de controle, acaba aceitando as relações prevalecentes na sociedade como naturais, justamente pela presença da falsa consciência acerca da realidade. A partir da naturalização das formas de controle, o indivíduo identifica-se com as mesmas necessidades que o controla e que são geradas pela sociedade que o explora. Nesse caso, há a tendência de aproximação do indivíduo aos diferentes valores produzidos pela sociedade unidimensional, já que é esta a possuidora das condições para atender a tais necessidades.

A consciência popular passa a estar ocupada com os valores unidimensionais fundamentados pela ordem estabelecida da sociedade, ou seja, a capacidade de reflexão, tendo como base um pensamento oposto a esta lógica conservadora, é nula e atende única e exclusivamente à acomodação do indivíduo à sociedade. O conforto e a segurança proporcionados pela ampla quantidade de mercadorias foram capazes de aliviar as tensões e potencializar a ordem das sociedades industrializadas. Com isso, através da acomodação às expectativas proporcionadas pela sociedade unidimensional, o florescer de um pensamento crítico de oposição tende a ser asfixiado, limitando quase que completamente alternativas potencialmente mais comprometidas com o rompimento da heteronomia presente.

A influência da unidimensionalidade gerada nas consciências por meio das falsas necessidades desemboca em outra questão fundamental para a reprodução da lógica de mercado atrelada ao consumo desenfreado: a homogeneização da consciência de classes. O aparato técnico enquanto aspecto gerador de falsas necessidades e potencializador da lógica de dominação, ao colocar os produtos e mercadorias ao alcance do consumo de pessoas pertencentes às classes dominante e trabalhadora, atende à homogeneização dos interesses dessas classes sociais.

Disso, tem-se a anulação das contradições, da oposição à lógica social estabelecida.

A atmosfera aparentemente pacífica e estável da sociedade visa atender ao bom andamento e desenvolvimento dos processos produtivos que abastecem a sociedade enquanto aprofunda as desigualdades sociais. A busca pelo atendimento de necessidades similares refletidas por interesses aparentemente parecidos entre as classes voltados para pretensões de consumo de diferentes mercadorias proporcionadas pelo aparato, fez com que as classes trabalhadora e burguesa (que em épocas anteriores colocavam-se como opostas) passassem a ter interesses convergentes em diferentes aspectos, como objetivos de vida e de consumo de bens e serviços.

A abundância de mercadorias geradas pelo aparato técnico e a possibilidade de colocar tais mercadorias à disposição do consumo dos indivíduos de forma ampla em sociedade causa uma aceitação submissa à lógica da sociedade capitalista. Há, então, a heteronomia das pessoas em relação ao aparato técnico a serviço da sociedade unidimensional. A homogeneização das classes representa a própria forma ideológica de controle exercida pelo aparato técnico na sociedade (MARCUSE, 1964). Sobre a questão da homogeneização de classes, Marcuse (1964) nos apresenta o seguinte exemplo:

Se o trabalhador e seu patrão assistem ao mesmo programa de televisão e visitam os mesmos pontos pitorescos, se a datilógrafa se apresenta tão atraentemente pintada quanto a filha do patrão, se o negro possui um Cadillac, se todos leem o mesmo jornal, essa assimilação não indica o desaparecimento de classe, mas a extensão com que as necessidades e satisfações que servem à preservação do estabelecimento é compartilhada pela população subjacente. (1964, p. 29).

As falsas necessidades aprisionam os indivíduos nas determinações que interessam ao capitalismo. A racionalidade capitalista presente no aparato técnico determina o universo social como altamente consumista e, por meio das falsas necessidades, mobiliza as consciências dos indivíduos à adesão da sociabilidade do consumo como a única forma de obtenção da felicidade.



A homogeneização dos interesses de classes se dá através da ideologia da realização dos desejos de consumo das mercadorias, dos serviços, do conforto e das comodidades gerados pelo aparato técnico. A promessa de boa vida se concretiza a partir do ajustamento do indivíduo ao processo de fortalecimento econômico por meio do trabalho, o que garantirá, em consequência, a realização dos desejos de consumo individuais. Instaura-se, assim, a sociedade unidimensional como representação das formas de pensamento presentes nas relações sociais. A dominação exercida pela lógica unidimensional de pensar a sociedade se dá sobre o indivíduo, e este, não conseguindo identificar os fatores de dominação que estão sobre si mesmo, acaba sendo o próprio propagador da dominação ao qual está submetido.

Nesse sentido, a questão das falsas necessidades é um importante aspecto a ser considerado quando se trata da libertação dos indivíduos da lógica que os oprime. Assim, a breve exposição acerca das falsas necessidades serve para prosseguirmos com a discussão sobre a propagação e aceitação da racionalidade presente nas sociedades capitalistas ocorrida, sobretudo, por meio do aparato técnico produtivo cujo papel docilizador das consciências ajuda na inibição de possibilidades verídicas de liberdade dos indivíduos para a maximização de uma liberdade aparente. Não há qualquer possibilidade de libertação sem que o indivíduo tenha o conhecimento da sua condição de reprimido, de dominado (PERENCINI, 2012).

### **3.2.4 Liberdade como aparência e como essência**

O universo das necessidades e satisfações deve ser refletido e pensado tendo em vista a veracidade e a falsidade presentes nos fatos da realidade. Os parâmetros de julgamento entre veracidade e falsidade das necessidades relacionadas à existência humana precisam necessariamente atender às prioridades do desenvolvimento ótimo dos homens no que diz respeito às suas potencialidades tendo, para este fim, os recursos materiais e intelectuais disponíveis e que estão ao alcance do homem (MARCUSE, 1964).

É pressuposto que tais pretensões ideais de desenvolvimento humano só acontecerão a partir de outro contexto social que propicie possibilidades qualitativamente superiores de desenvolvimento e de existência humana

(MARCUSE, 1964). Assim, importa desvelar o véu que cobre as relações sociais e a forma como estas se apresentam na realidade.

Como bem afirma Marcuse (1964),

(...) “veracidade” e “falsidade” das necessidades designam condições objetivas no quanto a satisfação universal das necessidades vitais e, além disso, a suavização progressiva da labuta e da pobreza sejam padrões universalmente válidos (p. 27).

A discussão em torno das necessidades se faz válida para encaminhar a descoberta das relações que as determinam e que geram, conseqüentemente, as formas que moldam a vida humana, além de deflagrar as aparências fomentadas pelo aparato técnico sobre essas necessidades.

Cabe, então, conhecer as falsas necessidades que distorcem a realidade na sociedade unidimensional e que entorpecem os sentidos favorecendo a dominação e controle do homem pelo homem. A revelação dos fenômenos sociais pseudoconcretos<sup>18</sup> que atuam sobre a consciência humana, aprisionando-a ao reducionismo da vida aos limites econômicos oferecidos pelo modo de produção capitalista, torna-se imprescindível para a descoberta dos fatores que atuam falsamente em forma de necessidades. O revelar se faz necessário para destruir a pseudoconcreticidade inerente às necessidades que obscurecem a realidade imposta pelo sistema de acumulação de capital.

O passo em direção ao desmascaramento das falsas necessidades deve ser perseguido para a libertação do homem de sua própria consciência (unidimensional). Sendo assim, se faz imprescindível o seguinte questionamento: quais necessidades apresentam-se como falsas e quais seriam então as verdadeiras? Para Marcuse (1964), sem tal questionamento pouco (ou nada) se fará para estabelecer um novo projeto social distinto do que se apresenta. Partindo desse questionamento, o intelectual alemão coloca o próprio indivíduo como único capaz de responde-lo que, por sua vez. Este, entretanto, só poderá obter a resposta a partir da identificação dos fatores que determinam a sociedade e da condição de dominação estabelecida,

---

<sup>18</sup> Termos como “pseudoconcreto” e “pseudoconcreticidade” são conceitos e estão relacionados à realidade baseada pela aparência e não pela essência. Deve-se, portanto, destruir a pseudoconcreticidade da realidade, ou seja, a aparência que está sobre o fenômeno para se atingir a essência, os fatos concretos da realidade social (KOSIK, 1976).

para daí ter claras as reais necessidades que devem nortear a vida em uma perspectiva qualitativamente superior.

A conscientização das condições objetivas que estruturam a sociedade unidimensional deve servir para a superação da lógica de dominação que oprime o indivíduo por meio de necessidades falsas. Como bem diz Marcuse (1964),

Toda libertação depende da consciência de servidão e o surgimento dessa consciência é sempre impedido pela predominância de necessidades e satisfações que se tornaram, em grande proporção, do próprio indivíduo. O processo substitui sempre um sistema de condicionamento por outro; o objetivo ótimo é a substituição das falsas necessidades por outras verdadeiras, o abandono da satisfação repressiva (p. 28).

A satisfação repressiva mencionada por Marcuse é o amordaçamento do indivíduo através da sensação de bem-estar proporcionado pela grande quantidade de mercadorias disponível na sociedade capitalista. Essa condição é uma forma de aprisionamento do indivíduo à realidade baseada em aparências. Dessa forma, as falsas necessidades fomentadas pelo aparato técnico, ideologicamente aparelhado pelos valores próprios do modo de produção capitalista, adentram nas consciências como uma forma de suavização e contenção dos sentidos, de obscurecimento dos verdadeiros fatos, e atua como uma mordaza que inviabiliza a denúncia da realidade.

A partir da imersão do indivíduo nas formas de vida que geram a satisfação repressiva, há o surgimento das condições emocionais favoráveis à reprodução do modo de produção capitalista. Nesse sentido, a sociedade industrial racionalizada, tecnologizada e de grande produtividade desenvolveu seu aparato para atender e proteger ainda mais os interesses da classe que domina e controla os meios de produção.

A dominação do homem pelas formas de sociabilidades próprias da sociedade unidimensional reduziu a condição humana ao individualismo gerador de exclusão, sobrepondo-se, assim, aos valores coletivos potencialmente mais inclusivos. A proclamação da liberdade na sociedade unidimensional é a materialização de uma ordem fundamentada em ilusões, pois o aumento da dominação do aparato técnico se dá especificamente para atender à lógica mercantil da produção e não às necessidades reais de todos os homens. Nesse contexto, não

são permitidos quaisquer tipos de pensamentos e condutas livres das amarras da “liberdade”.

O aparato técnico tornou-se uma potência determinante na produção material da sociedade. As mercadorias em abundância exercem uma influência limitante das consciências. A repressão se estabelece por meio da busca das satisfações individuais, descaracterizando a percepção de coletividade própria da existência humana. O indivíduo passa a ser condicionado pela sociedade unidimensional, tendo como perspectiva de vida a lógica consumista do capital, de obtenção das mercadorias em circulação.

Dessa forma, a sociedade unidimensional livra-se de críticas e de questionamentos pertinentes às contradições existentes. Por meio do desenvolvimento técnico proporcionado pelo aparato técnico, ocorreu o fortalecimento do pensamento unidimensional que também se expandiu, sujeitando as consciências a aderirem à conjuntura social estabelecida, ou pelo menos a não incomodá-la. A legitimação do aparato técnico pressupõe, enganosamente, uma ideia de liberdade aparente, já que se vincula diretamente com processos racionais de controle para garantir a sua ampliação em detrimento de padrões qualitativos superiores de vida referente à possibilidade de uma verdadeira liberdade.

Nesse caso, a identificação do indivíduo com o aparato através da inculcação sutil do pensamento unidimensional é deflagrada por Marcuse (1964) como o caráter racional da irracionalidade da civilização industrial desenvolvida, visto que transforma às contradições inerentes a uma lógica de funcionamento desumana em simples efeitos colaterais inevitáveis às sociedades que visam o progresso. Mascaram-se as atrocidades do sistema, fetichiza-se a vida por meio de bens de consumo. O caráter da racionalidade irracional do aparato técnico pode ser exemplificado assim:

Sua produtividade e eficiência, sua capacidade para aumentar e disseminar comodidades, para transformar o resíduo em necessidade e a destruição em construção, o grau com que essa civilização transforma o mundo objetivo numa extensão da mente e do corpo humanos tornam questionável a própria noção de alienação. As criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel, *hi-fi*, casa em patamares, utensílios de cozinha. O próprio mecanismo que ata o indivíduo à sua sociedade mudou, e o controle social está ancorado nas novas necessidades que ela produziu (MARCUSE, 1964, p. 29 e 30).

A ótica das sociedades industrialmente desenvolvidas está ancorada no progresso técnico-produtivo como aspecto potencializador da produção cujos benefícios poderão ser aproveitados melhorando a vida da população.

A aceitação da forma racional técnico-produtiva sobre as consciências fez com que Marcuse (1964) trouxesse indagações sobre a questão da alienação presente nas sociedades unidimensionais. Ao que parece, a alienação não mais é um fator externo influenciador de controle. Ela passa a estar fundamentada precisamente nas bases da sociedade unidimensional.

Desse modo, os indivíduos projetam seus interesses e satisfações de modo a convergirem com os interesses e necessidades geradas pelo aparato da sociedade industrialmente desenvolvida, ocasionando uma absorção do indivíduo pela conjuntura social. Esse indivíduo, absorvido pela sociedade unidimensional, possui tamanha proximidade com os valores fomentados por ela que acaba se identificando com as necessidades falsas geradas pelo aparato.

Essa conjuntura unidimensional cujo pensamento dos indivíduos assume uma determinada positividade frente à realidade contraditória, sendo, portanto, alienado através das falsas necessidades, parece ser a forma peculiar onde as sociabilidades acontecem no interior das sociedades industrialmente desenvolvidas. As relações sociais, caracterizadas pela unidimensionalidade da ordem do capital, não parecem ser, portanto, uma ilusão formada pela sociedade, mas passam a ser a própria característica dela, ou seja, uma sociedade que precisa constantemente estar assentada em ilusões acerca da forma como se manifesta realmente. Nesse sentido, sobre os indivíduos submetidos e identificados com a dominação, Marcuse (1964) afirma que “essa identificação não é uma ilusão, mas uma realidade” (p. 31), e salienta, ainda, acerca da imersão do sujeito nessa sociedade:

O sujeito que é alienado é engolfado por sua existência alienada. Há apenas uma dimensão, que está em toda a parte e tem todas as formas. As conquistas do progresso desafiam tanto a condenação como a justificação ideológicas; perante o tribunal dessas conquistas, a falsa consciência de sua racionalidade se torna a verdadeira consciência (MARCUSE, p. 31).

A técnica manifestada considerou o controle da sociedade e de seus integrantes em um processo de administração total na direção da ordem social vigente. As condutas e comportamentos, assim como as formas de pensar e refletir sobre o mundo e o modo como está inserido o indivíduo no contexto social, são formulados pelo aparato técnico para garantir a reprodução da lógica social.

A sociedade unidimensional, ao se desenvolver e se ampliar cada vez mais, gera um tipo de pensamento peculiar: o pensamento unidimensional. Este tipo de pensamento visa positivar as formas sociais estabelecidas ocorridas no interior das sociedades regidas pelo modo de produção capitalista. O pensamento unidimensional passa a fazer parte das consciências dos indivíduos, sendo estes os próprios veiculadores e propagadores da ideologia dominante própria do sistema que os escraviza de forma material e psicológica.

Daí, há a crescente proliferação do pensamento positivo (conservador) e, na mesma medida, o apagamento ou absorção do pensamento negativo (opositor) pela predominância do positivo. O aparato técnico, desse modo, acaba por gerar a ditadura unidimensional do pensamento, preparando para a dominação: acumulação de capital por parte da classe dominante em detrimento de uma vida melhor para todos os homens. A formação do pensamento positivo, assim, é um importante elemento para a docilização das consciências perante a realidade que se apresenta. Disso, resulta o fortalecimento do modo de produção capitalista, já que o pensamento de oposição da lógica social vigente perde o poder contestatório perante a influência que exerce o aparato técnico.

Apresentaremos em seguida as considerações de Marcuse (1964) sobre o pensamento unidimensional como forma de representação social que positivava a ideologia das sociedades industriais e sobre a viabilidade do pensamento negativo na conjuntura social predominantemente baseada pelo pensamento positivo.

### **3.2.5 A razão científica moderna como pensamento positivo**

A ciência moderna teve papel fundamental na vida e na transformação da realidade humana. Foi capaz de conhecer a natureza e os elementos que a compõem e, a partir disso, forneceu os conhecimentos necessários para que o homem atuasse sobre o mundo e pudesse conferir a ele os moldes humanos. A partir dos conhecimentos adquiridos acerca da estrutura dos elementos fornecidos

pela natureza, esta passou a ser parte da vida do homem que passou a atuar sobre a natureza no sentido de um contínuo processo de conhecimento e transformação.

A ciência moderna por meio do conhecimento adquirido sobre a natureza tornou-se um aspecto capaz de romper com os limites que eram impostos à vida do homem. A natureza tornou-se um instrumento manipulado destinado à satisfação dos diferentes propósitos e necessidades humanos. O crescente desenvolvimento científico gerou a dominação da natureza que, por sua vez, só foi possível por causa do desenvolvimento de uma base técnico-científica que pudesse proporcionar o controle e a dominação da natureza.

Essa lógica científica é a forma de racionalidade assumida e tem como fundamento a objetividade advinda das formas científicas quantificáveis como elemento capaz de proporcionar a confiabilidade e universalidade em relação aos dados do conhecimento. Dessa forma, é possível generalizar estes conhecimentos aos diferentes propósitos do homem voltados para a manipulação e a transformação da natureza.

Tal racionalidade científica tem a objetividade como aspecto predominante que determina a ciência mantendo o potencial da subjetividade distante de qualquer discussão. Os dados subjetivos acerca da realidade não são passíveis de serem quantificados, por isso, a sua validade científica é duvidosa. Para a ciência moderna, a objetividade é o valor que determina a verdade e a fidedignidade dos dados da realidade.

Essa racionalidade presente na ciência moderna foi denominada por Marcuse (1964) de positiva. Para ele, a ciência moderna realmente foi capaz de transformar o homem no senhor do mundo, colocando a natureza aos seus serviços. Entretanto, esta racionalidade científica positiva que possibilitou ao homem dominar a natureza, foi a mesma que favoreceu a perpetuação da dominação do homem pelo homem.

A lógica de dominação persiste de modo distinto da relacionada com a fase pré-tecnológica. Nas sociedades tecnológicas, com alto grau de desenvolvimento industrial, a dominação se estabelece pela afluência de mercadorias possibilitada pela força produtiva do aparato técnico. A dominação sofrida pelos indivíduos acontece por meio da identificação desses indivíduos com o aparato técnico cuja abundância de mercadorias exerce certa influência de adesão ao aparato técnico. A lógica que embasa a dominação é a do fomento de condutas e comportamentos favoráveis ao contexto social estabelecido através do desejo de satisfação das

necessidades falsas baseadas pelo desejo de consumo e de obtenção das diferentes mercadorias geradas por esse aparato técnico. Tal lógica empreende algo fundamental ao modo de produção capitalista que é a não contestação das formas de sociabilidade estabelecidas na sociedade. Isso se dá pelo fato dos interesses da classe trabalhadora convergirem com os da sociedade unidimensional através do desejo de consumo.

Com isso, a distinção presente no processo histórico de perpetuação da dominação do homem nas fases pré-tecnológicas e tecnológicas das civilizações é caracterizada pela transição de uma lógica de dominação vinculada à dependência pessoal (o escravo, do senhor; o servo, do senhor de herdade<sup>19</sup>; como acontecia na fase pré-tecnológica das civilizações) para à dependência da ordem objetiva (das leis econômicas, do mercado, como acontece nas sociedades tecnológicas assentadas pelo modo de produção capitalista). Nesse sentido, a forma de dominação que prevalece é aquela propiciada pela ciência moderna e pelo aparato produtivo eficiente das sociedades industriais. Esse contexto social é explicitado da seguinte forma:

Sem dúvida, a ordem “objetiva das coisas” é, ela própria, o resultado da dominação, mas é, não obstante, verdade que a dominação agora gera mais elevada racionalidade – a de uma sociedade que mantém sua estrutura enquanto explora com eficiência cada vez maior os recursos naturais e mentais e distribui os benefícios dessa exploração em escala cada vez maior. Os limites dessa racionalidade e sua força sinistra aparecem na escravização progressiva do homem por um aparato produtor que perpetua a luta pela existência, estendendo-o a uma luta total internacional que arruína a vida dos que constroem e usam esse aparato (MARCUSE, 1964, p. 142).

Como apresentado, a capacidade que o aparato técnico produtivo tem de formar consensos através da afluência de mercadorias na sociedade industrial é um fato considerável. Essa grande quantidade de mercadorias abastece a sociedade passando uma sensação de satisfação e segurança aos indivíduos que estão sob a dominação do aparato técnico. Essa realidade gerou também uma acomodação a uma espécie de pseudoliberalidade oferecida pela ordem vigente.

---

<sup>19</sup> Se fizéssemos uma analogia com os tempos atuais, seria algo como um fazendeiro ou grande proprietário de terras.



Todas essas colocações que propiciam a acomodação do indivíduo na realidade conservadora do *status quo* possui base na organização errônea das sociedades industriais. Nestas sociedades, as possibilidades de atuação de um tipo de pensamento capaz de negar a ordem social vigente foi absorvida pelo pensamento positivo. Dessa forma, o pensamento positivo prevalece, estabelecendo-se de forma totalitária no contexto e relações sociais. Com isso, as alternativas que contestam a realidade são suprimidas (MARCUSE, 1964). Assim,

(...) é natural apenas para um modo de pensar e de comportamento que não deseja e talvez mesmo seja incapaz de compreender o que se está passando e porque está acontecendo, um modo de pensar e de comportamento que é imune a qualquer outra racionalidade estabelecida. Desde que correspondam à realidade em questão, o pensamento e o comportamento expressam uma falsa consciência, reagindo à preservação de uma falsa ordem dos fatos e contribuindo para ela. E essa falsa consciência se corporificou no aparato técnico prevalecente, o qual, por sua vez, o reproduz (MARCUSE, 1964, p. 143).

Nesse sentido, a consciência prevalecente passa a ser positiva. O aparato técnico que sustenta a ordem social vigente passa a ter condições plenas de atuação na realidade sem ser contestado em seus modos de atuação intensificadores da dominação do homem. A consequência disso é a reprodução da sociedade

num crescente conjunto técnico de coisas e relações que incluiu a utilização técnica do homem – em outras palavras, a luta pela existência e a exploração do homem e da natureza se tornaram cada vez mais científicas e racionais (MARCUSE, 1964, p. 143).

Desse modo, a atmosfera social desenvolvida e avançada contrasta com a dominação dos homens aos ditames de um aparato técnico altamente produtivo que poderia ser capaz de libertar o homem ao invés de escravizá-lo. Essa forma de concepção técnico-científica está fundamentada no desenvolvimento do tipo de racionalidade que deu base à ciência moderna pautada pela quantificação da natureza e por uma pretensa objetividade. Essa racionalidade científica eliminou da sua estrutura interna os valores axiológicos que também determinam os objetos

científicos. A quantificação da natureza, enquanto dado explicado por meio de estruturas matemáticas, “separou a realidade de todos os fins inerentes e, conseqüentemente, separou o verdadeiro do bem, a ciência da ética” (MARCUSE, 1964, p. 144).

Os valores humanos que perpassam a atuação científica são deixados de lado no processo de explicação dos objetos de interesse científico presentes na realidade. A falta de mensurabilidade dos valores tidos como subjetivos os torna incapazes de serem considerados como elementos potencialmente científicos que possam conferir os rumos da ciência instrumental. A interpretação de dados axiológicos também presentes na realidade são considerados como subjetivos, e por não serem passivos de submissão ao mesmo método científico que determina a objetividade do objeto estudado, acabam sendo vulgarizados a ponto de não mobilizarem contestações que possam ampliar a compreensão dos objetos científicos.

Aspectos axiológicos, como o bem, o belo, a paz e a justiça, não tendo qualquer validade científica acabam também não tendo qualquer validade como proposições universais na realidade e desfalecem-se diante da razão científica e do método positivo adotados. De acordo com Marcuse (1964):

o caráter anticientífico dessas ideias enfraquece a oposição à realidade estabelecida; as ideias se tornam meros ideais, e seu conteúdo concreto e crítico se evapora na atmosfera ética ou metafísica (p. 145).

Assim, o desenvolvimento das ciências naturais assume um *a priori* tecnológico pois enxerga a natureza de forma instrumental e assume a função de introduzir meios que possam interferir de forma eficaz sobre a natureza que passa a servir a uma manipulação. A manipulação da natureza, por sua vez, precederá outra manipulação: a do tipo tecnocrática das sociedades industriais e, principalmente, dos homens inseridos nelas. O *a priori* tecnológico é, assim, o *a priori* político, já que a instrumentalização da natureza é também a dos homens. A transformação ocorrida na natureza é também a transformação sofrida pelos homens. O produto da transformação da natureza é originado de atividades sociais

nas quais um produto, depois de produzido, retorna ao âmbito social influenciando e, por isso, modificando as relações humanas (MARCUSE, 1964).

Pelo potencial transformador advindo da técnica e, sobretudo, de sua capacidade de produção material que se tornou universal, Marcuse (1964) considera a técnica como o elemento que influencia e transforma as relações humanas, reescrevendo toda a cultura inerente ao homem, assim como a sua história e o seu mundo.

A racionalidade científica assumida pelas sociedades industriais possui como característica a realidade tecnológica advinda das formas instrumentais pelas quais se manifesta. A técnica, como instrumento eficaz de manipulação da natureza, tornou-se o elemento impulsionador do projeto político de conformação dos homens à ordem estabelecida. Esta técnica é a representação do modelo científico seguido e adotado pelas sociedades desenvolvidas industrialmente e o motor do capitalismo presente nestas sociedades.

A instrumentalização técnica transcende o plano teórico e alcança o plano da prática também nas relações humanas. Acompanhadas desta instrumentalização técnica existe uma negação das subjetividades, dos valores. O potencial axiológico é negligenciado pela ciência moderna. Assim, a ciência moderna enrobustece e passa a submeter à vida humana à objetividade dos interesses do aparato técnico. A lógica da dominação cresce à medida que o aparato técnico manifesta a sua racionalização no interior dos processos de administração da vida em sociedade. Essa racionalização assume o caráter de administração pela abundância de mercadorias, silenciando o pensamento negativo e maximizando o pensamento positivo advindo da lógica instrumental da ciência moderna. Embasando tal questão, Marcuse (1964) afirma que:

(...) os princípios da ciência moderna foram uma estrutura apriorística de tal modo que puderam servir de instrumentos conceptuais para um universo de controle produtor automotor; o operacionalismo teórico passou a corresponder ao operacionalismo prático (p.153 e 154).

A conformação da técnica como instrumental teórico e prático levaram-na a ampliar o poder político no processo de docilização do homem à ordem social.

Apesar do alto potencial produtivo e das possibilidades para a libertação do homem, a tecnologia acentua a dominação dos homens. Isso se dá especificamente pela submissão dos indivíduos ao aparato técnico com todas as comodidades oferecidas e com o aumento da produção de trabalho. A sedução exercida pelo aparato técnico nas consciências humanas esconde a irracionalidade da lógica instrumental por trás da vida, assim como o plano político por trás da conjuntura engendrada pela abundância de mercadorias em circulação na sociedade. Assim,

(...) a ciência, em virtude de seu próprio método e de seus conceitos, projetou e promoveu um universo no qual a dominação da natureza permaneceu ligada à dominação do homem – uma ligação que tende a ser fatal para esse universo em seu todo. A natureza, cientificamente compreendida e dominada, reaparece no aparato técnico da produção e destruição que mantém e aprimora a vida dos indivíduos enquanto os subordina aos senhores do aparato (MARCUSE, 1964, p. 160).

A lógica da dominação estabelecida pelo aparato técnico a partir da racionalização científica positivista inseriu os indivíduos em uma atmosfera social onde a dominação passou a ser a forma naturalizada da racionalidade social. A unidimensionalização das condutas, dos comportamentos e dos modos de pensar dos indivíduos está atrelada à submissão à ordem racional e politicamente organizada da realidade suavizada pela afluência de produtos e comodidades fornecidas pelo aparato técnico. A relação entre o totalitarismo do aparato técnico presente na sociedade e a lógica de dominação possui os seguintes fundamentos:

A eficácia e a produtividade universais do aparato ao qual são subordinados vela os interesses particulares que organizam o aparato. Em outras palavras, a tecnologia se tornou o grande veículo de espoliação – espoliação em sua forma mais madura e eficaz. A posição social do indivíduo e sua relação com os demais não apenas parecem determinadas por qualidades e leis objetivas, mas também essas leis e qualidades parecem perder seu caráter misterioso e incontrolável; aparecem como manifestações calculáveis da racionalidade (científica). O mundo tende a tornar-se o material da administração total, que absorve até os administradores. A teia da dominação tornou-se a teia da própria Razão, e esta sociedade está fatalmente emaranhada nela. E os modos transcendentais de pensar parece transcenderem a própria Razão (MARCUSE, 1964, p.162).

A racionalidade por trás do aparato técnico tendeu a ser a forma exclusiva pela qual a vida humana passou a ser conduzida e automatizou-se na sociedade tornando-se totalitária na conjuntura social. Esse totalitarismo inerente à racionalidade técnico-científica inaugurada pela ciência moderna e veiculada e consolidada pelo aparato, foi capaz de unidimensionalizar, de forma apropriada aos interesses do capital, o pensar acerca do mundo e das relações humanas em sociedade. O pensamento positivo gerado pelo aparato técnico absorve, assim, as contradições existentes e se estende às esferas distintas da econômica. A esfera cultural da vida humana também sofre as influências do mundo inaugurado pela ciência moderna positivista, sofrendo de igual forma as transformações referentes às determinações da racionalidade técnico-científica.

O método científico moderno alinhado com as proposições do positivismo teve papel decisivo na transformação do mundo natural em mundo instrumental. A natureza que antes era objeto de contemplação passou a ser instrumento de manipulação utilizado pelo homem. Este se tornou responsável pelas transformações ocorridas no mundo, nas relações sociais e na cultura humana de modo geral. Com a ampliação crescente do desenvolvimento técnico-científico, a racionalidade desse desenvolvimento serviu como base para as relações humanas, materializando os processos de administração advindos do aparato técnico próprio do modo de produção capitalista cuja sujeição dos homens ocorre para a aceitação através do conformismo realizado por meio da abundância e das comodidades ofertadas pelas sociedades industriais. O pensamento positivo, assim, prevalece nas consciências dos homens.

O pensamento positivo prolifera-se pelos indivíduos inseridos na realidade social criando uma atmosfera de unidimensionalidade das formas de pensar o contexto social. Nega-se ou suprime-se qualquer forma de pensamento contrário à lógica do universo abundante nascida a partir do aparato técnico produtivo. Nasce, assim, a sociedade unidimensional que cria uma rede complexa de relações e mecanismos pseudoconcretos alienadores dos indivíduos baseados em falsas necessidades que geram a falsa sensação de satisfação e, como consequência, a ilusão da liberdade.

No âmbito da sociedade unidimensional, construída a partir da racionalidade científica moderna, há um universo social instrumentalizado para garantir o

“progresso”. A tecnologia desenvolvida serve como concretização da ciência moderna teórica aplicada à prática tendenciosamente utilizada como instrumento de dominação não apenas da natureza mas do próprio homem e de tudo aquilo vinculado a ele.

O método científico que levou à dominação cada vez mais eficaz da natureza forneceu, assim, tanto os conceitos puros como os instrumentos para a dominação cada vez maior do homem pelo homem por meio da dominação da natureza. A razão teórica, permanecendo pura e neutra, entrou para o serviço da razão prática. A fusão resultou benéfica para ambas. Hoje, a dominação se perpetua e se estende não apenas através da tecnologia, mas como tecnologia, e esta garante a grande legitimação do crescente poder político que absorve todas as esferas da cultura (MARCUSE, 1964, p. 154).

A dominação realizada nas sociedades industriais se dá através da tecnologia, sendo esta organizada para exercer tal função dominadora. A sujeição humana à ordem estabelecida tem no pensamento positivo assumido pelos indivíduos destas sociedades a fundamentação para proliferar a dominação nos diferentes contextos da prática social. Nesse sentido, a absorção das diferentes esferas da vida humana por este tipo de racionalidade encontra-se naturalizada, o que favorece a ampliação da unidimensionalidade possibilitada pela razão instrumental advinda do aparato técnico. A partir disso, temos a manifestação de uma espécie de totalitarismo da razão técnica.

Com o totalitarismo da racionalização técnica objetiva, a realidade humana passa a assumir as próprias conotações desta forma de pensar o mundo e os homens. A presença da filosofia positivista sobre o aparato técnico produtivo encarna-se na sociedade influenciando também as formas pelas quais as sociabilidades humanas ocorrem. Tem-se, então, a noção de que as formas objetivas advindas da ciência moderna passaram a predominar nas formas de produção material da vida e, em consequência disso, das relações sociais e culturais humanas. O marco científico positivista presente na racionalização da técnica tendeu a ser manifestado em elementos da cultura humana, como a educação e o esporte, por exemplo.

Nesse sentido, cabe apresentar a dialética como o pensamento negativo capaz de revelar as contradições presentes na realidade. A racionalidade positiva tende a mascarar as contradições inerentes realidade tecnocrática burguesa. A dialética, portanto, parece ser a forma mais profícua de pensar a realidade cuja tarefa é expor a realidade como ela realmente se apresenta, fundada por contradições presentes nos diferentes contextos sociais onde ocorrem as relações humanas.

### **3.2.6 O pensamento dialético como negação da realidade positiva**

A questão da razão é um aspecto central para a filosofia quando busca exercitar qualquer forma de reflexão acerca da realidade e do mundo. As reflexões que são direcionadas à interpretação da realidade têm em vista a busca pela verdade das coisas presentes no contexto social e nas formas como os homens interagem neste contexto.

Para compreender a verdade, é necessário apreender a razão enquanto elemento capaz de extrair a verdade da realidade. Nesse caso, saber como se manifesta a razão a partir do pensamento ocidental se faz imprescindível para identificar as deturpações no processo de busca pelo conhecimento do objeto estudado de modo a permitir a ascensão da verdade.

Nesse sentido, Marcuse (1964) aponta que a razão na filosofia tradicional ocidental decorre do esforço do pensamento em compreender a realidade antagônica. Para ele,

Na equação Razão = Verdade = Realidade, que reúne os mundos subjetivo e objetivo numa unidade antagônica, a Razão é o poder subversivo, o 'poder do negativo' que estabelece, como Razão teórica e prática, a verdade para os homens e as coisas – isto é, as condições nas quais os homens e as coisas se tornam o que realmente são (p. 125).

Para Marcuse (1964), a verdade compreendida a partir da teoria e da prática é compreender a própria ação do homem no mundo. A relação entre teoria e prática na explicação da realidade não se estrutura como um produto de uma condição subjetiva, mas sim uma condição objetiva. Essa é a lógica que dá forma ao

pensamento filosófico ocidental, a manifestação da razão como “o modo de pensar apropriado para compreender o real como racional” (p. 125).

A razão embasada pela real necessidade e busca pela obtenção da realidade está vinculada à compreensão da realidade na forma como se manifesta, permeada por aspectos valorativos conferidos pela própria ação dos homens em sociedade. Compreender as subjetividades presentes na realidade é entender a objetividade das formas como esta realidade se apresenta e, sobretudo, os valores que regem e determinam as sociabilidades que se estabelecem nas relações entre os homens.

A razão sob a lógica comprometida com a revelação dos fatos essenciais da realidade deve subverter a própria realidade ao pensamento negativo. As formas como a realidade se mostra de imediato apenas reflete a aparência contida nela. O pensamento negativo é capaz de revelar as aparências do objeto, permitindo que a verdade apareça, e reflete-se sobre as determinações do contexto social que interferem na vida humana e que influenciam os homens e suas condutas. É, portanto, a busca pela essência da existência humana e a busca pela libertação dos homens das aparências da realidade.

Na sociedade industrial desenvolvida, ao que parece, há uma deturpação do próprio conteúdo da razão. Mesmo sendo a manifestação do poder negativo, de contestação das formas de vida coisificadas, a razão perde o poder negativo dando cada vez mais espaço ao seu oposto, o pensamento positivo, como forma predominante de reflexão acerca da realidade e da própria existência da vida humana. Há, com isso, uma perda do potencial contestatório perante a realidade, inibindo qualquer forma de denúncia da realidade e das possibilidades de transformação.

O pensamento positivo ganha força principalmente por se instalar nas consciências dos indivíduos inseridos na realidade. A abundância de mercadorias produzidas pelo aparato técnico das sociedades industrialmente desenvolvidas propiciou o crescimento deste tipo de pensamento, já que a capacidade do aparato técnico em gerar e satisfazer necessidades falsas fez com que os indivíduos tivessem uma falsa ideia de liberdade e bem-estar.

Atualmente, a conjuntura social proporcionada pelo aparato técnico favoreceu a identificação dos indivíduos com as sociabilidades promovidas pela sociedade neoliberal. Nesse sentido, o pensamento positivo caracterizado pela unidimensionalidade tornou-se a forma predominante de pensar a realidade na



sociedade. Os indivíduos inconscientemente influenciados pela ordem de dominação estabelecida assumiram os valores da sociedade unidimensional como seus, não havendo, portanto, intenções de irem contra os valores postos nas relações sociais.

A conjuntura social definida como o universo totalitário da racionalidade tecnológica configura-se como a própria transformação da ideia de razão pois passa a estar vinculada à lógica de perpetuação da dominação do homem pelo homem. A razão propagada pelo aparato da sociedade unidimensional passa a ser o ponto de convergência entre os interesses dos que controlam e dos que são controlados pelo aparato técnico. A ilusão presente na sociedade suavizada pela razão positiva é capaz de unir, por exemplo, progresso e destruição, liberdade e opressão, potencializando as aparências de progresso e de liberdade e amenizando a percepção da destruição e da opressão.

Para que o pensamento humano seja liberto do reducionismo imposto pelo universo unidimensional, é necessário o resgate da essência da razão no que diz respeito ao seu poder negativo. Para tanto, é preciso que se compreenda que a realidade se manifesta por meio de contrastes. O pensamento positivo e o negativo possuem lugar na realidade, isto é, verdades e falsidades também estão presentes. Na realidade estão contidas as manifestações contraditórias do real. A realidade é formada a partir de coisas que são e não são, e que possuem uma dinâmica de funcionamento dialético.

A realidade apresenta-se imbuída de verdade e falsidades, essa é a forma peculiar de sua materialização e manifestação. A razão será, portanto, aquela capaz de realizar as distinções do que é a verdade e do que é falsidade. A lógica deverá guiar a razão à verdade pois, nesse processo, revela as falsidades, isto é, as aparências presentes na realidade, discernindo o que é aparente para chegar à essência.

A luta pela verdade se configura como a luta contra a destruição da realidade humana vigente. A compreensão da verdade na realidade faz com que a vida humana seja trazida ao comprometimento com a proteção da existência humana para estabelecer possibilidades qualitativamente melhores na relação entre o homem e o mundo. Como bem diz Marcuse (1964): “É o projeto essencialmente humano. Se o homem tiver aprendido a ver e a conhecer o que a realidade é, agirá em concordância com a verdade” (p. 126 e 127).

O contraste é a forma ontológica da realidade, é o mundo antagônico, bidimensional. Nesse caso, os opostos possuem lugar na realidade dos contrastes e, assim, aparência e realidade, inverdade e verdade, liberdade e não-liberdade são elementos que estão presentes e que permeiam a vida dos homens de diferentes maneiras nas relações sociais. Pensar a realidade a partir dos contrastes que se fazem presentes nela é pensar as relações humanas de modo coerente com a bidimensionalidade da realidade. Para Marcuse (1964):

Neste universo, há modos de ser nos quais os homens e as coisas são 'por si' e 'como eles próprios', e modos nos quais não são – isto é, nos quais existem na deformação, na limitação e na negação da sua natureza (p. 127).

A realidade que se apresenta é repleta de tensões e embates fomentados pelas contradições das relações sociais. A descoberta da verdade serve para dotar o homem de subsídios necessários para que não siga o caminho da destruição humana, pois o mundo é permeado por aspectos perigosos transvestidos pelas aparências da realidade que distorcem a visão do homem acerca do que é essencial.

Nesse caso, dentro do contexto antagônico ao qual o homem está inserido, é necessário que ele faça escolhas. Essas escolhas devem seguir determinada ética condicionada ao bem viver de todos os homens. A descoberta da verdade pode contribuir para a condução da vida e de formas de manifestação desta em padrões fundamentados por uma existência humana concreta.

Marcuse (1964) questiona: Como definir o que é a verdade? Qual o conteúdo substancial dela? Como é feita a distinção dentro de uma realidade multifacetada, bidimensional, daquilo que é e daquilo que deve ser? Como a verdade vincula-se a uma forma e não à outra forma? Como distinguir os valores que darão as conotações do que é verdade e do que é inverdade?

Por meio da intuição, como elemento filosófico capaz de lançar sobre o objeto a abstração que represente sua condição ideal, pode-se obter a resposta para essas perguntas. De acordo com Marcuse (1964), a intuição é

uma forma de cognição na qual o objeto do pensamento aparece claramente como aquilo que ele realmente é (em suas qualidades essenciais) e em relação antagônica com a sua situação contingente imediata (p. 127).

A intuição é a forma de mediação da experiência concreta. Coloca em xeque o objeto revelando as formas como se apresenta na realidade, projetando-o fora das condições imediatas em que está situado, atribuindo assim ao objeto uma forma aprimorada a partir de uma ideia do que ele deverá ser. A intuição compreende a exercitação do pensamento na formulação ideal do objeto cuja apreensão por parte do pensamento se dá na abstração, mesmo que o real ideal não esteja materializado. A intuição abstrai do objeto a sua forma ideal, como uma possibilidade que deverá ser perseguida pelos homens para uma vida melhor. Essa forma abstraída do objeto lançado como ideal não alcançado é a verdade.

Para exemplificar essa questão da intuição como elemento capaz de proporcionar um vislumbre da verdade ainda não alcançada, Marcuse (1964) cita a essência do homem:

Analisado na condição em que ele se acha no seu universo, o homem parece estar de posse de certos poderes e faculdades que lhe permitiriam levar uma “boa vida”, isto é, uma vida ao máximo possível independente de labuta, dependência e feiura. Alcançar tal vida é conseguir a “melhor vida”: viver de acordo com a essência da natureza ou do homem (p. 128).

A verdade em relação à essência humana ainda está na esfera da possibilidade futura. Há barreiras sociais imediatas na realidade que impedem a realização da condição ligada à essência da vida humana. O modo de produção capitalista é a realidade que predomina na sociedade, de igual forma suas inverdades passam a predominar, destituindo, com isso, o homem da possibilidade de viver a verdade materializada em uma existência dignificadora.

Em contrapartida a esta abstração do ideal de existência humana, as bases às quais se estabelecem a racionalidade pré-tecnológica e tecnológica estão identificadas com a perpetuação da dominação do homem pelo homem, da luta pela

sobrevivência, da luta pelo atendimento de necessidades elementares à vida. Nesse caso, a verdade acerca da vida humana permanece como uma abstração do ideal. De acordo com Marcuse (1964),

Mas a linha divisória real entre racionalidade pré-tecnológica e tecnológica não é aquela entre uma sociedade baseada na não liberdade e outra baseada na liberdade. A sociedade ainda é organizada de tal modo que a procura das necessidades da vida constitui uma ocupação de tempo integral e da vida inteira para classes sociais específicas, as quais são, portanto, não livres e impedidas de ter uma existência humana. Neste sentido, a proposição clássica segundo a qual a verdade é incompatível com a escravização pelo trabalho socialmente necessário ainda é válida (p. 129).

O homem ainda permanece lutando pelo atendimento das necessidades materiais para o sustento de sua vida. As sociedades capitalistas organizaram-se por meio de determinada racionalidade dos processos de trabalho e da produção que resultou no aumento da produtividade em escalas nunca antes vistas. Apesar da alta produção proporcionada pelo aparato técnico, o homem continua preso à labuta e à luta pelo sustento da vida.

Como dito anteriormente, na realidade contraditória – bidimensional – encontram-se elementos opostos que fornecem as características da realidade humana. Nesse caso, a realidade possui verdades e inverdades pertencentes aos diversos aspectos que a determinam. As verdades e inverdades da vida humana dão os sentidos da existência, podendo ser baseadas em tendências de escravização ou de liberdade.

Para Marcuse (1964), “há modalidades de existência que jamais podem ser ‘verdadeiras’ porque jamais podem assentar na realização de suas potencialidades” (p. 129). Ou seja, a verdade da vida só pode ser verídica se estiver representada pela satisfação do ser. A verdade da existência humana está fundamentada em uma vida de satisfação e, ter esse tipo de vida, refere-se à libertação do homem da labuta que o escraviza para, daí então, dedicar-se às formas de vida superiores de existência.

Na conjuntura social atual, a forma de existir a partir de uma satisfação verdadeira do ser não reflete a realidade, pois é apenas uma possibilidade futura. A

intuição filosófica vislumbra a existência humana dentro de uma concepção do ideal, apesar de não ter sua materialidade garantida. Na sociedade capitalista, essa realidade tende a se concretizar apenas para uma determinada classe que pode libertar-se da labuta através da escravização de muitos a ela.

A verdade em relação à existência humana definida pela filosofia é aquela que entende os homens como iguais. Portanto, todos deveriam ter as mesmas condições de desenvolvimento de suas potencialidades humanas. Compreendendo que esta concepção de igualdade entre os homens não é possível a partir dos ditames sociais da realidade estabelecida e dos valores desumanos que a permeia, a filosofia pode ser o instrumento de subversão das desigualdades pela realização do pensamento capaz de negar a realidade unidimensional e reconstruir a bidimensionalidade na realidade (MARCUSE, 1964).

Essa conduta negativa tomada pela filosofia ocorre pelo fato de a realidade estar condicionada pela busca das necessidades por toda a vida de um enorme contingente de pessoas. Ao mesmo tempo, para uma minoria, a realidade não se apresenta dessa forma, está mais aproximada com a verdade, já que estão livres da labuta das necessidades materiais usufruem de uma existência (MARCUSE, 1964).

A desigualdade acerca da existência humana é um dado marcante das sociedades. Nas sociedades pré-tecnológicas o que predominava é a labuta de uma maioria para a sobrevivência, enquanto uma minoria, que domina e explora essa maioria, pode ter condições de reservar maior tempo de suas vidas às formas de existência próximas da verdade. Essa é uma condição histórica vinculada hoje ao modo de produção capitalista que no cerne de sua sociabilidade sempre esteve ligado à exploração, ao controle e à dominação.

As sociabilidades deste sistema também realizam deformações da verdade nas consciências, o que torna favorável a exclusividade da verdade como existência humana por uma minoria (MARCUSE, 1964). No modo de produção capitalista, a verdade dentro do ideal intuído torna-se impossibilitada de transcender à essência para a esfera do concreto de modo universal a todos os homens, pois está limitada à determinada classe que controla os meios de produção.

Essa forma limitada de manifestação da verdade é reflexo da própria forma como a sociedade é estruturada. Tendo como lógica a acumulação e a concentração por parte da classe dominante das riquezas produzidas em sociedade, a verdade de

uma existência humana digna só é possível para essa classe. Já para a classe dominada, resta a labuta e a luta pela sobrevivência.

Essa condição em que se encontra as classes desfavorecidas e dominadas pela ordem do capital parece irrevogável na forma estrutural como as sociedades capitalistas se apresentam. Dessa forma, no interior da ordem desumana, a compreensão da verdade e da sua potencialidade para o aprimoramento da existência humana passa a ser um importante ponto desencadeador dos desejos e interesses de libertação do homem da dominação perpetuada pela ordem social vigente. Sendo uma possibilidade do futuro, é, ainda hoje, a possibilidade real de transformação.

Mesmo as contradições presentes na sociedade não podem destruir a verdade, pois esta faz parte da realidade contraditória, juntamente com a inverdade da realidade. Sendo assim, a verdade estará sempre presente, sendo necessário que o pensamento seja capaz de subverter a inverdade da realidade para que a verdade emergja como noção concreta da possibilidade de transformação das formas sociais estabelecidas e, daí, passar para formas superiores de existência.

As barreiras impostas pela ordem social capitalista impedem a busca pela verdade da existência humana na sua forma concreta e universal aos homens. Nesse caso, a filosofia deve atuar como elemento que intenta para a questão da afirmação da verdade independentemente do distanciamento que esta possui da realidade imediata. Nesse sentido, ao mesmo tempo que elabora a verdade dentro de um plano ideal de vida humana ainda não atingido, a filosofia denuncia também as barreiras sociais que impedem a concretização da verdade. Como bem afirma Marcuse (1964):

Esse estado de coisas (a ordem social desumana estabelecida) contradiz o caráter universal da verdade, que define e “prescreve” não apenas uma meta teórica, mas a melhor vida do homem como homem, com relação à essência do homem. Para a filosofia, a contradição é insolúvel, ou então não aparece como uma contradição porque é a estrutura da sociedade do escravo ou servo que essa filosofia não transcende. Assim, ela deixa a história para trás, não dominada, e eleva a verdade, em segurança, acima da realidade histórica. Aí, a verdade é preservada intacta, não como uma realização do céu ou no céu, mas como uma conquista do pensamento – intacta porque a sua própria noção expressa a percepção introspectiva de que aqueles que dedicam a vida a ganhar a vida são incapazes de viver uma existência humana (p. 130 e 131).

A questão da verdade na filosofia é um importante elemento com potencial para delinear uma nova racionalidade para as sociedades. A filosofia confronta a realidade representada pelo debate sobre o que é, o que deveria ser e o que está sendo. Dessa forma, a verdade em sua essência pode representar a direção que dá os rumos aos valores necessários para a transformação da realidade social. Para essa tarefa, é necessário abrir espaço para que o pensamento negativo tensione as condições estabilizadoras de determinada ordem estabelecida por meio da compreensão da bidimensionalidade presente na realidade baseada pelo contraste entre o pensamento positivo e pelo pensamento negativo para, daí, subverter os valores desumanizantes. Essa bidimensionalidade entraria em contraste com o universo unidimensional das sociedades tecnológicas que se reflete no pensamento e nos comportamentos fomentados pelo contexto social, podendo gerar modificações qualitativas na percepção do mundo (MARCUSE, 1964).

A verdade enquanto potencialidade dentro do universo contraditório, bidimensional, tende ser a deflagração da realidade com intento de submetê-la à transformação de sua ordem, subvertendo as aparências para promover a essência. O poder negativo da verdade está atrelado à negação da realidade como se apresenta, e vislumbra a transformação da realidade aparente tendo em vista uma nova realidade baseada pelo conteúdo essencial. Os potenciais essenciais da realidade se projetam como possibilidades, como o verdadeiro compromisso com a dignidade de todos os homens em relação ao usufruto de uma determinada existência humana (MARCUSE, 1964).

A subversão das aparências para a ascensão da essência nas sociedades ocidentais encontra fundamentação no pensamento dialético. Este apenas poderá transcender a libertação do homem ao vincular-se à prática. O pensamento dialético precisa materializar-se na realidade, transmutar-se do abstrato para o concreto. O pensamento mantido na esfera das ideias, no entanto, nada pode fazer no sentido de atuar para transformar a realidade, pois permanece no universo da denúncia, da abstração. Como bem diz Marcuse (1964), “o pensamento não tem poder algum para ocasionar tal modificação, a não ser que transcenda a si mesmo para a prática...” (p.134), ele precisa necessariamente buscar “a realização da verdade nas palavras e os atos dos homens” (p.134).

A dialética como forma de pensamento do universo das contradições é a própria manifestação da lógica racional da realidade bidimensional, pois sendo a concreção da realidade baseada nas contradições, o pensamento precisa perseguir os fundamentos que possibilitem enxergar o real e o irreal, a oposição das forças, a revelação do falso para desprender, em consequência, o verídico em benefício de todos.

O pensamento dialético apenas terá seu potencial interpretativo da realidade utilizado ao máximo quando for capaz de tratar os dados da realidade a partir da libertação desses dados no sentido de revelar a “objetividade decepcionante que esconde os fatores que motivam os fatos – isto é, se compreende o seu mundo como um universo histórico no qual os fatos estabelecidos são obra da prática histórica do homem” (MARCUSE, 1964, p. 140).

Por meio da convergência entre dialética e o elemento histórico, o pensamento passa a atuar logicamente em sua concretude. Pensamento e realidade misturam-se em um processo de compreensão verídica dos fatos que permeiam a realidade. A verdade torna-se verdade histórica presente nas relações humanas. Daí, temos a deflagração das tensões entre essência e aparência, próprias das contradições das relações sociais, conteúdo este substancial da realidade humana. O pensamento dialético é essencialmente histórico e, por isso, é capaz de determinar a partir de determinada ética o que é e como deve ser. Assim,

Ela (a dialética) contradiz a ordem estabelecida dos homens e das coisas em nome das forças sociais existentes que revelam o caráter irracional dessa ordem – pois “racional” é um modo de pensar e de agir que está orientado para reduzir a ignorância, a destruição, a brutalidade e a opressão (MARCUSE, 1964, p. 140).

Na busca ética pela verdade nas relações humanas, a dialética histórica é a forma substancial de revelar a verdade em meio à forma ontológica contraditória da realidade. A sua forma peculiar de considerar o universo bidimensional possibilita aproximar-se dos fatos da realidade distinguindo-os nas suas manifestações falsas e verdadeiras, clarificando o olhar acerca: 1- Da realidade; 2- Acerca das relações e interesses dos homens e 3- Acerca da atuação humana na formação dos valores que regem as suas vidas. Por isso, o pensamento dialético é ele próprio o



pensamento negativo dotado de criticidade para apresentar a realidade contraditória, esmiuçando-a em suas verdades e falsidades.

Marcuse (1964) critica as formas de pensar a realidade que não podem dar conta de explicar a realidade humana, pois não viabilizam no método utilizado as contradições como elemento substancial da realidade, pois tendem a considerar a realidade humana de forma estática, enrijecida. O positivismo, o empirismo e os elementos matemáticos que visam à quantificação dos pretensos fatos, objetivam uma realidade que não é concreta, que não reflete a sua verdadeira forma de manifestação dentro da totalidade e da complexidade das relações humanas. Adotam, assim, uma forma de explicar a realidade a partir de uma concepção de realidade fragmentada o que fragiliza as interpretações sobre ela.

Nesse caso, a dialética, partindo da concepção de realidade contraditória, entende que a dinâmica de projeção do pensamento sob o objeto da realidade deve perseguir as contradições inerentes à realidade. Isso se dá pelo fato de que a “realidade em questão tem sua própria lógica e sua própria verdade; o esforço para compreendê-las como tal e para transcendê-las pressupõe uma lógica diferente, uma verdade contraditória” (MARCUSE, 1964, p. 141).

No próximo tópico será realizada uma síntese do referencial teórico adotado na presente pesquisa, retomando os principais pontos apresentados. Posteriormente à síntese, serão estabelecidas conexões entre a racionalidade técnica (conteúdo abordado com os autores selecionados para o referencial teórico: Marx e Marcuse) e o esporte como preparação para as análises que serão realizadas no capítulo 3.

### **3.3 Técnica X Homem: uma síntese do referencial teórico**

As novas formas predominantes de dominação e controle exercem significativa influência no modo de pensar a realidade. O aparato técnico deu condições de estender a racionalização, antes limitada ao setor produtivo, conduzindo-a para dimensões distintas da cultura humana. As falsas necessidades geradas pelo aparato sistêmico, portanto, alcançou diferentes esferas culturais, subvertendo o homem ao domínio completo da sociedade unidimensional, delimitando os modos como o homem interage com esta sociedade.

Ao submeter-se à dominação exercida pela sociedade unidimensional, o homem torna-se prisioneiro do padrão de sociabilidade estabelecido. Os padrões de conduta, consensualmente gerados pela unidimensionalidade presente na

sociedade industrial, são influenciadores diretos do comportamento do homem, pois adentram na consciência humana fornecendo os subsídios ideológicos que passarão a conduzir as relações nos patamares tidos como ideais para a manutenção da ordem vigente.

As formas de controle, ao que parecem, deixam de ser externas ao indivíduo. Elas se introjetam nas consciências forjando uma concepção de mundo, fazendo com que haja uma autonomização desse controle e passe a ser administrado pelos próprios indivíduos controlados. A satisfação das falsas necessidades buscadas pelos indivíduos dá conta da tarefa de manter os indivíduos sob o controle do aparato técnico, o que proporciona a falsa sensação de liberdade através da grande abundância de mercadorias que se apresentam na sociedade.

Dessa forma, a sociedade industrial realiza a introjeção dos valores que interessam a ela. Esses valores são de difícil percepção porque as formas de controle advindas do aparato técnico são mascaradas na realidade e a presença do pensamento positivo se torna, quase que exclusivamente, a única forma de compreender a realidade, tornando dificultosa a denúncia da dominação da maior parte dos homens.

Nesse sentido, a racionalidade do aparato técnico das sociedades industriais realiza a manipulação técnico-científica da produção e do trabalho exercendo formas de controle voltadas para o atendimento dos interesses das sociedades industriais. A racionalização do aparato técnico produziu abundância de mercadorias e o resultado desta abundância foi a maximização do pensamento positivo advindo dos desejos de consumo de tais mercadorias.

A adesão das formas de sociabilidade vinculadas à ordem consumista do modo de produção capitalista consolidou-se nas consciências dos indivíduos através de necessidades falsas geradas pelo aparato técnico desenvolvido. O pensamento positivo, favorável à realidade unidimensional, emergiu no interior das consciências dos indivíduos que passaram a se identificar com a sociedade industrializada.

No atual modelo de sociedade industrializada, os valores, regidos e determinados pelo aparato tecnológico, invadem o pensamento do homem determinando-o pelos modos sociais especificamente conservadores ligados ao *status quo* que se refletem pelo pensamento positivo. Isso acontece pela necessidade de expansão do modo de produção capitalista que absorve, no

processo expansionista, os homens. Como bem diz Marcuse, “a produção e a distribuição em massa reivindicam o indivíduo inteiro” (MARCUSE, p. 30 e 31).

Tal realidade construída submete o indivíduo e o consome por inteiro de modo a aceitá-la pacificamente. O indivíduo se ajusta a essa forma de sociabilidade fazendo parte da engrenagem da máquina social regida pelo aparato técnico. O ajustamento do indivíduo à sociedade se dá de forma natural por causa da formação da consciência unidimensional que paira sobre os homens. A formação consensual da consciência conta com a participação de certos agentes elaboradores da política e dos veiculadores de informações (MARCUSE, 1964).

Caracterizada pela abundância de mercadorias, as formas de controle instalam-se no interior da consciência, enraizando-se e conferindo ao indivíduo uma forma de “liberdade” limitada à busca da satisfação das falsas necessidades. Ocupando-se com a satisfação de necessidades que não refletem a realidade humana, mas sim a do capital, o homem passa a não incomodar a sociedade industrial como ser atuante criticamente em relação às contradições sociais apresentadas. Ao contrário disso, o homem passa a ser uma engrenagem importante de propulsão do modo de produção capitalista.

Ao nascer, o homem já se relaciona com determinado contexto social permeado por aspectos culturais que o influencia. Portanto, a sociedade pode ser considerada como anterior ao homem desde que nascido após a sociedade ter consolidado enquanto tal. Por isso, o homem é produtor da sociedade, assim como também é produto dela. O ajustamento do homem à sociedade, no entanto, é um fato mais provável de acontecer do que o inverso, principalmente quando há a inibição de qualquer pensamento que possa revelar as contradições e apontar para rumos distintos, isto é, de denúncia da dominação humana existente na sociedade. Dessa forma, a sociedade acaba moldando o homem que já nasce dentro de determinado contexto social estabelecido.

A realidade aparente passa a se apresentar para o homem como algo natural. Atrelado a isso, existem inibições realizadas pelo próprio sistema para coibir qualquer forma de manifestação que possa estremecer seus alicerces. O enfraquecimento do pensamento negativo é resultado da suavização das contradições exercidas pela racionalidade inerente ao modo de produção capitalista que inibe as possibilidades de contestação da realidade. Isso ocorre por causa da grande capacidade produtiva das sociedades afluentes que tem necessidades

especificamente voltadas para a acumulação de capital e, para isso, fomentam necessidades como se fossem as de todos os homens em sociedade. Os desejos gerados pela grande quantidade de mercadorias presentes na sociedade causam a ilusão de que a abundância gerada pelo modo de produção capitalista se revela como o verdadeiro progresso. Nesse caso, perdem-se de vista as referências desumanas e destrutivas inerentes ao modo de produção capitalista. Nessa conjuntura social aparentemente definida, cabe ao homem exclusivamente a tarefa de ajustar-se inconscientemente a realidade.

Assim sendo, o pensamento unidimensional apresenta-se como o único modo de manifestação do pensamento comprometido com o progresso social. O poder persuasivo do aparato decorrente da sociedade desenvolvida tomou conta das consciências projetando-se e instalando-se no interior dela. As pretensões possíveis da existência de uma forma de pensar distinta ao pensamento unidimensional ou positivo acabam esvaziadas em meio à apologia à sociedade industrial e às formas como se manifesta, seduzindo tudo e todos através da fabricação de necessidades que podem ser satisfeitas por esta mesma sociedade. As críticas direcionadas para a identificação das contradições presentes são amenizadas. O aparato técnico, com suas formas de controle, determina racionalmente as necessidades que precisam ser fomentadas, assim como as satisfações que devem preencher as lacunas deixadas pelas falsas necessidades.

O ajustamento dos homens aos padrões de exigências das falsas necessidades está relacionado à adoção de comportamentos e de formas de pensamento limitadas à realidade aparente. A interação da consciência e a forma como esta se movimenta na compreensão da sociedade limita-se à esfera do tipo de pensamento que interessa à sociedade industrial. Há o predomínio do pensamento positivo estreitamente vinculado ao tipo de racionalidade que fundamenta o aparato técnico das sociedades industrialmente desenvolvidas. Ao que parece, existe uma espécie de ditadura unidimensional do pensamento, já que toda e qualquer forma contestatória de manifestação e representação vinculada ao pensamento negativo tende a desaparecer.

A unidimensionalidade presente no pensamento possui suas raízes estabelecidas na própria concepção científica da ordem estabelecida. A diminuição do potencial do pensamento negativo tem relação com o totalitarismo conservador instaurado. Não são permitidas alternativas dentro de sua conjuntura. O

totalitarismo conservador presente na sociedade está blindado de qualquer crítica que possa ameaçar a sociedade industrial. Essa realidade que se apresenta e se materializa nas sociedades industrialmente desenvolvidas é permeada pelo pensamento unidimensional cujas bases não apenas reflete o totalitarismo, mas o consolida.

O pensamento e o comportamento que se relacionam com a realidade em questão apresentam-se por meio de uma consciência obscurecida e fragmentada na qual o objetivo está centrado na manutenção da ordem social baseada em fatos que escondem ou deturpam a verdade. A falsa consciência se personifica através do pensamento positivo que absorve o pensamento opositor (pensamento negativo) das relações sociais resultando em um distanciamento real das possibilidades de transformação da realidade social estabelecida, já que a classe, cujos ombros o sistema progride, deixou de ser o ponto de oposição ao sistema, sendo agora ponto de convergência, reprodução e fortalecimento do sistema que os oprime ao assumirem o pensamento positivo como condutor de suas vidas (MARCUSE, 1964).

O pensamento positivo aponta para uma forma de pensar, de agir, e de envolver-se com a realidade. Por trás deste pensamento tendencioso à manutenção da dominação do homem pelo homem, existe uma determinada racionalidade que impulsiona a lógica da dominação em sua forma sutil e silenciosa, a partir da naturalização das atuais relações sociais. Tal racionalidade contribuiu com a reprodução da sociedade, sendo impulsionada enormemente pelo advento do desenvolvimento técnico.

Com isso, o aparato técnico modificou as próprias relações que se estabelecem na sociedade tornando-a fortemente demarcada pelas relações mercantis, já que aumentou muito a quantidade de circulação de mercadorias. Destaca-se que, na sociedade afluyente, há aqueles que determinam os rumos da sociedade através do poder que possuem pelo simples fato de controlarem os meios de produção e aqueles que apenas são controlados para adentrar no processo de produção da sociedade com a função de gerar riquezas a serem apropriadas pela classe dominante.

Nesse processo, a racionalização burguesa presente no aparato técnico, ao expandir-se, incluiu, no escopo do seu maquinário social racionalizado, o próprio homem. Assim, "...a luta pela existência e a exploração do homem e da natureza se tornaram cada vez mais científicas e racionais" (MARCUSE, 1964, p. 144). Nesse

sentido, o duplo significado presente na palavra racionalização é determinado pelas condições proporcionadas pela gerência científica e pela divisão científica do trabalho que possibilitou aumentar muito a produtividade do empreendimento econômico, político e cultural das sociedades industriais desenvolvidas, sendo o produto final desta organização técnica o aumento do padrão de vida (MARCUSE, 1964).

Ao mesmo tempo que o empreendimento econômico, político e cultural se beneficiou do alto desenvolvimento técnico, também foi capaz de atender à luta pela sobrevivência humana, gerou também, nesse processo, a consciência e o comportamento favorecedor do aparato técnico e da forma como este se manifesta na sociedade, fortalecendo a lógica de dominação do homem pelo homem. A dominação do homem e as contradições próprias do aparato técnico burguês foram suavizadas pelo alto padrão de vida.

No período pré-tecnológico, por exemplo, a luta pela sobrevivência acontecia em uma atmosfera social marcada pela escassez, justificando a dominação dos homens à labuta para atender as necessidades vitais das civilizações. No período tecnológico, as sociedades avançadas possuem totais condições de se distanciarem da labuta e proporcionar maiores e melhores condições de vida, já que o aparato técnico se desenvolveu e se ampliou de tal forma que foi capaz de diminuir o tempo destinado ao trabalho, aumentando o tempo livre à promoção cultural do homem. Entretanto, as exigências do modo de produção capitalista de produtividade para a acumulação de capital inviabilizaram qualquer tentativa de encaminhamento de alternativas de sociedade qualitativamente superiores.

A dominação exercida sobre os homens, e que se estabelece na sociedade tecnológica, ocorre por meio da abundância, da capacidade que o aparato técnico tem de produção dentro de uma forma peculiar de sociabilidade desumana. Nesse caso, a formação do pensamento unidimensional nos indivíduos consolida-se a partir da ideia de que as características destrutivas e de contínua exploração do homem realizada pelo aparato são apenas efeitos colaterais do progresso.

Portanto, no processo de compreensão da realidade e das contradições que estão presentes nela, importa resgatar a dialética como elemento capaz de fazer ascender o pensamento negativo para a compreensão da realidade em sua totalidade, isto é, fundada na verdade e nas inverdades que a fundamentam. A partir

disso, é possível vislumbrar o potencial contestatório do pensamento em relação às sociabilidades prevalentes na sociedade.

### **3.4 A relação entre a Racionalidade Técnica e Esporte.**

Na conjuntura tratada por Marx (2014), a dominação presente na esfera de produção da sociedade submeteu o trabalhador a limitações dos potenciais de desenvolvimento pessoal que ele poderia obter do seu trabalho. O corpo que trabalha foi fragmentado e passou a ter uma conduta passiva frente à realidade técnica. As formas pelas quais a racionalidade técnica se manifestou tenderam a tornar o homem um ser unilateral em detrimento das potencialidades de formação omnilaterais advindas do trabalho humano.

O positivismo marcou presença na racionalidade técnica deflagrada por Marx no século XIX. Tal racionalidade avançou ao longo do tempo histórico e, em Marcuse (1964), já no século XX, foi identificado o aprofundamento da lógica de dominação denunciada no século anterior por Marx, guardadas as devidas especificidades de ambos os tempos históricos.

No século XX, a abundância de mercadorias é a ideologia que perpetua a dominação. Os indivíduos, com isso, passaram a ter seus sentidos docilizados pelos falsos desejos advindos das falsas necessidades geradas pelo aparato técnico. A técnica assumiu a função alienadora que reduziu o homem à condição de unidimensionalizado pela imposição da ordem social vigente.

A técnica tanto em Marx quanto em Marcuse absorveu a racionalidade que interessa à ordem do capital. Há uma familiaridade em relação às consequências ideológicas dessa racionalidade sobre o homem. Em Marx, a presença da racionalização técnica do trabalho gerou a fragmentação do homem que perdeu sua autonomia frente ao trabalho e assumiu uma postura heterônoma e unilateral. A submissão do homem ao trabalho racionalizado se estabeleceu através da luta pela sobrevivência cuja força de trabalho do trabalhador passou a ser vendida em troca de um salário e, nesse processo, foi legitimada a exploração do trabalhador pelo capitalista e a grande acentuação da extração da mais-valia relativa quando o trabalhador passou também a ser submetido aos ditames da máquina.

Em Marcuse (1964), essa racionalidade das sociedades industriais assumiu formas de atuação distinta. Essa racionalidade não mais está centrada apenas de forma predominante na esfera do trabalho produtivo, no interior das indústrias. No

século XX, a racionalidade dominante passou a permear toda a sociedade industrialmente desenvolvida. O conteúdo desta racionalidade, fundamentada pela concepção científica positivista, foi transferido pelo aparato técnico para as mercadorias em abundância que, com a adesão e desejos dos indivíduos aguçados pelas formas de sociabilidade que fomentam o consumo de falsas necessidades, passou a gerar o pensamento unidimensional acerca da realidade. O homem sob esta lógica de funcionamento social passou a ser ele próprio unidimensionalizado na direção da ordem do capital.

Assim como deflagrado por Marx (2014) no século XIX, a alienação do homem e a sua condição de dominado perdurou no século XX, como aponta Marcuse (1964). A presença da técnica, que alienou e fragmentou o homem no processo produtivo das sociedades industrializadas em Marx, ganhou enormes proporções nas sociedades industrializadas do século XX, sendo capaz de gerar tamanha abundância de mercadorias que levaram os indivíduos dominados a adotar tais formas de sociabilidades ao preço de suas liberdades, de uma existência humana.

Em ambas as situações o homem é coisificado pela técnica. No primeiro momento, a escassez de condições de sobrevivência ocasionou a submissão do trabalho humano ao poderio técnico dos que controlam os meios e os instrumentos de produção. No segundo momento, a submissão se dá através dos desejos de obtenção das diversas mercadorias que se apresentam em abundância. A docilização se dá pela formação de um enorme contingente de consumidores.

O homem fragmenta-se, unilateraliza-se, unidimensionaliza-se e ainda permanece inerte em sua alienação. Isso se dá pelas influências da racionalidade capitalista sobre a técnica que se caracteriza pelo controle da sociedade sob os pretextos de quantificação para a maximização produtiva. A técnica que é capaz de elevar a produção material da sociedade é a mesma que afirma a lógica de dominação dos homens.

Nesse sentido, o referencial teórico aqui em exposição, está pautado na questão da técnica como um elemento fundamental das transformações sociais ocorridas nos séculos XIX e XX que carrega no bojo da sua conjuntura certa racionalidade e que é determinante em relação às formas de sociabilidades cristalizadas no contexto da ordem social vigente. Tal racionalidade inviabiliza formas de existência e de desenvolvimento omnilaterais, o que demonstra uma



limitação dos potenciais de desenvolvimento do homem e de sua capacidade autônoma de estar no mundo.

O esporte absorveu as características unidimensionais presentes na superestrutura por meio da atuação do aparato técnico emanadas inicialmente da infraestrutura. A unidimensionalidade presente no esporte parece ter relação com a ideia de que na sociedade capitalista o esporte é visto como uma mercadoria cuja racionalidade converge com os valores de mercado. Com isso, o esporte passa a servir também à propaganda apologética da ideologia dominante.

Além da sua condição de mercadoria, o esporte possui um conteúdo técnico-corporal submetido às formas de controle, como pode ser visto, por exemplo, no esporte de alto rendimento. A finalidade do esporte de alto rendimento, nos termos em que é apresentado socialmente, caracteriza-se por fomentar o consumo de determinado espetáculo. Nesse sentido, a racionalização do esporte de alto rendimento se dá de duas formas: na busca pela produtividade e eficiência corporal para atender às exigências cada vez maiores do espetáculo e na existência de diferentes artefatos técnicos que dão conta da difusão e globalização do espetáculo-esportivo.

No contexto escolar, ambiente de interesse do presente trabalho, ocorre que, ao assumir irrefletidamente o esporte de alto rendimento como modelo para o ensino do esporte na escola, é realizado um processo de consolidação do *status quo* social sobre as consciências dos discentes. Disso ocorre a fragmentação discente fomentada por uma formação unilateral que inibe a capacidade de pensar o esporte em perspectivas distintas, embasadas pelo pensamento negativo. Pensamento este comprometido com a revelação das contradições sociais para a ascensão da verdade.

Assim, o homem pode ser determinado, dentre outras formas, pela racionalidade técnica esportiva que está posta na sociedade unidimensional. Esta, por sua vez, é determinada pelo tipo de racionalidade que detém o controle técnico, guardando os valores que se vinculam a estrutura da sociedade hegemônica.

Dados os termos acima citados ao longo do referencial teórico, buscamos articular as categorias levantadas a partir das ideias de Marx (2014) e Marcuse (1964) em torno da técnica com a intenção de pesquisar o esporte, especificamente em aulas de educação física, tendo em vista a problemática presente na sociedade unidimensional que impõe determinado tipo de formação fragmentada aos indivíduos

inseridos nessa sociedade, em especial aos alunos dos anos finais do ensino fundamental.

No próximo capítulo, ratificando o que já foi apresentado na metodologia do presente trabalho, daremos início à análise da presente pesquisa nos fundamentando nos passos selecionados para este fim. Para maior compreensão desses passos, no início do próximo capítulo apresentaremos a ordenação e estruturação metodológica que deram base para a realização da análise do objeto de estudo.

## 4. CAPÍTULO IV

### 4.1 Apontamentos sobre a Estruturação Metodológica Adotada para a Análise.

A coleta de dados para a análise do presente trabalho foi realizada em três etapas complementares entre si. Tais etapas foram necessárias, já que o intuito foi identificar a presença, ou não, do pensamento unidimensional em relação ao esporte nas consciências de discentes e também sobre as possibilidades de alteração do pensamento unidimensional para o dialético por meio de unidade didática estruturada para esse fim.

Nesse sentido, para identificação do pensamento unidimensional positivo na concepção discente do esporte, foi elaborado um questionário com questões abertas e fechadas para 44 alunos dos anos finais do ensino fundamental (Etapa 1). Confirmada a hipótese da predominância do pensamento unidimensional nas consciências dos discentes, foi realizada uma unidade didática composta de dez aulas (que totalizou 20 tempos de aula) com 23 alunos do 6º ano do ensino fundamental, em uma perspectiva contraposta à lógica conservadora do pensamento unidimensional do esporte que, no presente trabalho, denomina-se dialética negativa (Etapa 2). Essas aulas foram estruturadas e sistematizadas tendo como auxílio uma Matriz Metodológica Crítica para o Ensino do Esporte (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017), e os dados foram coletados a partir de observação das aulas e registrados em um diário de campo. Após a aplicação das aulas, foi realizada nova verificação por meio de questionário com questões abertas e fechadas aplicadas a 23 alunos participantes da unidade didática, que tratou da identificação de possíveis rupturas ocorridas, via processo de ensino do esporte, no pensamento unidimensional presente nas consciências dos alunos. Desse modo, objetivou-se a verificar a existência de indícios da ascensão do pensamento dialético negativo em relação ao esporte (Etapa 3). É importante salientar que, durante a apresentação dos dados nas diferentes etapas, foram feitos apontamentos críticos. Em síntese, a ordenação das etapas e dos respectivos instrumentos de coleta de dados se deu da seguinte forma:

- ETAPA 1 - Verificação da presença do pensamento unidimensional positivo em relação ao esporte nas consciências de alunos. Essa verificação foi

realizada através de 44 questionários com perguntas abertas e fechadas aplicadas a alunos dos anos finais de ensino fundamental. O conteúdo do questionário inicial teve a intenção de verificar a presença, ou não, do pensamento unidimensional em relação à concepção de esporte dos alunos dos anos finais do ensino fundamental. O modelo do questionário inicial está no apêndice A.

- ETAPA 2 – Aplicação de uma unidade didática composta por dez aulas (20 tempos) em uma perspectiva dialética com auxílio de uma Matriz Metodológica Crítica para o Ensino dos Esportes (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017). A unidade didática foi realizada com alunos de uma turma do 6º ano do ensino fundamental totalizando 23 alunos participantes. A coleta de dados foi realizada por intermédio de observação cujos registros desses dados foram armazenados em um diário de campo. A análise desta etapa será apresentada no capítulo V.
- ETAPA 3 – Verificação de rupturas/fissuras no pensamento unidimensional e indícios de ascensão do pensamento dialético em relação ao esporte nas consciências dos discentes participantes da unidade didática. Para esta etapa, foram aplicados 23 questionários com perguntas abertas e fechadas. O conteúdo das questões do questionário final interessou-se em verificar os possíveis aprendizados decorrentes das aulas realizadas na etapa 2, particularmente nos indícios do pensamento discente que denotaram o pensamento dialético-negativo nas respostas dadas. O modelo do questionário final está no apêndice B. A análise desta etapa será apresentada no capítulo VI.

É importante que, apesar de as etapas 1 e 3 possuírem instrumentos para coleta de dados parecidos e bastante similares (questionário), a natureza do que se pretendeu colher de informação em ambos os questionários foi distinta. Por exemplo, o questionário da etapa 1 visou à verificação da presença, ou não, do pensamento unidimensional positivo nas consciências dos alunos. Esse questionário suscitou também algumas categorias (biológico e/ou promoção da saúde, lúdico-

funcional, social, emocional, afetiva e econômica<sup>20</sup>) que foram identificadas para enquadramento das respostas dos alunos de acordo com o que eles expressaram. Assim, as respostas dos alunos, quando muito longas, eram reduzidas sem qualquer prejuízo ao sentido e à sua alocação na categoria que as representou.

O questionário da etapa 3 visou à verificação de possíveis alterações do pensamento unidimensional para o pensamento dialético em relação à concepção de esporte. Assim, os dados coletados foram organizados buscando a identificação de formas de expressão que pudessem apontar indícios do pensamento dialético nas diferentes questões submetidas aos alunos. A organização das respostas que representaram as expressões dos alunos, ao final do processo de ensino dos esportes, foi feita em tabelas cujos números das respostas representaram os mesmos alunos. Tais respostas foram apresentadas de forma literal ao que havia sido escrito no questionário pelos alunos, já que as respostas não foram agrupadas por categorias. A transposição literal das respostas envolveu certo esforço de interpretação, visto que muitas delas não apresentavam, necessariamente, coerência gramatical e ordenação de palavras.

Resumidamente, o questionário da etapa 1 objetivou a verificação da presença (ou não) do pensamento unidimensional positivo em relação à concepção de esporte de discentes. O questionário da etapa 3 objetivou a verificação de possíveis rupturas no pensamento unidimensional (o predomínio do pensamento unidimensional nas consciências dos alunos foi confirmado na etapa 1) e indícios de ascensão do pensamento dialético em relação ao esporte. Desse modo, os questionários da etapa 1 e 3 possuíam natureza objetiva distinta, que resultou em formas de análise igualmente distintas em relação à organização e ao tratamento dos dados coletados.

#### **4.1.1 Sobre o Instrumento de Coleta de Dados da Etapa 1.**

O questionário da etapa 1 reuniu dois blocos de questões. O primeiro bloco foi composto de doze perguntas abertas e o segundo bloco por três perguntas fechadas. A análise do primeiro bloco fez emergir sete categorias (biológico e/ou promoção da saúde, lúdico-funcional, social, emocional, afetiva, econômica e indefinida) que serviram para facilitar a visualização das informações fornecidas

---

<sup>20</sup> A definição dessas categorias foram explicitadas nas páginas 132, 133, 134 e 135.

pelos alunos e, portanto, uma visualização mais clara sobre as diferentes formas de como o esporte foi concebido nesta pesquisa pelos discentes.

Tais categorias foram elaboradas a partir das informações dadas pelos alunos, quando as expressões representavam, de forma recorrente, semelhanças com determinados sentidos tomados pelo esporte nas consciências dos alunos. Dessa forma, foi possível relacionar as respostas dos alunos, dentro de categorias que se relacionavam com as diferentes temáticas tratadas no questionário. Por exemplo, respostas recorrentes que traziam a ideia do movimento e da criatividade, ou da ludicidade inerente ao esporte, ou do prazer do aspecto motor do esporte, ou seja, respostas com proximidade de sentido, como os apresentados, foram enquadradas na categoria lúdico-funcional.

Além da categoria lúdico-funcional exemplificada acima, outras seis categorias foram consideradas para interpretação dos dados, sem perder de vista os sentidos e os significados assumidos nas respostas fornecidas pelos alunos pesquisados. Surgiram, assim, além da categoria lúdico-funcional, as categorias biológico e/ou promoção da saúde, afetiva, emocional, social, econômica e indefinida. Quando algumas respostas apresentavam informações sem sentido ou de difícil enquadramento, ou não atendiam às exigências da pergunta, eram direcionadas à categoria indefinida.

A categoria lúdico-funcional fez alusão às respostas que diziam respeito a aspectos lúdicos relacionados aos movimentos esportivos ou ao próprio esporte. Quando a abordagem do desenvolvimento de habilidades motoras ou de capacidades físicas era destacada nas respostas dadas pelos alunos, com conotações para o desenvolvimento técnico esportivo como forma de usufruir melhor do esporte, tais respostas também eram direcionadas a esta categoria.

A categoria biológico e/ou promoção da saúde relacionou-se ao discurso da saúde e ao aprimoramento físico relacionado ao esporte. Sempre que as respostas fornecidas reportavam-se ao esporte e à vida saudável, elas eram direcionadas a esta categoria. O desenvolvimento de capacidades físicas foi considerado também, nesta categoria, quando havia conotação voltada predominantemente para os aspectos biológicos e/ou salutar.

A categoria social considerou as respostas que tinham como sentido a assimilação de aprendizagens ou de valores transmitidos pelo esporte, que contribuíssem de alguma forma para o ajustamento do indivíduo aos padrões de

comportamento e de conduta que: 1- Interessassem especificamente à inserção e à aceitação da lógica social vigente, ou 2- Representassem alguma questão social do esporte frente à sociedade e que, de certa forma, também contribuísse para os propósitos do item 1. Aqui, portanto, foram considerados valores, aprendizagens, condutas e comportamentos que atendessem a ideia de ajustamento social a partir de representações sociais do esporte consideradas pelos alunos como modelos a serem seguidos.

A categoria afetiva referiu-se às respostas relacionadas ao sentido do desenvolvimento de interações interpessoais. Essas respostas mostraram-se embasadas por valores como: união, companheirismo, amizade etc. As respostas que valorizaram o esporte enquanto promotor desses valores nos processos interpessoais, ou como elemento facilitador na formação deles, seja dentro do contexto da prática esportiva ou fora desse contexto (como espectador, por exemplo), foram também enquadradas dentro desta categoria. A categoria afetiva concentrou-se nas respostas que fizeram referência à interação entre as pessoas via esporte e os valores que transitam nas relações interpessoais.

Na categoria emocional, foram enquadradas as respostas que apontaram para os sentimentos e as emoções que o esporte pode proporcionar tais como medo, coragem, raiva, tristeza, alegria, autoestima etc.

Finalmente, na categoria econômica, foram enquadradas as respostas que mencionaram a ascensão social e financeira proporcionada pelo esporte. Tais respostas poderiam ser enquadradas na categoria social, pela conotação bastante próxima que elas sugerem no processo de ajustamento e adesão ao esporte. Optou-se, no entanto, em separá-las pelo fato de essa questão ser bastante presente e difundida pelo senso comum no que diz respeito ao esporte voltado para fins lucrativos, e por ser uma questão que se apresenta equivocadamente, pois apenas uma mínima parte dos atletas têm o esporte como sua principal fonte de renda. Para sintetizar as categorias de análise utilizadas no primeiro bloco de questões da etapa 1, foi elaborada uma tabela:

CATEGORIAS	DEFINIÇÕES
<b>BIOLÓGICO E/OU PROMOÇÃO DA</b>	Respostas relacionadas ao discurso da saúde e ao aprimoramento físico relacionado ao esporte. Sempre que as

<b>SAÚDE</b>	respostas fornecidas reportavam-se ao esporte e à vida saudável, elas eram direcionadas a esta categoria. O desenvolvimento de capacidades físicas foi considerado também, nesta categoria, quando havia conotação voltada predominantemente para os aspectos biológicos e/ou salutareos.
<b>LÚDICO-FUNCIONAL</b>	Respostas referentes aos aspectos lúdicos relacionados aos movimentos esportivos ou ao próprio esporte. Quando a abordagem do desenvolvimento de habilidades motoras ou de capacidades físicas era destacada nas respostas dadas pelos alunos, com conotações para o desenvolvimento técnico esportivo como forma de usufruir melhor do esporte, tais respostas também eram direcionadas a esta categoria.
<b>SOCIAL</b>	As respostas que tinham o sentido de assimilação de aprendizagens ou de valores transmitidos pelo esporte, que contribuíssem de alguma forma para o ajustamento do indivíduo aos padrões de comportamento e de conduta que: 1- Interessassem especificamente à inserção e à aceitação da lógica social vigente, ou 2- Representassem alguma questão social do esporte frente à sociedade e que, de certa forma, também contribuísse para os propósitos do item 1.
<b>EMOCIONAL</b>	As respostas que apontaram para os sentimentos e as emoções que o esporte pode proporcionar tais como medo, coragem, raiva, tristeza, alegria, autoestima etc.
<b>AFETIVO</b>	As respostas relacionadas ao sentido do desenvolvimento de interações interpessoais. Essas respostas mostraram-se embasadas por valores como: união, companheirismo, amizade etc.
<b>ECONÔMICO</b>	As respostas que mencionaram a ascensão social e financeira proporcionada pelo esporte.



<b>INDEFINIDO</b>	Respostas que não tiveram definição clara, tanto em relação à pergunta quanto em relação à adequação em uma das categorias acima.
-------------------	---

**Tabela 1 – Definição das Categorias utilizadas na Análise.**

No segundo bloco do questionário da etapa 1, foram enquadradas três questões fechadas. Em todas elas, os alunos deveriam marcar um “X” nas respostas que eles consideravam pertinentes às exigências de cada questão.

Na primeira questão fechada, após apresentação de um breve texto sobre alguns valores que predominam no esporte, foi solicitado aos alunos que marcassem “X” em quais dos valores mencionados poderiam servir para a vida deles ou das pessoas de modo geral. Seis alternativas foram dadas: uma para cada um dos valores mencionados nas questões, totalizando cinco alternativas, e uma alternativa “nenhum deles”, como possibilidade de negação de todos os valores.

Na segunda questão foi solicitado aos alunos que marcassem as alternativas que representavam situações que aconteciam na prática esportiva cotidiana. Essas situações tinham como projeção os valores desumanos do esporte mencionados na questão anterior: alta competitividade, sobrepujança, individualismo, meritocracia e rendimento máximo.

A terceira questão continha oito imagens, dentre elas quatro imagens atreladas ao esporte no contexto de alto rendimento e quatro imagens fora do contexto de alto rendimento. A questão solicitava aos alunos que marcassem as imagens que melhor representavam o esporte dentro do ponto de vista deles. Em nenhuma das questões do 2º bloco foram estabelecidos limites de marcação de respostas.

Após essa breve explicação inicial acerca da forma como os dados foram organizados, será dado seguimento à identificação do pensamento unidimensional positivo e como este se manifestou nas consciências dos discentes pesquisados.

## **4.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO INICIAL (ETAPA 1)**

Inicialmente, foi analisado o questionário da etapa 1 que iniciou-se com a verificação de respostas do 1º bloco de questões, composto de doze perguntas abertas e, posteriormente, o 2º bloco com a verificação de respostas relacionadas às

perguntas fechadas. Esse questionário inicial pretendeu identificar as características do conceito de esporte em alunos dos anos finais do ensino fundamental. Assim, a apresentação de dados abaixo realizada serviu como diagnóstico para a sistematização didática do ensino do esporte realizado na etapa 2.

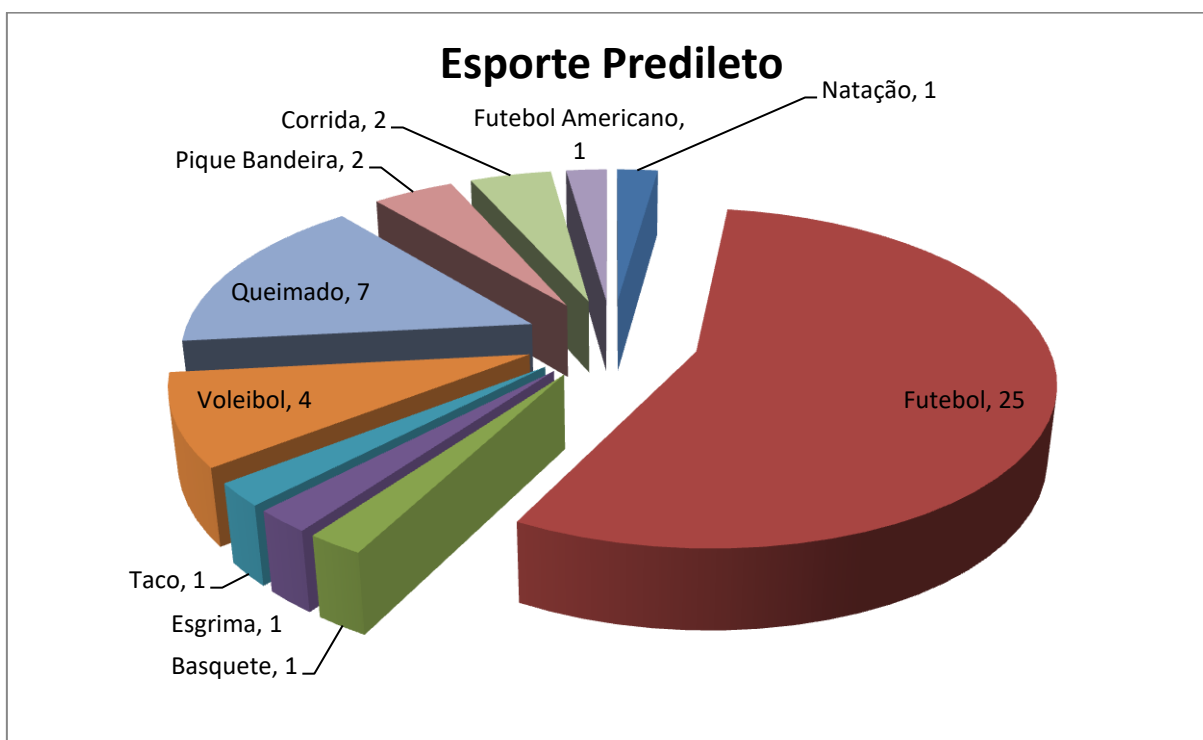
#### 4.2.1 Conhecendo o Esporte Predileto no Cotidiano dos Alunos<sup>21</sup>

Na aplicação do questionário observou-se ampla predileção pelo futebol nos alunos pesquisados. Não é um dado novo, pois, culturalmente, o Brasil possui fortes ligações com o futebol como esporte predominante. No Brasil não seria um exagero dizer que há uma espécie de monocultura esportiva, no que se refere à ampla predominância do esporte como predileto em detrimento de outros, e também, de outros elementos da cultura corporal.

Também observaram-se alguns jogos populares considerados por alguns alunos como “esporte predileto”, dentre eles, o taco, o queimado e o pique-bandeira, demonstrando que existe certa incompreensão conceitual em relação às diferenças entre os conteúdos esporte e jogo. Os jogos populares citados pelos alunos pesquisados, entretanto, possuem certas características que se assemelham ao esporte: competição, equipes, oposição e sobrepujança. De forma inusitada, também apareceram o futebol americano e a esgrima. Abaixo segue o quadro acerca da predileção esportiva dos alunos do 2º segmento do ensino fundamental:

ESPORTE PREDILETO	QUANTIDADE
Natação	1
Futebol	25
Basquete	1
Esgrima	1
Taco	1
Voleibol	4
Queimado	7
Pique Bandeira	2
Corrida	2
Futebol Americano	1

<sup>21</sup> Pergunta feita foi: Qual o seu esporte preferido e por que você gosta dele?

**Tabela 2 - Esporte Predileto.****Gráfico 1 - Esporte Predileto.**

A verificação dessa predileção esportiva foi importante, pois através dela verificou-se, ao longo de todo questionário, que a maior parte dos alunos tendeu a responder as perguntas com base no esporte que mais gostava. Para a maioria dos alunos, as relações estabelecidas com o esporte e as suas representações sociais foram baseadas no esporte citado como predileto. Isso ocorreu principalmente com aqueles alunos que citaram o futebol como predileto.

Para citar alguns exemplos, na pergunta que visou à identificação de qual o significado do esporte, a resposta dada foi que o esporte significava uma forma de ascensão social por meio de ganhos financeiros (ideia bastante peculiar ao futebol). Em relação aos aspectos lúdicos, ao responderem sobre o significado do esporte, os alunos fizeram colocações tendo em vista o esporte que mais gostavam de praticar.

Em relação ao aspecto econômico, percebeu-se que há incoerência entre o que se pensa sobre o esporte e o que o esporte está sendo, de fato, pois nem todos os esportes geram ascensão social e econômica, e nem todos os atletas de alto rendimento alcançam tais níveis de ascensão. Obviamente, que ao generalizar

desse modo, os alunos demonstraram não ter conhecimento das questões que giram em torno da vida de um atleta.

Em relação ao aspecto lúdico mencionado pelos alunos pesquisados, caso respondessem às perguntas tendo como base um esporte de que não gostassem, seria possível identificar respostas distintas com significados igualmente distintos no conceito de esporte. Sem querer problematizar essa contradição, tais questões não foram consideradas, pois quando uma pessoa pratica esporte, ela decide por aquele que mais gosta, e isso a leva a certas conclusões sobre o esporte a partir daquilo que sentiu.

Não seria, portanto, coerente um brasileiro ou uma brasileira chegar a conclusões sobre a prática do snowboard, ou do Corfebol, ou do tênis, por exemplo, pois esses esportes não são praticados pela maioria da população brasileira. Nesse caso, ter o esporte predileto como base para responder às questões, como a maioria dos alunos fez, não foi um problema para a presente pesquisa.

#### **4.2.1.1 A Prática do Esporte no Cotidiano dos Alunos<sup>22</sup>**

Neste item, serão apresentados dados colhidos das respostas fornecidas pelos alunos ligadas às questões 2, 3 e 4 do questionário inicial (Etapa 1). Tais questões foram elaboradas com o intuito de colher dados que favorecessem a compreensão sobre como se dá a prática do esporte no cotidiano de vida dos alunos, além de caracterizar previamente (mesmo que minimamente) algumas informações sobre as possibilidades de vivências, ou não, do esporte no dia-a-dia dos alunos e como se dão essas vivências. Cabe lembrar que alguns alunos fizeram referência às perguntas do 1º bloco de questões tendo alguns jogos populares como “esporte” predileto, como demonstrado através dos dados fornecidos pelos alunos na primeira pergunta<sup>23</sup>.

A questão 2 contém em sua estrutura três perguntas e, por isso, foi desmembrada (2- Você costuma praticar seu esporte preferido? / Quantos dias por semana você tem costume de praticar esporte? / Qual o principal local que você o

---

<sup>22</sup> As questões relacionadas a este item são: 2- Você costuma praticar seu esporte preferido? Quantos dias por semana você tem costume de praticar esporte e qual o principal local que você o pratica? 3- Você costuma encontrar dificuldades para praticar esportes? Quais são essas dificuldades? 4- Comente sobre o esporte que você mais pratica. Como são as regras? Como é organizado? Quais os materiais são utilizados?

<sup>23</sup> Ver páginas 138 e 139.

pratica?) com a finalidade de apresentar os dados de maneira mais clara, relacionando os dados a cada pergunta desmembrada. Dessa forma, foram elaboradas três tabelas contendo os dados das respostas vinculadas à pergunta 2 do questionário inicial.

Você costuma praticar seu esporte preferido?		
RESPOSTA "SIM"	RESPOSTA "NÃO"	RESPOSTA ÀS VEZES
32	9	1

**Tabela 3 - Você costuma praticar seu esporte preferido?**

Quantos dias por semana você tem costume de praticar esporte?							
1x	2x	3x	4x	5x	6x	Todos os dias.	Quase todos os dias.
9	10	6	2	1	1	8	1

**Tabela 4 - Quantos dias por semana você tem costume de praticar esporte?**

Qual o principal local que você o pratica?	
Local	Quantidade
Escola	2
Campo	10
Na própria casa	4
Na casa de outra pessoa	3
Rua	10
Quadra	3
Praça	3

**Tabela 5 - Qual o principal local que você o pratica?**

Os dados da tabela 3 apontaram para a confirmação de acesso dos alunos à prática do esporte predileto. Das 42 respostas colhidas, foram constatadas 33 respostas afirmativas. Por sua vez, a quantidade de vezes que os alunos praticam esporte se mostrou diversificada como apontou as informações contidas na tabela 4.

As informações dadas pelos alunos praticantes de esporte sobre a quantidade de dias dedicados à prática esportiva (Tabela 4) apontaram que a maior parte dos alunos pratica esporte duas ou mais vezes por semana, o que demarca uma conduta favorável em relação ao desejo e disponibilidade para praticar esporte.

No que diz respeito ao local possível para a prática de esportes (Tabela 5), prevaleceram o campo e a rua como locais mais acionados quando há a intenção de vivenciar o esporte. Outros locais foram ainda relatados pelos alunos (como escola, a própria casa, casa de terceiros, praça e quadra) onde eles praticam esporte. Os dados da tabela 5 demonstraram que os alunos, em sua maioria, possuem certa liberdade para explorar os espaços em torno de suas casas para praticar esporte. A região rural onde estudam e moram os alunos da Escola Municipal Parque Capivari, ainda com baixa urbanização, pode ser um fator propiciador sobre a liberdade que os alunos possuem para a utilização predominante de espaços como campos e ruas.

Como na questão 2, repetiu-se processo de desmembramento na questão 3 que possui duas perguntas em sua estrutura. Assim, a questão 3 foi desmembrada em duas perguntas para maior clareza na exposição dos dados colhidos (Você costuma encontrar dificuldades para praticar esportes? / Quais são essas dificuldades?). Dessa forma, os dados apresentados nas tabelas 6 e 7 atrelaram-se às perguntas inerentes à questão 3.

Na questão 3, os alunos foram indagados sobre a existência ou não de dificuldade(s) para praticar esportes e, caso a resposta fosse “sim”, o aluno deveria, então, justificar que dificuldades eram essas. As respostas colhidas foram expostas na tabela abaixo:

Você costuma encontrar dificuldades para praticar esportes?		
RESPOSTA “SIM”	RESPOSTA “NÃO”	NÃO RESPONDERAM

19	24	1
----	----	---

**Tabela 6 - Você costuma encontrar dificuldades para praticar esportes?**

Das respostas “sim”, de acordo com a compreensão presente nas respostas dadas pelos próprios alunos, foram detectadas algumas justificativas em relação às dificuldades para a prática esportiva no dia-a-dia deles e outras que não refletiram dificuldades importantes que pudessem limitar ou inviabilizar a prática, por exemplo. A tabela abaixo apresenta tais justificativas e o quantitativo de recorrências em cada justificativa.

Quais são essas dificuldades?		
Justificativas		Quantitativo de respostas por justificativa
1	Não gosto de correr	1
2	Alimentação ruim e não pratico esportes	1
3	Falta de rapidez no futebol.	1
4	Minha saúde (doença)	1
5	Excesso de raiva	1
6	Deveres a cumprir	1
7	Jogar futebol é difícil	2
8	Baixo preparo físico	4
9	Sinto dores	1
10	Não tenho tempo	2
11	Não sabe “brincar”	1
12	Fazer embaixadinha	1

13	Chutar a bola no gol	1
14	Sofre muitas críticas (reclamações) quando joga	1

**Tabela 7 - Quais são essas dificuldades?**

Algumas justificativas dadas pelos alunos em suas respostas deram destaque realmente a aspectos limitadores ou potencialmente inviabilizadores da prática de esportes, como os itens 1, 2, 4, 6, 9, 10 da tabela acima. Nos itens 1 e 2, há o baixo interesse pelo esporte e pelo movimento, o que acaba refletindo na adesão do esporte como atividade de interesse. Nos itens questões 4 e 9, há o destaque para a questão de problemas de saúde ou do esforço advindo da prática esportiva, e os itens 6 e 10 destacam as tarefas obrigatórias, provavelmente em excesso, como aspectos que limitam ou inviabilizam a prática de esportes.

Nos demais itens (3, 5, 7, 8, 11, 12, 13 e 14), as justificativas não pareceram ser aspectos que limitam ou inviabilizam o acesso e a participação dos alunos no que diz respeito às vivências do esporte. Tais itens refletiram aspectos limitadores voltados ao desempenho físico ou de habilidades dos alunos no ato da prática esportiva. Os itens 3, 5, 7, 8, 11, 12, 13 e 14 não necessariamente refletiram dificuldades quanto ao acesso dos alunos ao esporte, apenas deram destaque a aspectos limitadores que podem interferir no desempenho relacionado às habilidades e ao condicionamento físico cujo resultado pode ser um menor usufruto do esporte. As argumentações nos itens 3, 5, 7, 8, 11, 12, 13 não demonstraram ser determinantes a ponto de distanciar ou reduzir o desejo do aluno pela prática esportiva. O item 14, onde está destacado o excesso de reclamações sofridas no ato de jogar, aponta para um maior risco de afastamento do esporte por causa das dificuldades de aceitação da baixa habilidade (ou pode também ser outro motivo que não foi possível verificar através do questionário) relatada pelo aluno (14) exercida pelo grupo que ele costuma jogar e que pode gerar um processo de exclusão da prática esportiva.

A questão 4<sup>24</sup> levantou algumas informações sobre como está caracterizada a prática esportiva dos alunos. Em linhas gerais, tivemos duas formas representativas sobre como o esporte praticado é relatado pelos alunos em suas respostas. Na

<sup>24</sup> A questão foi: Comente sobre o esporte que você mais pratica. Como são as regras? Como é organizado? Quais os materiais são utilizados?



primeira, os alunos atribuíram, à prática esportiva cotidiana deles, aspectos aproximados com as regras, organização e materiais do esporte de alto rendimento e, na segunda, os alunos relataram aspectos diferentes representados por regras, organização e materiais distintos que demonstraram os ajustes sofridos pelo esporte na prática para adequar-se às demandas do contexto onde o esporte é praticado pelos alunos.

Por exemplo, dos dados relevantes que puderam caracterizar certa aproximação com o esporte de alto rendimento, foram obtidas respostas que refletiram materiais sofisticados do esporte predileto do aluno, como roupa de proteção (esgrima), chuteiras e caneleiras (futebol).

Sobre as regras, os alunos chegam a mencioná-las dentro da rigorosidade do esporte de alto rendimento, como uma aluna destaca sobre o vôlei: “Não pode tocar na rede, cada equipe só pode tocar três vezes na bola, a bola tocada no bloqueio não é considerado como toque, duas equipes com seis jogadores e seis reservas, deve ter dois juízes, um anotador e quatro fiscais. Materiais: bola, quadra, antena, postes e rede”. Muito provavelmente, o aluno, que menciona na questão 3 ter dificuldades durante a semana para praticar o vôlei, não pratica o vôlei dentro da rigorosidade de regras, de organização e de materiais destacados por ela. Essa rigorosidade de regras também é percebida em outros esportes (futebol) mencionados pelos alunos, como observado em uma resposta que argumentou que as regras do futebol são rígidas.

Um dos alunos destaca que em sua vivência com o futebol, o jogador deve ser educado e respeitar os colegas e, o treinador, separa os colegas por tamanho e idade para jogar. Esse aluno ainda destaca a disciplina na utilização do uniforme e dos equipamentos obrigatórios como chuteira e caneleira.

Sobre as respostas referentes aos ajustes sofridos pelo esporte ao contexto dos alunos, foram identificadas soluções alternativas para a prática do esporte em contextos como a rua ou a própria casa dos alunos. Os alunos mencionaram que no ambiente de jogo, por exemplo, muros são como a linha lateral do campo de futebol, ou seja, se a bola bater nele ela sai. O chinelo passa a servir como traves tanto para jogos de futebol sem goleiro (os alunos fazem um gol menor) ou com goleiro (gol maior).

Outros ajustes ligados à organização e à separação das equipes para jogar são percebidos e retratam a preocupação que os alunos têm com a quantidade igual

de jogadores na composição das equipes. Quando há jogadores excedentes esses jogadores ficam de fora esperando para jogar, o que pode demonstrar algum nível de exclusão na prática esportiva dos alunos e pode representar semelhanças com os processos excludentes do esporte de alto rendimento, apesar de ser uma solução para lidar com o excesso de jogadores. Tal processo excludente também foi percebido em um jogo popular (queimado) mencionado por um aluno como “esporte” predileto. Apenas um aluno respondeu ser possível jogar com desvantagem numérica (quando o quantitativo de jogadores é ímpar e uma das equipes fica com um jogador a menos em relação à outra equipe).

Uma informação que foi recorrente em ambos os casos, tanto nas respostas que conferiram, à vivência do esporte predileto, aproximações com o esporte de alto rendimento quanto nas respostas vinculadas às adaptações do esporte ao contexto dos alunos, foi a preocupação com excessos em jogadas que pudessem machucar outro colega.

Apesar de os alunos não possuírem condições concretas aproximadas com o contexto do esporte de alto rendimento, na questão 4 houve respostas que representaram tentativas de que a prática esportiva se aproximasse do contexto do esporte de alto rendimento. Foram percebidas também respostas que representaram soluções para lidar com a possibilidade de ajustamento do esporte à realidade dos alunos. Dessa maneira, percebeu-se que há uma mescla entre tentativas de aproximações ao esporte de alto rendimento e de distanciamentos movimentados por alternativas de adaptações para vivenciar o esporte que se manifesta por causa do local ou do grupo.

Outra questão percebida esteve relacionada às possíveis aproximações e distanciamentos da prática esportiva dos alunos com o esporte de alto rendimento, pois no interior da prática transitava um conteúdo excludente fomentado pelo discurso da vitória e da derrota, já que a vitória aparece como principal critério para permanecer jogando e/ou principal fim para a prática.

Dessa maneira, o contexto esportivo dos alunos parece apresentar-se permeado de contradições que se refletem na necessidade/desejo pela prática do esporte e no modo como se dá a prática em relação aos processos de formação advindos do esporte.

Nesse sentido, nos próximos itens que se seguirão, será aprofundado paulatinamente o conhecimento sobre como o esporte se manifesta e se caracteriza nas consciências dos alunos pesquisados.

#### 4.2.1.2 As influências sofridas na predileção pelo esporte<sup>25</sup>

Os alunos apontaram algumas influências que os levaram à escolha de determinado esporte como predileto. Tais influências favoreceram possíveis traçados sobre um possível perfil de quais agentes sociais contribuíram para a preferência dos alunos por determinado esporte.

Abaixo existem duas tabelas, a primeira é referente ao total de influências citadas pelos alunos. A segunda tabela representa as respostas que não tiveram uma definição clara ou que não atenderam à pergunta realizada. Seguem abaixo:

INFLUÊNCIAS CITADAS	QUANTIDADE CITADAS
Amigos	17
Família	10
Escola	7
Televisão	6
Projeto Esportivo	6
Clube	2
Internet	2
Ídolos esportivos	1
Condições Melhores de Vida através do Esporte.	1
Vizinho	1

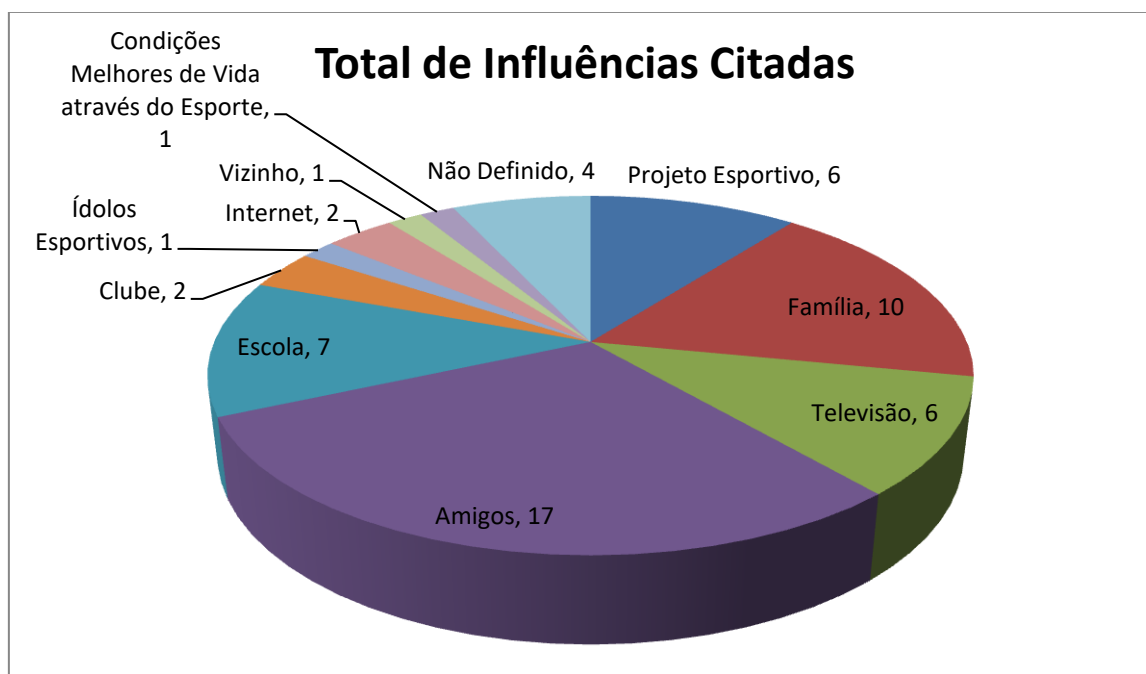
**Tabela 8 - As Influências para a Predileção do Esporte - Total de Influências Citadas.**

\*Alguns alunos responderam duas ou mais influências, por isso a quantidade de influências mencionadas é maior do que a quantidade de alunos participantes do questionário.

NÃO DEFINIDO
4

<sup>25</sup> O pergunta feita foi: Quais as influências que levaram você a preferir esse esporte? (televisão, internet, família, amigos, escola, clube, projeto esportivo e etc).

**Tabela 9 - As Influências para a Predileção do Esporte - Respostas Indefinidas ou Incoerentes com a Pergunta.**



**Gráfico 2 - Total de Influências Citadas.**

De acordo com as respostas fornecidas pelos alunos pesquisados, as maiores influências para a escolha do esporte preferido foram, em ordem decrescente, os amigos, a família, a escola, o projeto esportivo e a televisão.

O contexto social onde estão inseridos os alunos pesquisados, com muitos campos de futebol localizados em terrenos desocupados, pode ter relação com a maior influência exercida pelos amigos na escolha do esporte predileto, em destaque o futebol, como anteriormente apontado. A região parece proporcionar aos alunos certa liberdade de usufruírem desses espaços e propiciar sobremaneira o contato com amigos de diferentes âmbitos sociais (amigos da escola, amigos da rua, amigos do bairro etc) que se reúnem para jogar futebol e outros jogos da cultura popular de forma bastante espontânea, pois não existem restrições como nas grandes cidades. No entanto, não é desconsiderado o fato de o futebol, como esporte mais popular no Brasil, exercer também significativa influência sobre as crianças independentemente das condições locais inerentes à região.

De acordo com informações extraídas do questionário, a maior parte dos alunos não possui qualquer restrição para a prática de esportes. Mesmo àqueles

que disseram ter restrições, citaram a questão da falta de habilidade ou limitações em relação às próprias capacidades físicas como questões inviabilizadoras da prática do esporte. Tais argumentos não representam uma restrição em relação ao contexto onde os alunos moram como inviabilizador da prática de esportes. Apenas alguns alunos deram razões consideráveis em relação às possíveis restrições: três alunos citaram os deveres do dia-a-dia, quatro alunos apontaram algumas limitações em relação à saúde e apenas um argumentou que não gosta de praticar esportes. Dentre os motivos citados pelos alunos, nenhum conseguiu apontar as dificuldades locais para a prática de esportes em relação à falta de espaço, violência etc.

Isso demonstra que o processo de urbanização existente nas grandes cidades não alcançou a localidade onde residem os alunos pesquisados e não impactou negativamente a utilização dos espaços para a prática de esportes. Na região existem muitos campos de futebol o que torna esse esporte, por observação, o mais praticado na localidade.

## 4.2.2 OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO ESPORTE

### 4.2.2.1 Os motivos que levaram à predileção de determinado esporte<sup>26</sup>

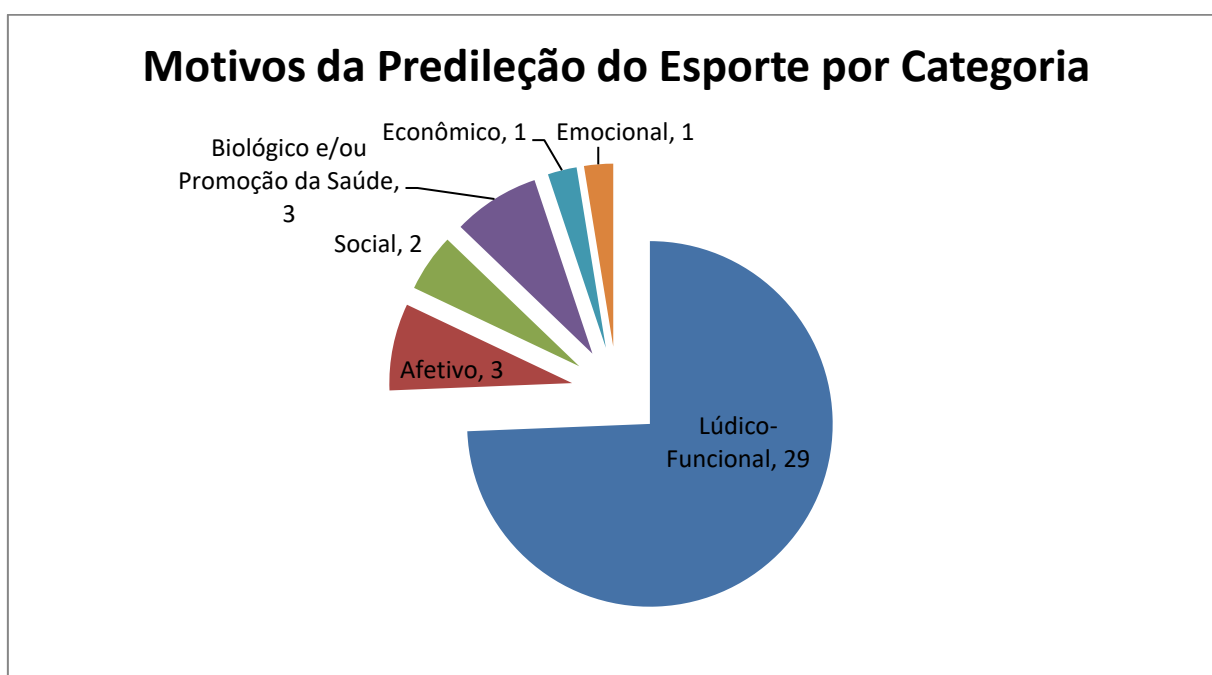
Atrelado à identificação do esporte predileto, os alunos também deveriam explicar os motivos que os levaram a preferir determinado esporte informado por eles no questionário. As respostas fornecidas foram bem restritas, ou seja, os alunos não deram explicações mais amplas sobre elas. Os motivos dados pelos alunos (legal, fortes emoções, movimento, habilidades, interações sociais, respeito, muito praticado no mundo, saúde, beleza, financeiros e extravasamento da raiva, como descrito mais abaixo) foram enquadrados nas categorias: lúdico-funcional, afetiva, social, salutar, estética, econômica e emocional, como mencionado anteriormente. Abaixo, temos o quadro organizado estabelecendo relação entre os motivos dados e as respectivas categorias.

CATEGORIAS	MOTIVOS	QUANTIDADE
Lúdico-Funcional	Legal	16
	Fortes Emoções	3

<sup>26</sup> A pergunta feita foi: Qual o seu esporte preferido e por que você gosta dele?

	Movimento e Habilidades	10
Afetivo	Interações Sociais	2
	Respeitar as pessoas	1
Social	Muito praticado no mundo	1
	Beleza	1
Biológico e/ou promoção da saúde	Benefícios para a saúde	3
Econômico	Financeiro	1
Emocional	Extravazar a raiva	1

**Tabela 10 - Os Motivos que levaram à Predileção de determinado Esporte.**



**Gráfico 3 - Motivos da Predileção do Esporte por Categoria.**

Apesar da economia das palavras nas respostas, diferenças existentes entre os diversos motivos que predominam nas consciências dos discentes pesquisados foram verificadas a partir da categorização feita. Os motivos relacionados à categoria lúdico-funcional foram os mais citados.

Os motivos fornecidos sobre a predileção do esporte, pelos alunos, concentraram-se na prática do esporte e a sensação prazerosa que ela proporciona. As demais respostas seguiram ideias sobre o esporte que são muito fomentadas

pelo discurso do senso comum, por exemplo, saúde, estética e ascensão financeira através do esporte.

A categoria econômica refletiu uma espécie de esperança depositada no futebol (esporte mencionado pelo aluno cuja motivação é a possibilidade de ascender financeiramente por meio dele) na busca pela resolução das mazelas da vida. Essa ideia não é difícil de encontrar nas consciências de muitos meninos pobres em idade escolar que sonham em ficar ricos com o esporte e ajudar a família.

A predominância de respostas vinculadas à categoria lúdico-funcional relacionando o movimento ao prazer foi verificada também na prática, nas diferentes vivências do futebol realizadas no “campo de aula” localizado atrás da escola, conhecido como “Sangue Areia”.

O clima de ludicidade começava antes do início da aula tornando-a um momento de descontração e risadas, um exemplo disto é que quase sempre o campo era ocupado por cavalos cujos donos os deixavam ali para que se alimentassem do capim em volta do campo, gerando brincadeiras em torno de como o animal seria retirado de lá. Os alunos sempre conseguiam afugentar o animal distanciando-o do local onde seria realizada a aula, mostrando bastante naturalidade para lidar com esse tipo de situação. A aula nunca precisou ser cancelada por causa da presença dos cavalos, uma vez que os alunos demonstravam habilidades para lidar com o animal e transferi-lo de lugar.

Nas aulas realizadas no campo de futebol, o aspecto lúdico foi algo muito presente. Os alunos demonstraram participação quase total durante a unidade didática, mantendo boa assiduidade. Estar no campo jogando futebol era algo realmente desejado pelos alunos, e isto resultou na permanência deles durante praticamente todas as aulas, participando integralmente de todos os momentos e atividades propostas.

Foram observadas diferenças visíveis de interesses entre as aulas realizadas em sala, e as realizadas no campo de futebol. No geral, isto foi um momento de grande dificuldade, já que conteúdos importantes eram transmitidos em sala de aula, e se faziam necessários. O calor e o sol forte no campo dificultavam a aplicação da teoria na perspectiva que trouxemos e tratamos com os alunos e, portanto, na sala os alunos poderiam estar mais confortáveis para a assimilação dos conhecimentos

propostos. A sala de aula, foi considerada, portanto, o local mais propício para tratar os textos que contemplavam a unidade didática.

Nesse sentido, procedemos com a unidade didática alternando-a entre sala de aula e campo de futebol, sem fragmentar os conhecimentos transmitidos ao longo do desenvolvimento da unidade didática. A Matriz Metodológica Crítica utilizada (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA) contribuiu para que houvesse uma vinculação entre as atividades e os conhecimentos transmitidos mantendo coerência com uma progressão pedagógica adequada às pretensões desta pesquisa.

#### 4.2.2.2 Os significados do esporte<sup>27</sup>

A presente questão foi voltada para a obtenção do significado que o esporte possui nas consciências dos discentes, objetivou a possibilidade de obter respostas mais amplas que fizessem com que o aluno direcionasse sua percepção de esporte também para o mundo ao seu redor, para o contexto social onde se encontra e, a partir disso, obter informações não apenas do significado que ele mesmo dá ao esporte, mas também em relação ao significado do esporte no contexto social referido. Os significados fornecidos pelos alunos foram esquematizados nas categorias elencadas para melhor visualização dos dados, como mostra o quadro abaixo.

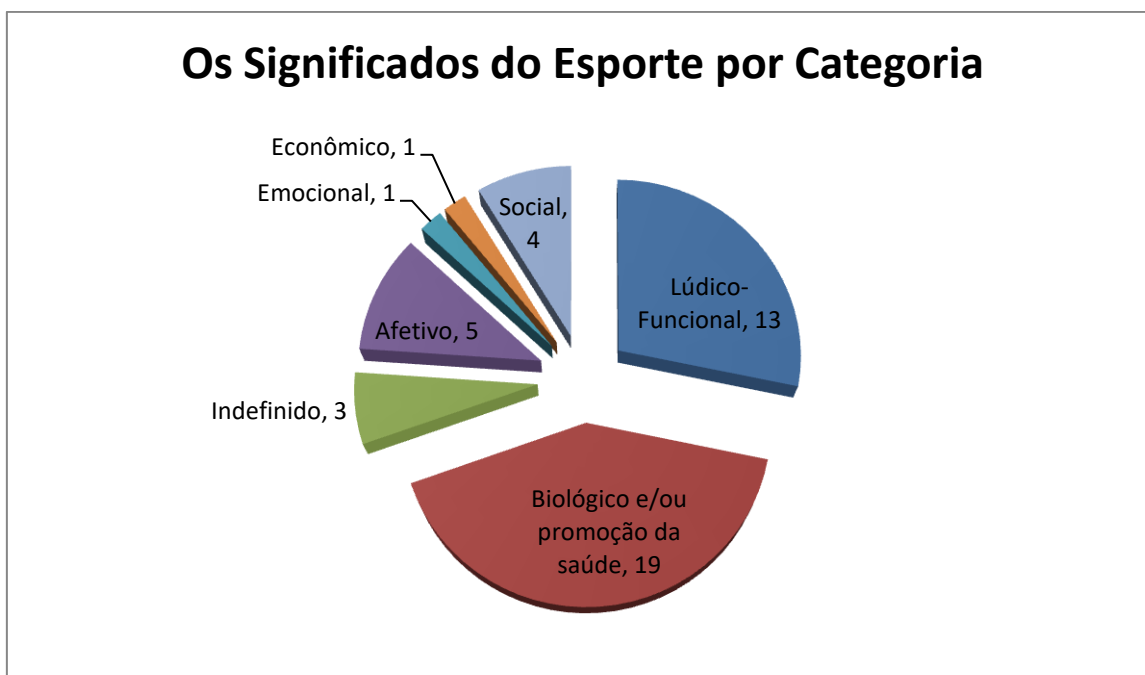
SIGNIFICADOS	CATEGORIAS	QUANTIDADE	TOTAL/CATEG.
Ensina coisas da vida	Indefinida	1	3
Atividade televisiva	Indefinida	2	
Importante para a saúde e bem-estar	Biológico e/ou promoção da saúde	16	19
Condicionamento físico	Biológico e/ou promoção da saúde	2	
Cansativo	Biológico e/ou promoção da	1	

<sup>27</sup> A pergunta feita foi: O que significa esporte para você?



	saúde		
Diversão	Lúdico- funcional	7	13
Movimento	Lúdico- funcional	2	
Atividade prazerosa	Lúdico- funcional	1	
Lazer	Lúdico- funcional	2	
União	Afetivo	1	5
Companheirismo	Afetivo	1	
Lidar com pessoas	Afetivo	1	
Amar o esporte	Afetivo	1	
Interagir com outras pessoas (fazer amizades)	Afetivo	1	
Atividade emocionante	Emocional	1	1
Ascensão financeira	Econômico	1	1
Jogar limpo (Respeitar as regras do jogo)	Social	1	4
Ter foco (concentrar-se nos objetivos)	Social	1	
Competição (Disputa, confronto)	Social	2	

**Tabela 11 - Significados do Esporte.**



**Gráfico 4 - Os Significados do Esporte por Categoria.**

Em relação aos significados atribuídos ao esporte, a categoria biológico e/ou promoção da saúde foi a mais difundida nesta questão pelos discentes. Logo em seguida, tivemos a categoria lúdico-funcional. Essas duas categorias juntas representaram mais do que o dobro das demais.

Percebeu-se que a categoria biológica-salutar atribuída ao esporte nesta questão era bastante presente nas consciências dos alunos. Por meio do discurso salutar, o esporte é aceito no cotidiano dos alunos como sinônimo de vida saudável. Tal discurso é bastante presente no senso comum, e atribui ao esporte essa aura benéfica que o vincula às diferentes representações de vida saudável e bem-estar. Não houve qualquer distinção entre o esporte nos níveis do alto rendimento, e fora desse contexto, ele é visto sob o prisma dos diversos benefícios para saúde, e praticá-lo é sinônimo de obtenção de tais benefícios.

Interessante observar como a dimensão biológico e/ou promoção da saúde do esporte está presente. O senso comum tende a colocar sobre o esporte as virtudes para a obtenção de uma vida saudável. Tal ideia parece refletir informações aparentes em relação ao esporte e seu significado social, que estão presentes nas consciências dos alunos. De modo geral, essa reflexão está diretamente ligada à sociedade e à educação física, pois essa ideia de esporte vinculado à saúde foi absorvida e propagada por ela durante anos persiste essa visão salutar direcionada

pelos aspectos biológicos, que tende a supervalorizar o esporte a partir dos possíveis efeitos que ele pode gerar para a saúde, desconsiderando a função social conservadora que ele exerce nas consciências e que se perpetua pelo senso comum.

Sob o ponto de vista das afirmações feitas pelos alunos, a ideia sobre a educação física possui ainda forte aproximação com a perspectiva biologicista-esportivista com foco na promoção da saúde individual por meio do esporte. As repetições de movimento vistas como possibilidades de obtenção de saúde pode ser motivo de empobrecimento das possibilidades mais amplas que a educação física pode ter. Essa perspectiva parece ser muito forte nas consciências dos alunos e isso pode ser um entrave para perspectivas pedagógicas que intentam a destruição do conservadorismo e a construção de uma visão crítica e libertadora coerente com uma formação humana crítica.

Em relação à categoria lúdico-funcional, os significados do esporte assumidos pelos alunos destacaram que a função lúdica do esporte é um fator importante para a sua adesão. A prática esportiva cotidiana e a movimentação corporal assumem um significado importante para os alunos que veem o esporte como uma atividade agradável e divertida, isto é, inofensiva do ponto de vista ideológico.

Não parece haver qualquer problema em considerar o prazer que o esporte pode proporcionar provenientes de suas possibilidades de movimentação corporal. As aulas de educação física podem se beneficiar dos aspectos lúdicos para realizarem a transmissão de seus conhecimentos atrelados a uma concepção político-filosófica que atenda à formação do homem sob uma perspectiva crítica, ou seja, que o aluno possa perceber o esporte como um elemento da cultura corporal, sendo capaz de distinguir as aparências e a essência desse fenômeno social sem deixar de lado as possibilidades de movimentação corporal advindas do esporte, dos conhecimentos próprios dele e para além dele.

No caso de uma priorização dos aspectos lúdico-funcionais, completamente descomprometidos com uma concepção político-filosófica de ensino, é possível que haja um reducionismo dos conhecimentos a serem transmitidos e, atrelado a isso, a educação física poderá diluir-se em um recreacionismo barato, como se a educação física servisse apenas para que o aluno extravase sua energia para estar mais sereno nas aulas tidas como “sérias”.

A categoria afetiva apontou para a ideia de que o esporte propicia a aproximação das pessoas por meio da sua prática, já que, segundo os alunos pesquisados, desenvolve valores humanos como união e companheirismo, por exemplo, nas relações sociais estabelecidas ao praticar esportes.

A categoria social apontou significados do esporte que podem estar em convergência com as sociabilidades presentes atualmente. Refletiu, sobretudo, valores pretendidos na prática esportiva que se assemelham com os da sociedade. “Ter foco”, “Competição” e “Jogar limpo” são significados atribuídos pelos alunos ao esporte que representaram o tipo de ambiente e como ele ocorre (competitivo), as características que devem ter aqueles que o praticam para obter a vitória (ter foco) e a maneira como devem se portar os praticantes de esportes em relação às normas que devem seguir, tanto em relação ao semelhante, quanto em relação ao contexto competitivo do esporte. A isso se juntou a exigência ética que possibilita conviver com a derrota e com a vitória (Jogar Limpo).

A categoria econômica traduziu a ideia que se tem do esporte como sinônimo de ascensão econômica e social. Na categoria indefinida, tivemos um significado atribuído ao esporte relacionado ao modo natural que ocorre a aprendizagem de “coisas” que servirão para a vida (o que pode ser verdade já que o esporte tende a se caracterizar pela formação do pensamento unidimensional no homem), mesmo não constando por parte do aluno aquilo que foi aprendido. A relação entre esporte e mídia também foi lembrada como uma forma de entretenimento, que por sinal, é bastante explorada pela mídia capitalista. Isso refletiu que a ideia espetacularizada do esporte também marca presença nas consciências dos alunos.

Através dos significados informados pelos alunos pesquisados, observou-se que as percepções do esporte são diversas. Apesar disso, nenhuma resposta apresentou como característica a identificação de traços opostos à lógica de esporte vigente. Os significados do esporte possuíram maiores concentrações em duas categorias, a saber: lúdico-funcional e biológico e/ou promoção da saúde.

Tais categorias, vistas de forma isolada, apontaram para duas demarcações de educação física bastante criticada por intelectuais da área, e que figuram como formas conservadoras de ensinar esportes em aulas de educação física: o recreacionismo e a perspectiva biológico-esportivista.

Dessa maneira, a educação física pareceu internalizada nas consciências dos alunos a partir das duas perspectivas citadas, contribuindo para a reprodução do

conservadorismo na área e, também, para a manutenção de uma consciência fundamentada no senso comum, permitindo que o aluno entre e saia da aula de educação física do mesmo modo, pensando o esporte da mesma forma.

### 4.2.3 OS APRENDIZADOS DO ESPORTE

#### 4.2.3.1 Os aprendizados proporcionados pelo esporte<sup>28</sup>.

APRENDIZAGENS	CATEGORIAS	QUANTIDADE	TOTAL/CATEG.
Nada	Indefinida	1	5
Várias Coisas	Indefinida	1	
Não ter preguiça	Indefinida	1	
Ajuda-nos em diversas coisas	Indefinida	1	
É útil	Indefinida	1	
É legal	Lúdico- Funcional	1	14
Habilidades do esporte	Lúdico- funcional	9	
Praticar esportes e/ou jogos	Lúdico- funcional	2	
Lazer	Lúdico- funcional	1	
A se divertir	Lúdico- Funcional	1	
Ter mais rendimento	Biológico e/ou promoção da saúde	1	11
Se exercitar	Biológico e/ou promoção da saúde	2	
Ficar em forma	Biológico e/ou promoção da	2	

<sup>28</sup> A pergunta feita foi: O que você aprendeu com o esporte?

	saúde		
Controlar a respiração	Biológico e/ou promoção da saúde	1	
Uma forma de ter Saúde	Biológico e/ou promoção da saúde	4	
Dá disposição	Biológico e/ou promoção da saúde	1	
Respeito	Afetiva	1	5
Companheirismo	Afetiva	1	
Interagir Socialmente	Afetiva	1	
Ser educado com os outros	Afetiva	1	
Fazer amigos	Afetiva	1	
Ajuda a ter maior auto-estima	Emocional	1	4
Superação dos medos	Emocional	1	
Ter mais calma	Emocional	1	
Controlar a raiva	Emocional	1	
Quem treina vence	Social	1	11
Ter talento	Social	1	
Disciplina	Social	1	
Saber vencer e perder	Social	5	
Ser mais competitivo	Social	1	
Que perder é normal	Social	1	
Aprender com os erros	Social	1	

**Tabela 12 - Os Aprendizagens do Esporte.**



**Gráfico 5 - Aprendizados do Esporte por Categoria.**

Quando os alunos foram perguntados sobre o que se aprende com o esporte, as categorias lúdico-funcional, biológico e/ou promoção da saúde e social tiveram a maior concentração das informações fornecidas, sendo que a primeira obteve maior número de respostas do que as outras duas.

Em destaque, na categoria lúdico-funcional, foram obtidas respostas semelhantes entre os alunos pesquisados. Tais respostas evidenciaram a aquisição de habilidades esportivas como possíveis aprendizados advindos do esporte. As expressões dos alunos fizeram menção às características pragmáticas aproximadas com o tecnicismo bastante predominante no esporte de alto rendimento e nas aulas de educação física escolar.

Essa visão exclusivamente pragmática do esporte pode ser um fator de unidimensionalidade do pensamento, pois não se percebeu o esporte como um elemento da sociedade e que, por isso, sofreu as influências dela. O esporte passa a ser percebido como algo bom, livre das influências impostas pela sociedade e isento, talvez, de qualquer crítica mais aprofundada.

Através do movimento, o homem é capaz de inserir-se na cultura corporal, sendo assim, o que se deve ter em foco é o contexto permeado de valores em que esse movimento se manifesta. O movimento, como aspecto que insere o homem no esporte, praticado e percebido a partir dos elementos do alto rendimento, como: alta

competição, sobrepujança, rendimento máximo, meritocracia e individualismo, pode exercer a função de unidimensionalização do homem como resultado da baixa conscientização em relação ao esporte e como ele é inserido na sociedade.

O movimento humano, dessa forma, pode ser um fator de ligação entre o homem e a cultura corporal como forma de ajustamento dos indivíduos aos valores que regem a sociedade vigente. O esporte do ponto de vista pragmático acaba sendo um mecanismo sutil de docilização dos indivíduos às formas de sociabilidades unidimensionais, pois propaga e absorve os valores sem cogitar a existência deles.

Nesse caso, os aprendizados do esporte vão além das habilidades técnicas, mesmo que tais movimentos no contexto do esporte de alto rendimento (ou próximos do alto rendimento) aparentem estar apenas na esfera da manifestação cinética do corpo, do observável do esporte, existirão sempre aspectos axiológicos que irão além do observável imediato relacionado ao movimento humano e das espantosas habilidades manifestadas. O esporte, na sociedade unidimensional, referido pelo padrão do alto rendimento tende a assumir os valores dessa sociedade e, portanto, pode exercer a mesma influência unidimensional sobre os homens.

Algumas respostas enquadraram-se na categoria biológico e/ou promoção da saúde e não houve incoerências na relação pergunta-resposta. As respostas seguiram a mesma linha de raciocínio apresentada nas perguntas anteriores em relação a esta mesma categoria, ou seja, nas perguntas, as aprendizagens possíveis e advindas do esporte têm relação com a promoção da saúde por meio da prática esportiva. As respostas, de modo geral, expressaram que o esporte pode ser um meio pelo qual a pessoa aprende a ser mais saudável e a obter condicionamento físico, e por meio da aquisição de um corpo saudável, é possível, por exemplo, obter maior rendimento físico.

Na categoria Social foram enquadradas algumas respostas fornecidas pelos alunos que se articularam com a formação de condutas aproximadas com valores desejáveis, que podem ser otimizados e naturalizados através do esporte, para o tipo de sociabilidade almejada pela sociedade vigente. Nas respostas foi possível perceber que os aprendizados gerados pelo esporte contribuem para o aprendizado de alguns valores que estimulam formas dóceis de conduta perante a realidade. Tais formas favorecem a visão positiva de esporte sob um ponto de vista de algo cheio de virtudes favorecedoras de uma melhor formação de caráter do ser humano, pois está de acordo com o tipo de conduta que a sociedade quer.



As respostas dadas pelos alunos nesta categoria tiveram referências claras aos valores desumanos do esporte, mesmo elas não sendo explicitadas, tais como, por exemplo, a alta competitividade, a meritocracia e a sobrepujança. Para os alunos, “ser mais competitivo”, ao que parece, é uma conduta que se deve ter atualmente e o esporte pode contribuir para que essa conduta seja adquirida e aprimorada.

Outra frase utilizada por um dos alunos foi “quem treina vence” que reflete bastante a questão da meritocracia e do esforço individual. A palavra “treina” assume o sentido de esforço individual para alcançar os objetivos pretendidos, é a ideia de superação que se vincula não apenas à questão do esporte, mas também, a do condicionamento da consciência individual em relação às condições egocêntricas que cercam a vida.

Outra resposta que possui relação com a meritocracia e com a noção de individualismo é “aprender com os erros”. Essa resposta pode servir como um anestésico para as relações sociais desiguais que estão presentes e são fomentadas pelo esporte através da meritocracia. Não conseguir ou errar, é compreendido como uma questão interna do indivíduo, uma condição que envolve o mérito individual de superar as dificuldades impostas por meio do esforço individual e da capacidade de adaptar-se às exigências comportamentais por meio de *feedbacks* desejados pela sociedade. No esporte isso significa sucessivos e crescentes ajustamentos adaptativos para vencer ou sobrepujar o outro. A vida em sociedade parece seguir a mesma lógica e aqueles que não se adaptam ficam de fora.

O esporte também pode ensinar a ter “disciplina”. Tal ideia pode estar alinhada com a competitividade do esporte, ou seja, por ser praticado em um ambiente onde as tensões geradas envolvem muitos conflitos; ter autocontrole e domínio próprio envolve uma conduta adequada para lidar com a vitória e com a derrota. Além disso, o esporte como elemento disciplinador contribui para o cerceamento de formas de pensamento de oposição ao tipo de racionalidade que tem predominado na sociedade.

Ao atribuir que “saber vencer e perder” é uma forma de aprendizagem proporcionada pelo esporte, presume-se que exista um processo via esporte de naturalização dos processos competitivos entre as pessoas cuja lógica está relacionada com a existência de vencedores e perdedores também nas relações

humanas evidenciadas na sociedade. O esporte, com isso, pode gerar a unidimensionalização das consciências através da normalização de valores almejados pela sociedade unidimensional que dizem respeito às relações sociais desiguais estabelecidas entre os homens na sociedade capitalista, tendo como base a competição existente entre eles na busca pela sobrevivência justificada pela divisão de classes.

Essas ideias presentes na categoria social advindas das respostas fornecidas pelos alunos podem ser problemáticas, pois geram uma aceitação natural dos processos sociais que ocorrem no esporte. Tais processos sociais se assemelham muito com os da sociedade vigente podendo cristalizar-se nas consciências dos indivíduos e, assim, perpetuar o obscurecimento das contradições nas relações sociais e induzir à culpabilização da classe vítima da sociedade geradora de desigualdades entre os homens.

A categoria afetiva ressaltou que o esporte ensina valores fundamentais para uma melhor convivência entre as pessoas, tais como o companheirismo e o respeito. Nesse sentido, os alunos destacaram a função de desenvolvimento interpessoal como consequência da prática de esportes. As interações sociais geradas pelo esporte favorecem a vida, o contato entre as pessoas e a boa convivência com o outro.

O esporte de alto rendimento, de acordo com os altos níveis de competição que possui, tende a estimular condutas e comportamentos diferentes das citadas pelos alunos. As impressões afetivas relacionadas ao aspecto interacional do esporte fornecidas pelos alunos não condiz com a realidade apresentada tanto nos padrões do alto rendimento quanto nos padrões fora do contexto do alto rendimento do esporte.

Na unidade didática dirigida aos alunos, foi possível verificar diversos momentos de negação dos valores de respeito e companheirismo, apesar das diversas tentativas de amenização dos impactos negativos causados por um ambiente competitivo por parte do professor. Dentre alguns exemplos possíveis, podemos citar os arranjos realizados por alguns alunos na montagem das equipes buscando favorecer a si mesmos com a formação de equipes fortes, com as sucessivas tentativas de exclusão de alunos menos habilidosos, de algumas atividades ou da própria equipe. Em outros casos, irritações e xingamentos quando um colega errava uma jogada e o desejo de ter o controle da maioria das ações do

jogo por parte dos alunos mais habilidosos, inviabilizaram, conseqüentemente, a participação de outros alunos principalmente àqueles com dificuldades.

O esporte pode ensinar formas de relacionar-se socialmente. Cabe questionar quais valores embasam a racionalidade do esporte e as relações sociais que se estabelecem no ambiente esportivo, e as que se estabelecem entre os homens. Ao que parece, ocorreram incoerências em relação à visão que se tem do esporte, nas respostas dadas pelos alunos, e o que realmente aconteceu na prática durante as aulas no campo. Essas incoerências parecem refletir o pensamento unidimensional que esconde a verdade no fenômeno esportivo.

Não estamos inviabilizando totalmente possíveis aprendizagens citadas pela categoria afetiva, já que, ao jogarem juntos, os alunos podem desenvolver valores como respeito para com seus semelhantes, mas também podem desenvolver condutas de desrespeito, como visto em aulas. Quando os alunos atribuem ao esporte uma visão ingênua de promoção de valores capazes de formar o homem ajustado adequadamente às demandas de relacionamento interpessoal entre seus praticantes, parece haver uma incoerência acerca das verdadeiras relações estabelecidas entre os homens no esporte.

Tal ideia de que o esporte estimula relações interpessoais “saudáveis” é algo presente no senso comum, mas aponta para uma divergência entre o que se pensa sobre o esporte e o que ele realmente estimula. Cabe ressaltar que essa condição do esporte estar relacionado muito mais ao estímulo de formas de relações sociais hostis, dá-se principalmente pela racionalidade existente nele embasada pelos valores de alta competitividade, sobrepujança, rendimento máximo, meritocracia e individualismo presentes e estimuladas na atual organização social materializada no capitalismo.

Mesmo realizando comparações com o esporte de alto rendimento (tipo de esporte veiculado pela mídia global), ainda observam-se muitos de exemplos de formas de relações interpessoais hostis entre os atletas. A partir disto, identificamos um certo obscurecimento das relações contraditórias do esporte, nas quais se tem uma supervalorização dos aspectos positivos que interessam à sociedade vigente, e o fortalecimento do esporte enquanto mercadoria, ao mesmo tempo que os aspectos negativos do esporte tornam-se irrelevantes enquanto fenômeno de contradições.

A categoria emocional revelou outras compreensões acerca do esporte nas consciências dos alunos. As compreensões sobre as aprendizagens proporcionadas

pelo esporte estão direcionadas a uma ideia terapêutica. Dessa forma, é atribuído ao esporte que, através de sua prática, pode contribuir para a superação de medos ou, através da externalização das tensões corporais, pode gerar mais calma ou, até mesmo, melhorar a autoestima das pessoas. O esporte parece ser tomado como uma espécie de remédio contra as irregularidades e misérias que afetam o homem contemporâneo em relação às diversas condições emocionais e psicológicas de uma vida difícil e, talvez, vazia de sentidos.

Em uma das respostas, um aluno atribuiu, como uma das aprendizagens do esporte, o controle da raiva. Os motivos da raiva não foram colocados por ele, mas ao que parece o esporte poderia desempenhar a função de canalizar a raiva para outra direção. A resposta de um dos alunos “ter mais calma” também pode se enquadrar nesta perspectiva de extravasamento de tensões do dia-a-dia.

A função terapêutica do esporte como forma de tratamento para as emoções foi percebida também nas respostas “superação dos medos” e “ajuda a ter maior autoestima”. Tais respostas poderiam ser absolutamente verdadeiras se o esporte pudesse tornar a vida das pessoas melhor, o que não parece verdadeiro. O esporte atua mais como um apaziguador das mazelas da vida e dos problemas cotidianos enfrentados pelas pessoas da classe trabalhadora, canalizando as tensões e possíveis revoltas vinculadas a uma vida de privações materiais estimuladas por um sistema opressor e desigual. O esporte é assimilado, ainda que não o seja, como se fosse uma espécie de terapia, ajudando os indivíduos a conviverem com a labuta e as dificuldades diárias.

#### **4.2.3.2 A Utilidade das Aprendizagens Advindos do Esporte<sup>29</sup>**

Quando os discentes foram questionados se tais aprendizados serviriam para suas vidas, 37 responderam que sim, e apenas 5 responderam que não, 2 não justificaram as respostas. Abaixo, as respostas dadas pelos alunos à questão:

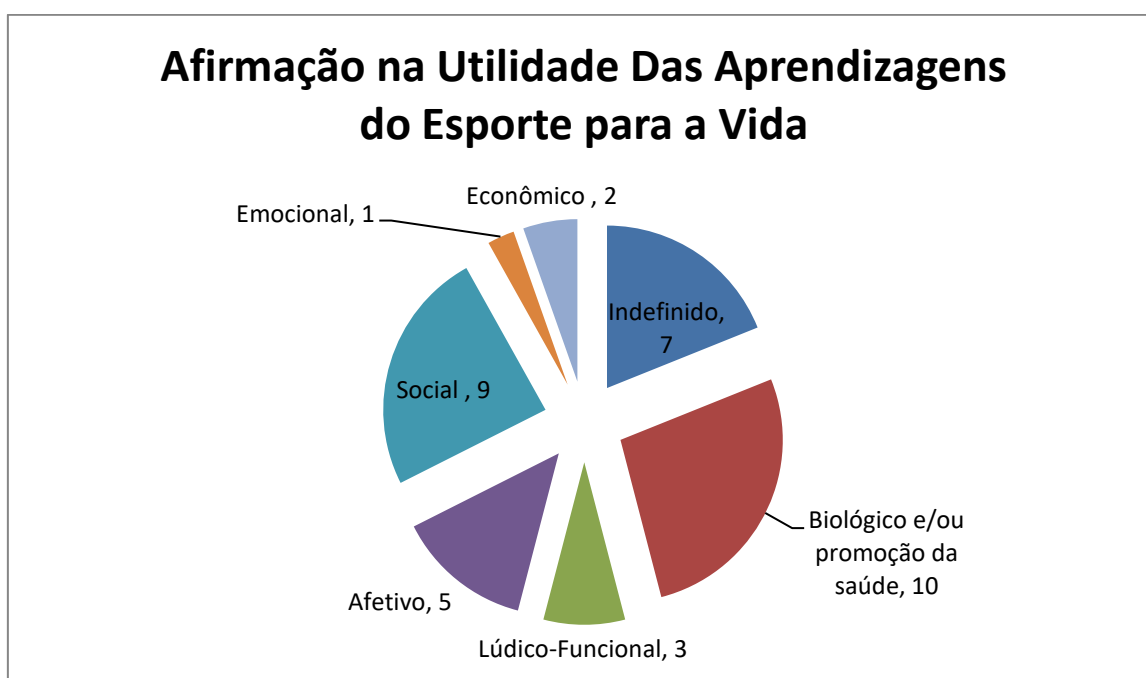
RESPOSTA – SIM	CATEGORIAS	QUANTIDADE	TOTAL/CATEG.
----------------	------------	------------	--------------

<sup>29</sup> A pergunta feita foi: Você acha que os aprendizados obtidos através do esporte serão úteis para a sua vida? Se a resposta for sim, dê exemplos de como ele será útil. Se a resposta for não, justifique-a.

Útil para o futuro	Indefinido	1	7
Útil para escapar de ataques	Indefinido	1	
Ajudar para a vida toda	Indefinido	1	
Ter raciocínio melhor	Indefinido	1	
Fugir de cachorros	Indefinido	1	
Hábito positivo de vida	Indefinido	1	
Esportes são necessários	Indefinido	1	
Ficar saudável	Biológico e/ou promoção da saúde	8	10
Ficar fitness	Biológico e/ou promoção da saúde	1	
Ter mais qualidade de vida	Biológico e/ou promoção da saúde	1	
Aprender habilidades motoras	Lúdico-Funcional	2	3
Manter-se fazendo esportes	Lúdico-funcional	1	
Ser educado	Afetivo	1	5
Respeitar o próximo	Afetivo	1	
Confiança em outras pessoas	Afetivo	1	
Não desfazer amizades por coisas bobas	Afetivo	1	
Não desvalorizar outras pessoas	Afetivo	1	
Ter mais consciência do que fazer	Social	1	9
Respeitar o professor e o “juiz”	Social	1	
Combater a competitividade	Social	1	
Saber ganhar e perder	Social	1	
Não ser arrogante	Social	1	
Ser menos egoísta	Social	1	

Se esforçar	Social	1	
Nunca desistir	Social	1	
Nunca perder a fé	Social	1	
Não ficar com raiva	Emocional	1	1
Uma forma de mudar de vida	Econômico	2	2

**Tabela 13 - Utilidade das Aprendizagens advindas do Esporte – Respostas Afirmativas.**



**Gráfico 6 - Afirmação na Utilidade das Aprendizagens do Esporte para a Vida.**

RESPOSTA – NÃO	CATEGORIA	QUANTIDADE	TOTAL/CATEG.
Quer ser outra coisa	Indefinido	1	2
Não quer continuar jogando	Indefinido	1	
Vai ficar longe da família	Afetivo	1	1

**Tabela 14 - Utilidade das Aprendizagens advindas do Esporte – Respostas Negativas.**



**Gráfico 7 - Negação na Utilidade das Aprendizagens do Esporte para a Vida.**

Os alunos destacaram de forma significativa que o esporte é um fenômeno capaz de contribuir com aprendizagens para a vida do ser humano. O esporte foi considerado um elemento que traz diferentes benefícios para os indivíduos que o praticam, sendo então útil, já que tais aprendizagens podem ser levadas para a vida.

Algumas respostas favoráveis ao esporte não foram relevantes para a presente pesquisa. Essas respostas concentraram-se na categoria indefinida, pois apesar de não serem úteis para a presente pesquisa pela difícil compreensão do que realmente o aluno quis dizer, elas podem ter algum significado que não poderia ser descoberto apenas pelo questionário aplicado. Destacamos, então, duas respostas que foram descartadas da questão acerca da utilidade das aprendizagens do esporte para a vida, são elas: “Fugir de cachorros” e “útil para fugir de ataques”.

Para a presente questão, uma concentração maior das respostas foi obtida nas categorias biológico e/ou promoção da saúde e social. A grande presença de respostas relacionadas à categoria social pode ter ocorrido pelo fato de a pergunta ter visado à captação da percepção do aluno sobre o esporte a partir de um ponto de vista mais amplo e menos restrito à opinião individual, uma vez que o aluno precisou pensar os possíveis aprendizados concernentes ao esporte tendo como referência o universo social em que está situado e os impactos de tais aprendizagens em sua própria vida.

Aqueles alunos que responderam “não” (cinco, com apenas três justificando a resposta) não conseguiram apontar uma justificativa que fosse coerente com a negação da forma de pensamento unidimensional, que circula sem qualquer resistência no discurso do senso comum sobre o esporte, e que estava bastante presente nesta questão.

Na categoria biológico e/ou promoção da saúde, as aprendizagens úteis para a vida proporcionadas pelo esporte concentraram-se na função do esporte para a formação de hábitos saudáveis. O cuidado com a estética e a promoção da qualidade de vida como aspectos inerentes ao esporte também foram mencionados, mas em menor quantidade nesta categoria. “Ficar saudável” foi considerado o principal argumento utilizado pelos alunos em relação às aprendizagens que o esporte pode proporcionar para a vida de uma pessoa.

As respostas presentes na categoria social referiram-se à contribuição do esporte para a formação do caráter individual, tendo como argumentos o esforço individual, insistência nos objetivos que se quer alcançar, luta pela superação de dificuldades etc. Os aprendizados obtidos a partir do esporte trouxeram a ideia meritocrática e individualista imposta pela sociedade capitalista com a consequente reprodução de valores para a docilização do indivíduo frente às desigualdades da sociedade. O esporte mascara as relações sociais projetando valores unidimensionais da realidade sobre o indivíduo que passa a enxergar as dificuldades sociais a partir de um olhar parcial. O indivíduo aprende que deve se esforçar se quiser melhorar de vida, mas não há qualquer cogitação de que o sistema que rege a sociedade é precário a ponto de excluir as pessoas promovendo barreiras sociais que impedem o desenvolvimento pleno para a maior parte dos homens, o que inviabilizaria uma vida melhor. Nesse sentido, o esporte parece contribuir para fixar o pensamento dos indivíduos no individualismo, mascarando as desigualdades do sistema capitalista e protegendo-o por meio da culpabilização da vítima.

Parece existir incoerência entre o conteúdo das respostas dadas pelos alunos e a forma como o esporte se apresenta na sociedade a partir de um olhar crítico. Essa incoerência se dá a partir da divergência existente entre o discurso a favor das aprendizagens advindas do esporte feito pelos alunos e a inverdade presente em tais afirmações sobre a função social exercida pelo esporte na sociedade. O pensamento unidimensional presente na ideia de esporte pelos alunos não lida apenas com o lado positivo da realidade (pensamento conservador de esporte), mas



também forja inverdades em relação às contribuições de formação do esporte para o ser humano. Essas inverdades são constatadas no discurso do senso comum, transvestido de verdade.

Para exemplificar, temos nas respostas, “combater a competitividade”, “não ser arrogante” e “não ser egoísta”, algumas dessas incoerências, pois como aprender a combater a competitividade através dos exemplos dados pelo esporte de alto rendimento que servem como referência para a sociedade. Apesar de o esporte ter esse poder de combater a competitividade presente na sociedade capitalista, ser menos competitivo para adentrar nesta sociedade não parece ser uma coisa coerente. Na sociedade que fomenta o “cada um por si” ser menos competitivo significaria estar à margem. Além disso, a arrogância e o egoísmo são valores do autoritarismo presente no capitalismo, e o esporte como fruto desse sistema reproduz esses valores. Dessa forma, muitos jogadores de futebol famosos parecem arrogantes e egocêntricos. Justamente são esses atletas que mais aparecem na mídia e são, por vezes, idolatrados por ela.

“Nunca desistir”, “nunca perder a fé” e “se esforçar” são outras respostas que carregam valores da sociedade individualista, compreendendo a ideia de que se deve tentar diversas vezes até alcançar os objetivos e sonhos pessoais. Cabe, então, ao indivíduo, através da persistência conseguir uma vida melhor.

Nesse sentido, o esporte promove acirrada meritocracia no interior de suas sociabilidades enquanto dociliza os indivíduos à sociedade por meio da transmissão de uma concepção de vida egocentrista cuja demanda está no próprio esforço para alcançar um espaço na sociedade através dos mecanismos meritocráticos “disponíveis”.

Esses mecanismos meritocráticos podem ser observados nas consciências dos alunos pesquisados através das respostas fornecidas por eles e que se situaram na categoria social. Tais ideias meritocráticas estão presentes tanto no esporte de alto rendimento quanto no contexto fora dos padrões do alto rendimento, como no caso da prática esportiva realizada nas aulas da unidade didática.

Nas aulas realizadas no campo de futebol, intentou-se para a supressão dos valores meritocráticos e para ampliação dos valores democráticos. Na tentativa de ampliação destes valores, ocorreram resistências durante as aulas que favoreceram a predominância do aspecto meritocrático em diversos momentos. Isso se deu pelo fato de os alunos, em suas práticas esportivas cotidianas, terem condutas

aproximadas com os aspectos meritocráticos e acabavam, dessa forma, trazendo tal valor conservador para a aula.

Durante toda a unidade didática (exceto a última aula), foram trazidas pelo professor reflexões sobre a importância da ampliação da participação como forma de coibir a meritocracia. Para isso, foram utilizadas estratégias que favorecessem os alunos menos habilidosos ao mesmo tempo que foi estabelecido limitações em relação à predominância do controle das ações pelos alunos mais habilidosos, tanto nas vivências quanto nas decisões a serem tomadas. Tais procedimentos tiveram certa dificuldade pela lógica meritocrática predominante. Infelizmente, os alunos mais habilidosos muitas vezes tinham a palavra final.

Na última aula da unidade didática, os alunos tiveram total autonomia na condução e nas decisões a serem tomadas durante a aula. Apesar dos esforços nas aulas anteriores realizados pelo professor para abrir espaço para processos menos centralizados nos mais habilidosos, quando estes se viram à frente nas tomadas de decisões (qual atividade realizar, implementação, ou não, de regras que pudessem valorizar a participação no jogo de forma mais homogênea, como seriam separadas as equipes etc.), a meritocracia prevaleceu tanto nas escolhas das equipes quanto na atividade a ser realizada. Além disso, nenhuma regra foi estabelecida para amenizar a baixa participação dos alunos menos habilidosos, mesmo sendo este problema identificado e discutido, os alunos preferiram manter as desigualdades de participação presentes na aula.

As reflexões trazidas aos alunos durante as aulas sobre as limitações de participação causadas pela meritocracia e pelo individualismo não foram suficientes para atender à alteração da prática esportiva. Houve, por parte dos alunos, a compreensão sobre o conceito de meritocracia e a necessidade de alteração para valores tidos como democráticos, mas a transformação de meritocracia em democracia nas aulas foi bastante árdua e não se estabeleceu de forma plena. Isso demonstra que o rompimento do pensamento unidimensional não é algo simples pela força que esse tipo de pensamento exerce no senso comum.

Algumas estratégias para o rompimento do pensamento unidimensional foram tomadas em relação à meritocracia e ao individualismo. Primeiro, a meritocracia e o individualismo foram apresentados como valores desumanos do esporte que não atende a uma formação humana. Em seguida, esses valores desumanos foram exemplificados na prática, justificando a possibilidade de mudança para valores mais

humanos. A intenção foi de tentar romper com as ideias unidimensionais do senso comum trazidas pelos alunos.

Para exemplificar as situações que foram tomadas das vivências para as reflexões com os alunos, tivemos as famosas “panelinhas”, que são a manipulação do processo de escolha das equipes que tem como intenção favorecer um grupo de alunos concentrando os mais habilidosos, ou a maior parte deles, em uma das equipes. Essa situação foi refletida com os alunos como uma forma de manipulação que gera e reproduz desigualdades entre os mais e os menos habilidosos.

As tentativas que foram feitas ao longo da unidade didática atentavam para a discussão das possibilidades de ter em aula equipes equilibradas, assim como oportunidades iguais de participação efetiva nas atividades no campo. Mesmo com todas as reflexões feitas, na última aula quando foi dado pelo professor autonomia aos alunos para que conduzissem todos os procedimentos da aula, o que se viu foi a reprodução do senso comum e da desigualdade entre os alunos participantes e suas respectivas equipes.

Desse modo, prevaleceu o “perde sai” e, como ocorreu certo desequilíbrio entre as equipes, uma delas permaneceu mais tempo jogando enquanto as outras jogaram menos tempo. Em nenhum momento os alunos das equipes que menos jogaram reivindicaram direitos iguais de participação na aula. Isso se deu por causa da naturalização dessa lógica de não reivindicação ou contestação dos procedimentos tomados em aula por parte dos alunos, isso demonstra que o espírito meritocrático (permanece aquele que vence) aparenta bem consolidado nas consciências dos alunos.

A antecipação desse breve vislumbre da última aula foi necessária para apontar as incoerências em relação ao modo como pensam os alunos que tiveram suas respostas enquadradas na categoria social da presente questão, e como se dá o esporte na prática, nas próprias vivências realizadas pelos alunos nas aulas. A análise dessa aula, assim como das demais realizadas na unidade didática, será retomada mais à frente na verificação dos dados coletados na etapa dois da análise.

A categoria afetiva foi demarcada pelas seguintes expressões de aprendizagens relacionadas ao esporte: “ser educado”, “Respeitar o próximo”, “Confiança em outras pessoas”, “Não desvalorizar outras pessoas” e “não desfazer amizades por coisas bobas”. Tais expressões revelam uma percepção em relação às aprendizagens advindas do esporte que não são concernentes tanto no contexto

do alto rendimento quanto no contexto fora dos padrões do alto rendimento, como exemplificado anteriormente.

O esporte permeado pelos valores de alta competitividade e sobrepujança pode fomentar relações interpessoais mais hostis do que amigáveis. No esporte de alto rendimento, existem inúmeras condutas questionáveis de atletas, tais como xingamentos, discussões, brigas, agressões, além do doping e outros tipos de trapanças, para burlar as regras do jogo ou tirar proveito de alguma situação, como fazem os jogadores de futebol quando simulam faltas, por exemplo.

No esporte fora do contexto do alto rendimento, alguns exemplos de reprodução dessa lógica são percebidos. Durante as aulas realizadas no campo, ocorreram discussões, ameaças, jogadas ríspidas e xingamentos. Não foram todos os alunos que tiveram essas condutas mas, de certa forma, essas condutas tidas por uns acabaram afetando outros alunos.

Houve apenas uma expressão relacionada à categoria emocional que tratou o esporte mais uma vez como uma forma de controlar a raiva. E, por último, a categoria econômica com duas referências ao esporte como uma forma de mudar a vida por meio de ganhos financeiros.

#### 4.2.4 OS SIGNIFICADOS DE VENCER E PERDER

##### 4.2.4.1 O significado da vitória e da derrota no esporte<sup>30</sup>

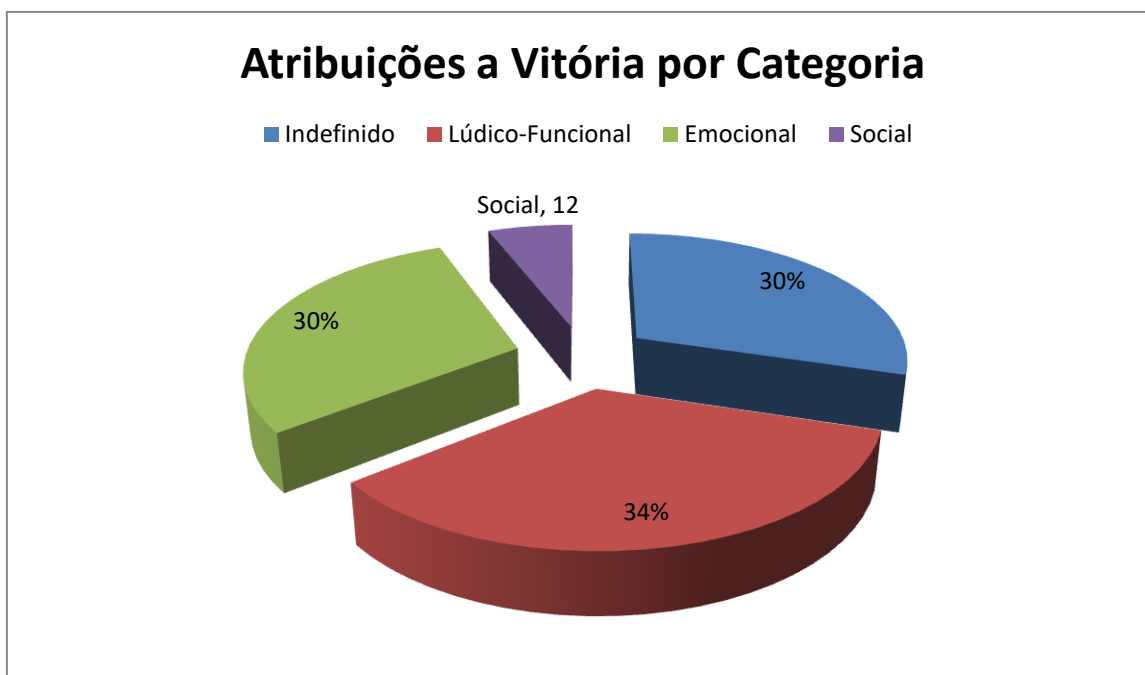
As respostas para esta questão foram divididas em três tabelas, pois os alunos atribuíram significados distintos para a vitória e para a derrota, ou não fizeram juízo de valor nem para um e nem para outro. Em alguns casos, uma resposta única significou certa neutralidade em relação à vitória ou à derrota. Dessa forma, foram elaboradas três tabelas (Vencer, perder e neutro). Ao final, há um quadro do total de expressões realizadas nas distintas categorias. Seguem abaixo as tabelas:

SIGNIFICADOS: VENCER	CATEGORIA	QUANTIDADE	TOTAL/CATEG.
Vitória	Indefinido	4	6
Ir além dos objetivos	Indefinido	1	

<sup>30</sup> A pergunta feita foi: O que significa pra você vencer e perder no esporte?

Vencer significa que estou indo bem	Indefinido	1	
Ganhar é bom	Lúdico-funcional	3	7
Vencer é legal	Lúdico-funcional	3	
Jogou muito bem	Lúdico-funcional	1	
Alegria	Emocional	5	6
Ser feliz	Emocional	1	
Quanto mais treinar mais chances de vencer terei	Social	4	12
Vencer é uma recompensa do esforço e da determinação	Social	3	
Dedicação para vencer a cada dia	Social	1	
Investimento em si mesmo	Social	1	
Superar as dificuldades para chegar onde quer	Social	1	
Superação	Social	1	
Vencer significa mérito	Social	1	

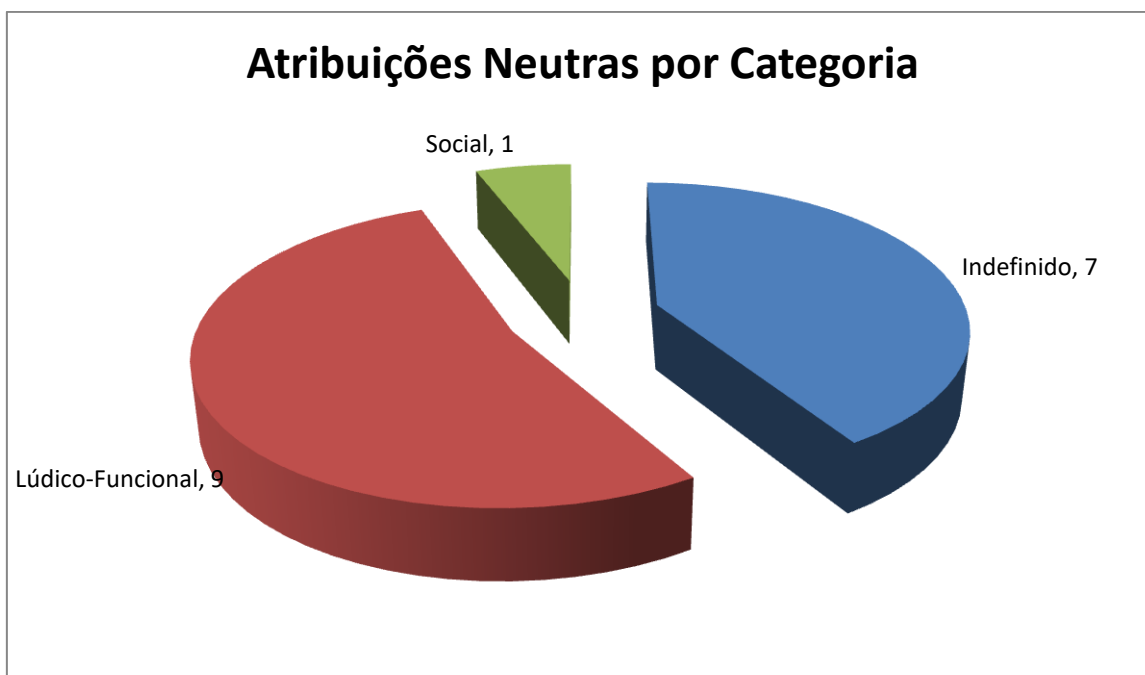
**Tabela 15 - Os Significados da Vitória e da Derrota no Esporte - Vencer.**



**Gráfico 8 - Atribuições a Vitória por Categoria.**

SIGNIFICADOS: NEUTRO	CATEGORIAS	QUANTIDADE	TOTAL/CATEG.
Normal do esporte	Indefinido	2	7
Nada	Indefinido	2	
Faz Parte	Indefinido	1	
Apenas uma brincadeira	Indefinido	1	
Nem sempre podemos vencer	Indefinido	1	
Importante é competir	Lúdico-funcional	1	9
Tanto faz o importante é que estou me divertindo	Lúdico-funcional	1	
Importante é participar	Lúdico-funcional	6	
Importante é tentar	Lúdico-funcional	1	
Aprendizado para a vida	Social	1	1

**Tabela 16 - Os Significados da Vitória e da Derrota no Esporte - Neutro.**

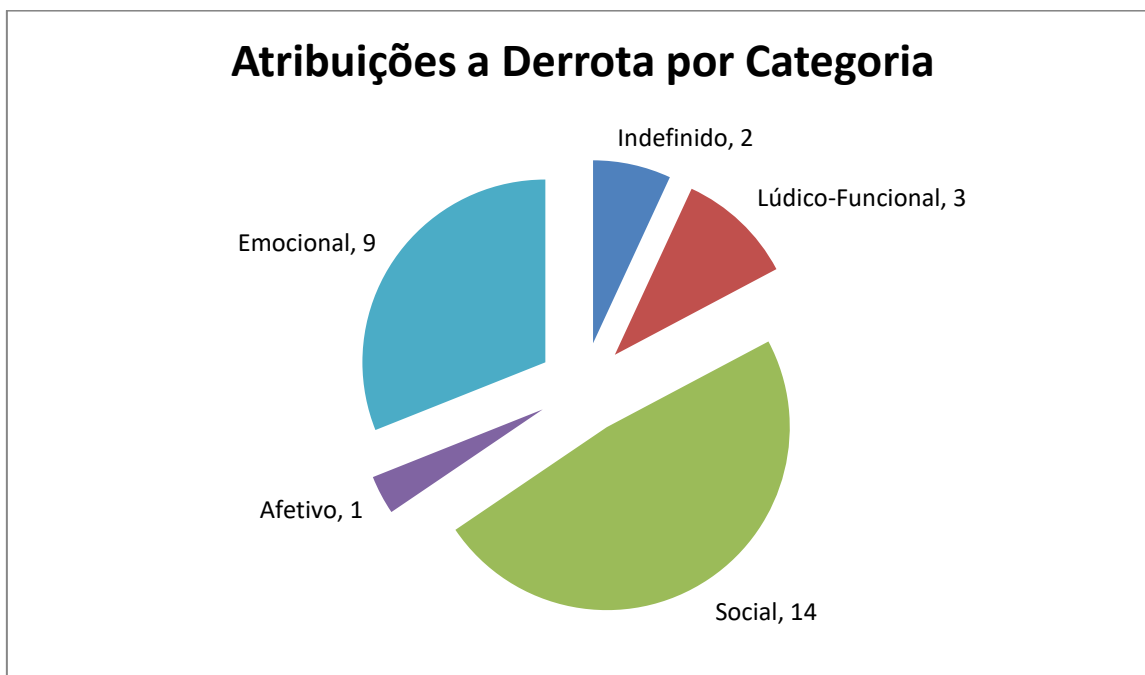


**Gráfico 9 - Atribuições "Neutras" por Categoria.**

SIGNIFICADOS: PERDER	CATEGORIAS	QUANTIDADE	TOTAL/CATEG.
Nem sempre podemos vencer	Indefinido	1	2
O mundo não vai acabar	Indefinido	1	
É ruim	Lúdico-funcional	3	3
Aprender com os erros	Social	1	14
Humilhação	Social	1	
Uma lição para a vida	Social	3	
Desonra	Social	1	
Tenho que melhorar	Social	2	
Tem que tentar novamente	Social	2	
Não treinou suficiente	Social	4	
Falta de companheirismo na equipe	Afetivo	1	1
É triste	Emocional	6	9

Ficar com raiva	Emocional	2	
Desânimo	Emocional	1	

**Tabela 17 - Os Significados da Vitória e da Derrota no Esporte - Perder.**

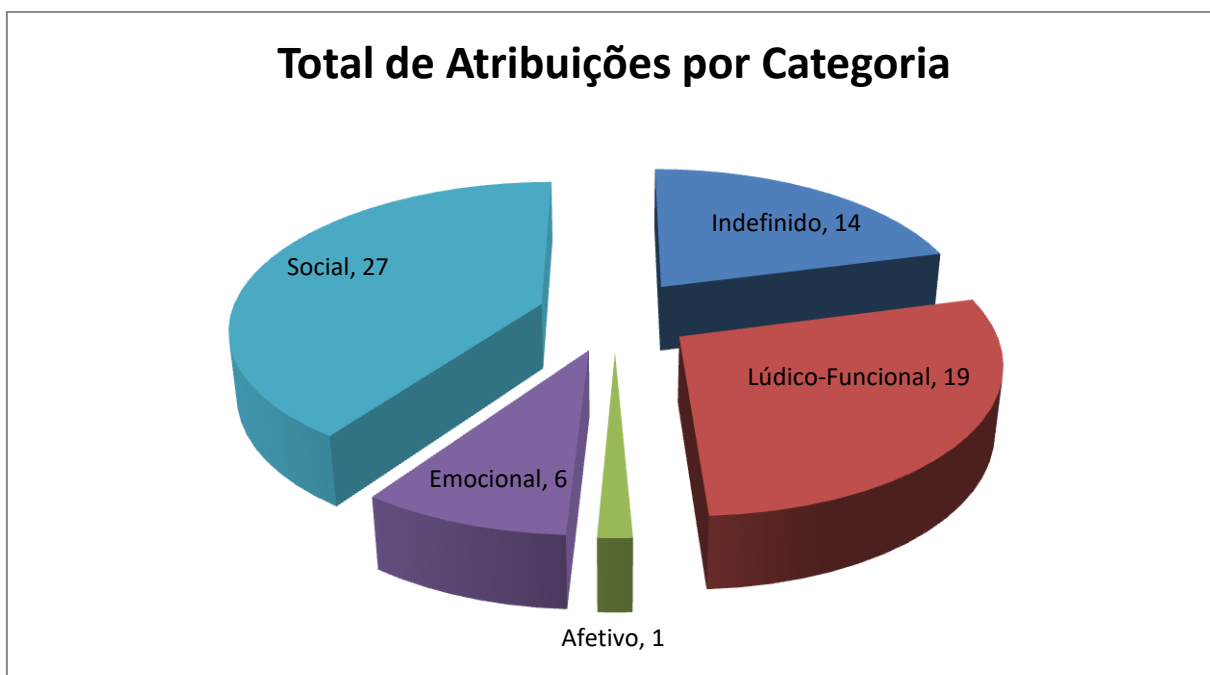


**Gráfico 10 - Atribuições a Derrota por Categoria.**

CATEGORIAS	QUANTIDADE
Indefinido	14
Lúdico-funcional	19
Biológico e/ou promoção da saúde	-
Afetivo	1
Emocional	6
Social	27
Econômico	-

**Tabela 18 - Os Significados da Vitória e da Derrota no Esporte - Total de Respostas por Categoria.**





**Gráfico 11 - Total de Atribuições por Categoria.**

Os significados fornecidos pelos alunos pesquisados acerca da derrota e da vitória tiveram maior direcionamento para a categoria social em relação às outras categorias. Já nas respostas que expressaram tanto vencer quanto perder houve uma concentração maior na categoria lúdico-funcional e, logo em seguida, a categoria indefinida. No total, houve mais respostas vinculadas à categoria social, seguidas pelas categorias lúdico-funcional, indefinida e, por último, a categoria emocional. Além disso, as categorias biológico e/ou promoção da saúde e econômica apresentaram ausência de respostas.

A maior quantidade de respostas vinculadas à categoria social demonstrou o quanto o esporte e as formas de sociabilidades conservadoras que emanam dele podem ter impacto na formação das consciências dos alunos. Diferentes respostas foram atribuídas aos significados de vitória e derrota no esporte, mas o tipo de racionalidade que mais se mostrou presente nas respostas dadas vinculou-se à meritocracia e ao individualismo. Essas respostas fizeram menção ora ao esforço individual para alcançar objetivos, ora às aprendizagens que podem ser adquiridas a partir das derrotas e, ainda, da justificação de uma derrota atrelada ao pouco esforço dedicado.

Na categoria lúdico-funcional, foram dadas diferentes atribuições ao significado da vitória e da derrota acerca da prática do esporte com adjetivações

como: bom, legal e ruim ou, até mesmo, “jogou muito bem”. Para os alunos pesquisados, perder é sinônimo de jogar mal no esporte.

Nas categorias lúdico-funcional e indefinida, predominou a presença de respostas que consideravam a derrota e a vitória no esporte como algo normal ou natural. São exemplos de respostas: “tanto faz, o importante é que estou me divertindo”, “o importante é competir”, “o importante é participar”, “o importante é tentar”, “nada”, “faz parte”, “normal do esporte”, “apenas uma brincadeira”. Essas respostas denotaram que os alunos não fizeram menção valorativa em torno da vitória ou da derrota, ou seja, foi dada uma valorização menor à presença de relações sociais fundadas na competição inerente ao esporte para valorizar a questão da participação.

Nesses discursos, cogitou-se certa aproximação com a racionalidade da dialética negativa ao considerar a participação no esporte como ato de fruição, tendo em vista a negação da vitória e da derrota como aspectos supervalorizados no esporte cujo resultado é a segregação de seus participantes.

Tal forma de pensar a questão sobre os significados que giram em torno da derrota e da vitória no esporte pode abrir espaços para a reflexão da sociedade sobre uma perspectiva mais democrática. Dessa forma, no trabalho pedagógico crítico com o esporte direcionado para a formação humana, a derrota e a vitória podem deixar de ser valores que consolidam a sociedade hegemônica que naturaliza processos de exclusão social entre os competentes (os que vencem) e os incompetentes (os que perdem).

O esporte pode ser considerado possibilidade de formação humana a partir da valorização do lúdico e da interação social entre os homens, não havendo distinção entre eles; considerando que, perdendo ou vencendo, o homem possui seu valor na sociedade, e isso está acima do esporte; tornando o homem controlador das práticas esportivas corporais e superando a alienação do homem em relação ao esporte, e instaurada pela sociedade capitalista.

Ao considerarem o esporte em sua perspectiva lúdica e negando a supervalorização dos fatores competitivos do esporte, inconscientemente, os alunos aproximaram-se da concepção de cultura corporal em uma perspectiva potencialmente mais lúdica, criativa e de fruição, como consequência, tenderam a reduzir os efeitos da alta competitividade pregada pelo esporte. Essas respostas apontaram ainda a transferência da valorização da lógica competitiva de interesse

restrito da sociedade vigente para outra lógica mais ampla, mais humana. Aqui podemos identificar indícios do pensamento dialético-negativo.

Os significados conservadores que giram em torno da vitória e da derrota só poderão ser deixados de lado a partir da configuração de uma sociedade onde todos os homens possam, em cooperação, enfrentar as dificuldades para uma existência sem que haja distinção entre eles. Da forma como se apresenta a sociedade atual, as relações sociais presentes no esporte estarão relacionadas à conservação da racionalidade unidimensional da sociedade capitalista cujo resultado pode ser observado através da segregação que ocorre na sociedade e que é reproduzida no esporte.

Apesar de as frases mencionadas possuírem certa inclinação ao pensamento dialético-negativo, na prática foi experimentada a permanência de valores que retratam a sociedade unidimensional. As aulas dadas mostraram a existência de outros valores já mencionados (alta competitividade, sobrepujança, meritocracia, individualismo e rendimento máximo).

As categorias emocional e afetiva seguiram mantendo a mesma linha de respostas das questões anteriores sem demonstrarem qualquer alteração significativa. A primeira mantendo-se na linha de pensamento focada nos sentimentos e emoções, e a segunda seguindo a lógica das relações interpessoais.

#### 4.2.4.2 A vitória e a derrota no esporte como lição de vida<sup>31</sup>

SIM	NÃO	NÃO RESPONDERAM
39	4	1

**Tabela 19 - A Vitória e a Derrota no Esporte como Lição de Vida.**

Os significados tomados pelo esporte no discurso utilizado pelos alunos demonstraram, de modo geral, a influência exercida pelo esporte em direcionar as consciências para formas unidimensionais de perceber a realidade. Tais formas unidimensionais manifestadas nas consciências dos alunos pesquisados apenas retrataram as aparências presentes na realidade contraditória, mascarando processos sociais mais profundos. O resultado da unidimensionalização das consciências é o olhar superficial e aparente projetado sobre a sociedade e a

<sup>31</sup> A pergunta feita foi: Para você, vencer e perder no esporte pode servir de lição para a sua vida?

aceitação incontestada dela. No esporte, processo semelhante ocorre quando valores do esporte de alto rendimento, que são semelhantes aos valores conservadores da sociedade vigente, passam a servir como lição de vida para os discentes pesquisados, como apontou a tabela acima.

#### 4.2.5 O ATLETA PROFISSIONAL

##### 4.2.5.1 Percepções sobre o atleta profissional<sup>32</sup>

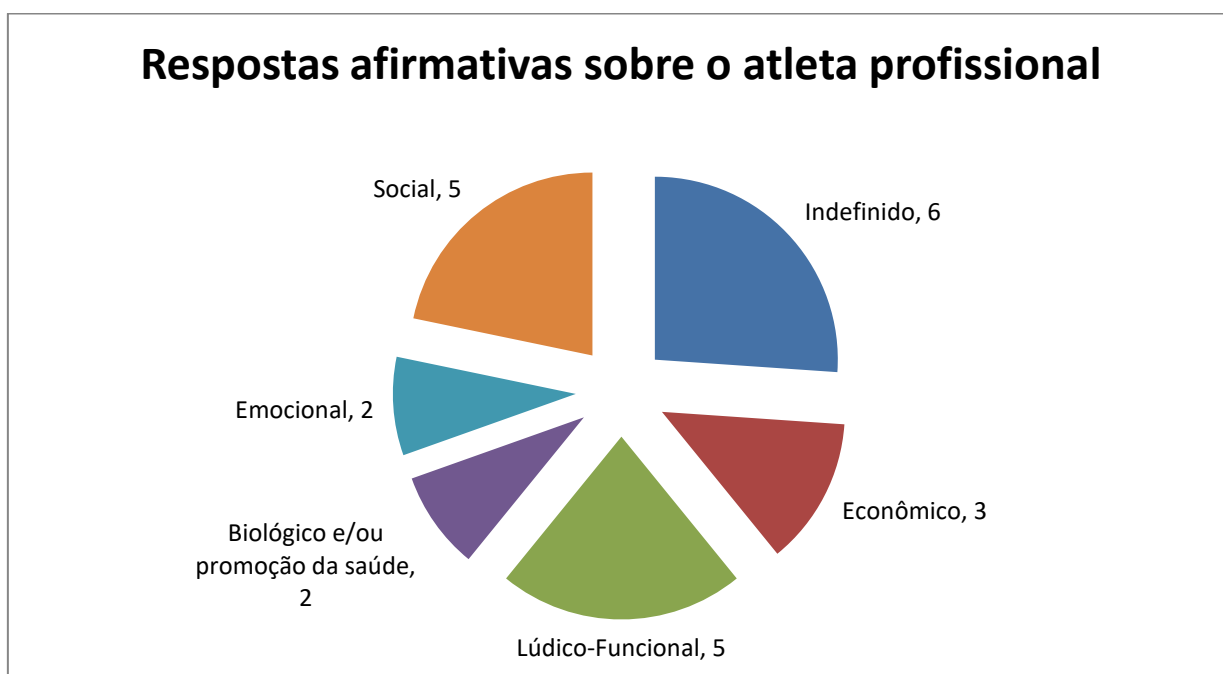
A figura do atleta é um fator importante a ser verificado quando se quer compreender o tipo de racionalidade que está presente no esporte. A forma como o esporte é concebido nas consciências dos alunos é percebida à medida que traz informações sobre as influências exercidas quando da percepção do esporte versus a sociedade. Nesse sentido, realizamos a seguinte pergunta aos discentes: “Você gostaria de ser um atleta profissional ou tem o atleta profissional como exemplo para sua vida? por quê?”. Abaixo seguem as respostas.

RESPOSTAS – SIM	CATEGORIAS	QUANTIDADE	TOTAL/CATEG.
Tenho o sonho de ser um atleta	Indefinido	3	6
Quero ser jogador de futebol	Indefinido	1	
É interessante o jeito dos atletas	Indefinido	1	
O atleta aprende várias coisas	Indefinido	1	
Porque a vida vai mudar	Econômico	1	3
Vou ganhar dinheiro fazendo o que gosta	Econômico	1	
Quero ajudar minha família	Econômico	1	
Haveria maior dedicação ao esporte	Lúdico-funcional	1	5
Seria bom	Lúdico-funcional	1	
Gosta de esportes	Lúdico-funcional	3	
O atleta profissional incentiva a	Biológico e/ou	1	2

<sup>32</sup> A pergunta feita foi: Você gostaria de ser um atleta profissional ou tem o atleta profissional como exemplo para sua vida? Por quê?

treinar	promoção da saúde		
Porque ser atleta é ser saudável	Biológico e/ou promoção da saúde	1	
Porque vou saber a emoção de estar em um gramado de futebol com amigos em volta	Emocional	1	2
Amo o futebol	Emocional	1	
Para ser respeitado	Social	1	5
Vai ter o corpo durinho	Social	1	
Tenho o Messi como inspiração	Social	1	
Admira a Marta	Social	1	
Para ser conhecido pelas pessoas	Social	1	

**Tabela 20 - Percepções sobre o Atleta Profissional. Resposta "Sim".**



**Gráfico 12 - Respostas Afirmitivas sobre o Atleta Profissional.**

RESPOSTA – NÃO	CATEGORIAS	QUANTIDADE	TOTAL/CATEG.
----------------	------------	------------	--------------

Não pretende ser atleta	Indefinido	10	14
Porque dá muito trabalho	Indefinido	1	
Não se vê com condições de ser atleta	Indefinido	1	
Não tem coragem	Indefinido	1	
Sei lá	Indefinido	1	
Só gosta de jogar futebol às vezes	Lúdico-funcional	1	5
Porque eu jogo por diversão	Lúdico-funcional	2	
Apenas quer praticar esportes sem compromisso	Lúdico-funcional	1	
Gosta de jogar, mas não pretende fazer isso	Lúdico-funcional	1	
Quer ser padeiro	Social	1	2
Não admira ninguém	Social	1	

**Tabela 21 - Percepções sobre o Atleta Profissional. Resposta "Não".**



**Gráfico 13 - Respostas Negativas sobre o Atleta Profissional.**

Alguns dos alunos pesquisados demonstraram o desejo de serem atletas profissionais. Nas respostas relacionadas à categoria lúdico-funcional, por exemplo,

os alunos afirmaram o desejo de se tornarem atletas profissionais por gostarem da prática esportiva. Nas respostas negativas, percebeu-se certa compreensão de que o esporte de alto rendimento nem sempre pode ser lúdico, pois algumas respostas negativas tinham como principal informação a não profissionalização pelo motivo de terem a prática do esporte como diversão.

As informações trazidas pelos alunos que demonstraram o desejo de se tornarem atletas estavam diretamente relacionadas com ideias veiculadas e assimiladas pelo senso comum, para eles o modelo de vida de um atleta parece ser uma forma possível de aliar ganhos consideráveis fazendo o que gosta. Este pensamento é regido pela sociedade que tende a transmitir informações sobre o esporte de alto rendimento fora da realidade.

Essa falsa ideia sobre a vida dos atletas representa formas distorcidas de como o esporte é concebido na sociedade. Os atletas normalmente possuem rígidas normas de condutas, que envolvem não apenas as questões relacionadas à rotina de treinamento e cuidados com o corpo, mas também questões relacionadas às diversas privações sociais sofridas pelos atletas por causa da ditadura do desempenho, tendo um regime muito restrito de confinamento, e isso inviabiliza uma vida social plena.

Outro fator relevante é a questão da associação do atleta com a ideia da promoção da saúde. O atleta muitas vezes é visto como sinônimo de vida saudável, o que também não reflete a realidade. O atleta ao longo de sua vida profissional tende a sofrer diferentes tipos de lesões ósseas, ligamentares, tendíneas e musculares, seja por pancadas sofridas ou por excesso de utilização do corpo, levando-o além dos limites suportáveis. A convivência com a dor é constante e isso é bastante comum nos discursos dos próprios atletas, porém isso não soa como um problema, normalmente é considerado sinônimo de superação.

Por causa dos efeitos do excesso de treinamento que gera impactos negativos no corpo dos atletas, há considerações acerca da rotina de treinamento dos atletas como exemplos ruins para aqueles que querem obter certos benefícios através de exercícios físicos. Apesar disso, a pouca informação sobre esta realidade leva à falsa ideia de que o treinamento realizado pelos atletas profissionais tende a ser o modelo a ser seguido.

Algumas respostas, na categoria social, retrataram a ideia do atleta como herói, sendo visto como alguém respeitado, famoso e amado pelas pessoas. Muitas

vezes o atleta é aceito pelas proezas que realiza nas disputas travadas nas partidas e nos campeonatos. Essa forma de conceber o atleta faz com que o aluno deseje o mesmo, e em sua consciência é criado um imaginário fértil favorável ao fortalecimento desses desejos, gerando assim a adesão a essas sociabilidades.

Essa forma de pensar a realidade do atleta e do mundo esportivo pode ser considerada um fragmento da realidade, uma forma aparente dela. O modo de vida da maioria dos atletas no Brasil é completamente oposto à vida sedutora de certos atletas que aparecem na mídia, ou seja, sem fama, sem reconhecimento e não tendo o esporte como principal fonte de renda. Nesse caso, a ideia que os alunos possuem da vida dos atletas e do esporte, de um modo geral, não reflete a realidade em sua totalidade.

As relações sociais na perspectiva unidimensional, na verdade, são perpassadas pelas questões de interesse de classe. Há desconsideração com os fatos negativos decorrentes do esporte como parte da realidade. Normalmente, a ideia transmitida é a do glamour e dos status do esporte, elevando-o de forma a livrá-lo de contestações. É forjada uma imagem do esporte unidimensional sobre as consciências dos alunos, ou seja, são potencializadas ao máximo as exceções convenientes à veiculação de informações que interessam à manutenção do sistema enquanto são escondidas as contradições desse mesmo sistema. O pensamento unidimensional torna a figura do atleta igualmente livre de contestação. O modelo a ser seguido está posto.

Alguns jogadores profissionais foram citados pelos alunos como exemplo para suas vidas, como o jogador de futebol, Messi, e a também jogadora de futebol, Marta. Esses atletas foram tomados como exemplos pelo que fazem em campo e não pelo que realmente são em suas vidas, inclusive porque os alunos não conhecem ou conhecem muito pouco questões do cotidiano de suas vidas ou do seu caráter, assim como sua perspectiva.

Os atletas de ponta são pessoas que apontam para um tipo de esporte no qual sobressai o luxo, a fama, a riqueza e as grandes jogadas. Esses atletas incentivam crianças e adolescentes a seguirem pelo mesmo caminho, dado que na vida teoricamente pouco se teria a conquistar, principalmente em um país como o Brasil, que carece de garantias reais aos direitos à educação de boa qualidade, à saúde e ao trabalho digno. Sem a resolução de problemas graves como a miséria, a fome, a educação, a saúde etc. tão presentes na sociedade brasileira, dificilmente



um menino ou menina deixará de ter no esporte a redenção para sua vida, e os atletas consagrados continuarão sendo os verdadeiros exemplos a serem seguidos, muito mais pelo que tem do que pelo que são.

O esporte de alto rendimento é vendido às pessoas como mercadoria do capital. O espetáculo e os atletas atendem aos interesses dessa lógica capitalista pelo fato de serem eles colaboradores para o consumo do esporte pelas pessoas. O prazer, as emoções e as sensações geradas pelo espetáculo esportivo condicionam as pessoas a se relacionarem com o esporte de forma apaixonada, emotiva e pouco racional. Nessa conjuntura, atletas passam a sofrer com os mesmos turbilhões de emoções e sentimentos, seja para o bem ou mal.

O esporte passou a ditar a vida do homem, instrumentalizando-o para assumir tantos os valores unidimensionais presentes na sociedade como para a formação exacerbada de sentimentos e emoções para o distanciamento das consciências dos reais problemas da sociedade brasileira. Lembrar da política do pão e circo não seria nenhum exagero.

Por isso, é bastante comum vermos pessoas entrando em clubes de futebol no Brasil para agredir jogadores de futebol que não correspondem ao que se espera em campo. Porém, em relação aos diversos assuntos políticos de suma importância para a população, cujas decisões poderão causar consequências irreversíveis para a classe trabalhadora, não há a mesma repercussão e sensação de revolta com tais decisões que atingem diretamente uma quantidade enorme de brasileiros.

O esporte figura como um instrumento de canalização das tensões presentes nas relações sociais, contribuindo para o obscurecimento do real e favorecendo a exaltação das aparências nas relações sociais. Nessa conjuntura, os atletas parecem se prestar aos serviços de propagação da ideologia dominante.

#### 4.2.5.2 A vida dos atletas como lição para a vida<sup>33</sup>

RESPOSTA – SIM	CATEGORIA	QUANTIDADE	TOTAL/CATEG.
O aluno respondeu apenas “sim”	Indefinido	1	2
Mostra o nosso desempenho	Indefinido	1	
Podemos aprender a jogar como	Lúdico-	1	5

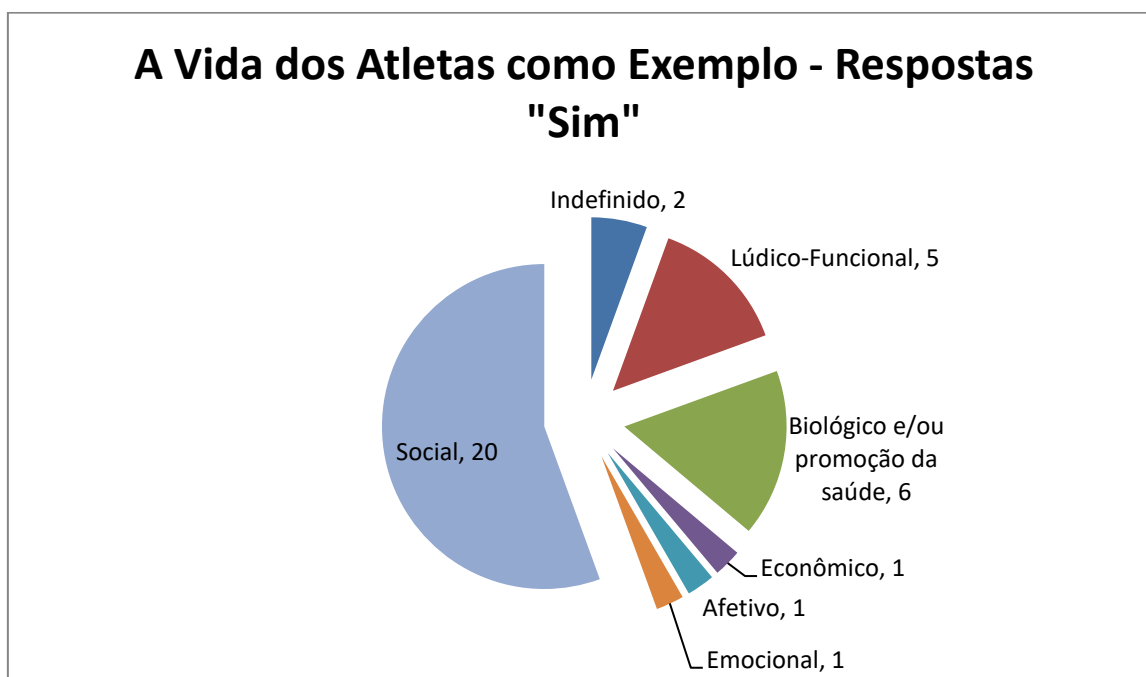
<sup>33</sup> A pergunta feita foi: Você acha que a vida de um atleta pode nos ensinar alguma coisa? Explique sua resposta.

eles	funcional		
Como melhorar no esporte	Lúdico- funcional	1	
Porque é bom fazer esportes	Lúdico- funcional	1	
A ganhar na corrida disputada com os amigos	Lúdico- funcional	1	
Ter habilidade x	Lúdico- funcional	1	
Ser saudável x	Biológico e/ou promoção da saúde	5	
A vida do atleta é boa porque tem boa condição física e financeira, alimenta-se bem e se exercita.	Biológico e/ou promoção da saúde	1	6
Ter uma vida melhor	Econômico	1	1
Ser cordial com seus adversários. Como faz o Usain Bolt	Afetivo	1	1
Superação dos medos	Emocional	1	1
O atleta mostra que vencer não é tudo	Social	1	
Vencer na vida	Social	1	
Tem que lutar muito para chegar onde o atleta está	Social	1	
Tem atleta que perdeu parte do seu corpo e não desistiu dos seus sonhos	Social	1	20
Superação. Muitos vieram de baixo e hoje são campeões	Social	2	
Ter foco e força de vontade	Social	1	
Como se destacar	Social	1	

Ser respeitado	Social	2	
Lutar pelo o que quer	Social	1	
Ser mais responsável e ter limites	Social	1	
Incentivar a praticar mais esportes	Social	1	
A dar o seu melhor	Social	1	
Lutar pelos sonhos assim como o Neymar	Social	1	
Ter uma vida feliz praticando esportes	Social	1	
Lutar pelos sonhos	Social	2	
Acreditar em si mesmo	Social	1	
Correr atrás do que gosta	Social	1	

**Tabela 22 - A Vida dos Atletas como Lição para a Vida. Resposta "Sim".**

\*Um aluno respondeu "sei lá" e foi desconsiderado.



**Gráfico 14 - A Vida dos Atletas com Exemplo - Respostas "Sim".**

RESPOSTA – NÃO	CATEGORIA	QUANTIDADE	TOTAL/CATEG.
Apenas respondeu "não"	Indefinido	3	4

Por que o atleta possui uma vida normal	Indefinido	1	
Porque os interesses do atleta está no dinheiro e não no esporte	Econômica	1	2
Muitos atletas vieram de famílias ricas e por isso conseguiram ser atletas	Econômica	1	
Porque o atleta quase não fica com a família	Afetivo	1	1

**Tabela 23 - A Vida dos Atletas como Lição para a Vida. Resposta "Não".**



**Gráfico 15 - A Vida dos Atletas com Exemplo - Respostas "Não".**

Na presente questão, predominaram respostas concentradas na categoria social na tabela que considerou afirmativamente a vida dos atletas como lição para a vida das pessoas. Tais respostas tiveram como conteúdo questões que envolviam o esforço individual e a superação de dificuldades como elementos preponderantes para “vencer na vida” ou “alcançar seus sonhos e objetivos de vida”. A vida do atleta foi retratada assim nas consciências dos alunos.

A figura do atleta como herói, tão criticada, também em tempos atrás, como na década de 1980, parece persistir ainda nos dias atuais. Nesse período, a

educação física foi marcada por críticas que se fundamentavam no caráter utilitarista que o esporte vinha tendo (e que continua a ter).

Através das respostas dadas pelos alunos pesquisados, foi possível identificar que o conceito do atleta-herói é bastante presente nas consciências dos alunos. Isso é simbolizado a partir da forma de como o atleta parece ser, em um sujeito que, mediante tantas dificuldades enfrentadas, lutou e conseguiu vencer. Essa ideia serve, então, como exemplo para toda a população através da mensagem de que o esforço individual é premiado com as conquistas.

As respostas que conferiram ao atleta o *status* de “ser respeitado” ou de “ser destaque” podem servir como indícios de que o atleta simboliza, mesmo que de forma inconsciente, a figura de alguém importante. Essa imagem do atleta como herói facilita a adesão, não apenas do que ele representa enquanto pessoa que realiza grandes feitos, mas também do que representa em relação aos valores que propaga, por vezes inconscientemente. O atleta simboliza o espírito meritocrático que todos devem ter para “vencer na vida”, já que vencer na vida significa sobrepujar os demais, seus semelhantes. Propõe-se, assim, de igual forma, o individualismo, no qual poucos vencem e muitos perdem, seja em uma partida de futebol ou na vida. “Ser respeitado” ou “ser destaque” na sociedade unidimensional capitalista pode, então, representar que outros necessariamente precisam ser desrespeitados ou tornarem-se irrelevantes por não serem vencedores.

Algumas respostas apresentaram-se de forma incoerente com a forma como o esporte se apresenta na sociedade. Por exemplo, “o atleta mostra que vencer não é tudo” essa frase não corresponde à realidade de uma partida de futebol. Quando há uma disputa de um campeonato importante, ambas as equipes fazem tudo para vencer, além da vontade de vencer e do esforço máximo por parte dos atletas, prevalecem a catimba, xingamentos, agressões, discussões, entradas ríspidas e perigosas ao adversário (entendido muitas vezes como ‘inimigo’), as brigas na torcida e as intervenções policiais. O que existe é uma batalha, uma guerra de nervosismo e tensão. Os atletas fazem de tudo para vencer, mas a lógica do esporte não permite que todos vençam. Nesse caso, prevalece o mais competente sobre o incompetente.

É possível que em alguns esportes, todos esses problemas citados em torno do futebol, principalmente o brasileiro, não aconteçam na mesma proporção e intensidade, mas é possível identificar igualmente valores que unidimensionalizam o

homem, uma vez que há um teor conformador das consciências humanas propagado pelo esporte, manifestado, sobretudo, em formas altamente competitivas que premiam e exaltam os vencedores em detrimento da maioria perdedora.

A alta exclusão advinda desse processo é vista de forma bastante natural, assim como a exclusão na sociedade é vista como natural. Afinal, a pessoa que não consegue é porque não lutou o suficiente para conseguir. Assim como no esporte, a lógica é de que deve-se treinar mais, na vida deve-se tentar mais também. É a meritocracia que rege a vida, um fator aparente em contraposição do que realmente deveria ser a vida humana fundamentada em uma existência digna. O esporte, dessa forma, naturaliza a exclusão nas consciências e, em consequência, também a divisão da sociedade em classes como ocorre na sociedade unidimensional.

O atleta também tem sua imagem vinculada à saúde, ao exemplo de vida saudável. De acordo com alguns alunos o atleta tem total condição de ser exemplo de saúde para as pessoas. Como anteriormente apontado em relação ao esporte de alto rendimento, essa é uma ideia incompatível com a realidade. O esporte de alto rendimento, pelos padrões de exigências do corpo, que estão acima dos limites considerados seguros para o desenvolvimento de benefícios ligados ao exercício físico, não pode ser considerado um exemplo tomado como prática voltada para a saúde. O atleta submetido a esse tipo de esporte acaba por sofrer diferentes tipos de lesões ósseas, musculares, ligamentares e tendíneas, além do esforço cardiovascular bastante acentuado em algumas modalidades esportivas, como o futebol, por exemplo. O atleta que está inserido nessa realidade e, por causa dos riscos que pode trazer o excesso de esforço, passa a ser monitorado através de diferentes exames que são realizados no início e durante toda a temporada, além de contarem com equipes multidisciplinares para o atendimento de qualquer necessidade de ordem física ou psicológica. Tudo isso para continuarem a produzir nos níveis exigidos pelo alto rendimento.

A população não conhece os riscos que o esporte de alto rendimento, o mais difundido genericamente pela mídia, representa, e nem releva a quantidade de profissionais de que o atleta necessita para preservar e monitorar sua saúde. Sendo assim, a visão que se tem do atleta como sinônimo de saúde é distorcida, e como consequência há uma compreensão equivocada do papel do exercício físico na promoção da saúde.

A categoria lúdico-funcional também demonstrou que o atleta serve como exemplo na forma como o esporte deve ser praticado. Ao obter as respostas “ter habilidade”, “aprender a jogar como eles” e “como melhorar no esporte”, percebeu-se que existe uma forma correta de se jogar, tendo como arquétipo o atleta de alto rendimento. A técnica esportiva realizada pelo atleta passa a ser o padrão adequado à prática dos esportes.

A técnica é um fator importante de inserção do homem na cultura corporal, pois saber jogar de forma adequada tendo como referência níveis ótimos de rendimento serve como elemento que potencializa a ludicidade e processos criativos na fruição do esporte, promovendo, dessa maneira, a adesão naquela prática esportiva. No esporte de alto rendimento, a técnica pode inibir possibilidades de utilização do corpo por meio de sentidos mais amplos em uma perspectiva da estética e da criatividade.

A técnica no alto rendimento significa alto padrão de desempenho, de rendimento, e de alta complexidade na execução, havendo a necessidade de adaptação do próprio corpo às exigências desses altos padrões motores exigidos pelo desempenho esportivo. Para isso, o atleta, além de treinar incessantemente as técnicas corporais do esporte, treina as capacidades físicas para suportar tais exigências.

Por causa de tamanha exigência, a técnica pode ser um fator de exclusão e de reducionismo de sentidos mais amplos que a cultura corporal pode ter. Isso pode resultar no distanciamento da cultura corporal em diferentes âmbitos, e ainda limitar a inserção do indivíduo no esporte.

Sobre as respostas negativas, uma delas destacou-se: “porque os interesses do atleta estão no dinheiro e não no esporte”. Essa resposta pode ter certo sentido, porque o futebol é o esporte mais popular no Brasil, movimentando cifras astronômicas em diferentes setores da economia mundial. Pode ser que o interesse de um menino pobre em ser um jogador de futebol profissional seja pelo dinheiro e como ele poderia mudar sua vida e de sua família, como demonstrado no presente trabalho em relação a algumas respostas fornecidas pelos alunos pesquisados. Entretanto, poderíamos errar se entendêssemos que um atleta profissional de determinado esporte, o praticasse apenas pelo retorno financeiro. O incentivo que o dinheiro pode oferecer na escolha sobre a profissionalização no esporte não foi descartado, mas, além disso, o atleta profissional pode também ter em mente

questões sociais como: a busca pelo reconhecimento, o respeito das demais pessoas pelos feitos que realiza, ou usufruto do *status* que ocupa no âmbito esportivo que pode proporcionar prestígio social.

Ademais, acreditamos que o esporte, por ser um elemento da cultura corporal humana, possui um componente lúdico. Nesse sentido, praticar esportes pode ser prazeroso até mesmo em níveis estafantes como o de alto rendimento. A questão é que ao se submeter à ordem do capital, o esporte se torna instrumento da unidimensionalização das consciências humanas, cujo interesse é atender à demanda do capital por meio da inculcação de valores. O esporte assume a característica de mercadoria e, por isso é organizado em torno dele toda uma estrutura propagandística para que seja incentivado o seu consumo e dos valores que se atrelam ao esporte.

Na resposta “Muitos atletas vieram de famílias ricas e por isso conseguiram ser atletas”, observamos que a compreensão do aluno na resposta foi que para conseguir ser atleta é necessário ser rico. Não é verdade, mas se for considerado que a cada dia o esporte tem se desenvolvido com métodos de treinamento, equipes multidisciplinares para atender às necessidades crescentes de rendimento do atleta, alimentação adequada e, até em alguns casos de esportes bem peculiares cujas exigências envolvem suplementação alimentar, equipamentos e vestimentas bem específicos, os custos para se ter uma vida de atleta parecem ser bem altos. Cabe considerar ainda que alguns esportes são voltados para as classes mais abastadas da sociedade pelo seu alto custo, conclui-se que ser um atleta de ponta que atenda às exigências do máximo de rendimento a ponto de sobrepujar os demais é algo bastante oneroso. A partir deste ponto de vista, pode-se afirmar que tal abordagem faz sentido sob a ótica financeira, mas não é determinante, como é o caso de inúmeros exemplos do futebol.

Em outra resposta negativa dada, “porque o atleta possui uma vida normal”, o aluno provavelmente quis colocar o atleta como uma pessoa que possui uma vida igual a das outras pessoas e, por isso, não há motivos para tirar lição da vida esportiva dele. Esse ponto de vista parece ser ingênuo de um lado e coerente de outro. Em primeiro lugar, o atleta pouco teria a acrescentar a vida das demais pessoas, pois os valores que propaga como protagonista do esporte de alto rendimento resulta no aprisionamento das consciências das pessoas à lógica da sociedade unidimensional. Por isso, na conjuntura social dada e na forma como o



esporte se insere nessa conjuntura, o atleta de alto rendimento não é apenas uma pessoa normal, é um potencial agente promotor do pensamento positivo-unidimensional via esporte. Atua, inconscientemente, como um propagador da ideologia da sociedade capitalista, e da formação de valores que atenuam os sentidos capazes de captar a realidade até o irrelevante se tornar relevante. O próprio atleta também é alienado nesse mesmo processo.

Em segundo lugar, o atleta não ocupa a mesma posição do consumidor comum. Sem deixar de ser um consumidor, o atleta é também um agente executor na conservação da racionalidade social predominante via esporte de alto rendimento. O seu papel é ativo na sociedade unidimensional na propagação dos valores capitalistas, figurando como o herói que venceu todas as dificuldades da vida. O próprio sistema exalta a vida do atleta como exemplo de superação e como modelo que todos devem seguir enquanto mascara a realidade excludente. O sistema suprime, por exemplo, a ideia de que apenas poucos, no modo de produção capitalista, podem vencer e que sempre existirão muitos perdedores. A ideia meritocrática que pelo esforço tudo se consegue é uma ilusão que leva as pessoas a adentrarem ainda mais na lógica alienada da sociedade capitalista, e se essas pessoas não alcançarem êxito, a miséria e a pobreza de muitos estariam justificadas.

A ilusão meritocrática soa como sinônimo de justiça social nas consciências dos alunos. Com isso, há um ajustamento ao consumo relacionado aos padrões de conduta que interessam ao mercado, mantendo na superficialidade a compreensão da realidade. O atleta pode ser considerado um símbolo que limita a percepção da realidade ao nível da aparência. O sistema tende a esconder a realidade em sua totalidade, então, o atleta, como exceção do processo excludente do sistema, torna-se regra geral de como vencer na vida, passando a ser exemplo para a sociedade. Ao tratar do atleta como uma pessoa normal, são deixadas de lado as contradições do sistema social vigente que predominam sobre a vida de todos, inclusive, a do atleta.

Nesses termos, até este ponto foram apresentados os dados colhidos das perguntas abertas presentes no questionário da etapa 1, realizando também alguns apontamentos analíticos. Em seguida serão apresentados os dados das perguntas fechadas do questionário da etapa 1.

### 4.3 2° BLOCO DE QUESTÕES – OS VALORES DESUMANOS DO ESPORTE

No presente tópico, serão apresentados os dados coletados do questionário da etapa 1 relacionados às questões fechadas (2° bloco de questões). Foram três questões: a primeira voltada para a identificação ou não de valores desumanos no esporte que podem servir para a vida, a segunda relacionada às situações que podem ocorrer na prática esportiva dos alunos em seu cotidiano, e que podem refletir valores do esporte de alto rendimento, e a terceira inclinada à percepção do conceito de esporte através de imagens.

#### 4.3.1 1° Questão - Os Valores Desumanos do Esporte são úteis para a Vida das Pessoas?

Essa questão inaugura a análise do 2° bloco de questões submetidas aos alunos na etapa 1 para a identificação ou não da presença do pensamento unidimensional positivo em alunos dos anos finais do ensino fundamental.

Até este ponto, após verificação das expressões do esporte fornecidas pelos alunos no 1° bloco de questões através de respostas abertas, identificamos presença significativa do pensamento unidimensional nas consciências dos alunos. O pensamento unidimensional manifestou-se nas diferentes categorias que serviram para caracterizar as expressões fornecidas pelos alunos pesquisados.

No 2° bloco de questões, três delas eram mais objetivas, sendo todas de múltipla escolha. A primeira questão, após a leitura prévia do enunciado que explica o significado de cada um dos valores desumanos do esporte pensados neste trabalho, pediu para que o aluno marcasse quais das opções (alta competitividade, sobrepujança, meritocracia, rendimento máximo, individualismo e nenhum deles) seriam úteis para a vida. O aluno poderia marcar uma ou mais respostas de acordo com aquilo que julgasse pertinente à pergunta. Desse modo, os seguintes dados foram tabulados:

Alta competitividade	Sobrepujança	Meritocracia	Rendimento Máximo	Individualismo	Nenhum deles
15	18	20	24	8	5

**Tabela 24 - Os Valores Desumanos do Esporte de Alto Rendimento como Exemplo para a Vida.**



**Gráfico 16 - Os Valores Desumanos do Esporte servem para a Vida?**

Os valores desumanos do esporte de alto rendimento foram bastante considerados pelos alunos como valores úteis para a vida. A negação desses valores como úteis para a vida foi considerada na alternativa “nenhum deles”, que foi a menos citada.

Aqui podemos considerar a força dos valores desumanos do esporte como base para a formação do pensamento unidimensional predominante na concepção de esporte dos alunos respondentes. Tais valores foram considerados por eles como aspectos axiológicos plausíveis de serem tomados para a condução da própria vida.

Verificou-se muitas respostas de adesão dos valores do esporte. Em destaque, os valores de “rendimento máximo”, de “meritocracia” e de “sobrepujança” foram os mais lembrados. Os valores “rendimento máximo” e “meritocracia” tem relação com o ato de esforçar-se para cumprir com objetivos almejados sempre em uma perspectiva individualista, a qual reflete bem a ideia de que se esforçando é possível alcançar os objetivos por mérito próprio. Essa ideia esteve muito presente em diferentes respostas dos alunos feitas no bloco 1 de questões apresentadas anteriormente, o que torna coerente o maior acionamento dos valores “rendimento máximo” e “meritocracia”.

O valor “sobrepunção” pode ligar-se aos dois anteriores refletindo a ideia de que para alcançar objetivos na sociedade, da forma como as sociabilidades se dão, é necessário vencer o outro. O outro nunca é visto do mesmo lado, mas sim em posição contrária, já que não há lugar para a realização e sucesso de todos na sociedade.

Em contrapartida, uma pequena quantidade de respostas dadas pelos alunos foi direcionada à alternativa “nenhum deles”, o que demonstra a existência de possibilidades de negação dos valores que determinam as sociabilidades vigentes. A resposta “nenhum deles” não traz em si elementos que possam nos ajudar a identificar até que ponto ela reflete o pensamento dialético-negativo, mas o ato de negar os valores desumanos do esporte pode ser considerado uma suspeita de que as sociabilidades embasadas por tais valores não sejam as ideais.

Isso pode refletir o que Marcuse (1964) trata sobre a realidade em suas contradições e a manobra ideológica realizada pela sociedade unidimensional para o obscurecimento da perspectiva negativa e contestatória da realidade visando à potencialização do lado positivo de interesse do capital.

O que Marcuse (1964) diz é que, mesmo com a predominância do pensamento unidimensional, não há o apagamento completo das contradições, pois aparência e essência apresentam-se inseridas na mesma realidade. O que faz a aparência (pensamento unidimensional) predominar mais do que a essência (pensamento dialético) é o fator ideológico de submissão das consciências à condição de docilidade relacionada ao obscurecimento dos conflitos, tensões e interesses distintos via naturalização das relações sociais nos moldes de como os rumos da sociedade estão delineados.

No caso da presente questão submetida aos alunos, a realidade em torno do esporte e de seus valores parece deixar resquícios das contradições que existem nela. A supremacia do pensamento unidimensional nas consciências se dá de forma inversamente proporcional ao pensamento dialético, pois este é sufocado e colocado à margem, quase que em completo esquecimento.

É possível que os alunos que deram a resposta “nenhum deles” possam não saber ao certo o porquê o fizeram. Isso pode demonstrar que mesmo com a grande influência do pensamento unidimensional na concepção de esporte, há o conceito contraditório advindo do pensamento dialético nas consciências dos alunos em proporção mínima como aponta a linha de raciocínio de Marcuse (1964).

A realidade em sua totalidade é feita, conforme Marcuse (1964) de aparência e essência. A aparência, pela predominância do pensamento unidimensional, parece ter maior adesão por parte das consciências dos alunos, como percebido através dos dados acima discriminados em tabelas e gráficos. A essência pode ser manifestada por meio da negação da aparência como fizeram os alunos em menor quantidade. A essência apresenta-se de forma turva por causa do processo social de obscurecimento das relações sociais que influenciam o esporte, tornando-a menos perceptível e, por isso, menos acionada, como visto no questionário. Os dados apresentados relacionados à questão sobre os valores do esporte como úteis ou não para a vida possivelmente demonstraram a relação desproporcional entre o pensamento unidimensional e o pensamento dialético no contexto social.

#### **4.3.2 2º Questão - Valores Desumanos do Esporte e as Situações do Cotidiano Esportivo Discente.**

A segunda questão do segundo bloco fez referência aos valores do esporte de alto rendimento que provavelmente ocorrem em situações do dia-a-dia esportivo dos alunos. Essa questão fez menção a tipos de situações que refletissem os valores do esporte de alto rendimento na prática esportiva dos alunos em seu cotidiano. Os alunos foram instruídos a marcar as situações que ocorriam e, caso não ocorressem, deveriam deixá-las em branco.

Cada opção representou uma possível situação do cotidiano esportivo dos alunos fundamentada nos valores desumanos do esporte. Desse modo, três opções de situações voltadas para a alta competitividade foram obtidas (questões de 1 a 3), três para sobrepujança (questões de 4 a 6), três para meritocracia (questões de 7 a 9), duas para individualismo (questões 10 e 11) e quatro para rendimento (questões de 12 a 15. Foi suprimido o termo “máximo” nessas quatro últimas opções de situações pelo fato de algumas delas não estarem apenas relacionadas ao rendimento máximo, mas também às diferenças de rendimento).

De acordo com os dados obtidos nesta questão, foi elaborado um quadro quantitativo relacionado às marcações realizadas pelos alunos pesquisados:

Nº Situação	Valor	Total de marcações	Total de marcações	Total de marcações	Percentual referente
-------------	-------	--------------------	--------------------	--------------------	----------------------

		possíveis em cada valor.	feitas por situação	feitas por Valor	às marcações possíveis e feitas pelos alunos em cada valor
1	Alta competitividade	132	37	90	68,18%
2	Alta competitividade		25		
3	Alta competitividade		28		
4	Sobrepujança	132	26	68	51,51%
5	Sobrepujança		26		
6	Sobrepujança		16		
7	Meritocracia	132	25	71	53,79%
8	Meritocracia		20		
9	Meritocracia		26		
10	Individualismo	88	21	48	54,54%
11	Individualismo		27		
12	Rendimento	176	14	97	55,11%
13	Rendimento		28		
14	Rendimento		30		
15	Rendimento		25		

**Tabela 25 - Valores Desumanos do Esporte e as Situações do Cotidiano Esportivo dos Alunos.**



**Gráfico 17 - Quantitativo de Situações Marcadas por Valor.**

A tabela acima mostra de forma global o quantitativo dos dados colhidos nesta questão. As quinze alternativas foram organizadas pelos valores que elas representam. A ordenação da tabela, da esquerda para a direita, seguiu-se da seguinte forma: numeração das situações, os valores referentes às situações, total de marcações possíveis em cada valor, total de marcações feitas pelos alunos em cada situação, total de marcações feitas pelos alunos em cada valor e percentual referente às marcações possíveis e feitas pelos alunos em cada valor.

O cálculo percentual foi necessário, pois houve diferença na quantidade de perguntas para cada valor. Nesse caso, percebeu-se que apesar do valor “rendimento” ter tido mais marcações em termos percentuais, não obteve maior concentração de marcações por parte dos alunos.

A alta quantidade de marcações nas situações relacionadas ao valor “rendimento” ocorreu por ter quatro opções a serem marcadas, enquanto alta competitividade, sobrepujança e meritocracia tiveram três opções e individualismo apenas duas. Dessa maneira, alta competitividade, sobrepujança, meritocracia tiveram um total de 132 possibilidades (44 questionários x 3 situações), rendimento 176 possibilidades (44 questionários x 4 situações) e individualismo 88 possibilidades (44 questionários x 2 situações).

Assim, obteve-se maior concentração de marcações nas situações de alta competitividade relacionadas à prática esportiva dos alunos dentre os cinco valores verificados. Os demais valores desumanos permaneceram entre 51% e 55% das marcações realizadas pelos alunos.

Em todos os valores, foram obtidas quantidades de marcações acima dos 50%, o que pode ser uma quantidade considerável de valores desumanos na prática esportiva dos alunos. Não houve questionários com ausência de situações marcadas.

A presença dos valores desumanos do esporte de alto rendimento esteve presente em todos os questionários. A quantidade dos valores desumanos do esporte de alto rendimento não se apresentaram homogêneos nos questionários, ocorreram oscilações como poderemos verificar adiante.

#### **4.3.2.1 Nível de Presença dos Valores Desumanos do Esporte na Prática Cotidiana dos Discentes.**

Para a identificação do nível de presença dos valores desumanos do esporte de alto rendimento no contexto cotidiano de prática esportiva dos alunos, criamos uma tabela como referência a ser comparada com o quantitativo de marcações feitas em cada questionário em relação a 2º questão do 2º bloco. A quantidade de marcações feitas em cada questionário (44 questionários) foi classificada por níveis tendo como referência a tabela abaixo:

Baixo	Médio	Alto	Muito Alto
1-3	4-7	8-11	12-15

**Tabela 26 - Referência dos Níveis relacionados à Presença dos Valores Desumanos do Esporte.**

Assim, os seguintes dados foram formados:

Baixo	Médio	Alto	Muito Alto
9	9	11	15
20,45%	20,45%	25%	34,09%

**Tabela 27 - Quantitativo dos Níveis relacionados à Presença dos Valores Desumanos do Esporte.**





**Gráfico 18 - Quantitativo do Nível de Presença de Valores Desumanos no Esporte.**

Nove questionários tiveram uma baixa quantidade de valores presentes, nove tiveram média quantidade de valores desumanos, onze questionários tiveram alta quantidade de valores, e quinze tiveram muito alta quantidade de valores do esporte de alto rendimento. Os questionários que apontaram os níveis baixo e médio em relação à quantidade de valores presentes representaram cada um 20,45%, o nível alto 25%, e o nível muito alto 34,05%. Esses valores percentuais estão relacionados com os 44 questionários submetidos inicialmente na presente pesquisa.

A partir dos dados acima, percebe-se forte influência dos valores desumanos do esporte na prática esportiva cotidiana realizada pelos alunos. As categorias “Alta” e “Muito Alta” representaram mais da metade dos questionários. Presume-se que a maior parte dos alunos realiza práticas esportivas em ambientes que trazem alta concentração de valores desumanos que podem contribuir para a unidimensionalização e alienação das consciências. Em nenhum dos questionários foi detectada a completa ausência dos valores desumanos do esporte.

Diante do acima, foi confirmado que, independente do nível de valores desumanos presentes na prática esportiva cotidiana dos alunos, todos eles estão submetidos aos valores desumanos advindos do esporte em graus e intensidades

distintas, mas com maior inclinação para níveis “altos” e “muito altos” de valores unidimensionais via esporte.

O ambiente esportivo informal parece ser bastante influenciado pelo esporte de alto rendimento forjando uma concepção de esporte vinculada ao senso comum baseada pelos valores desumanos do esporte. Tal ambiente esportivo e os valores advindos desse ambiente são naturalizados formando a consciência para o ajustamento dos indivíduos à aceitação de relações sociais conservadoras que separam os homens em classes sociais, uma vez que não há qualquer posicionamento crítico nas respostas que fundamente a relação entre homem e esporte.

O esporte, então, passa a ter uma forma pré-concebida baseada pelas sociabilidades do esporte de alto rendimento que molda o senso comum com as mesmas aparências inerentes determinando em certa medida como o esporte deve ser praticado e quais valores dão base a essa prática.

Tem-se, assim, como resultado, a alienação dos discentes em relação à realidade esportiva e, de forma mais ampla, em relação à realidade social na qual está inserido o esporte. Restaria a aceitação dessas sociabilidades e de tudo que o esporte representa enquanto fenômeno da cultura corporal amplamente explorada pelo capital, visto que formas de pensar mostram-se inviáveis através do conhecimento esportivo advindo do senso comum.

Presume-se, ainda, que o trabalho pedagógico relacionado ao ensino dos esportes, a partir do conhecimento que os alunos possuem, deve avaliar os conhecimentos fundamentados nas aparências da realidade que estão presentes também no esporte, e nas condutas e nos comportamentos dos alunos, nas suas diferentes vivências relacionadas a esse elemento da cultura corporal.

O diagnóstico do professor dessas relações e sociabilidades assumidas pelos alunos, tanto no modo como concebem quanto no usufruto do esporte, pode servir como elementos iniciais para a formação crítica que será trabalhada com o aluno.

#### **4.3.3 A Percepção do Esporte através de Imagens**

A 3ª questão do 2º bloco visou à identificação da percepção que os alunos tiveram do esporte através de imagens que ilustravam o esporte de alto rendimento (EAR) e o esporte fora do contexto do alto rendimento (EFCAR). Os alunos foram

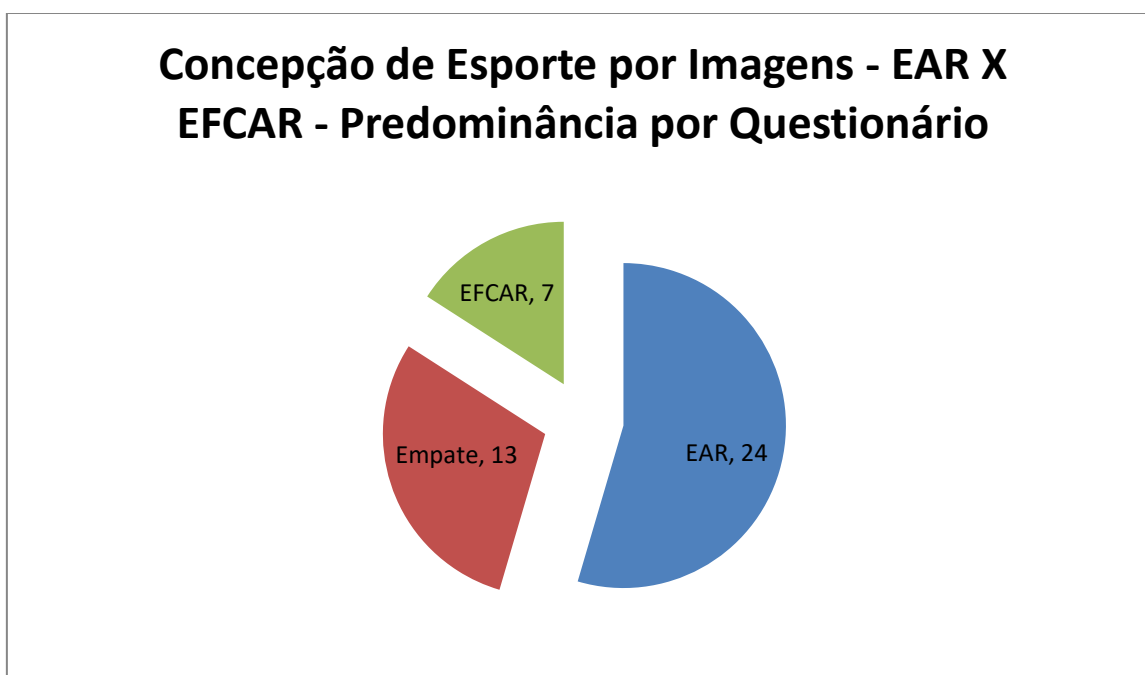
orientados a marcar as opções que eles consideravam aquelas que melhor representavam o esporte.

Dentre as imagens, destacaram-se as que tinham relação com o esporte de alto rendimento: B, C, E e H. As imagens que ilustraram o esporte fora do contexto do alto rendimento foram: A, D, F e G.

Dentre os 44 questionários, houve maior predominância em 24 questionários de imagens que representaram o EAR, em 13 houve empate, e em 7 houve predominância das imagens do EFCAR. Tais dados estão representados na tabela abaixo:

EAR	EMPATE	EFCAR
24	13	7

**Tabela 28 – Predominância por Questionário de Marcações relacionadas à Concepção de Esporte através de Imagens.**

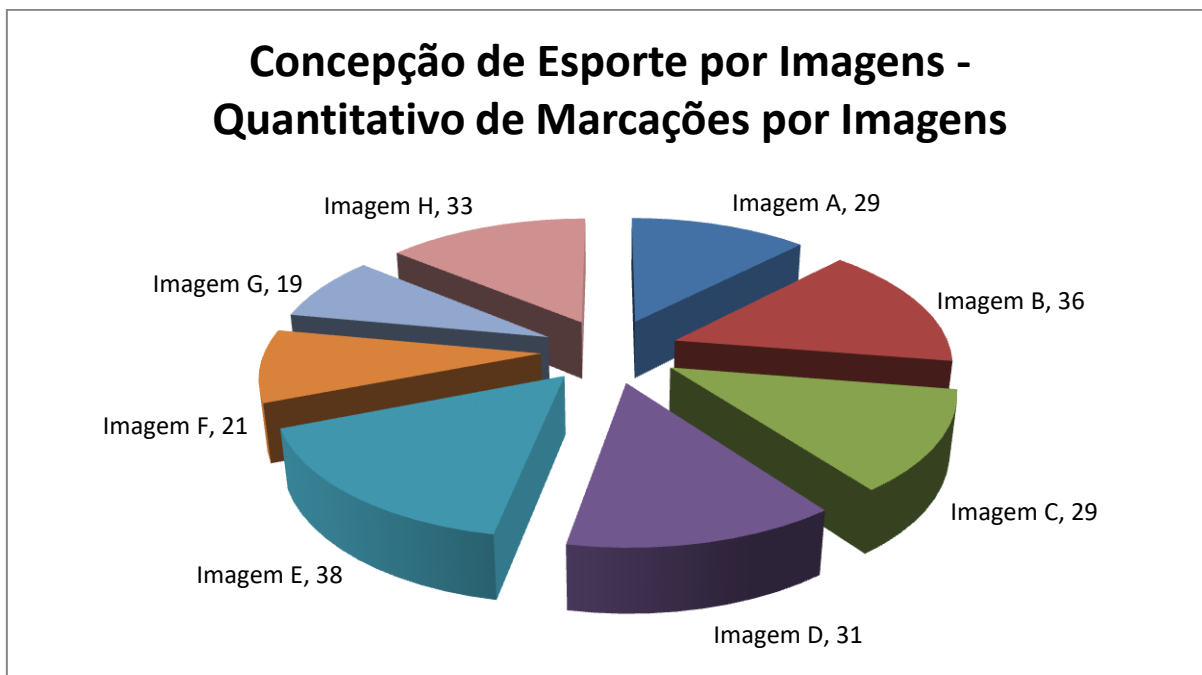


**Gráfico 19 - Concepção de Esporte por Imagens - EAR X EFCAR - Predominância por Questionário.**

Na tabela a seguir, foi apontada a quantidade de vezes que cada imagem foi marcada pelos alunos como aquela(s) que melhor representa(m) o esporte:

A	B	C	D	E	F	G	H
29	36	29	31	38	21	19	33

**Tabela 29 - Quantitativo de Marcações por Imagem relacionadas à Concepção de Esporte.**



**Gráfico 20 - Conceção de Esporte por Imagens - Quantitativo de Marcações por Imagens.**

Se rankearmos as imagens e relacioná-las com o tipo de esporte (EAR ou EFCAR) que ela representa, temos o seguinte:

1°	2°	3°	4°	5°	5°	6°	7°
E	B	H	D	A	C	F	G
38	36	33	31	29	29	21	19
EAR	EAR	EAR	EFCAR	EAR	EFCAR	EFCAR	EFCAR

**Tabela 30 - Ranqueamento das Imagens Marcadas.**

Os dados colhidos através de imagens do esporte demonstraram que há uma predominância, por parte dos alunos pesquisados, em considerar as imagens relacionadas ao esporte de alto rendimento como aquelas que melhor representam o esporte. A imagem D figurou em 4° colocada e, apesar de não representar o esporte de alto rendimento, mostra um campo de futebol de várzea com as demarcações de

um campo de futebol oficial que é bastante comum na região onde os alunos estão inseridos. Isso pode ter gerado a alta quantidade de marcações nessa imagem.

Tivemos, ainda, alguns questionários onde foram marcadas apenas imagens do EAR e apenas do EFCAR.

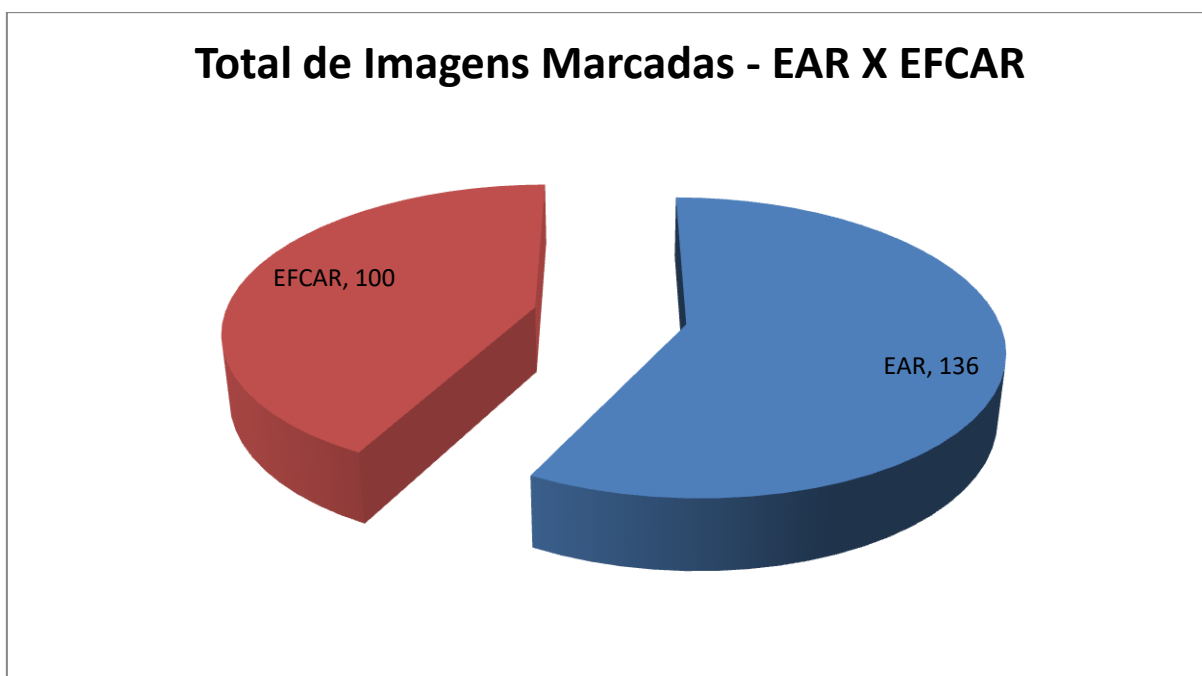
EAR	EFCAR
5	3

**Tabela 31 - Exclusividade de Marcações presentes em Questionários em Concepções de EAR e EFCAR.**

Acrescentamos ainda o quantitativo total das imagens relacionadas ao EAR e ao EFCAR marcadas pelos alunos:

EAR	EFCAR
136	100

**Tabela 32 - Quantitativo Total de Marcações Relacionadas às Imagens de EAR e de EFCAR.**



**Gráfico 21 - Total de Imagens Marcadas - EAR X EFCAR.**

Os dados apresentados a partir da identificação das imagens que melhor representam o esporte apontaram maior predominância das imagens que

caracterizam o esporte de alto rendimento como as mais representativas do esporte na consciência dos alunos.

Tais dados mostraram a percepção discente acerca do esporte de alto rendimento como forma predominante em suas consciências. Isso demonstra que a influência desse tipo de esporte e dos valores que propaga é maior, o que contribui para a unidimensionalização dessas consciências dos discentes pesquisados.

Após a apresentação dos dados relacionados ao questionário da etapa 1 e dos apontamentos analíticos realizados, foi constatada a predominância do pensamento unidimensional-positivo nas consciências dos alunos investigados. Alguns indícios do pensamento dialético-negativo também foram constatados, mas muito abaixo em comparação ao pensamento unidimensional, no que tange às questões indagadas na etapa 1 relacionadas ao esporte. A seguir, prosseguiremos abordando três tópicos com temáticas apoiadas nos dados colhidos do questionário da etapa 1.

O primeiro tópico estabelecerá relação entre a sociedade unidimensional e o esporte como instrumento a serviço da implementação ideológica dos valores conservadores dessa mesma sociedade. O segundo tópico traz apontamentos do esporte na função de unidimensionalização das consciências, cujo resultado é a alienação do homem. O terceiro tópico, exposto abaixo, estabelecerá relações entre trabalho, pensamento unidimensional e esporte com a problemática da fragmentação do conhecimento e a conseqüente formação unilateral do homem.

#### **4.4 Sociedade Unidimensional e o Esporte como Instrumental Técnico-Ideológico.**

A sociedade unidimensional tem por característica principal a uniformização do pensamento humano. Para essa sociedade, interessa a manutenção do *status quo* social através da transformação dos indivíduos em consumidores ávidos pelas diferentes mercadorias existentes e em abundância na sociedade (MARCUSE, 1964).

Existe um aparato técnico capaz de gerar essa grande quantidade de mercadorias para pretensamente servir à sociedade. Pela capacidade de produção de mercadorias, os usos da técnica viabilizaram a adesão das pessoas às formas de sociabilidade estabelecidas pela lógica do consumo alimentada principalmente pelas

falsas necessidades, tornando o ato de consumir algo supérfluo, cuja intenção é apenas atender às demandas de acumulação da classe dominante (MARCUSE, 1964).

O pensamento, portanto, passa a estar em convergência com a lógica consumista almejada pela sociedade capitalista. As pessoas passam a ter uma conduta favorável a essa realidade, vislumbradas pela possibilidade de adesão das mercadorias produzidas pelo aparato técnico.

O aparato técnico capitalista não parece apenas realizar a produção de mercadorias em massa, também parece realizar nas pessoas uma aceitação das normas sociais estabelecidas e fundamentadas pela lógica do consumo e pelas leis de mercado. O aparato técnico, então, viabilizou a formação do pensamento unidimensional, fortalecendo a concepção positiva da realidade em detrimento da negativa (pensamento contestatório). Disso, resulta um obscurecimento da realidade humana e das contradições presentes no contexto social, cujos objetivos estão atrelados exclusivamente à adesão das sociabilidades postas a partir de distorções em relação às tensões geradas por essa sociedade, através da adesão de falsas necessidades que se dão pelo desejo de consumo de mercadorias.

A mercadoria e os valores da sociedade capitalista presentes tornaram-se os motivos pelos quais o pensamento unidimensional se consolidou nas consciências das pessoas. A adesão à mercadoria significou também a adesão aos valores que a permeiam, isto é, à lógica capitalista de conceber a vida por meio das relações mercantis.

O pensamento unidimensional gerou a fragmentação da realidade social nas consciências dos indivíduos em relação à sociedade. Os indivíduos tomados pelo pensamento unidimensional tendem a ter uma visão fragmentada da realidade. A sociedade unidimensional acaba por supervalorizar os aspectos que lhe interessam, orgulha-se do aparato técnico produtivo que, mesmo sendo capaz de produzir em larguíssima escala, permite, também, a produção de desigualdades, fome, miséria etc. A sociedade unidimensional, então, cria uma esfera social embasada pela lógica positiva, e isso significa que esconde a destruição de um sistema predatório e cerceador da vida humana em múltiplos sentidos, enquanto difunde as suas conquistas limitadas à determinada classe e eleva o pensamento positivo em relação à sociedade.

O pensamento positivo inerente à sociedade unidimensional fundamenta-se em ilusões geradas pela sociedade que não quer que as contradições inerentes ao próprio sistema sejam expostas. A mercadoria em abundância na sociedade parece exercer a função de docilização do pensamento em relação às contradições presentes, servindo à adoção sutil da sociabilidade conservadora pelas pessoas.

Na sociedade capitalista tudo pode se transformar em mercadoria e com o esporte não é diferente. De acordo com o exposto, o esporte é carregado de valores que atendem aos interesses da sociedade capitalista. Em destaque temos os seguintes valores que caracterizam o esporte e que foram tirados do questionário da etapa 1: a alta competitividade, a sobrepujança, o rendimento máximo, o individualismo e a meritocracia. Esses valores são semelhantes aos propagados pela sociedade capitalista e que interessam, sobretudo, à classe dominante no que diz respeito à formação dos homens em sociedade (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Na consciência dos alunos pesquisados, percebeu-se que a visão direcionada ao esporte está desvinculada da totalidade de sua manifestação, isto é, distorcida da real forma como se manifesta o esporte no contexto social. Assim como a sociedade unidimensional, o esporte demonstra ter valores que representam o conservadorismo social.

O esporte como elemento da cultura corporal inserido na sociedade capitalista acaba por absorver os valores dessa sociedade. Em sua versão alicerçada no alto rendimento, o esporte, altamente globalizado e propagado, apresenta-se de forma mais intensa, tende a influenciar mais as pessoas e, como consequência, reproduz os valores que absorve da sociedade (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

As respostas dadas ao questionário pelos alunos pesquisados demonstraram a unidimensionalidade configurada pelos valores conservadores que refletem formas de ajustamento social via esporte. Os valores conservadores presentes no esporte parecem assumir uma faceta inofensiva aos olhos dos alunos pesquisados por não considerá-los como um elemento influenciado pelas relações que se estabelecem na sociedade. Dessa forma, o esporte nas consciências dos discentes é visto distante da realidade social, o que parece demonstrar uma percepção apolítica.

Como resultado dessa pseudoneutralidade política, verificou-se que as categorias levantadas para analisar as expressões sobre o esporte a partir da



percepção dos alunos apontaram para uma visão fundamentada em falsas ideias, aparentemente inofensivas, do ponto de vista político.

Assim como a sociedade capitalista gera falsas necessidades para justificar a lógica de consumo, o esporte, tomado pela mesma lógica, transmite falsas ideias e valores que servirão para embasar as falsas necessidades do sistema social em curso, servindo para que os valores desumanos advindos do sistema capitalista sejam obscurecidos.

Para exemplificar essa visão apolítica do esporte, apontamentos feitos anteriormente serão retomados. Na categoria afetiva, na questão que buscava compreender quais as aprendizagens possivelmente provenientes do esporte, obtivemos expressões que argumentavam a relação entre a prática esportiva e a aprendizagem de formas de relações interpessoais baseadas no companheirismo, na confiança, na união etc., tais valores não parecem corresponder ao esporte de alto rendimento, assim como não corresponderam às aulas de futebol realizadas no campo durante a unidade didática aplicada.

A ideia de que o esporte é uma forma de estabelecer ou de desenvolver relações interpessoais saudáveis não corresponde ao que acontece na prática. Essa compreensão da ideia é falsa, mesmo possuindo lugar no senso comum e nos diferentes mecanismos de difusão do esporte, justifica o esporte e seus valores desumanos como aceitáveis, servindo assim como exemplo de comportamento e conduta a serem seguidos pelas pessoas.

O esporte, com isso, é visto de forma inofensiva e neutra diante da realidade social. Na maioria dos casos o esporte é considerado como um elemento que possui valores importantes para a formação da criança e do adolescente, tendo, por isso, a sua prática estimulada sem questionar os valores que são transmitidos e que, em muitos casos, baseiam-se no de alto rendimento. Desse modo, são desconsiderados os sentidos e os valores que o esporte carrega e propaga, assim como os impactos que o esporte gera na formação de crianças e de adolescentes (BRACHT, 1987). O esporte na forma de mercadoria gera falsas ideias que por sua vez geram formas de controle das consciências, transformando os indivíduos em consumidores incapazes de refletir sobre as contradições da sociedade unidimensional.

Nas respostas dos alunos presentes na categoria social, foram identificadas forte presença de expressões meritocráticas fundamentadas por percepções individualistas em relação à vida em sociedade, baseadas, principalmente, na ideia

do esforço individual, o que pode gerar deturpações em relação aos modos como o indivíduo se enxerga em sociedade, assim como seus semelhantes. É possível que, partindo disso, seja instaurada a ideia que todos competem na sociedade.

Essas ideias atendem única e exclusivamente aos interesses do capital com a inculcação de valores que naturalizam e moldam as pessoas à ideologia dominante. Assim, é compreendido, que falsas ideias em relação ao esporte geram falsas necessidades. O fomento dessas falsas necessidades é viabilizado através do esporte como um mecanismo que contribui com a formação de valores para a adaptação e ajustamento dos indivíduos às formas sociais vigentes. Tal ajustamento torna-se uma necessidade imposta pelo sistema cujo espaço a ser adquirido nela depende de esforço, superação e, como não há espaço para todos, é necessária capacidade de sobrepujar o outro. Esse tipo de racionalidade está bastante presente no esporte.

Essa racionalidade presente no esporte materializada pela sociedade unidimensional gera falsas necessidades, pois desconsidera a veracidade de uma vida em suas possibilidades de liberdade, baseia-se pela ideia de controle da vida humana por meio de normas opressoras advindas da ideologia dominante regidas pelas leis de mercado que resultam na exclusão de muitas pessoas, conjecturando assim, um contexto social onde a vida se perpetua através da luta pela sobrevivência, na competição entre os homens que cristaliza a ordem social conservadora e privilegia uma minoria abastada em detrimento da maioria pobretana.

As falsas necessidades contextualizadas pela racionalidade do capital, e também transmitidas pelo esporte, geram uma falsa satisfação, cujo objetivo é o ajustamento do indivíduo aos padrões de conduta e às formas como se dão as relações sociais no sistema capitalista, desse modo, a vida torna-se mais limitada e o indivíduo continua aprisionado no sistema.

O esporte, dessa forma, contribui para a perpetuação da dominação do homem pelo homem rompendo, na consciência, a compreensão da realidade ao propagar os valores da sociedade unidimensional e confirmando a lógica de ajustamento e adaptação às normas sociais vigentes. O esporte, na conjuntura apresentada, pode ser considerado como um instrumental técnico-ideológico do aparato técnico a serviço do sistema capitalista, cuja função está relacionada com o controle ideológico vinculado ao pensamento unidimensional positivo.

A face positiva da realidade é a única que parece estar visível aos olhos, a face negativa apresenta-se escondida, esquecida. A aparência nas relações sociais sobressai enquanto a essência permanece oculta aos olhos. A aparência, então, tomada como direção para os rumos da sociedade acaba por gerar a alienação dos indivíduos. Isso será tratado a seguir.

#### **4.5 Esporte Unidimensional e Alienação Do Homem.**

Como apontado, o esporte possui fortes características que deflagram a racionalidade da sociedade capitalista sobre ele, apresentando-se demarcado pelo pensamento unidimensional nas consciências dos alunos pesquisados.

O pensamento unidimensional é fruto da sociedade capitalista que harmoniza a ideia de oposição presente na sociedade fazendo sobressaltar os valores que interessam a ela. Dessa forma, a presença do pensamento unidimensional na sociedade se tornou totalitária, atingindo diferentes segmentos sociais, como a cultura, a política, a economia, a ciência, a tecnologia etc (MARCUSE, 1964).

O homem, com isso, foi condicionado a assumir, não apenas os valores dessa realidade unidimensional, mas também, tornou-se ele mesmo um propagador desses valores. As subjetividades inerentes ao homem também tenderam a assumir as marcas da ideologia do capital, uma vez que a realidade unidimensional, no processo de supremacia e convencimento das consciências das pessoas por meio da abundância de mercadorias e das falsas necessidades geradas, suprimiu estrategicamente formas de pensamento que pudessem contestar a lógica beligerante de um sistema que amplia cada vez mais a produção de mercadorias, na mesma velocidade que gera a destruição da vida humana em sentidos diversos (MARCUSE, 1964).

A liberdade humana passa, então, a ser determinada pelos limites dados pela sociedade capitalista. As formas de pensar a realidade, assim como as subjetividades, devem estar necessariamente alinhadas com as pretensões de conservação do *modus operandi* social. Tais formas de controle cerceiam o homem em vislumbrar possibilidades distintas de vida, mais amplas e concretamente comprometidas com uma liberdade real e não aparente.

Isso só poderá se concretizar a partir da noção real da realidade por parte do homem. A sociedade unidimensional busca a supervalorização da dimensão da

realidade que lhe interessa. Com isso, realiza uma fragmentação da realidade que gera nas consciências uma concepção de vida limitada às normas de controle regidas pelo aparato técnico capitalista. Há, portanto, uma escassez reflexiva em torno de potenciais de vida mais humanos e mais aproximados de uma liberdade real que é justamente dificultada por causa do controle exercido pelo aparato técnico. Disso resulta o vislumbre de uma liberdade aparente, demarcada pelos limites impostos pela sociedade unidimensional, o que contribui para a perpetuação da luta vinculada diretamente à da sobrevivência.

O controle exercido pela sociedade unidimensional se dá principalmente através das falsas necessidades geradas pelo sistema. Essas necessidades, ao serem tomadas como imprescindíveis à existência, realizam a adesão da vida unidimensional à consciência humana. O indivíduo tomado pelo desejo de satisfação das falsas necessidades acaba sendo levado a pensar e a agir de acordo com o sistema societário vigente, já que apenas o próprio sistema pode conduzir o indivíduo à satisfação da necessidade forjada.

A ideia de liberdade, portanto, é limitada aos interesses da sociedade capitalista, ou seja, a liberdade é uma invenção que serve para controlar ainda mais os indivíduos, e cerceá-lo de possibilidades concretas de compreensão da realidade e das relações sociais que perpetuam a dominação. A subjetividade do homem é a subjetividade da sociedade.

Através do aparato técnico conservador, a lógica do capital cumpre com o projeto societário de dominação, fazendo com que os indivíduos permaneçam limitados à busca pelas falsas necessidades desconsiderando qualquer forma de pensamento que se choque com a racionalidade estabelecida. Disso, temos a ruptura na realidade e a consolidação do pensamento unidimensional nas consciências como a única forma possível de manifestação da vida humana.

As falsas necessidades tomam completamente a vida do indivíduo. Este acaba por considerar as falsas necessidades como manifestações verídicas da realidade humana, já que se prolifera pelas diferentes esferas da vida, como ocorre também no esporte.

O esporte como elemento da cultura corporal embasado pelos valores do modo de produção capitalista cumpre com a função de afirmar, ainda mais, nas consciências das pessoas, a lógica unidimensional formulada principalmente pela proliferação de falsas necessidades.

Por meio do esporte, são supervalorizados valores como: alta competitividade, sobrepujança, rendimento máximo, meritocracia e individualismo, de forma aparentemente inofensiva (porque aparentemente neutra do ponto de vista político) como visto nas diferentes expressões dos alunos pesquisados. Esses valores apresentam-se mascarados em concepções de esporte que fazem referência 1- à superação; 2- ao esforço individual, 3- ao espírito meritocrático, 4- às relações sociais pautadas pela competição, 5- às possibilidades de desenvolvimento de relações interpessoais que não refletem as reais relações interpessoais no esporte, como a valorização do homem ajustado acriticamente na sociedade (BRACHT, 1987).

As expressões fornecidas pelos alunos nas respostas das questões aplicadas tenderam a dotar o esporte, predominantemente, de virtudes e quase sem defeitos. Apesar de o esporte ser um fenômeno que contempla a aparência e a essência nas relações sociais, o que se percebe é a presença do tipo de pensamento que exalta as sociabilidades voltadas para a formação do homem unidimensional. Nesse sentido, assim como a sociedade unidimensional, o esporte, como se fosse uma *persona*, obscurece as questões problemáticas e exalta, nas consciências, as falsas ideias sobre si, gerando, com isso, falsas necessidades de consumo que apenas o sistema pode sanar.

Nas expressões citadas, falsas ideias acerca daquilo que o esporte pode fazer em prol da formação do homem estão presentes em diversas respostas, tais como aquelas exemplificadas acima (superação, esforço individual e desenvolvimento de relações interpessoais) dos alunos investigados. Pode-se dizer que essas falsas ideias servem como sustentação para as falsas necessidades que se manifestam na sociedade e que transformam os homens em consumidores, pelo fato de serem os próprios indivíduos a perpetuar a lógica de dominação unidimensional. Por meio da submissão a um tipo de formação interesseira advinda do capital, os indivíduos, inconscientemente, reproduzem a lógica que os oprime, dando prosseguimento ao projeto de aprisionamento das consciências no pensamento unidimensional positivo. No que diz respeito ao esporte, a racionalidade que emerge dele de forma irrefletida leva os indivíduos a consumirem-no sem atentar para os processos de formação humana.

Essas expressões demonstraram, equivocadamente, que o esporte possui valores valiosos a serem aprendidos para a formação do caráter. A formação

humana, via esporte, atrela a adoção de aprendizagens e de valores aos limites da lógica unidimensional de interesse do grande capital, que se materializa em condutas e comportamentos fundamentados na construção de um caráter dócil e acrítico sobre o esporte e, possivelmente, também a realidade social onde o esporte está especificamente inserido.

As falsas necessidades presentes na sociedade unidimensional e fomentadas pelo esporte visam ao projeto de homogeneização dos interesses entre as classes sociais. Com isso, o indivíduo passa a tomar os interesses da classe que o rege, e a controlar os meios e recursos materiais como se fossem seus. Nesse sentido, o esporte, fortalecendo a formação de uma consciência passiva perante a realidade, contribui com uma pseudointegração dos interesses entre as classes trabalhadora e dominante, corroborando, assim, para a lógica de dominação desta classe sobre àquela através do apagamento das contradições e das tensões existentes em relação aos interesses distintos entre essas classes sociais.

O esporte, como produto da sociedade capitalista, cumpre uma função bastante similar à exercida pelas mercadorias das sociedades industrializadas. O aparato técnico ao disponibilizar a abundância de mercadorias por toda a sociedade viabiliza a mercadoria também para todas as classes sociais. Essa percepção pseudodemocrática de que tudo está ao alcance de todos gera confusão na percepção da sociedade e das tensões presentes nela, como consequência, tem-se a unidimensionalização do pensamento manifestada através de uma espécie de pseudodemocratização da produção social, o que pode levar à convergência de interesses entre classes.

O esporte como mercadoria também aparentemente se apresenta para todas as classes sociais e se põe ao alcance de todos. Muitas vezes é ouvido, visto e lido mensagens emblemáticas sobre as Olimpíadas fazendo referência à união dos povos e culturas, como se os interesses culturais e dos diferentes povos fossem os mesmos. O esporte, no meio de tais discursos, assume a função redentora de mediação entre culturas e povos por meio de valores como a alta competitividade, a sobrepujança, o rendimento máximo, a meritocracia e o individualismo, podendo ainda citar os casos de doping, o esquecimento midiático de atletas de países esportivamente sem expressão, a supervalorização dos vencedores, o completo esquecimento dos perdedores, dentre outras questões.

Há uma formação heterônoma do homem a partir do esporte enquanto propagador da ideologia dominante. A contribuição proporcionada pelo esporte no ajustamento dos indivíduos aos valores que interessam à sociedade capitalista conduz as pessoas à condição de dependência e de submissão ao aparato técnico e, conseqüentemente, aos donos desse aparato. Ao influenciar as pessoas com os valores da sociedade unidimensional, o esporte favorece certa vulnerabilidade à adesão a falsas necessidades geradas pela sociedade capitalista, legitimando, sutilmente, a limitação da liberdade para a classe trabalhadora.

O esporte limita a liberdade das pessoas ao tipo de homem pretendido pela sociedade unidimensional, limita ao tipo de existência que perpetua a labuta para a classe trabalhadora enquanto a classe dominante tende à acumulação cada vez maior dos recursos materiais. A classe trabalhadora é ajustada ao compromisso de acumulação da classe dominante, contribuindo para o usufruto desta classe de uma liberdade de existência, livre da labuta.

Os valores e aprendizagens presentes no esporte que foram ressaltados em grande parte pelos alunos apontam para um tipo de formação desejada pela sociedade em vigência. As expressões relatadas pelos alunos sobre o esporte estão carregadas de valores e possibilidades de aprendizagens que levam ao ajustamento social vinculado aos moldes da sociedade unidimensional, impossibilitando uma vida que repercuta potenciais de liberdade mais amplos relacionados a uma existência digna.

A presença do pensamento unidimensional no esporte tende a ocultar as contradições inerentes a ele, ao mesmo tempo que ressalta os aspectos axiológicos relevantes à manutenção do *status quo* (MARINHO, 2010). Essa visão de esporte unidimensional ajuda na fragmentação da realidade, cuja tendência é a supressão do pensamento dialético-negativo. Essa cisão da realidade se dá principalmente por meio da supervalorização de falsas necessidades forjadas pelo sistema social vigente para mascarar as contradições existentes. Nesse caso, a perda da percepção em relação à totalidade social tem como consequência a própria alienação do homem, que corresponde à fragmentação da consciência através de uma percepção unilateral da realidade e, de igual forma, das relações sociais. Diante do exposto, é atribuído ao esporte, nos moldes como está inserido na sociedade atual, uma importante contribuição para o fortalecimento das consciências na adesão ao pensamento unidimensional.

#### **4.6 Trabalho, Pensamento Unidimensional e Esporte: Fragmentação do Conhecimento e Unilateralização do Homem.**

De acordo com Marx (2014), o trabalho é um elemento essencial para a formação do homem. Com a lógica de acumulação de capital, o trabalhador foi submetido a uma organização técnica do trabalho cujo principal objetivo era a extração de mais-valia, reduzindo o valor do trabalho e conseqüentemente do trabalhador. Para ampliar a extração de mais-valia, o capitalista impôs ao trabalhador procedimentos técnicos que resultaram na racionalização e na fragmentação do trabalho. A partir desse contexto, ocasionou a expropriação do trabalhador do produto do seu trabalho e dos diferentes conhecimentos inerentes a ele.

Ao perder de vista a totalidade do seu trabalho, o trabalhador foi unilateralizado, ou seja, a formação e os conhecimentos provenientes do trabalho foram limitados aos interesses da classe dominante. O trabalhador perdeu, então, o protagonismo à frente do processo de produção para ocupar-se com tarefas mecânicas e repetitivas, esvaziando-se de possibilidades mais amplas no que diz respeito à formação humana e do usufruto de seu resultado. O trabalhador, portanto, é alienado de uma existência mais humana e digna e passa a ter seu trabalho governado pela extração de mais-valia para atender aos interesses do capitalista.

O esporte como um dos produtos culturais produzidos pelo homem, parece carregar aspectos axiológicos bastante próximos dos processos alienadores do homem descritos por Marx (2014). No estágio de sociedade que se dá o nascimento do esporte moderno, as formas de alienação evoluem da fragmentação do homem através do trabalho para a fragmentação da consciência humana através da formação de consumidores ávidos pelo desejo de obtenção das mercadorias em circulação. A formação de consumidores alcança mais pessoas, uma vez que a lógica de mercado se globaliza, e com ela o contingente de consumidores, como aponta Marcuse (1964).

Tanto Marx (2014) quanto Marcuse (1964) descrevem processos alienadores do homem advindos da racionalidade capitalista, cujo ponto em comum dos dois pensadores está na questão da perda do conhecimento da totalidade, seja em relação ao trabalho, seja em relação à sociedade.



Em Marx (2014), vimos o processo de alienação ao qual foi submetido o trabalhador quando o trabalho passou a sujeitar-se a ditames do controle capitalista, que para extrair ainda mais mais-valia, fragmentou o trabalho através do controle técnico no setor produtivo.

A mais-valia relativa passou, então, a ser o principal elemento de intensificação do trabalho excedente através da crescente diminuição da quantidade de trabalho socialmente necessário à produção de mercadorias. Isso fez reduzir o valor do trabalho humano (e como consequência o valor do trabalhador no processo de produção) por intermédio do barateamento das mercadorias como consequência da mais-valia relativa (MARX, 2014).

A fragmentação do trabalhador significou o parcelamento do conhecimento em relação ao trabalho e às diversas funções a serem desempenhadas nas diferentes tarefas de produção de determinada mercadoria, havendo uma crescente especialização do trabalhador para atender às demandas de acumulação. Com isso, o trabalhador foi perdendo o conhecimento total do produto do seu trabalho, tornando-se ainda mais dependente do capital.

A crescente industrialização alcançou a sociedade. As sociedades industrializadas depositaram confiança na força do aparato técnico burguês em gerar mercadorias que pudessem tornar a vida humana melhor, enquanto geravam igualmente desigualdades, permitindo que uma enorme quantidade de pessoas estivesse à margem desse projeto social. O discurso de liberdade tinha como interesse atender apenas a uma determinada classe, libertando-a da labuta e do peso da luta pela sobrevivência, enquanto a maior parte das pessoas lutava diariamente, motivada pela ilusão da meritocracia sem saber que, com isso, estava garantindo os privilégios da classe dominante.

Ao que parece, a sociedade unidimensional também realiza um processo de fragmentação quando a totalidade social é apontada nas consciências apenas na sua manifestação aparente, como observada através das falsas necessidades geradas pelo sistema capitalista. O pensamento unidimensional, como forma de consolidação das falsas necessidades na vida das pessoas, parece realizar também um processo de fragmentação do homem que, ao perceber a realidade apenas em sua versão unidimensional, não tem o conhecimento necessário para perceber a sociedade em sua totalidade. O resultado é o aprisionamento do homem em um plano ideológico de conservação do *status quo*.

A totalidade social se perde aos olhos das pessoas e, dessa forma, a fragmentação se dá em níveis ideológicos, através da absorção de valores que interessam a sociedade capitalista, por meio dos diversos instrumentais técnico-ideológicos pertencentes ao aparato técnico, tal como o esporte por exemplo.

A ruptura ocasionada na percepção que se tem da realidade faz com que a classe trabalhadora assuma o discurso da classe dominante e passe a depositar sua confiança no aparato técnico produtivo ao verem a grande quantidade de mercadorias em circulação. Essas mercadorias passam a exercer também um processo ideológico de afirmação dos valores da classe dominante que ocorre através de um projeto contínuo de acumulação que se estabelece, primordialmente, às custas da classe trabalhadora (MARCUSE, 1964).

Ao cederem aos desejos de consumo, a classe trabalhadora cede também aos valores que passam a unidimensionalizá-la para que suas consciências entrem em convergência com os interesses da classe dominante, realizando o projeto burguês de contenção das tensões sociais através da pseudo-homogeneização dos interesses de classe.

A realidade em sua totalidade, incluindo suas contradições, é fragmentada para atender aos interesses do capital. A fragmentação da realidade dissipa a noção do todo fundada nas contradições, como em relação à consciência de classe e aos conflitos e tensões de interesses que podem suscitar tal consciência.

Desse modo, ocorre uma consolidação do projeto manipulador no qual a perda do conhecimento do todo resulta na alienação, uma vez que, como consumidores, as pessoas submetem-se aos ditames do mercado, sendo manipuladas para os fins de acumulação de capital da classe dominante, reduzindo a vida humana às determinações das relações mercantis.

A fragmentação do conhecimento da realidade e a perda de vista dos elementos que a compõem em sua totalidade fazem com que as pessoas percebam apenas um único viés quando olham para a sociedade. Esse viés foi projetado pelo pensamento positivo, a cuja adesão é inconsciente, pois segue a afirmação da lógica do *status quo* estabelecido e anula, quase por completo, as formas distintas de olhar para a realidade.

A fragmentação do conhecimento, tanto nas relações sociais de trabalho quanto de existência em sociedade, gera a alienação, pois os indivíduos deixam de usufruir de possibilidades mais amplas de vida e de existência, assim como ocorreu

com o trabalhador. Marx (2014) constatou que o trabalhador foi expropriado do conhecimento do produto do seu trabalho inviabilizando possibilidades amplas de formação e aprimoramento em sentidos mais humanos.

Nessa conjuntura, identificou-se que o capitalismo foi capaz de promover amplo desenvolvimento e produção de mercadorias, mas ao mesmo tempo aumentou a destruição e as desigualdades sociais. Ao que parece, o esporte, como um dos elementos da cultura corporal, tendo grande adesão social em todo o planeta, parece ser um elemento capaz de realizar a alienação do homem por meio do seu consumo, como mercadoria que está sendo.

O esporte, dentro da sociedade capitalista, exerce a função técnico-ideológica de obscurecimento da realidade contraditória e, por isso, atua na inviabilização de formas de existência mais próximas dos valores humanos pautados por uma liberdade concreta. Para a efetivação do processo de formação humana consciente e crítica, como almejado que ocorra nas escolas, é necessário dar atenção ao esporte, crivando-o a partir de uma análise minuciosa referente aos valores sociais que carrega e (ao mesmo tempo) esconde, desmascarando a realidade unidimensional presente na sociedade onde o esporte está inserido. É indispensável uma compreensão acerca das representações inerentes ao esporte, apontando as facetas unidimensionais de como o esporte se apresenta na sociedade em relação aos valores desumanos ressaltados que, de modo naturalizado, tendem a conformar por meio de falsas necessidades. A partir daí, deve-se trazer à tona os valores escondidos, aqueles essenciais, isto é, os que podem contestar, pela sua revelação, a realidade conservadora.

Se tal processo não ocorre, permanece a perpetuação de uma formação unidimensional que objetiva exclusivamente a manutenção do *status quo*, favorecendo uma ideia de esporte que tende a formar consciências unidimensionais com o auxílio “luxuoso” da própria educação física desenvolvida nas escolas. Nesse caso, a educação física afirma a sua contribuição na perspectiva do pensamento exclusivamente unidimensional positivo (como já vem ocorrendo historicamente).

A partir dos dados colhidos do questionário da etapa 1, notou-se a presença do tipo de pensamento unidimensional positivo relacionado ao esporte nas consciências dos alunos pesquisados. Os discentes demonstraram possuir traços do pensamento unidimensional positivo nas respostas que deram em diferentes questões. Eles fizeram referência a condutas e formas de pensar ligadas a

ajustamentos comportamentais que interessam ao sistema. De forma ampla, a percepção acerca do esporte dos alunos se mostrou bastante próxima dos valores conservadores unidimensionais.

Portanto, a partir do que foi exposto acima, pode-se afirmar que a prática esportiva no contexto do alto rendimento (EAR) influencia a formação de consciências unidimensionais. Isso induz os alunos a reproduzirem condutas unidimensionais também no esporte realizado fora do contexto do alto rendimento (EFCAR), ou seja, na prática esportiva realizada pelos alunos no dia-a-dia, ou mesmo nas aulas.

Há um indicativo de que os alunos já chegam às aulas de educação física impregnados com valores provenientes da perspectiva unidimensional de pensar o esporte, como demonstrado através do questionário inicial (Etapa1). Esses valores parecem igualmente influenciar as condutas e os comportamentos durante a prática de esporte como observado durante as aulas.

Essa realidade unidimensional sutilmente naturalizada na consciência dos alunos deve ser passível de intervenção pedagógica pelo professor de educação física, com a finalidade de estabelecer nos discentes uma formação crítica em relação ao pensamento que se deve ter sobre o esporte.

Para essa tarefa, é necessário que haja a contestação da realidade fragmentada predominante nas consciências. A realidade deve ser apresentada na totalidade, partindo da revelação das aparências através das contradições existentes, e uma das formas de se obter tal feito é através da revelação dos distintos interesses sociais entre classes.

De acordo com Marcuse (1964), a realidade humana em sua totalidade é baseada na ideia do contraditório, sendo, portanto, política e dialética. Nela está presente o pensamento positivo, que objetiva a afirmação e a manutenção das relações sociais postas e, com isso, a cristalização da lógica social estabelecida pela divisão de classes, e o pensamento negativo, a partir da consideração da realidade humana em sua totalidade, que considera os elementos aparentes e essenciais tendo, assim, uma visão total dessa realidade.

O pensamento conservador (positivo) e o pensamento capaz de contestar a realidade humana (negativo) fazem parte da mesma realidade e, por isso, parecem ser capazes de revelar a verdade como ela realmente é, ou seja, tanto em relação às aparências quanto em relação à essência.

Para Marcuse (1964), a realidade em uma sociedade dividida em classes, como a capitalista, apresenta-se como uma unicidade do pensamento positivo (conservador em relação aos aspectos axiológicos presentes na sociedade) e do pensamento negativo (contestatório em relação aos aspectos axiológicos presentes e predominantes na sociedade). Ao ser influenciado apenas pela forma positiva, o indivíduo é levado a considerar a realidade apenas tendo em vista os valores conservadores da sociedade, sem ter real noção das contradições pertinentes às relações sociais dentro do contexto social onde ele está inserido.

Tal estratégia de influenciar as pessoas reflete uma forma de ditadura ideológica perfeitamente fincada em interesses de conservação e cristalização da sociedade planejada para separar os homens em classes, distinguindo-os através de suas posses. Os indivíduos inseridos nesse tipo de sociabilidade acabam por assumir modos de pensar unidimensionais, mais simplificados e aparentes perante a realidade.

O pensamento contestatório pode ser uma ameaça ao pensamento conservador, já que possui subsídios para delinear reflexões críticas o suficiente para situar os indivíduos em relação à conscientização de classe e em relação aos interesses contraditórios presentes na sociedade dividida em classes sociais.

Nesse sentido, o pensamento negativo pode contribuir com a deflagração das falsas necessidades presentes na sociedade capitalista, e pode também desenvolver potenciais formas de pensar a realidade atrelada a rumos mais sólidos visando à liberdade essencialmente fortalecida pela noção de coletividade nas relações entre os homens. Além disso, a formação política do indivíduo tende a ser qualitativamente superior em relação à formação unidimensional atualmente em vigor, pois contempla o todo social.

Dessa forma, os alunos submetidos à pesquisa passaram por um processo pedagógico de ensino dos esportes em uma unidade didática em 20 tempos de aula, voltada para a deflagração da realidade contraditória que se manifesta também no esporte. Visou-se, assim, à verificação das possibilidades de modificação do pensamento unidimensional positivo para o dialético-negativo relacionado ao esporte, enquanto elemento da cultura corporal inserido em determinado contexto social e demarcado, sobretudo, pela unidimensionalidade nas relações sociais próprias do modo de produção capitalista.

O procedimento pedagógico adotado na unidade didática objetivou que o ensino dos esportes fosse relacionado à formação humana que atendesse à realização de aproximação com a libertação dos processos unidimensionais, que aprisionam o homem em sociedade e que também se manifestam no esporte. Nesses termos, segue à frente o capítulo de análise de tal unidade didática.

## 5. CAPÍTULO V

### 5.1 Análise da Unidade Didática (Etapa 2)

A unidade didática analisada teve como pretensão a crítica aos aspectos conservadores do esporte refletidos em aspectos axiológicos vinculados ao esporte de alto rendimento, como: alta competição, sobrepujança, rendimento máximo, meritocracia e individualismo. Como visto no início da presente pesquisa, houve uma crítica realizada por alguns autores (COLETIVO DE AUTORES, 1992; KUNZ 2006; MARINHO, 2010) sobre tais aspectos axiológicos. Estes, por sua vez, serviram como ponto de partida para o desenvolvimento das aulas, visto que refletem o conservadorismo social sobressaltando concepções de esporte unidimensionais, como diagnosticado anteriormente, no resultado da aplicação do questionário inicial (Etapa 1). Esses valores provenientes dos aspectos axiológicos cumprem a função de ajustamento do indivíduo aos comportamentos e às condutas que são desejados pelo projeto societário vigente de forma acrítica e apolítica.

Dessa forma, a unidade didática constou de dez aulas realizadas com alunos do 6ºano do ensino fundamental. Uma matriz metodológica foi utilizada para o ensino dos esportes (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017) e para organização didática dos conteúdos que foram aplicados. A matriz foi elaborada através de uma proposição político-filosófica denominada, no presente trabalho, perspectiva dialético-negativa de ensino do esporte. Desse modo, foram privilegiadas tentativas de formação do pensamento dialético-negativo, sendo este mais complexo e mais propício à formação política voltada para a totalidade social do que o pensamento unidimensional positivo, mais simples e apolítico.

A intenção do desenvolvimento da unidade didática em questão foi de promover o pensamento crítico a partir de uma perspectiva denominada dialética negativa. Dessa forma, a unidade didática foi estruturada para atender às demandas que interessam a formação crítica e política dos alunos. Com esse intuito, optou-se por uma organização mais complexa dos conhecimentos a serem transmitidos, não pela maior dificuldade que eles poderiam ser apresentados aos alunos, mas sim pela maior possibilidade de aproximação de uma formação omnilateral. Nesse caso, a matriz metodológica crítica foi adotada para o ensino dos esportes, pois é considerada como um instrumental possível no auxílio da formulação pedagógica do

ensino do esporte em uma visão omnilateral de homem (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017).

Abaixo, antes de apresentar e analisar os dados extraídos das aulas realizadas na unidade didática, será mostrado um detalhamento das medidas tomadas em relação aos procedimentos adotados para análise da etapa 2.

## **5.2 Apresentação da Matriz Metodológica Crítica, da Unidade Didática e do Instrumento de Coleta de Dados da Etapa 2 da Análise.**

A Matriz Metodológica Crítica para o Ensino do Esporte foi desenvolvida para servir como um instrumento para se pensar as aulas de educação física. Ela pode servir tanto na tarefa de estruturação das aulas quanto no sequenciamento delas a partir de meios pedagógicos que atentem para a perseguição dos objetivos propostos (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017).

O objetivo dos autores foi propor uma ferramenta que viabilizasse o ensino dos esportes para além da técnica, aproximando-se da perspectiva sociocultural sem abrir mão dos conhecimentos técnicos próprios da educação física e, dessa maneira, dar um tratamento pedagógico ao esporte tornando-o passível de contribuição para a formação humana (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017).

Adotando o mesmo posicionamento dos autores, negamos no conjunto de aulas propostas a perspectiva de esporte voltada para a formação de atletas, ou da perspectiva utilitária adotada por muitas escolas particulares, que tem no esporte um mecanismo propagandístico para atrair alunos. Negligenciamos, então, a perspectiva tecnicista e biologicista da educação física em relação ao ensino dos esportes e optamos por uma forma de ensinar mais atenta à formação crítica e omnilateral.

Dessa maneira, a organização didática dos conhecimentos a serem transmitidos foi estabelecida, respeitando todos os elementos que devem compor a Matriz Metodológica, elegendo objetivo geral, objetivos específicos, conteúdo, e subconteúdo para serem ensinados, e os quatro elementos que necessariamente devem fazer parte da organização didática (temática, conceito, instrumental e biologia), com finalidade de clarificar os procedimentos didáticos. Abaixo,



apresentamos a estruturação da unidade didática, à partir da Matriz Metodológica Crítica:

**Objetivo geral:**

- Compreender as contradições existentes no esporte a partir de reflexões críticas embasadas pelo pensamento dialético-negativo.

**Conteúdo:** Esporte.

**Subconteúdo:** Futebol.

**Temática:** Valores do Esporte (Desumanos e Humanos).

**Conceitos:** Racionalidade Técnica e Alienação.

**Instrumental:** Passes; Estratégias e Táticas Ofensivas e Defensivas.

**Biologia:** Anatomia dos Membros Inferiores.

**Objetivos Específicos:**

- Compreender os valores desumanos (positivos) do esporte em contraste com os valores humanos (negativos) como aspectos de uma mesma realidade.

- Adotar formas de condutas distanciadas dos valores positivos e mais aproximadas dos valores negativos nas vivências do futebol.

- Vivenciar o passe como fundamento técnico do futebol para a promoção da participação efetiva nas atividades.

- Compreender e aplicar conhecimentos introdutórios sobre táticas e estratégias ofensivas e defensivas no futebol.

- Identificar ossos e músculos dos membros inferiores do corpo humano.

- Entender as desigualdades que ocorrem entre os homens em uma sociedade dividida por classes a partir do corpo.

**Organização dos Meios**

- Leitura de textos

- Jogos pré-desportivos

- Pesquisa em atlas do corpo humano e enciclopédias sobre a anatomia dos membros inferiores.

- Confecção de cartazes.

- Exposição de cartazes de anatomia dos membros inferiores: ossos, músculos e articulações.

- Jogo oficial

Abaixo temos o quadro das aulas estruturadas a partir da Matriz:

MATRIZ CRÍTICA	MEIOS DA UNIDADE DIDÁTICA									
	Texto: Os valores do Esporte de Alto Rendimento.	Jogos pré-desportivos	Texto: O Esporte como Bem da Humanidade	Jogos pré-desportivos	Jogos pré-desportivos	Texto: Corpo: Do funcional ao contraditório	Confecção de Cartazes	Apresentação dos cartazes; retomada de discussão com o texto dado.	Exposição dos cartazes e Texto: Sociedade e Valores do Esporte	Aula Avaliativa: Jogo Oficial
SEQUÊNCIA DOS MEIOS										
TEMÁTICA: VALORES DO ESPORTE	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
CONCEITO: RACIONALIDADE TÉCNICA E ALIENAÇÃO.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
INSTRUMENTAL: PASSES; ESTRATÉGIAS E TÁTICAS OFENSIVAS E DEFENSIVAS.		X		X	X					X
BIOLOGIA: ANATOMIA DOS MEMBROS INFERIORES		X		X	X	X	X	X		X

**Figura 2 - Unidade Didática Planejada por meio da Matriz Crítica para o Ensino do Esporte (b).**

Diferentemente dos exemplos citados pelos autores (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INFRAN, ZANELA, 2017) no livro *Matriz Metodológica Crítica para o Ensino do Esporte*, este trabalho será direcionado para uma unidade didática mais longa do que as exemplificadas no livro. Os autores decidiram realizar três unidades didáticas, cada uma contendo quatro aulas, para atingir os objetivos gerais propostos. Aqui, foi proposta uma unidade didática mais extensa, contendo dez aulas. Isso se deve ao fato da alta proximidade em relação aos conceitos (alienação e racionalidade técnica) abordados na aplicação da matriz na presente pesquisa.

Como anteriormente mencionado, tendo como base Marx (2014) e Marcuse (1964), a racionalidade técnica presente na sociedade capitalista gera formas de pensar a realidade social baseada na aparência da realidade. Esse tipo de pensamento foi denominado unidimensional. O pensamento unidimensional, que é o resultado da aceitação por parte dos indivíduos da racionalidade técnica presente na sociedade capitalista, gera alienação no homem, pois permite a visualização de

apenas uma fração da realidade. O homem passa a assimilar apenas fragmentos da realidade perdendo de vista o todo social.

A realidade se mostra como uma verdade aparente, pois o todo é mascarado, A verdade é, então, suprimida e o homem passa a ter uma consciência fragmentada em relação à concepção de sociedade, impedindo-o de ter a noção do todo social e tornando-o alienado a formas de existência humanas mais amplas e comprometidas com a liberdade. O homem é aprisionado pela sua própria consciência a partir da submissão ideológica sutilmente instaurada pelo aparato técnico burguês.

Assim, tem-se que, pela complementaridade que existe em relação aos conceitos, a realização de apenas uma unidade didática, abarcando ambos os conceitos (racionalidade técnica e alienação) na matriz, seria melhor para oferecer uma progressão dos conhecimentos mais aproximados com a perspectiva omnilateral pretendida neste trabalho.

### **5.3 Caracterização das aulas e da participação dos alunos.**

Neste tópico são apresentados os dados colhidos na etapa 2 em relação as dez aulas realizadas a partir da Matriz Metodológica Crítica. Aqui, com base na observação sistemática realizada e nos registros do diário de campo (instrumento utilizado para o registro dos dados), está descrito como as aulas da unidade didática com a temática “Valores do Esporte” foram realizadas. Nesse sentido, estão relacionados acontecimentos, tais como posturas adotadas por alunos e professor, impressões do processo pedagógico de ensino dos esportes, contradições, dificuldades, surpresas etc. A intenção foi mostrar de forma mais aproximada possível da realidade, como se deram as aulas em todo o processo pedagógico.

Durante a apresentação foram realizados, concomitantemente aos dados apresentados, alguns apontamentos críticos fundamentados com o referencial teórico adotado. Após a apresentação, dois tópicos foram estabelecidos visando a assuntos mais amplos a partir do referencial teórico. Os tópicos forma: “Realidade Contraditória e Ensino do Esporte” e “Racionalidade Técnica e Esporte”.

#### **1º Aula – Leitura e Discussão do texto “Os valores do Esporte de Alto Rendimento”.**

---

O professor deu início à aula apresentando o conteúdo esporte que seria abordado ao longo das 10 aulas (20 tempos), tendo como subconteúdo o futebol. Foram explicados os procedimentos que seriam adotados durante as aulas e os diferentes momentos que comporiam a unidade didática, assim como as aulas que aconteceriam em diferentes locais, tais como a sala e o campo de futebol próximo à escola. Essas explicações iniciais serviram para conscientizar os alunos de como seria desenvolvido o subconteúdo futebol, deixando claro que jogar era parte das pretensões das aulas, e também parte do processo de estudo do esporte e de seus valores.

Após a apresentação da unidade didática e dos objetivos a serem alcançados, os alunos iniciaram a leitura do texto “Valores do Esporte de Alto Rendimento” (Apêndice C). Ao término da leitura, o professor leu o texto novamente em voz alta, e iniciou a explicação oral para os alunos.

Em vários momentos da explicação, muitos alunos contribuíram com comentários sobre seus entendimentos acerca da temática abordada, enriquecendo a explicação do professor, além dos exemplos do cotidiano de suas vidas. Como a prática informal do futebol foi abordada, esses exemplos retrataram alguns momentos informais de jogos de futebol dos alunos. Isso fez com que os alunos se percebessem no texto, fazendo surgir muitas falas, histórias e brincadeiras entre eles.

A temática conduzida em sala de aula através do texto, nesse primeiro momento de apresentação, não pareceu, para os alunos, ter qualquer relação com a prática esportiva que viria posteriormente, pois em vários momentos os alunos interrompiam a explicação para perguntar se eles iriam jogar futebol ou quando eles iriam para o campo, mesmo o professor esclarecendo, de antemão, que durante a unidade didática haveria jogo de futebol também, mas que isso seria apenas uma parte do processo, pois a primeira intenção era estudar o esporte a partir do futebol. O professor salientava, ainda, nesses momentos, que o conteúdo transmitido seria importante porque ele embasaria a aula de futebol que seria realizada.

Depois da explicação do texto, foi solicitado aos alunos que em casa retomassem sua leitura e escrevessem uma pequena redação sobre o que eles compreenderam sobre “Valores do Esporte de Alto Rendimento” e sobre a aula. Tal texto deveria ser entregue na aula seguinte.

## Impressões

O futebol influencia consideravelmente a maior parte dos alunos, que se mostraram bastantes ansiosos pelo momento em que estariam no campo jogando futebol. A categoria lúdico-funcional também influenciou de forma bastante acentuada os alunos do 6º ano do ensino fundamental, como demonstrado no questionário inicial (etapa 1). Como a escola não dispõe de espaço próprio e adequado para a prática de esportes, a opção de utilizar o campo atrás da escola para a realização das aulas também foi um fator que otimizou essa ansiedade.

O texto aplicado suscitou a participação dos alunos quando foram tratadas questões de como o futebol se expressa, e como a “molecada” se apropria dele no cotidiano. Quando o professor introduziu o tema dos valores do esporte de alto rendimento atrelados à alta competição, sobrepujança, meritocracia, rendimento máximo e individualismo, os alunos permaneceram calados e atentos.

Ao que parece, as informações reveladoras em relação ao esporte de alto rendimento e seus valores demonstraram que os alunos pouco sabiam dessa relação do esporte com valores desumanos. Alguns alunos tentaram argumentar contra a problemática trazida, outros pareciam querer defender o esporte trazendo algumas falas como: “nunca vi ninguém morrer jogando futebol”.

O texto trouxe informações que, possivelmente, impactaram os alunos pela revelação de traços da realidade do esporte pouco conhecidos por eles. Esse momento da aula foi o que atraiu mais atenção dos alunos em relação aos conhecimentos abrangidos pelo texto.

Sobre a receptividade do texto pelos alunos, dois momentos bastante contrastantes foram percebidos: no primeiro momento, quando foi abordado o futebol que é jogado nas ruas, e seus diferentes esforços de adaptação realizados pela população, principalmente pela “molecada” que gosta de jogar futebol, ocorreram expressões de euforia, risadas e brincadeiras. Já no segundo momento, quando as informações contidas no texto relacionadas aos valores desumanos do esporte foram abordadas, houve maior silêncio e atenção.

A abordagem acerca do esporte e suas contradições pareceu despertar o interesse dos alunos, muito provavelmente pelo fato desse tema ser uma novidade para eles, uma vez que traz um conteúdo diferente do comumente difundido em relação ao esporte.

É possível, de fato, que os conhecimentos tratados em relação aos valores desumanos do esporte de alto rendimento tenham gerado reflexões a partir do confronto entre os conhecimentos que os alunos possuíam e os apresentados através do texto (Apêndice C) trabalhado em aula pelo professor.

Essa mobilização reflexiva dos conhecimentos abordados resultou na organização do texto aplicado e elaborado para chocar-se com o senso comum presente nas consciências dos alunos. O texto traz, na primeira página, elementos que apontam para a caracterização do esporte no âmbito do seu desenvolvimento informal para, depois, na segunda página, desencadear alguns valores do esporte de alto rendimento que revelam a ideia contraditória presente na concepção de esporte.

## **2º Aula – Jogos Pré-desportivos: Passes**

---

A presente aula aconteceu em um campo de futebol situado atrás da escola, chamado de “Sangue Areia” pelos alunos. Nesta aula, tivemos como pretensão atrelar ao esporte trabalhado, o futebol, princípios que favorecessem a participação de todos os alunos envolvidos no processo pedagógico de ensino do futebol. Além disso, visou-se atender ao elemento instrumental “passe”, como planejado na unidade didática, sem perder de vista a relação com a temática valores do esporte.

Desse modo, o professor, antes de iniciar qualquer fala sobre como seria desenvolvida a aula, chamou todos os alunos para o centro do campo onde solicitou que todos dessem as mãos e fizessem um círculo. Ali, o professor comunicou aos alunos que precisava de um voluntário, vários alunos levantaram a mão, mas foi escolhido apenas o primeiro, aquele que levantou a mão mais rápido. O aluno escolhido deu início à atividade, “bobinho”.

Durante a atividade, os alunos utilizaram com bastante frequência o fundamento técnico selecionado para a aula, o passe. O “bobinho” favoreceu a vivência inicial de como o passe no futebol deve ser realizado, sobretudo, em relação à parte do pé mais eficaz para a efetuação desse fundamento, com a área medial do pé. Foi possível perceber que diversos alunos se entreteram, inclusive realizando brincadeiras com aqueles que se tornavam o “bobo” da vez. Alguns alunos mais acostumados com a prática do futebol demonstraram certa apatia por não se sentirem, talvez, tão desafiados a realizar a atividade, apesar de estarem participando. Queriam “jogar futebol logo”.

A atividade atendeu às expectativas iniciais para a aula, pois a intenção era “quebrar o gelo” em relação à vergonha que alguns alunos tinham, por causa da pouca habilidade com a bola nos pés, e também para incentivar algumas meninas que diziam que não gostavam de futebol porque não sabiam jogar. Após a realização da atividade, foi dito pelo professor que todos haviam jogado futebol naquele momento e que aquele jogo (o bobinho) ajudava a realizar, de forma descontraída, o fundamento técnico mais repetido em um esporte coletivo como o futebol: o passe.

Após a atividade do “bobinho”, o professor convidou todos os alunos que participassem da próxima atividade. O professor comunicou que pela quantidade de alunos deveriam ser formadas quatro equipes (A, B, C, D) e pediu que os alunos elegessem a melhor forma para montagem das equipes. Os alunos preferiram escolher quatro pessoas que tirassem o time através do “zerinho ou um”, estabelecendo assim a ordenação da escolha. O professor alertou aos alunos que a ideia era tornar as equipes equilibradas entre si.

Com as equipes formadas, o professor explicou a atividade seguinte. O campo e os gols seriam divididos ao meio por cones, e dois jogos bastante parecidos, o “2 golzinhos” e o “golzão”, seriam realizados. A atividade, portanto, consistia em dois jogos de invasão que aconteceriam ao mesmo tempo. De acordo com Sadi (2010):

uma das características centrais dos jogos de invasão são as áreas de jogo. Funcionam como objetivo do jogo, ou seja, são territórios nos quais é possível ‘invadir’ (sem, contudo, violar regras) a equipe adversária, tentando pontuar. Para que as equipes tenham êxito em sua empreitada, devem movimentar a bola (ou outro objeto) dentro do território da equipe adversária, atacando em um alvo fixo (no gol ou cesta) (p 61).

Nesse sentido, a escolha pelos jogos de invasão ligados ao futebol aconteceu pela possibilidade de proporcionar maior liberdade aos participantes na movimentação com e sem bola. Além disso, com a divisão do campo em dois, quatro equipes poderiam jogar simultaneamente, possibilitando maior tempo de jogo a todos.

Antes do início do jogo, o professor solicitou que os alunos pensassem em formas de jogar que possibilitassem a participação efetiva de todos os jogadores, aumentando o número de bolas recebidas pelos menos habilidosos e valorizando o passe como fundamento técnico escolhido para a aula. Após algum tempo, um aluno sugeriu que, antes de fazerem o gol, as equipes deveriam passar a bola por todos os seus componentes.

A ideia foi aceita por todos e, antes de iniciar a atividade, o professor lembrou os alunos de que os procedimentos adotados antes do início da aula, tais como escolha equilibrada das equipes e regras específicas para facilitar a participação efetiva de todos na atividade, contribuía para tornar o esporte mais democrático e menos meritocrático. Ressaltou ainda que o princípio da coletividade poderia estar presente na aula quando houvesse a preocupação com o outro em detrimento de interesses individuais que, porventura, pudessem surgir. Na prática, o que se queria demonstrar aos alunos era a importância da inclusão de todos nos diferentes momentos da aula, não apenas em relação à participação na atividade em si, mas também quanto ao direito de falar, opinar, concordar ou não, sugerir etc. Acrescentou também que essas medidas vinham na contramão da lógica do esporte estudado na aula.

A atividade teve três rodadas de doze minutos (1º rodada: A X B, C X D / 2º rodada: A X C, B X D / 3º rodada: A X D, B X C) e o critério estabelecido ao longo das rodadas foi que as equipes jogassem em ambos os lados do campo pelo menos uma vez, fazendo com que todas as equipes vivenciassem os dois jogos propostos na aula. Abaixo, segue um exemplo da organização espacial das atividades no campo:





**Figura 3 - Representação dos Jogos de Invasão aplicados em aula: 2 Golzinhos e Golzão.**

### Impressões

Apesar de ter havido uma explanação inicial sobre a importância de se propiciar a todos os alunos condições iguais de participação na aula, alguns incorreram em condutas que se aproximavam dos valores desumanos do esporte de alto rendimento.

Um dos casos estava relacionado a individualismo e meritocracia, em que um dos alunos reclamou com o professor sobre a falta de habilidade de alguns participantes e disse que, por isso, “não dava para jogar”. Em outro caso, uma aluna retirou-se da aula por causa de reclamações de um colega de turma, permanecendo um tempo fora. Após esse período, ela retornou à atividade.

Ocorreram também dois casos de desistência da atividade. A primeira alegação de saída foi não gostar de futebol e a segunda, foi não saber jogar. Nesse momento, o professor interveio, buscando convencer as alunas de que o importante e o que contava para a aula era o empenho delas em participar e de que não havia qualquer preocupação com o rendimento. As alunas, mesmo assim, permaneceram fora, mas observando a realização da atividade.

A referida aula caracterizou-se por muitos conflitos entre os alunos, demonstrados pela forte presença de condutas aprendidas no contexto social onde os alunos praticam esportes. Tais condutas foram demarcadas por fortes traços de

agressividade, discussões e até ameaças de agressão física. Apesar desse clima conflituoso no ambiente onde o futebol se desenrolava, os alunos mantiveram as regras inicialmente combinadas acerca dos critérios de jogo e de participação dos colegas.

Na regra estabelecida pelos próprios alunos para tentar ampliar a participação dos menos habilidosos, a bola deveria passar nos pés de todos os componentes da equipe antes de marcar o gol. Porém, em diversos momentos, percebeu-se certa efetuação mecânica dessa regra por parte dos alunos mais habilidosos. Um exemplo disso ocorreu quando, antes de colocar a bola em jogo, os alunos da equipe pediram para que os menos habilidosos se aproximassem para “tocar na bola logo”, de forma que os mais habilidosos pudessem conduzir a equipe para o gol. Algumas vezes, a bola foi praticamente passada por cima do colega de forma brusca. Outras vezes, a bola bateu rapidamente no colega sem que ele realmente pudesse executar os movimentos de controle da bola e realização do passe.

Ao perceber tal conduta na atividade, o professor interrompeu, reuniu os alunos envolvidos e perguntou se aquela era uma forma legal de participação. Alguns alunos, nitidamente incomodados com a paralisação do professor, responderam “sim”. O professor, então, perguntou se o aluno que mal conseguia controlar a bola estava participando igual aos outros e, dessa forma, os alunos se convenceram do contrário (ainda assim, alguns permaneceram incomodados com a paralisação para discussão do acontecido).

Dessa forma, através de mediações feitas pelo professor junto com os alunos, foi acordado que, para contar como passe, a bola deveria ser recepcionada e passada efetivamente, portanto, apenas encostar na bola não era suficiente para a validação da regra de que todos deveriam ter contato com a bola antes da marcação do gol.

Outra questão relacionada à adaptação de regras nas atividades mostrou-se interessante. Na seleção das equipes, havia duas equipes com um participante a mais do que as outras duas. Quando uma equipe com mais componentes enfrentava uma com menos componentes, um aluno da equipe com mais componentes tornava-se o que os alunos chamaram de jogador coringa. Essa ideia para lidar com a diferença numérica partiu de um dos alunos e também gerou consenso entre o restante deles. A regra foi prontamente colocada em prática e, posteriormente, foi

abandonada e as equipes passaram a jogar com inferioridade numérica. Os alunos pareceram não se importar com a diferença de componentes nas equipes.

Após a aula, um determinado aluno foi extremamente criticado pelos colegas por ter apresentado condutas ríspidas durante a atividade com os companheiros de equipe menos habilidosos. Outro aluno também foi criticado pela apatia com que participou das atividades. Essa apatia se deu na falta de atenção durante o jogo, em que o aluno foi flagrado fazendo coisas não relacionadas à atividade, o que irritou os colegas de equipe.

Ainda no momento final da aula, dois alunos de equipes distintas reclamaram que suas equipes estavam fracas e que, por isso, foi muito difícil jogar. Um desses alunos foi o citado acima, que foi bastante criticado pela turma pelas condutas consideradas inadequadas.

Em cima dessas questões trazidas pelos alunos, iniciou-se uma discussão a fim de estabelecer comparações com os valores do esporte de alto rendimento apresentados na aula anterior, a qual acabou sendo concluída na aula seguinte por causa do forte sol que prevaleceu no campo durante todo o tempo da aula. O envolvimento dos alunos nas atividades propostas foi bastante intenso, apesar de estarem bastante fadigados pelo forte sol. Dessa maneira, se as discussões e reflexões sobre a aula fossem tratadas pelo professor naquele momento (ao final da aula) poderia ocorrer uma baixa apropriação dos conhecimentos e reflexões além de contar com baixa participação na discussão pós aula por parte dos alunos.

Na aula apresentada, houve relações muito conflituosas durante a prática do futebol. Esses conflitos podem ser tratados, de certa maneira, como aspectos que são próprios da forma como se constroem as relações entre os envolvidos na prática esportiva, já que o futebol possui como características precípuas a competição e a sobrepujança. Na proposta de ensino do esporte apresentada, no entanto, não foi pretensão naturalizar tais excessos conflituosos, mas identificar como se manifestam em relação aos valores do esporte de alto rendimento e trazê-los como elemento de reflexão.

### **3º Aula – Leitura do Texto “O Esporte como Bem Cultural da Humanidade<sup>34</sup>”.**

---

<sup>34</sup> Título extraído do texto “O Esporte como um bem da Humanidade e o Modo de Produção Capitalista” (MALINA, 2013)

Antes do início da terceira aula, o professor resgatou os conhecimentos tratados nas aulas um e dois. Também trouxe à memória os valores desumanos que embasam o esporte de alto rendimento, como a alta competitividade, a sobrepujança, a meritocracia, o individualismo e o rendimento (máximo), o que tornou possível refletir sobre a aula realizada no campo (aula 2).

Os alunos puderam correlacionar algumas das condutas realizadas na aula 2 com alguns dos valores do esporte de alto rendimento tratados no texto da aula 1. Os acontecimentos na aula 2 foram resgatados de forma de apontar como as condutas em uma aula de futebol na escola podem se assemelhar aos acontecimentos e condutas de atletas do esporte de alto rendimento.

Prosseguindo, o professor explicou que a aula de futebol realizada teve a intenção de valorizar a participação nos diferentes momentos da aula e que essa abordagem estaria presente nas aulas posteriores como forma de implantar, paulatinamente, outros valores que pudessem chocar-se àqueles propagados pelo esporte de alto rendimento, tornando a aula mais favorável à formação humana.

Refletindo sobre as aulas anteriores, chegou-se à conclusão de que os valores do esporte de alto rendimento presentes nas aulas podem contribuir para uma prática esportiva menos enriquecedora e mais excludente. Após tal constatação, alunos e professor deram início a um esforço de encontrar os valores que contribuiriam para a participação de todos e diminuiriam o fator excludente do esporte de alto rendimento.

Assim, o professor apresentou aos alunos uma tabela, feita no quadro branco em sala de aula, contendo os valores do esporte de alto rendimento que são considerados desumanos por colocarem o ser humano em uma condição depreciativa e fomentar valores não condizentes com relações sociais democráticas e, em contraposição, valores tidos como potencialmente favoráveis à promoção da vida humana e das relações entre os homens.

A tabela exposta aos alunos partiu da ideia dos contrários presente na sociedade capitalista que, como bem afirma Marcuse (1964), tende a obscurecer as ideias contestatórias presentes na realidade. Com a intenção de revelar a realidade do esporte, elaborou-se previamente um quadro que pudesse organizar a aula de forma didática, tendo como base a ideia dos contrários. A tabela pensada foi a seguinte:

VALORES POSITIVOS	IDEAIS ESPORTIVOS	EIXO CONCEITUAL	IDEAIS ESPORTIVOS	VALORES NEGATIVOS
Alta competição/Sobrepujança	Jogar contra o outro	Racionalidade Técnica  Alienação	Jogar com o outro	Baixa Competição/Cooperação
Meritocracia	Concentra a participação e decisões em um ou em poucos indivíduos		Dissipa a participação e decisões em todos ou em muitos indivíduos	Democracia
Rendimento Máximo	Desgaste físico		Esforço Físico	Rendimento Ótimo
Individualismo	Visa ao atendimento das necessidades de um ou de poucos indivíduos		Visa ao atendimento das necessidades de todos ou de muitos indivíduos	Coletividade

**Tabela 33 - Apresentação dos Valores Positivos e Negativos do Esporte.**

A tabela demonstrada em aula foi representada da seguinte forma:



**Figura 4 - Valores Desumanos do Esporte de Alto Rendimento e Valores Humanos do Esporte como Contraste.**

A substituição dos termos “valores positivos” e “valores negativos” por valores desumanos e humanos se deu por causa da melhor assimilação, pelos alunos, dos conceitos apresentados.

Com essas tabelas expostas no quadro, foi solicitado aos alunos que fizessem um esforço de transferir esses valores da esfera do esporte para a esfera

da sociedade e, assim, refletissem sobre quais eram os valores mais presentes na sociedade. O professor pediu que os alunos olhassem para as duas tabelas e respondessem às seguintes perguntas: “Quais valores temos na sociedade?” e “Quais valores gostaríamos de ter na sociedade?”.

Os alunos apontaram que os valores desumanos do esporte aparecem mais na sociedade atual, estando mais presentes nas relações sociais. Os valores humanos foram considerados os desejados nas relações sociais, mas não concretizados. O posicionamento dos alunos diante das duas questões foi muito consensual em relação à classificação dos valores humanos e desumanos apresentados.

Disso, podemos inferir que há certo inconformismo na consciência dos alunos em relação aos valores desumanos que predominam na sociedade, pois houve uma compreensão desses valores como geradores de restrições à vida humana. A leitura realizada pelos alunos sobre os valores que temos e os que queremos é pouco esclarecida, isto é, não há uma conscientização clara suficiente que atenda à compreensão crítica das relações prevaletentes em sociedade que impõem a precarização da vida por intermédio de valores que tendem a colocar os homens uns contra os outros.

Apesar da baixa consciência acerca dos processos sociais (e isso se dá também por serem alunos do 6º ano do ensino fundamental, ou seja, em fase bastante inicial de formação) que resultam no predomínio de valores desumanos na sociedade, houve uma identificação pautada no que os alunos percebem no seu cotidiano. Ao fazerem isso, acabaram identificando que o esporte carrega esses valores da sociedade, já que as duas perguntas feitas aos alunos se referiam a ela e que os valores pensados nas questões foram extraídos das sociabilidades presentes no esporte de alto rendimento.

Além disso, ao estabelecerem essas relações entre os valores do esporte de alto rendimento e a sociedade, os alunos apontaram que algo não os agradava e parecia não funcionar como deveria em sociedade, principalmente em relação às influências desses valores desumanos na vida cotidiana. Com isso, parecia haver um sentimento de inconformismo conformado.

O inconformismo se deu na percepção de que certos valores presentes na sociedade não estão condizentes com uma vida mais apropriada ao homem e, ao mesmo tempo, identificou-se que outros valores são desejados para uma sociedade

diferente, qualitativamente melhor, mais humana. O conformismo pareceu estar atrelado à naturalização dos processos sociais nas consciências, talvez pelo fato da não compreensão de que a atual conjuntura social se dá por meio de intencionalidades humanas e, por isso, é passível de alteração, mesmo que tais mudanças sejam difíceis devido à cristalização desses processos sociais atualmente.

Partindo das questões apresentadas e de tais argumentações, pode-se inferir que, possivelmente, existe um inconformismo conformado, o que pode apontar para um sentimento utópico de mudança aprisionado pela falta de conscientização das relações estabelecidas em uma sociedade dividida em classes.

Após a configuração dessa tabela, iniciou-se a leitura do texto “O Esporte como Bem Cultural da Humanidade” (Apêndice D), que trata da relação do homem com a cultura e o esporte como uma dessas manifestações culturais humanas, sendo a cultura um elemento importantíssimo para a compreensão do homem, assim como para a sua formação e desenvolvimento.

Dessa forma, objetivou-se apresentar aos alunos o esporte como um bem cultural pertencente aos homens e, conseqüentemente, o papel importante que ele pode ter no processo de humanização do homem. Para cumprir com essa tarefa formativa, fez-se necessário compreender e atribuir ao esporte valores que respeitem o homem inserido nele, sem realizar distinção entre os homens que se movimentam e que se formam a partir desse aspecto cultural da vida humana.

O esporte sendo de todos os homens não pode, então, ser um elemento de exclusão, como faz o esporte de alto rendimento. Nesse sentido, o desenvolvimento do esporte deve conter valores condizentes com a humanização do homem e não, com a sua desumanização.

O presente texto foi ainda discutido tendo como base a tabela elaborada sobre os valores humanos e desumanos do esporte. Apontou-se para as contradições relacionadas a como o esporte de alto rendimento se manifesta, principalmente, a partir dos valores desumanos e ao esporte como bem cultural de todos os homens. Tomou-se, então, os valores humanos, que se contrapõem aos valores desumanos do esporte, como elementos potenciais de modificação da racionalidade conservadora presente no esporte.

Tais valores humanos figuraram como elementos importantes das reflexões realizadas entre alunos e professor para se pensar o esporte e como ele pode ser

qualitativamente superior ao modelo predominante na sociedade e, ainda, como tais valores podem contribuir para colocar o esporte à disposição de todos aqueles que desejam praticá-lo sem nenhum tipo de distinção.

As discussões estabelecidas em sala de aula tiveram como principal intenção trazer informações que fossem pertinentes à revelação dos valores que embasam o esporte de alto rendimento atualmente e que se proliferam na prática esportiva cotidiana, limitando a formação do homem. Desse modo, foram oferecidos subsídios para a alteração dessa forma de concepção conservadora do esporte através de valores considerados mais humanos e que podem servir como norteadores de uma prática social esportiva mais conscientizada no que tange às relações humanas.

Ao final da aula, solicitou-se aos alunos uma redação elaborada por eles destacando as compreensões sobre o texto “O Esporte como Bem Cultural da Humanidade”.

#### **4° Aula – Jogos Pré-Desportivos: Passes; Ataque X Defesa – Marcação Individual e por Zona.**

---

Nesta aula, tratou-se o fundamento “passe” tendo como base as movimentações ofensivas e defensivas. Foi dado enfoque também a dois tipos de marcação que podem ser realizadas no futebol: individual e por zona.

Inicialmente, o professor deu ênfase ao fundamento do passe, conversando com os alunos sobre a importância desse fundamento para a prática do futebol. Em seguida, foi realizado o jogo dos “8 passes”, em que duas equipes disputam a posse de bola na tentativa de trocar 8 passes em sequência. A equipe que consegue tal feito marca um ponto.

Durante a atividade, os alunos reclamaram bastante do jogo, argumentando que estava “embolado”. Na realidade, o que ocorreu foi que os alunos corriam para onde a bola ia, sem que houvesse a devida preocupação com a ocupação dos melhores espaços para a recepção da bola, além da demora em passar a bola. Os alunos mostraram não estar muito acostumados com esse tipo de atividade, já que eles precisaram recepcionar e passar a bola com certa rapidez.

Atento às reclamações dos alunos, o professor solicitou a paralisação da atividade, reuniu os alunos e perguntou por que eles achavam que o jogo estava embolado. A resposta imediata dada por eles foi que tinha muita gente jogando ao mesmo tempo. O professor, então, pediu para que eles olhassem para todo o



espaço disponibilizado para a realização da atividade e perguntou se eles achavam que estavam aproveitando todo o espaço disponibilizado. Os alunos disseram que não, alguns alunos ainda insistiram que o melhor seria tirar alguns colegas e fazer uma equipe “de fora”. O professor, então, perguntou a um aluno se ele gostaria de compor a equipe de fora e ele prontamente disse que não.

O professor explicou que o jogo estava emolado pela falta de percepção dos espaços que poderiam ser ocupados por aqueles que estavam sem a bola. Foi ressaltado que, no futebol, a movimentação sem a bola é algo fundamental e que deve ser feita constantemente para evitar a marcação adversária e procurando ocupar os espaços mais vazios.

Foi sugerido, então, pelo professor, que os alunos se espalhassem procurando por espaços no campo de jogo que propiciassem o recebimento da bola, dificultando, inclusive, a marcação da equipe oposta. Com uma melhora no posicionamento dos alunos, houve melhora no desenrolar da atividade, o jogo teve uma fluência maior e as reclamações diminuíram.

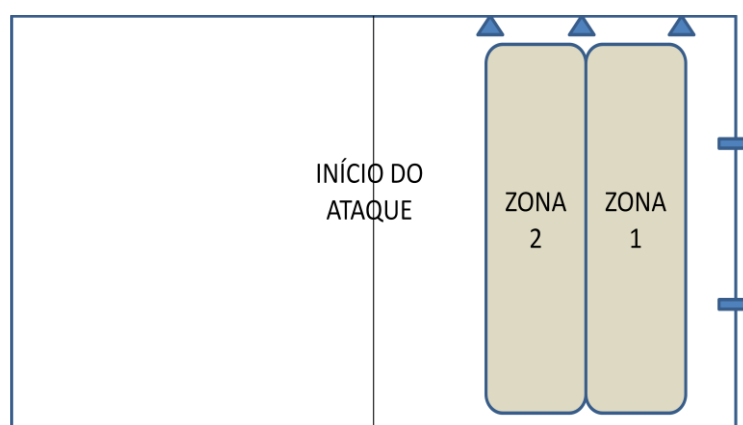
Nessa primeira atividade da aula, como os alunos tiveram dificuldade na ocupação dos melhores espaços, ocorreram jogadas mais ríspidas com condutas mais acirradas entre alguns alunos, o que resultou em alguns xingamentos e ameaças entre eles. Os alunos demonstraram dificuldade em controlar a ansiedade de encostar na bola e, por causa disso, não se preocuparam em se posicionar distantes da bola em espaços que possibilitassem a recepção da bola. O professor, então, parou mais uma vez a atividade e pediu que os alunos não se esquecessem dos valores que havíamos estudado e o quanto eles poderiam ajudar na resolução dos problemas enfrentados nas aulas.

Após alguns minutos de atividade, foi introduzido mais um elemento às regras do jogo, que foi a marcação individual. Todos deveriam escolher um colega da equipe oposta para marcar, não podendo haver marcação dupla. Essa medida possibilitou uma fluência maior no jogo, inclusive, com mais trocas de passes. Ao final da atividade, houve uma satisfação maior no jogo com a marcação individual, já que facilitou a recepção e a execução dos passes.

A segunda atividade teve como intenção introduzir noções de ataque e defesa utilizando a marcação por zona. Dessa forma, utilizou-se a metade do campo, que foi demarcado por cones que representaram as zonas 1 e 2, onde os defensores deveriam se posicionar, não podendo passar da zona demarcada. Foram montadas

três equipes. Duas atacavam (uma de cada vez) e uma defendia. Cada equipe ficava na defesa por duas rodadas, já que duas equipes fariam, cada uma, um ataque. A equipe defensora deveria escolher se gostaria de realizar uma marcação mais adiantada (zona 2) ou mais recuada (zona 1).

O desenrolar da atividade foi bastante tenso entre as equipes que defendiam, já que a área em que poderiam marcar era restrita às zonas estabelecidas pelos cones. A marcação realizada na zona 2 não impedia que os defensores entrassem na zona 1, mas os espaços oferecidos para a equipe atacante eram maiores, o que poderia favorecer passes de infiltração nas “costas” da defesa. Fora das zonas, os defensores não podiam roubar a bola, deveriam guardar seu posicionamento defensivo esperando os atacantes avançarem. Os critérios de passe passando por todos os alunos atacantes foi implementado nesta atividade para viabilizar a participação dos alunos.



**Figura 5 - Representação de Jogo aplicado em Aula relacionado às Noções de Ataque e Defesa com Marcação por Zona.**

A terceira e última atividade consistiu em realizar o jogo de invasão “golzão” (que já havia sido jogado em aula anterior) com o incremento da marcação individual. Os alunos separaram as equipes e começaram a jogar. A regra dos passes passando por todos antes de efetuar o gol permaneceu, apesar de ter havido certas resistências dos mais habilidosos em relação aos menos habilidosos na atividade.

### **Impressões**

Durante a aula, os alunos mais habilidosos demonstraram algumas insatisfações sobre as regras implementadas nas atividades da aula 4, apesar da turma, de modo geral, ter recebido e participado bem das reflexões ocorridas no início e durante a aula 3, em que foram discutidos os valores desumanos do esporte de alto rendimento e os valores humanos possíveis para o esporte.

A persistência em tentar implementar regras nas atividades esportivas realizadas em aula como forma de ampliação da participação dos alunos, sobretudo, dos menos habilidosos, gerou desconforto nos alunos mais habilidosos. Tal desconforto não pareceu estar presente de forma tão generalizada entre os alunos mais habilidosos na aula 2. A implementação de regras para ampliar a participação dos alunos menos habilidosos parece ter gerado certa impaciência dos alunos mais habilidosos, mesmo que discussões realizadas sobre o esporte e seus valores tenham sido tratadas e discutidas com eles recentemente.

Foi possível perceber esse fato por causa de algumas ameaças e xingamentos ocorridos quando houve um maior contato físico na primeira atividade da aula. Tais condutas foram amenizadas quando realizadas algumas intervenções do professor.

Na terceira atividade, no momento da separação das equipes, os alunos decidiram que duas equipes seriam escolhidas para a prática e que dois alunos realizariam um sorteio para compor as equipes. Nesse processo, alguns alunos foram deixados de fora da aula. O professor interveio alertando sobre os valores que vinham embasando as aulas de futebol e pediu que os alunos incluíssem aqueles que ficaram de fora. Os alunos que foram deixados de fora acabaram aceitando a sua exclusão da atividade, nitidamente desanimados e pedindo que o professor “deixasse para lá”. O professor reuniu todos os alunos e perguntou qual era a proposta da aula, reforçando que todos deveriam participar. Apesar de resistências, os alunos menos habilidosos foram incluídos e o jogo teve início.

### **5ª aula – Jogos Pré-Desportivos: Esquemas Táticos - Posicionamento e distribuição dos jogadores em campo.**

---

Inicialmente, o professor apresentou os esquemas táticos do futebol. Explicou que, normalmente, um time de futebol é distribuído em campo em três setores: defesa, meio-campo e ataque. Os esquemas são representações numéricas de como os jogadores são distribuídos em campo: 4-4-2, 4-3-3, 3-4-3, 3-5-2 etc. Após a

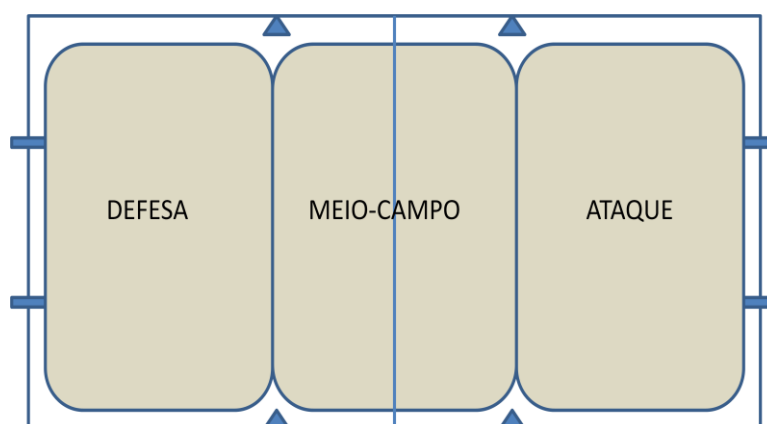
explicação, o professor dirigiu-se ao campo para dar início aos jogos que contemplariam a temática dada.

Na primeira atividade no campo, os alunos fizeram um círculo e começaram a trocar passes. A ideia era não permitir que a bola saísse do círculo. Os alunos deveriam dar pelo menos dois toques na bola. Com o desenrolar da atividade, aumentou-se a quantidade de bolas no interior do círculo, o que tornou a atividade bastante lúdica. Os alunos menos habilidosos foram os que mais se interessaram.

Na segunda atividade, foi utilizado o campo inteiro (diferentemente das outras aulas em que era utilizado apenas uma metade do campo ou ambas as metades do campo quando realizadas duas atividades ao mesmo tempo) e os alunos foram divididos em duas equipes (uma com coletes e outra sem coletes). Como em aulas anteriores, o professor pediu que as equipes ficassem equilibradas.

Após a separação das equipes, ainda ocorreram queixas em relação ao desequilíbrio dos times. Nesse caso, o professor perguntou o que poderia ser feito e um dos alunos (um dos mais habilidosos da turma) se prontificou rapidamente a mudar de equipe (saindo de uma equipe “mais forte” para “uma mais fraca”). Todos concordaram com a mudança.

Para a realização da atividade, o professor dividiu o campo em três faixas: defesa, meio-campo e ataque.



**Figura 6 - Representação de Jogo aplicado como Parte das Aulas: Futebol Setorizado.**

A proposta consistia em dar autonomia para que os alunos pensassem sobre o melhor esquema tático a ser usado. A intenção era fazer com que os alunos pensassem estrategicamente sobre a melhor forma de distribuição dos jogadores

em campo. Os jogadores postados em cada área não poderiam sair da zona em que começaram, deveriam passar a bola para a zona à frente. A cada doze minutos, o professor parava o jogo dando chance para que os alunos repensassem as estratégias, podendo mantê-las ou redefini-las. Essas paradas foram realizadas três vezes. No contexto da atividade, foi visível que os alunos mais habilidosos predominavam nas zonas de meio-campo e de ataque e, os menos habilidosos, na zona de defesa. Os alunos não pareceram se importar com isso e, inclusive, gostaram bastante da atividade.

Cada equipe era composta por oito jogadores (1 goleiro e 7 jogadores de linha), assim, os esquemas que apareceram com mais frequência foram: 3-2-2 e 3-3-1. Algumas discussões ocorreram, principalmente por parte dos alunos mais habilidosos que, ao verem que outro colega de equipe permanecia mais tempo com a bola do que eles consideravam necessário, reclamavam com chantagens do tipo: “não vou mais tocar (a bola) pra você”. Quando esse aluno mais habilidoso estava com a bola, prendia muito mais tempo do que os outros colegas.

Esta atividade possibilitou uma participação maior dos alunos menos habilidosos, já que eles ficavam em faixas distintas dos alunos mais “fominhas”. Nos momentos de parada para reelaboração, ou não, dos esquemas e estratégias de distribuição dos jogadores em campo, os alunos menos habilidosos mostraram-se mais afinados a participar do que os mais habilidosos. Isso pareceu ser um aspecto de motivação para a participação na atividade.

Após as três rodadas, o professor retirou as zonas fixas e liberou a movimentação para além das áreas anteriormente estabelecidas. A intenção era verificar se ocorreria o mesmo comprometimento estratégico. Isso não ocorreu, e os alunos passaram a não se preocupar tanto com o posicionamento em campo, assim como com os aspectos estratégicos propostos anteriormente.

Os mais habilidosos predominaram em ficar com o controle de bola, ignorando o passe como recurso técnico que possibilitasse a participação dos outros alunos no jogo. O professor parou a atividade para alertar sobre a exclusão de alguns alunos no decorrer da atividade e reforçou que deveriam atentar-se para a participação de todos. Os alunos chegaram a concordar com o professor sobre a pouca participação de alguns alunos, mas ao retornarem para a atividade, o contexto pouco se alterou.

## Impressões

Percebeu-se, através de algumas falas dos alunos e de alguns diálogos estabelecidos em aula, que os alunos acreditam que as aulas lúdicas possibilitam a negação dos valores desumanos do esporte. Isso pode ser verdade se os momentos de descontração possibilitarem o envolvimento de todos em um ambiente onde possa haver a valorização do homem no seu contato com o esporte.

Apenas um ambiente lúdico não é um fator de superação do aprisionamento do homem em relação ao pensamento unidimensional fomentado pelo esporte. Essa afirmação se faz pelo fato de que o ambiente esportivo em aula já carrega, por si só, características dos valores desumanos do esporte, pois os alunos trazem consigo, em suas consciências, uma pré-concepção de esporte com base na unidimensionalidade de uma forma específica de esporte atrelada aos valores da sociedade unidimensional.

O aspecto lúdico pode colaborar com a diminuição da alta competitividade, ao mesmo tempo em que viabiliza relações mais cooperativas quando se joga com o outro e não, contra o outro, mesmo em um ambiente conflituoso como o do esporte. Para isso, é necessário que as relações que colocam os homens uns contra os outros sejam reveladas em um processo de conscientização que, no caso do professor de educação física, pode ser feito via cultura corporal, como na tentativa realizada no presente trabalho.

Na aula, ocorreram conflitos na hora da separação das equipes, não havendo consenso de como elas seriam formadas, apesar de já terem feito isso antes. Alguns alunos demonstraram maior interesse nesse momento da aula, principalmente, os mais habilidosos que, em sua maioria, tendiam a supervalorizar a vitória e a interferir na escolha das equipes com a intenção de ficar em uma equipe “mais forte”.

Novamente, após a formação das equipes, houve reclamação por parte de alguns alunos sobre o desequilíbrio entre elas e, mais uma vez, um dos alunos da equipe “mais forte” se voluntariou a trocar de lado com um colega, tornando as equipes mais equilibradas.

Durante a aula, um dos alunos demonstrou individualismo, pois raramente passava a bola e, quando o fazia, demorava muito, deixando o jogo monótono em alguns momentos. Quando foram retirados os limites das zonas, esse aluno

praticamente não realizou passes, permanecendo um tempo excessivamente desnecessário com a bola.

Nesse caso, houve algumas intervenções do professor sobre a importância de todos participarem efetivamente do jogo, recebendo e passando a bola. O aluno compreendeu e esforçou-se mais em passar a bola.

No início da atividade proposta, quando o campo ainda estava dividido por setores (defesa, meio-campo e ataque), os alunos mais habilidosos tenderam a ocupar as faixas do meio e do ataque. Nenhum deles ficou na zona de defesa em nenhum dos momentos da atividade. Quando um companheiro de equipe com nível de habilidade similar estava situado na mesma zona, havia maior troca de passes com esse aluno.

Apesar de terem ficado mais na defesa, os alunos menos habilidosos conseguiram desempenhar bem o papel de defender. Quando a equipe marcava gol, comemoravam. A atuação se limitava mais a tirar a bola, afastando-a do gol, do que controlar e passar a bola de forma mais precisa. A permanência dos alunos menos habilidosos em uma faixa do campo (defesa) onde os mais habilidosos não estavam favoreceu a diminuição dos conflitos que resultavam em discussões durante os jogos.

Ao dar autonomia para os alunos na elaboração da melhor estratégia de posicionamento dos componentes da equipe, ocorreu essa separação por setores entre os mais e menos habilidosos. Houve, desse modo, maior coesão entre os alunos e seus pares (nível de habilidade). Assim, a atividade proporcionou maior conforto para os envolvidos no que diz respeito às tentativas de jogadas. Podemos considerar que, por estarem separados por setores, ocorreu certa homogeneização em relação aos níveis de habilidade dos alunos. Foi possível ver nitidamente os grupos formados pelo nível de habilidade em cada setor.

A separação realizada pelos alunos resultou na diminuição dos conflitos existentes no contexto da aula. A pretensão nas aulas nunca foi de eliminar os conflitos para o melhor desenrolar das atividades, mas sim de trabalhar esses conflitos através de processo pedagógico com o esporte.

A separação dos alunos entre as faixas de jogo (defesa, meio-campo e ataque) teve como resultado um esfriamento do ponto de vista pedagógico no que diz respeito ao trabalho com as tensões entre os interesses distintos dos alunos em aula (interesses dos mais e dos menos habilidosos), pois houve certo apagamento

dos conflitos e certa homogeneização dos interesses, inviabilizando o trabalho com as diferenças de pensamento e os contrastes presentes na realidade.

Cabe lembrar que essa organização foi realizada pelos próprios alunos e, portanto, parece ter atendido às expectativas quanto ao objetivo de ensinar o posicionamento e a distribuição dos alunos em relação aos esquemas do futebol, assim como proporcionar autonomia a eles sobre as estratégias e melhor distribuição de jogo.

Desse modo, a separação realizada por muitos professores no desenvolvimento das aulas de educação física (meninas X meninos, queimado X futebol etc.) pode ser prejudicial do ponto de vista pedagógico. A não tolerância da realidade contraditória e dos conflitos presentes impossibilita que o professor realize um trabalho que atenda o desenvolvimento de um pensamento crítico de esporte em uma perspectiva formativa aproximada com a concepção de homem realmente livre das amarras alienadoras do pensamento unidimensional.

#### **6° Aula – Texto “Corpo, do Funcional ao Contraditório”.**

---

O texto “Corpo, do Funcional ao Contraditório” (Apêndice E) traz em seu conteúdo a ideia do corpo humano funcional composto por cabeça, tronco, membros inferiores e superiores, o que confere características similares aos seres humanos. Em contraposição a essa perspectiva de corpo funcional, temos o corpo contraditório, que carrega as marcas das contradições sociais do capitalismo, que separa os homens em classes sociais distintas, podendo haver a percepção dessa distinção pelos corpos de ambas as classes: a dominante e a trabalhadora.

Em torno da temática do corpo, colocamos em centralidade o homem, abordando elementos anatômicos do movimento humano e elementos sociais resultantes das desigualdades percebidas nos corpos ocasionadas pela divisão de classes existente na sociedade.

Inicialmente, solicitou-se que os alunos lessem o texto. Alguns alunos fingiram ler o texto, mesmo tendo o professor falado sucessivas vezes sobre a necessidade da leitura prévia para a posterior explicação e discussão do texto. Após o término da leitura, o professor perguntou o que eles haviam compreendido do texto. A maior parte dos alunos destacaram apenas os elementos da primeira parte



do texto, ou seja, as informações que tratavam do corpo funcional. Apenas um aluno citou a relação das desigualdades sociais existentes entre os homens e seus corpos.

Então, o professor explicou as relações similar e distinta que se apresentam nos corpos. Similaridades em relação às questões funcionais e anatômicas e diferenças em relação às questões sociais, principalmente referente às desigualdades sociais decorrentes.

Ao final da aula, a turma foi dividida em grupos que ficariam responsáveis pelos temas levantados. Os temas foram: jogadores de futebol, jogadores de “pelada”, trabalhadores rurais e empresários. Os grupos deveriam trazer imagens sobre os temas selecionados para confecção de cartazes. Tal atividade seria realizada na aula posterior.

### **Impressões**

O texto “Corpo, do funcional ao contraditório” suscitou inúmeras reflexões por parte dos alunos. Antes de serem tratadas as contradições presentes no corpo e as desigualdades inerentes à divisão de classes da sociedade capitalista, foi perguntado aos alunos de qual classe eles acreditavam fazer parte, da dominante ou da trabalhadora? Apenas uma pequena parte dos alunos respondeu “classe trabalhadora”, uns responderam “dominante” e a maior parte não respondeu.

Disso, podemos apontar a baixa conscientização sobre classe social existente entre os alunos, mesmo que estejam apenas no 6º ano do ensino fundamental. Ao tratar da temática de classe social, os alunos demonstraram nunca ter ouvido falar dos conceitos de classe trabalhadora e classe dominante.

Ao abordar tais conceitos, trazendo algumas definições sobre o que essas classes são e o que representam, os alunos apontaram alguns acontecimentos das suas vidas cotidianas na mesma medida em que faziam reflexões sobre o que tinham lido e o que o professor informava, sobretudo como as desigualdades materiais e de acesso cultural se dão em uma sociedade capitalista, gerando, portanto, a divisão existente entre os homens.

Posteriormente às explicações do professor, os alunos apresentaram maior compreensão sobre as diferenças existentes entre as classes sociais e conseguiram enxergar melhor em qual classe eles se situam. Por outro lado, essa compreensão foi ainda bastante incipiente no que tange às consequências da divisão de classes.

Por exemplo, uma aluna comentou que nunca foi a nenhum destes lugares: cinema, praia, museu e teatro. Tal comentário ocorreu quando o professor falava sobre a problemática da desigualdade social entre homens, em que uma pequena parte da população possui muitos recursos materiais e, por isso, maior acesso cultural, enquanto uma enorme parcela populacional possui pouquíssimos recursos materiais, o que inviabiliza o acesso aos bens culturais da humanidade. Pouco depois, a mesma aluna fez outro comentário referente ao desejo de, no futuro, ser uma pessoa rica. Outro aluno, indo na mesma linha do comentário da colega, disse que a tia dele era da classe dominante por ter uma boa condição financeira.

Tal forma ainda incipiente de pensar as questões de classe representou uma limitação ao rompimento com o pensamento unidimensional presente nas consciências dos alunos. Em vez de negar a realidade que impossibilita o usufruto dos bens culturais e materiais a todas as pessoas, a aluna recorreu ao desejo de ser caracterizada como uma pessoa rica, desconsiderando as limitações que essa forma de pensar impõe a outras pessoas.

O discurso da aluna demonstra a presença do pensamento unidimensional que, como bem diz Marcuse (1964), dificulta a negação da realidade em suas contradições (já que houve uma exposição prévia sobre o corpo e as formas contraditórias com que esses corpos se manifestam em sociedade) e seduz os indivíduos a aderirem à causa da sociedade de consumo, refletida na lógica “ter para ser”.

Aproveitando esses comentários, o professor perguntou aos alunos se a classe trabalhadora era rica. Os alunos ficaram pensando sem saber ao certo o que responder. Depois de algum tempo, alguns disseram que sim e a maior parte disse que não.

Os alunos demonstraram dificuldades em identificar quem são as pessoas que realmente pertencem à classe dominante. Como exemplo de pessoas da classe dominante, os alunos citaram um jornalista de um dos telejornais mais famosos do país e uma cantora famosa. O fato de aparecerem na televisão e o que isso pode representar como, por exemplo, ascensão social e financeira, reconhecimento etc., fazem com que seja atribuído a essas pessoas o pertencimento à classe dominante.

Nesse momento, também foi possível perceber a dificuldade de compreensão sobre quem é a classe dominante. O jornalista e a cantora famosos citados pelos alunos acabam se tornando símbolos (ou seja, exceções na sociedade que servem

para generalizar que o seu funcionamento, da forma como está, atende a igualdade de oportunidades. Isso reflete uma forma de naturalização da meritocracia), assim como acontece com jogadores de futebol e atletas consagrados pela grande mídia. Esses símbolos passam a ser modelos que todos devem seguir, exemplos de pessoas que venceram na vida. Eles fomentam nas consciências a naturalização de processos sociais cujo resultado é a homogeneização das pessoas em relação aos objetivos de vida e o apagamento das contradições entre classes.

Nessa aula, em particular, foi bem difícil conseguir a atenção dos alunos, já que, em muitos momentos, eles se dispersavam com conversas e brincadeiras. Considerando a complexidade da temática dada, os conceitos igualmente complexos e a forma de organização do conhecimento em uma perspectiva dialético-negativa, as brincadeiras excessivas e a falta de atenção foram uma dificuldade no processo pedagógico. Foi necessário que o professor interviesse algumas vezes para que os alunos prestassem atenção.

Entretanto, não se descartou a possibilidade de que a complexidade do assunto abordado, os conceitos de classe nunca antes vistos e a perspectiva de corpo como elemento inserido em uma sociedade de contradições obscurecidas pelo pensamento unidimensional tenham gerado um choque de informação, o que pode ter resultado em dispersão por parte dos alunos.

### **7º Aula – Confecção de Cartazes sobre o corpo.**

---

A atividade consistia em montar cartazes que pudessem retratar o corpo funcional e o corpo contraditório (conforme explicado no início da 6ª aula). Desse modo, utilizando recursos existentes na escola, tais como pôsteres, enciclopédias e atlas do corpo humano, foi realizada a identificação de alguns ossos e músculos dos membros inferiores do corpo humano em figuras e fotos trazidas pelos alunos que mostrassem a inserção do homem em contextos sociais distintos, como: classe dominante X classe trabalhadora e futebol praticado nos padrões do alto rendimento X futebol praticado nas ruas (“pelada”).

Nesse sentido, os alunos, divididos em grupos, deveriam recortar as imagens e, em uma cartolina, deveriam fixá-las e realizar a identificação anatômica de músculos e ossos nas imagens trazidas por eles. Um desses que ficou com o tema “classe dominante” não realizou a tarefa por não trazerem as imagens e a cartolina

solicitadas, ficando a realização da atividade para a aula posterior. Os ossos e músculos dos membros inferiores solicitados para a tarefa foram:

OSSOS	MÚSCULOS
FÊMUR	VASTO LATERAL
PATELA	VASTO MEDIAL
TÍBIA	RETO FEMORAL
FÍBULA	BÍCEPS DA COXA
TARSO	SEMIMEMBRANOSO
METATARSO	SEMITENDINOSO
X	TIBIAL ANTERIOR
X	SARTÓRIO
X	GASTROCNÊMIO MEDIAL
X	GASTROCNÊMIO LATERAL

**Tabela 34- Ossos e Músculos.**

Durante a atividade, os alunos tiveram algumas dificuldades em posicionar os músculos nas posições corretas nas imagens. Eles ficaram um pouco confusos principalmente em relação aos músculos vasto lateral, vasto medial, gastrocnêmio medial e gastrocnêmio lateral. O professor apresentou informações para sanar tais dúvidas.

Os alunos que fizeram a proposta de atividade mostraram-se bastante envolvidos na tarefa. A atividade de confecção de cartazes foi muito trabalhosa e tomou todo o tempo de aula. Portanto, não foi possível realizar reflexões sobre a atividade e estabelecer discussão por meio da retomada dos conceitos presentes na aula, os quais foram introduzidos na aula anterior. Tais reflexões ficaram para a aula seguinte.

**8° Aula – Apresentação dos cartazes e retomada de discussão com o texto dado.**

---

A aula teve início com a retomada do texto “Corpo: do funcional ao contraditório”. A ideia central do texto foi apontar as similaridades funcionais entre os corpos e, ao mesmo tempo, deflagrar as desigualdades sociais às quais os corpos estão submetidos. Buscou-se, por meio do texto, abrir a possibilidade de compreensão do corpo em sua totalidade e em sua inseparabilidade do homem, ou seja, negar a ideia fragmentada de corpo. Apesar de estar sendo tratado em dois aspectos, funcional e social, objetivou-se tratar esses aspectos visando à complementaridade entre eles na compreensão do homem.

Durante a explicação do professor sobre o corpo como a própria materialização do homem, sem dicotimizá-lo, um dos alunos em sala teve uma reação interessante. Mediante pergunta feita para a turma sobre a possibilidade de o ser humano ser dividido em intelecto e físico, o referido aluno disse que acreditava nessa hipótese, mantendo sua posição mesmo ao ser questionado se a mente humana poderia se relacionar com outras pessoas sem o corpo. O professor não buscou maiores informações acerca do porquê da reação e insistência do aluno relacionada à afirmação da possibilidade da fragmentação do homem<sup>35</sup>.

Após a explanação inicial, foi solicitado que os alunos expusessem os cartazes que foram produzidos na aula anterior. Foram demonstradas, então, as gravuras escolhidas pelos grupos retratando os diferentes corpos, assim como os distintos contextos sociais em que estão inseridos na sociedade de classes.

Buscou-se identificar, através das falas dos alunos, como eles percebiam as características das pessoas presentes nas imagens. Os primeiros cartazes analisados foram o do “Futebol Profissional” (atletas profissionais) e o do “Futebol de Rua” (crianças jogando futebol na rua). Posteriormente, foi analisado o cartaz da classe trabalhadora (trabalhadores rurais) e da classe dominante (empresários e industriais).

Sobre a percepção dos alunos acerca dos cartazes do futebol de rua e do futebol profissional, foram obtidas as seguintes colocações:

FUTEBOL PROFISSIONAL		FUTEBOL DE RUA
Possuem	músculos (hipertrofia)	Arrancam o tampão do dedo

<sup>35</sup> O posicionamento tomado pelo aluno em questão pareceu ter um fundo religioso, embora ele não tenha explicitado isso.

muscular)	
Jogam pelo dinheiro	Jogam por diversão
São ricos	São pobres
Tem muita mulher	Machucam-se à toa

**Tabela 35 - Caracterização do Jogador de Futebol Profissional e do Jogador de Futebol de Rua.**

As percepções dos alunos em relação aos corpos vinculados ao esporte foram diferentes, provavelmente pelo fato de tais corpos estarem inseridos em contextos esportivos distintos.

No que diz respeito aos atletas de alto rendimento, a primeira característica relatada pelos alunos em relação à forma como se apresentam os atletas de futebol profissional foi a proeminência muscular. Os alunos atribuíram a isso a carga de trabalho físico dos atletas que os deixa mais fortes. Em contrapartida a essa configuração física dos atletas profissionais de futebol, o “peladeiro” foi visto como aquele que arranca o “tampão do dedo” e tende a “machucar-se à toa”.

As imagens trazidas pelos alunos do grupo do “Futebol de Rua” retrataram meninos jogando “bola” de forma bastante espontânea. Nas imagens, foi possível observar meninos descalços e sem camisa jogando em campinhos locais encontrados em cidades distantes dos centros urbanos.

Essa é uma realidade muito próxima da realidade dos alunos que moram em uma região rural do município de Duque de Caxias. É bem possível que os relatos tivessem relação com a experiência de vida atrelada ao esporte praticado nos campinhos da região.

Ao olharem para os atletas profissionais, é bem possível que os alunos tivessem em mente o contexto passado pela grande mídia do que é ser um jogador de futebol. Por exemplo, o amparo de diferentes especialistas em treinamento, nutrição, medicina esportiva, fisiologia, psicologia etc. Tudo isso parece transmitir um ambiente de segurança para o atleta. Pelo corpo com músculos salientes, foi caracterizada a força física dos atletas, o que pode levar à ideia de fortalecimento da saúde (como bem apontado nos diferentes discursos expostos no questionário inicial), o que não necessariamente é verdade.

O esporte de alto rendimento, sobretudo o futebol, é lesivo. O excessivo amparo de profissionais serve para atender aos objetivos de máximo rendimento

físico e máxima redução dos riscos de lesão. As lesões no futebol profissional e os impactos do alto rendimento na saúde, em sua maioria, parecem ser mais graves do que as lesões sofridas pelas pessoas que jogam futebol de rua.

Outro ponto de destaque foram as afirmações de que o atleta de futebol profissional “joga pelo dinheiro” e o menino “joga por diversão”. Ao que parece, a visão de vida glamourosa e rica dos jogadores de futebol é um aspecto bastante presente nas consciências dos alunos. Os alunos compreendem que os jogadores de futebol são profissionais e recebem salários para isso, e isso é visto com certo vislumbre por parte deles, já que os altos salários dos jogadores informados pela mídia são uma forma de sedução e adesão ao esporte de alto rendimento.

Observou-se que a ideia de vida glamourosa, baseada principalmente nos altíssimos salários dos jogadores de futebol, fomenta o pensamento unidimensional em seus espectadores e praticantes. Os altos salários trazem a ideia de que o futebol é provido de inúmeros pontos positivos, inclusive no que diz respeito a ter diversas mulheres como se fossem objetos quaisquer passíveis de serem comprados. Tal ideia parece estar vinculada à transmutação da mulher em mercadoria. Na sociedade capitalista, tudo parece tomar a forma de mercadoria e as pessoas não estão imunes a essa regra.

Com isso, inibe-se a ideia do contraditório na compreensão da realidade do futebol, como, dentre outros, 1- A especialização esportiva precoce; 2- O doping; 3- A corrupção no futebol; 4- O uso político do esporte; 5- A indústria do entretenimento que opera por trás dos espetáculos; 6- A transmissão de valores desumanos através do esporte; 7- O engano sobre a vida da maior parte dos atletas profissionais no Brasil, que vivem em completo abandono e, em muitos casos, com salários insuficientes até para comer; 8- A violência manifestada de diferentes formas no esporte e nos espetáculos de modo geral, por exemplo, por comentaristas, atletas, treinadores, torcida etc.

Dessa forma, destacam-se símbolos como o Neymar, por exemplo. Atentam-se apenas para aquilo que interessa ao fomento do esporte como mercadoria capaz de fragmentar a consciência e forjá-la para assumir o pensamento unidimensional como forma predominante de pensar a realidade no futebol. Nesse trajeto de consolidação do pensamento unidimensional, ocorre o apagamento quase absoluto de formas superiores de pensar a realidade, como é o pensamento dialético-negativo.

Não há a consideração do esporte como um elemento da cultura corporal que se manifesta em ambientes distintos e passíveis de contradições, tanto no que diz respeito ao olhar entre os dois contextos (futebol profissional e futebol de rua), mas também tratando as contradições no interior do próprio contexto onde ocorre o futebol.

O futebol praticado na rua ou no campinho é uma manifestação da cultura corporal com características singulares em diferentes níveis de compreensão socioeconômica e cultural e também precisa ser pensado em suas contradições, já que tal ambiente esportivo informal está inserido em uma sociedade que imprime sobre a cultura humana, como o futebol, por exemplo, suas próprias características que demarcam a vida e a percepção que se tem da cultura. No caso da sociedade capitalista, há a imposição de valores que se projetam na cultura através de sua transmutação em mercadoria.

Prosseguindo sobre os cartazes dos trabalhadores rurais e da classe dominante, os alunos apontaram algumas reflexões sobre o trabalho exercido e representado em ambos os cartazes. Uma das primeiras coisas citadas pelos alunos foi que os trabalhadores rurais eram pobres e a classe dominante era rica e importante. Talvez essa afirmação contundente, vinda de muitos alunos, relacionada à classe dominante tenha se dado pela forma como as pessoas estavam vestidas nas gravuras, isto é, o trabalhador rural trabalhando na terra com roupas simples e envelhecidas, enquanto a classe dominante com boa aparência e vestida com roupas sofisticadas e limpas.

O pensamento unidimensional presente nas consciências dos alunos inviabiliza a noção da importância do trabalhador rural, já que, na sociedade capitalista, o trabalhador que gera riqueza para a sociedade é visto como pobre e aquele que nada gera de riqueza, mas se apropria do trabalho alheio, é visto como rico e importante.

O professor, então, fez algumas colocações sobre a importância do trabalho rural para a manutenção da vida humana, já que plantar e colher é uma atividade essencial e de suma importância para a sobrevivência do homem.

### **Destaque para alguns acontecimentos ocorridos nesta aula.**

Alguns acontecimentos dificultaram a explicação e abordagem mais amplas a fim de explorar as impressões tidas pelos alunos. Nesse dia, os alunos se



mostraram bastante agitados, dificultando a fala do professor. O professor alertou sucessivas vezes para que os alunos prestassem atenção, mas o excesso de brincadeiras persistiu.

Os excessos entre os alunos resultaram em uma briga entre três alunos, o que tomou muito tempo da aula, já que, por causa das agressões ocorridas, foi necessário encaminhar os alunos à coordenação da escola. Essa situação inviabilizou maiores discussões e reflexões em torno da temática abordada.

### **9º Aula – Exposição de Cartazes e Leitura do Texto “Esporte e Sociedade”.**

---

Nesta aula, foi realizada a colagem dos cartazes na escola para a exposição. Depois, retornando à sala, foi abordado o último texto da unidade didática cujo título era “Valores do Esporte e Sociedade” (Apêndice F), que tratou dos valores do esporte e da sua relação com a sociedade atual.

O principal objetivo do texto era apontar a relação desigual que existe na sociedade capitalista, demonstrando a presença de valores desumanos que contribuem para a desigualdade nas relações sociais. Demonstrou-se ainda que esses valores desumanos também estão presentes no esporte de alto rendimento e que, independentemente do contexto, seja no âmbito social ou no âmbito esportivo, tendem a gerar desigualdades e a formação de um tipo de homem limitado pela ordem vigente.

Nesse caso, a ideia do trabalho pedagógico com o texto “Valores do Esporte e Sociedade” era de retomar as ideias anteriormente abordadas sobre o esporte, os seus valores e a sociedade permeada pelas tensões entre as classes dominante e trabalhadora de forma sintetizada, fazendo relação do texto com as aulas realizadas no campinho.

Inicialmente, o professor solicitou que os alunos lessem o texto. Durante a apresentação das ideias do texto, alguns alunos expuseram situações que estão diretamente relacionadas com as dificuldades encontradas pela classe trabalhadora em uma conjuntura social subjugada pela lógica de mercado.

A primeira situação foi citada por uma das alunas e ocorreu com seu pai, que teve o salário reduzido de R\$1.600,00 para R\$900,00 pela patroa dele. A aluna citou as grandes dificuldades enfrentadas pela família com essa redução drástica. A medida de redução salarial efetuada pela “patroa” ocorreu de uma “hora para outra”

e sem aviso prévio, de acordo com a aluna. Ao ser perguntada sobre o que o pai dela havia feito nessa situação, a aluna disse “nada”, ou seja, o pai dela continuou trabalhando.

Outra situação levantada foi a questão do custo de vida nos dias atuais e alguns alunos apresentaram diversos exemplos das dificuldades encontradas por eles no dia-a-dia. Um dos exemplos mais latentes foi a discussão relacionada à passagem dos ônibus.

O direito de ir e vir, pelas falas dos alunos, é algo bastante limitado. Alguns alunos mencionaram a existência de parentes que moram em regiões distantes e que quase não são vistos por causa dos custos de viagem. Até para regiões mais próximas, como o caso de parentes que moram em outros municípios, a questão dos custos de passagem foi um dos motivos citados pelos quais tais parentes não são vistos ou visitados.

Além disso, alguns alunos novamente citaram que nunca foram ao shopping, ao teatro, ao cinema e à praia. Outros disseram que chegaram a ir à praia, mas pouquíssimas vezes. Muitos disseram que nunca foram a um estádio de futebol. Os custos foram destacados como principal motivo. Alguns alunos raramente saem de Duque de Caxias ou da região onde moram em Xerém.

Não ir ao shopping ou ao cinema, como bem disse os alunos, demonstrou o sentimento de isolamento e distanciamento que esses alunos têm da sociedade. Mesmo que tais lugares não representem possibilidades concretas de formação do homem em uma perspectiva crítica pelo fato de serem locais reprodutores dos conteúdos culturais das sociedades unidimensionais, chamou atenção a percepção das barreiras sociais presentes que acometem a vida desses alunos.

Sem desconsiderar os efeitos unidimensionais que a cultura humana em uma sociedade capitalista pode acarretar, importa destacar o sentimento de isolamento dos alunos em relação aos diferentes âmbitos da sociedade. Isso pode ser considerado um processo de violência contra eles. As circunstâncias materiais em que se encontram os filhos da classe trabalhadora inviabilizam uma maior participação e usufruto daquilo que pertence aos homens.

Nitidamente, há um distanciamento entre os alunos e suas famílias dos diferentes produtos culturais da humanidade. Tais produtos parecem estar em um plano muito distante, o que se percebeu pelas falas dos alunos. Há o reconhecimento da importância da cultura humana para o homem mas, ao mesmo

tempo, os alunos veem a possibilidade de usufruto dessa cultura como algo distante de sua realidade ou algo raro de acontecer.

Observou-se certo conformismo nos alunos ao falarem sobre esses temas, não havendo qualquer fala que retratasse um sentimento de inconformismo com a situação. Ao mesmo tempo em que os alunos concordaram sobre a importância da cultura e dos diferentes elementos que a compõem como fator relevante para a formação do homem, demonstraram também o quanto estão distantes dessa realidade.

Com isso, foi possível perceber as contradições da sociedade presentes nas vidas dos alunos, mas também a não percepção dessas contradições nas consciências dos alunos. O pensamento unidimensional conforma e naturaliza as desigualdades.

### **10º Aula – Futebol.**

---

Antes do início das aulas, foram identificados fortes traços do pensamento unidimensional nos alunos pesquisados na presente unidade didática, como visto na etapa 1. Todas as aulas realizadas tiveram como objetivo trabalhar com a ideia de deflagração das contradições em relação ao conteúdo retratado pela temática “valores do esporte”. Essa perspectiva visou a inclusão do pensamento dialético-negativo nos diferentes momentos que se deram no percurso de formação humana empreendido no presente trabalho.

A última aula teve como proposta verificar a persistência, ou não, dos valores unidimensionais vinculados ao esporte de alto rendimento nas consciências dos alunos. A tentativa foi de compreender se os processos didático-pedagógicos tomados a partir de uma perspectiva dialético-negativa de apreensão da realidade surtiram efeito, ou não, em relação à quebra ou diminuição do pensamento unidimensional-positivo.

Dessa forma, antes de dar início à aula no campo, o professor retomou diversos conhecimentos acerca dos valores presentes no esporte, especificamente, apontou os valores desumanos (alta competitividade, sobrepujança, meritocracia, individualismo e rendimento máximo) contrastando-os com valores potencialmente mais humanos (baixa competitividade, cooperação, democracia, coletividade e rendimento ótimo). Além disso, foram estabelecidas e retomadas algumas relações desses valores com a sociedade que já haviam sido discutidas anteriormente.

Na retomada de discussão dos valores do esporte realizada com os alunos, foi permitido que eles apontassem quais valores estão mais presentes em nossa sociedade e no esporte e quais os valores gostaríamos de ter na sociedade e no esporte que praticamos. A maior parte dos alunos disse que os valores desumanos deveriam ser minimizados, cedendo lugar aos valores mais humanos. Quando perguntados por que deveria ocorrer essa alteração valorativa no teor da aula, os alunos disseram que seria melhor para ampliar a participação de todos (a importância da participação havia sido explorada pelo professor em aulas anteriores).

Após terem sido realizadas as devidas reflexões em torno do esporte e seus valores, o professor explicou aos alunos que eles ditariam os rumos da aula naquele dia e que as decisões sobre como ocorreria a aula, inclusive em relação às atividades que seriam realizadas, partiriam dos alunos. Nesse caso, eles deveriam decidir como se organizar para tomar as decisões, assim como lidar com a estruturação da aula. Além disso, os discentes foram lembrados que deveria existir, por parte deles nos diversos processos decisórios, um esforço de substituição dos valores desumanos do esporte pelos valores que consideramos serem mais humanos no decorrer das aulas.

Inicialmente, houve um impasse sobre a(s) atividade(s) que seriam realizadas, pois: um aluno queria realizar o “golzão” dividindo o campo em dois; outra aluna queria fazer o futebol setorizado; os alunos mais habilidosos e outros alunos não tão habilidosos optaram pelo futebol tradicional (bem próximo ao que eles jogam no dia a dia); e o restante dos alunos, um pouco menos da metade, não opinaram, colocando-se fora do processo decisório.

Depois de algum tempo nesse impasse, um dos alunos sugeriu que a decisão da atividade deveria ser por voto. No momento da votação, ao perceberem que estavam em minoria, os alunos que estavam “sós” decidiram ceder seu voto para o futebol tradicional.

Com a escolha da atividade, o procedimento seguinte realizado pelos alunos foi o da escolha das equipes. Os alunos decidiram entre si quem deveria ser o capitão (quem escolhe o time). Foram separados três alunos para a tarefa de escolha das equipes. Um deles figurava entre um dos mais habilidosos da turma, enquanto que os outros dois, não. Apesar dos mais habilidosos não predominarem como capitães, percebeu-se certa influência externa desses alunos para que

houvesse determinada combinação de forma que as pessoas “corretas” caíssem nas equipes “corretas”.

Os alunos decidiram pela formulação de três equipes (equipe A, equipe B e equipe C), sendo que, pelo tamanho do campo e pela quantidade de participantes na aula, poderia naturalmente haver duas equipes e, assim, seria possível que as pessoas jogassem durante mais tempo. Meninos e meninas ficaram misturados nas equipes, não havendo desequilíbrio proporcional entre eles.

O jogo teve início com duas equipes jogando e uma de “fora” (A X B, C de fora). Os alunos estipularam que as partidas durariam sete minutos e permaneceria em campo o time que vencesse a partida. Em caso de empate, haveria disputa de pênaltis.

Durante o primeiro jogo, os alunos perceberam que não havia “juiz” e pediram ao professor para que ele apitasse o jogo. O professor lembrou os alunos de que as decisões, participação e organização da aula seriam feitas por eles. Nesse caso, o professor não assumiu o papel de árbitro e eles solicitaram que outro aluno, que estava de fora da partida, fizesse o papel de árbitro.

Ao longo das partidas realizadas, nem sempre havia um aluno exercendo a função de árbitro e, assim, os alunos que estavam jogando acabavam solicitando faltas, cedendo a tais solicitações ou não, enfim, decidindo sobre os acontecimentos do jogo. Os conflitos foram resolvidos, na grande maioria das vezes, através do diálogo, o que mostrou certa maturidade por parte dos alunos na resolução de situações com alto potencial conflituoso. Quando uma equipe perdia, não havia resistência severa para aceitar a derrota. A aula transcorria com um nível de competitividade baixa.

Durante as partidas, houve uma predominância dos mais habilidosos nas ações realizadas na vivência do futebol, como ocorrido em outras aulas realizadas no campo. Os mais habilidosos permaneciam muito tempo com a bola e, quando passavam, o faziam, na maior parte das vezes, para outros alunos mais habilidosos. Os alunos menos habilidosos tinham sua participação limitada a defender e tirar a bola de perto do gol, evitando que o adversário marcasse gols.

Percebendo a situação, o professor parou a atividade e perguntou se existiam alunos que não estavam participando efetivamente da atividade<sup>36</sup>. Alguns argumentaram que, na equipe deles, não estava acontecendo isso, outros até concordaram, mas decidiram não estabelecer mudanças de regras que pudessem minimizar o impacto da baixa participação de alguns alunos. A atividade, então, prosseguiu sem qualquer alteração.

Além disso, com a combinação de pessoas realizada no momento da escolha das equipes e a configuração da atividade baseada pelo “perde, sai”, Uma das equipes (equipe A) ficou diversas partidas consecutivas jogando, permanecendo mais tempo em campo do que as outras duas.

Houve a predominância de valores desumanos no momento da separação das equipes por parte de alguns alunos que, de fora do processo seletivo, administraram a combinação de pessoas para configuração de uma equipe “forte” baseada na capacidade de rendimento dos indivíduos para a obtenção da vitória. Não foi considerado pelos alunos que uma aula na qual todos tenham oportunidades iguais (ou próximo disso) significa a diminuição de valores desumanos e uma vitória coletiva. Nesse caso, prevaleceu o individualismo de alguns alunos na escolha das equipes.

Já próximo ao final da aula, a equipe (chamada aqui de equipe A) que vinha ganhando consecutivamente empatou o jogo. Apesar de ter jogado sucessivas vezes, os componentes dessa equipe insistiram em disputar os pênaltis. Não consideraram que já estavam jogando por mais tempo do que os outros alunos das outras equipes e, por isso, poderiam ceder seu lugar para a equipe que estava de fora.

No momento dos pênaltis, um dos alunos mais habilidosos da equipe A decidiu que ele deveria assumir a função de goleiro e fazer as defesas que pudessem garantir a permanência do seu time. Ele decidiu tirar a goleira por considerá-la fraca. A outra equipe (equipe C) não aceitou tal decisão, alegando que a goleira deveria permanecer, já que ela tinha passado a partida inteira exercendo essa função.

---

<sup>36</sup> Embora não pudesse interferir, com base no que estava ocorrendo fiz uma pergunta sobre o problema da baixa participação de alguns alunos. Além disso, a eminência de abandono da atividade era grande, por isso foi tomada a decisão de intervir, ainda que minimamente.

A equipe “C” decidiu tomar a decisão de manter a goleira da equipe “A”, muito mais pelas dificuldades que encontraria para vencer caso o jogador mais habilidoso da equipe “A” viesse a ser o goleiro. Portanto, não houve uma preocupação real com a aluna que seria excluída pela pouca habilidade. Após muitas discussões, prevaleceu a vontade do aluno mais habilidoso, que assumiu a função, excluindo a goleira. Esse aluno fez as defesas necessárias para a sua equipe e garantiu a vitória, permanecendo ainda mais tempo em campo.

Em contrapartida aos valores desumanos presentes na aula, em outra partida, um dos alunos mais habilidosos decidiu chutar de forma mais colocada (mais fraca) todas as vezes que o goleiro, com pouca habilidade na função, estava diante dele. Nesse caso, ele teve maior preocupação com a possibilidade de machucar o colega que exercia a função de goleiro, dando chance para que o aluno no gol fizesse a defesa.

Ao longo das partidas, não ocorreram jogadas ou discussões ríspidas que resultassem em excessos conflituosos que interrompessem as partidas ou gerassem frustrações nos alunos levando-os a abandonarem ou desistirem da atividade, mesmo havendo alguns alunos chateados principalmente por causa das reclamações dos mais habilidosos direcionadas aos menos habilidosos.

O clima da atividade aparentava ser bastante tolerável em relação aos níveis de competitividade. Os alunos mostraram-se bem envolvidos, o que ressalta o aspecto lúdico, apesar de haver desigualdades ainda existentes sobre a participação e a presença de valores desumanos.

### **Reflexões Finais da aula**

Após o término da aula no campo, o professor retornou para a escola e levou os alunos para a sala de aula. Nesse ínterim, os alunos descansaram e se hidrataram. Em sala, iniciaram-se algumas reflexões sobre a aula. O professor perguntou aos alunos se eles acreditavam que a aula realizada e organizada por eles teve valores humanos e eles responderam que “sim”. Perguntados, em seguida, se a participação dos alunos foi igual na atividade, os alunos responderam que “sim” mais uma vez, mesmo aqueles menos habilidosos que tocaram menos vezes na bola. Apenas um aluno na sala respondeu que “não” para ambas as perguntas.

Relembrando a aula dada, pode-se afirmar que ocorreu a presença de valores desumanos, mesmo que esses valores tenham se mostrado menos

marcantes como no primeiro dia de aula no campo. A insistência em responder que as decisões tomadas pelos alunos na aula atendiam aos valores humanos significa que os alunos consideraram que estar na atividade e participar efetivamente da atividade (recebendo e passando a bola com mais frequência) eram a mesma coisa, uma vez que visivelmente ocorreram desigualdades entre os mais e os menos habilidosos no contato com a bola e nas diferentes demandas do jogo. Logo, a resposta “sim” para as duas primeiras perguntas realizadas não pareceu refletir a verdade.

A verdade foi que os alunos tiveram maior interesse em atrelar a aula organizada por eles aos valores humanos do que realmente atentar aos fatos ocorridos, a como esses fatos se desenrolaram durante aula e, principalmente, o que esses fatos realmente traduziram. Os fatos demonstraram uma maior predominância de valores desumanos do que humanos.

Apesar da supremacia do pensamento unidimensional-positivo, foi possível perceber alguns avanços que, na prática, tentaram romper com os valores desumanos. Podemos destacar: o esforço de organização da aula, a escolha do voto como instrumento de escolha das atividades, a distribuição proporcional de meninos e meninas entre as equipes, a maior cordialidade nas jogadas disputadas, o diálogo como forma de decisão sobre as faltas na partida etc.

Um dos fatos que chamou a atenção sobre a possibilidade de modificação do pensamento unidimensional-positivo para dialético-negativo foi percebido em um aluno (um dos mais habilidosos) que chutava de forma preocupada com o goleiro cuja habilidade era menor. Esse acontecimento foi um elemento de aproximação aos princípios de coletividade em detrimento de princípios individualistas, que envolve essencialmente o respeito ao outro e às suas limitações. Esse aluno (mais habilidoso) foi o único que respondeu “não” para as duas perguntas que foram feitas em sala.

Considerando o tempo amplo utilizado para a aula no campo, o professor perguntou aos alunos se não havia tempo viável para a realização de todas as atividades sugeridas pelos outros alunos, que eram diferentes da que predominou durante toda a aula (futebol nos moldes do senso comum: perde, sai). A maior parte dos alunos disseram que não, apenas um dos alunos (mais habilidoso) disse que sim, o mesmo que anteriormente disse não para as duas perguntas iniciais e que demonstrou espírito de coletividade na atividade no campo.



Depois, pensando um pouco mais, os alunos acabaram cedendo a essa consideração e mudaram de opinião. O professor, então, perguntou por que não fizeram as outras atividades e os alunos responderam que era chato. O professor perguntou se essa atitude não era individualista e antidemocrática e os alunos, em um primeiro momento, disseram que não. Depois, começaram a tentar explicar, dar motivos aos porquês de tal conduta antidemocrática.

Um dos alunos mais habilidosos disse que a opção foi pelo jogo mais divertido (talvez por ele ficar praticamente todo o tempo com a bola), ou seja, o futebol “perde, sai”. Esse aluno colocou que a melhor opção de divertimento era a dele e não a do outro. Ao ser perguntado se esta não era uma atitude individualista, ou seja, achar que o que é bom para ele seria bom para todos os outros, o aluno não respondeu. Com tais reflexões, o professor encerrou a aula agradecendo a participação de todos durante toda a unidade didática aplicada.

A aplicação da unidade didática ocorreu durante aproximadamente quatro semanas, constando de dez aulas que totalizaram vinte tempos de aula. O início da unidade didática ocorreu no dia 14 do mês de novembro e o encerramento, no dia 12 do mês de dezembro. Cabe ressaltar que a realização da unidade didática em quatro semanas foi possível pelo fato de ter sido um período de reposição de greve ocorrida no município de Duque de Caxias no ano de 2017.

#### **5.4 Mediações da análise das aulas com o debate entre pensamento unidimensional e pensamento dialético.**

##### **5.4.1 Realidade Contraditória e Ensino do Esporte**

Em uma sociedade dividida em classes, a realidade é fragmentada. Nessa sociedade, existem duas formas de pensamento: o unidimensional-positivo e o dialético-negativo. O primeiro intenta para a diminuição das tensões existentes entre classes através da docilização dos sentidos da maior parte da população visando, com isso, ao apagamento do tipo de pensamento que pode contestar a realidade fragmentada cujos interesses estão relacionados à ordem do capital. O segundo intenta para a percepção da realidade em sua totalidade, considerando os aspectos aparentes da realidade unidimensional para a sua deflagração a partir de uma forma de pensar mais complexa, pois inclui a reflexão sobre as contradições do sistema social vigente.

Para Marcuse (1964), apenas a deflagração da realidade em sua essência, na totalidade da sua manifestação, torna possível aos indivíduos terem noção da sua condição de dominado. É possível que, a partir da conscientização sobre essa condição de dominação, o indivíduo, tomado por certa indignação frente a essa realidade, tenha condições de lutar pela sua libertação.

Nesse sentido, é necessário que haja um rompimento na forma unidimensional de como se percebe a realidade, pois considera-se que a realidade se materializa através da forma como o homem a percebe ou é influenciado a perceber. Essa forma percebida de mundo torna-se a materialização da realidade aos olhos dos homens, seja essa materialização verdadeira ou falsa. A realidade, na essência ou na aparência, possui valores que influenciam o homem em suas atitudes e condutas, assim como pode dar os rumos de distintos elementos da vida humana que emanam das relações sociais imersas nesses valores do ambiente social, como ocorre com a economia, a cultura, a educação, o esporte etc.

Esses elementos da vida humana tendem a assumir a racionalidade do modo de produção predominante em determinada sociedade. Na sociedade capitalista, percebe-se a proliferação da racionalidade de mercado, que tende a transformar tudo em mercadoria. Essa racionalidade tomou grandes proporções e sua adesão pela maior parte das pessoas inseridas nesse sistema se deu pela capacidade de produção de mercadorias em abundância através do aparato técnico capitalista (MARCUSE, 1964).

Dessa forma, a racionalidade da classe dominante impera sobre a sociedade, legitimando a sua ideologia (mercado) por meio de formas de controle ideológico demonstradas através da alta capacidade produtiva do aparato técnico. Logo, para a classe dominante, não interessa que a realidade seja vista em sua totalidade. Isso significaria possivelmente perda de privilégios. Para ela, interessa a fragmentação da realidade para a perpetuação do *status quo*. Assim, proliferam-se valores condizentes com a adaptação das pessoas aos moldes da sociedade capitalista vigente, enquanto obscurece os fatos contraditórios presentes no contexto social. Dessa realidade fragmentada presente nas consciências dos homens é que se dá a aceitação do que está posto como projeto societário, pois não há subsídios distintos que auxiliem a pensar em outra lógica que não seja a dominante.

A possibilidade de aquisição da real liberdade (e não o discurso de liberdade da sociedade capitalista), livre das amarras das falsas necessidades, deve ter como

utopia a formação do homem que saiba pensar a realidade em sua totalidade, assumindo eticamente o compromisso libertador de todos os homens sem distinção de classes, cor, aparência etc. Para esse propósito, a realidade deve ser percebida em sua totalidade, tanto em relação às aparências que a compõem quanto à essência. O falso e o verdadeiro devem ser postos lado a lado para análise e percepção da realidade em sua forma concreta.

Com vistas a cumprir com tais propósitos, realizou-se um processo pedagógico por meio de uma unidade didática que carregou a noção contraditória de realidade da qual estamos tratando. Partiu-se da ideia dos contrastes presente na realidade que se apresenta obscurecida pela racionalidade conservadora presente na sociedade. Essa racionalidade proliferou-se e impregnou as consciências, homogeneizando interesses que, em sua essência, são distintos. Como consequência disso, temos a consolidação do pensamento unidimensional-positivo.

Como tentativa de rompimento do pensamento unidimensional-positivo, fundamentou-se a unidade didática com conteúdo crítico baseado no pensamento dialético-negativo, que vem de encontro com a forma de pensamento conservador e alienador.

Os conhecimentos organizados e tratados em aula a partir da Matriz Didática Crítica tentaram respeitar essa lógica do contraditório. Assim, foram apresentados como conteúdo, subconteúdo e temática, respectivamente, o esporte, o futebol e os “Valores do Esporte”, e os conceitos norteadores foram racionalidade técnica e alienação.

Os conhecimentos e atividades que giraram em torno da temática “Valores do Esporte” sofreram essa influência da ideia do contraditório. Tentou-se, então, ir do senso comum (predominantemente fundamentado pelo pensamento unidimensional) em relação ao esporte em direção às formas mais elaboradas de perceber o esporte, chegando às questões da sociedade.

Esse trajeto foi construído através dos diferentes meios utilizados em aulas sequenciais que serviram para atender a progressão pedagógica que compreendemos ser a mais adequada para cumprir com o objetivo ambicionado no processo de formação discente.

Na primeira aula, tratamos das questões do esporte relacionadas aos valores conservadores chamados de desumanos, já que, por meio desses valores, o esporte tende a perpetuar a lógica de dominação sobre os alunos. A ideia foi de deflagrar,

logo no início da unidade didática, os valores desumanos mais latentes no esporte de alto rendimento, segundo importantes autores da educação física brasileira (COLETIVO DE AUTORES, 1992; KUNZ, 2006; MARINHO, 2010).

O texto que serviu como base para a aula, “Os Valores do Esporte de Alto Rendimento”, partiu no início do cotidiano de futebol jogado por muitos meninos e meninas brasileiros. Futebol jogado em condições informais e em locais como a rua e o campinho, em condições materiais como a de pés descalços, com um pé calçado e outro descalçado, com objetos adaptados, bolas de diferentes tipos e pesos etc.

Desse modo, tentou-se partir da realidade vivida dos alunos, trazendo ao aluno o futebol como se manifesta na realidade deles, para depois adentrar nos valores desumanos do esporte de alto rendimento, explicando-os e trazendo-os à luz, fazendo tais valores serem conhecidos pelos alunos e contextualizando-os de acordo com a maneira como se materializam no mundo do esporte.

A segunda aula foi realizada no campo atrás da escola, onde, enfim, o futebol seria jogado. Nessa aula, foram apresentados de forma introdutória os valores humanos que estariam em contraposição aos valores desumanos estudados na aula anterior. Com fins à implementação introdutória de estratégias contrárias à realidade unidimensional esportiva, o professor atentou-se para questões que favorecessem a ampliação da participação de todos os alunos, não apenas no momento do jogo, mas também nos momentos de fala, de reflexões etc. Desse modo, a participação foi o critério que fundamentou as aulas realizadas no campo com o futebol como mecanismo inclusivo dos alunos. Ao longo da unidade didática, com o desenrolar das aulas e com o aprofundamento dos conhecimentos em relação aos valores desumanos do esporte, a participação (que, em alguns momentos, foi sinônimo de inclusão) se tornou um elemento importante, cujas reflexões sobre os valores desumanos (excludentes) e humanos do esporte (inclusivos) passaram a orbitar em torno dela.

A aula foi caracterizada por muitos conflitos, o que era esperado, e nela foi possível identificar a manifestação dos valores desumanos tratados na primeira aula. Os acontecimentos, condutas e comportamentos ocorridos em aula que refletiram os valores desumanos foram discutidos posteriormente. As reflexões ocorridas em torno dos valores desumanos favoreceram a introdução, pelo professor, dos valores

humanos aos alunos, como possibilidade de pensar o esporte de forma distinta da predominante nas consciências dos alunos e como ocorrido na aula.

A terceira aula foi marcada predominantemente pelas discussões em torno do contraste entre os valores desumanos e os valores humanos de forma mais explícita. O texto “O Esporte como Bem Cultural da Humanidade” apresentado na aula manifestou o esporte enquanto elemento da cultura humana e, por isso, nas pretensões de desenvolvimento humano, podendo assumir valores condizentes com a promoção do homem.

O texto inaugurou a apresentação aos discentes da lógica contraditória presente no esporte de forma mais direta. Valores desumanos e humanos foram colocados lado a lado. Esses valores foram também apresentados relacionando-os com a sociedade através de questionamentos direcionados aos alunos sobre quais deles predominavam na sociedade atual e quais deveriam ser almejados para uma sociedade mais justa.

Os alunos souberam fazer uma leitura dos valores que mais predominam na sociedade (valores desumanos) e aqueles que poderiam ser melhores para as relações sociais entre os homens (valores humanos). Essas reflexões tinham como objetivo a extrapolação do âmbito do esporte para a sociedade, respeitando o processo de progressão pedagógica com vistas a contribuir para o processo de ascensão do pensamento do aluno na ótica dialética de concepção da realidade.

Na quarta aula, retornou-se ao campo de futebol dando continuidade à unidade didática, mais precisamente, do elemento instrumental proposto: passe: introdução às estratégias e táticas ofensivas e defensivas. Nessa aula, observou-se uma maior tensão entre o pensamento unidimensional e as estratégias de ampliação da participação dos alunos com vistas ao estabelecimento de ações contrárias à unidimensionalidade dos valores do esporte. Visivelmente ocorreram impaciências por parte dos alunos com a implementação de estratégias que favoreceram os menos habilidosos.

Os mais habilidosos ficaram incomodados com o contexto da aula. As estratégias utilizadas reduziram a supremacia dos alunos mais habilidosos e proporcionaram maior participação dos menos habilidosos. Houve, portanto, um choque no modo como os alunos mais habilidosos procediam em relação à prática do futebol que eles estavam acostumados a ter no dia-a-dia e que foi trazido também para dentro da aula.

O senso comum é carregado pelo pensamento unidimensional de concepção do esporte. Essa unidimensionalidade pareceu ter sido incomodada, gerando alguns conflitos e questionamentos em relação às estratégias utilizadas. Essas estratégias vinham ao encontro do que os alunos haviam dito em sala em confirmação aos valores humanos como desejáveis para as relações sociais. Na prática, a implementação desses valores gerou tensões no senso comum unidimensional presente nas consciências dos alunos, como manifestado pelos alunos mais habilidosos.

Na quinta aula, pareceu ocorrer uma diminuição das tensões anteriormente observadas em relação às estratégias encaminhadas pelo professor. Os alunos pareceram absorver melhor a forma como a aula vinha sendo encaminhada a partir de tentativas mais humanas, tanto na gestão da aula quanto na vivência do futebol. Apesar de certa estabilização dos conflitos, a presença dos valores desumanos na aula ainda persistiu.

Fato interessante ocorreu em uma das atividades onde os alunos deveriam se organizar estrategicamente em setores, utilizando a mesma ideia de distribuição de jogadores como acontece nos esquemas do futebol. Nessa atividade, os alunos, separados por equipes, tiveram autonomia na separação de quantos e quais alunos ocupariam os setores de defesa, meio-campo e ataque. A separação por setores acabou acontecendo por níveis de habilidades. Os alunos menos habilidosos tenderam a se posicionar mais na defesa e uns poucos no meio-campo, enquanto os mais habilidosos no meio-campo e, principalmente, no ataque.

Isso gerou uma diminuição nos conflitos anteriormente existentes pela divergência de interesses, a qual foi observada a partir do nível de habilidades. Os mais habilidosos tinham como principal conduta a concentração quase que exclusiva das ações do jogo, tais como: posse de bola muito maior do que os menos habilidosos, cobranças de falta e escanteios concentrados neles, recepção da bola de passes oriundos dos menos habilidosos, que eram quase obrigados a repassar a bola rapidamente. Resumidamente, essas foram as condutas dos alunos mais habilidosos cujos interesses concentraram-se na vivência do futebol ligada a maior quantidade de tempo possível com a posse da bola.

Os menos habilidosos estavam mais interessados em participar, já que muitos tinham consciência do baixo nível de habilidade que possuíam, por isso foram

implementadas regras como estratégias pedagógicas para viabilizar a maior participação desses alunos.

Nesse caso, houve uma maior concentração de interesses similares na prática do futebol setorizado. Isso resultou em uma diminuição dos conflitos durante essa atividade. Mesmo assim, aspectos dos valores unidimensionais foram constatados, principalmente, o individualismo e a questão da segregação por capacidade de rendimento.

A sexta aula teve como texto norteador “Corpo: entre o Funcional e o Contraditório”. Através dele, tentou-se aprofundar os conhecimentos entre o homem e a sociedade de classes a partir do corpo. O texto apresentou, inicialmente, o corpo a partir de como ele é percebido no senso comum, através de suas partes e do ponto de vista funcional, o que reflete similaridades entre os corpos. O texto tratou também de como o corpo pode se mostrar diferente em uma sociedade de classes, sendo similar entre os homens do ponto de vista funcional e distinto do ponto de vista social.

Não houve intenção de acentuar a visão fragmentada de corpo quando tratado em duas vias: funcional e social, mas sim, de ampliar a visão de corpo partindo do senso comum unidimensional, que trata o corpo como algo desprovido de valor e significados sociais, e indo em direção ao aprofundamento das questões de corpo em uma sociedade dividida em classes.

Os conhecimentos das questões de corpo tratadas no texto ainda seguiram a deflagração do tipo de sociedade que faz separação entre os homens. Buscou-se tratar na aula uma visão total do corpo que carrega traços que retratam a sociedade e suas desigualdades.

O maior desafio a ser trabalhado nessa aula foi a questão e a compreensão das classes sociais por parte dos alunos que, no primeiro momento, tiveram dificuldades para compreender em qual classe estavam situados. Posteriormente, com a explicação do professor, essa compreensão se deu de forma mais clara.

A compreensão do que seria classe dominante ainda ficou limitada à ideia de pessoas ricas ou com uma situação financeira mais confortável, o que não reflete a verdade. Para retratar a confusão que o termo gerou, um dos alunos chegou a dizer que a tia dele era da classe dominante pelo simples fato de possuir uma condição material de vida satisfatória.

A sétima aula teve como objetivo inicial a confecção de cartazes através de imagens, fotos e gravuras trazidas pelos alunos que retratassem contradições entre esporte de alto rendimento X esporte de rua e classe dominante X classe trabalhadora. Posteriormente, o objetivo era realizar reflexões sobre as temáticas a partir dos cartazes elaborados, o que não foi possível. O tempo de pesquisa sobre os músculos e ossos tomou muito tempo e as reflexões ficaram para a aula seguinte.

Na oitava aula, portanto, foram realizadas as devidas reflexões sobre os cartazes. Esses cartazes tinham como intenção expor lado a lado as contradições entre as classes sociais e as formas distintas de manifestação do esporte, como ocorre com o futebol.

Os cartazes relacionados ao futebol de alto rendimento e ao futebol de rua foram os que receberam maiores contribuições dos alunos. Os comentários direcionados tiveram alto teor unidimensional de pensar a realidade. A percepção sobre o esporte tomada pelos discentes estava relacionada ao conservadorismo presente na sociedade demarcada, principalmente, por uma realidade de esporte que transmite aparências e está embasada por valores desumanos que, ao mesmo tempo que reflete as desigualdades, gera um desejo de ser ou de ter o que os atletas profissionais de futebol têm sem qualquer avaliação ética em relação a isso.

Sobre as classes dominante e trabalhadora, os alunos foram mais econômicos em suas falas. Aqui, também predominou o pensamento unidimensional, já que a classe que não produz riqueza foi considerada rica e importante, enquanto a outra classe foi considerada pobre.

O pensamento unidimensional tendeu, nas situações de aula, a tornar o aparente como verdadeiro. A sociedade capitalista fomenta a unidimensionalidade modificando a percepção que se tem da realidade para os interesses que convêm a ela. Mais do que docilizar a consciência para a aceitação das sociabilidades de perpetuação da dominação, a unidimensionalização avança na consciência fazendo com que o homem, vítima desse projeto alienador, queira o mesmo que ele vê nas mãos da classe dominante sem ter ideia de que, para acumular riquezas e apartar a labuta de suas vidas, a classe dominante precisa, necessariamente, realizar o contrário com a maior parte da população.

A realidade mostrada em sua essência, ou seja, baseada pela ideia das contradições, poderia dar conta de alertar o homem da sua condição de explorado e,



portanto, negar a adesão de formas de pensar a realidade em convergência com o sistema social que o domina para, a partir daí, ter claras as possibilidades reais de libertação.

A nona aula culminou na exposição dos cartazes e na leitura do último texto previsto na unidade didática. Primeiramente, os cartazes foram expostos lado a lado na escola (esporte de alto rendimento X futebol de rua e classe dominante X classe trabalhadora). Após, o conteúdo do texto teve como principal intenção realizar uma síntese geral dos conhecimentos abordados anteriormente. Foram destacadas as semelhanças existentes entre as desigualdades geradas pelo modo de produção capitalista e os valores tidos como desumanos e que são propagados pelo esporte de alto rendimento.

Desse modo, tentou-se encaminhar a ideia de como os valores do esporte cabem no desenvolvimento de uma sociedade desigual através da divisão de classes e da manutenção de privilégios da classe dominante. Acrescentando que esses valores acabam por unidimensionalizar as consciências das pessoas, não permitindo que enxerguem possibilidades distintas, restando a elas unicamente tentativas de inserção nessa sociedade nos moldes com que ela se apresenta.

O aprofundamento da realidade contraditória entre esporte e sociedade, tendo como centralidade o homem e as relações sociais que assombram toda a população trabalhadora, se deu através da exposição da realidade na revelação das aparências que a compõem.

Seria muita pretensão dizer que o texto de apenas uma página pudesse resolver o problema da alienação das consciências e que pudesse romper com o pensamento unidimensional, mas pode-se considerar que o texto como um momento de síntese dos conhecimentos trabalhados suscitou reflexões interessantes, visto que alguns alunos trouxeram depoimentos da vida diária, das situações pelas quais eles e as famílias deles passam por causa das injustiças e das desigualdades da sociedade.

Dentre as situações trazidas pelos alunos em suas falas, destaca-se a frustração demonstrada pela não condição de frequentarem lugares como teatros, museus, cinemas, etc. Possivelmente, os alunos apenas têm uma ideia bem vaga sobre o que são e/ou o que acontece nesses lugares.

Destaca-se também o depoimento de uma aluna relatando a diminuição salarial de seu pai, trabalhador, quase pela metade, sendo esse trabalhador um

chefe de família que tem a incumbência de levar o sustento para dentro de casa. Tal depoimento mostrou o quão latente é o sentimento de impotência diante de uma realidade como essa.

A questão dos custos da passagem de ônibus como inviabilização do direito de ir e vir desses alunos e das famílias deles também foi lembrado como um fator de dificuldade de contato com parentes distantes e também de ida a lugares culturais, como os citados acima. Os alunos pesquisados vivem em uma região rural distante do centro urbano, onde existe maior concentração de locais culturais da população, e sem condições de transporte, perpetua-se a exclusão cultural, colocando-os ainda mais à margem.

Com tais depoimentos dos alunos sobre as dificuldades do cotidiano que cada um enfrenta, considera-se que houve um processo reflexivo de autoavaliação da realidade onde eles estão inseridos. Os conhecimentos trabalhados e a síntese realizada no último texto podem ter contribuído para a externalização de certas indignações em relação às desigualdades percebidas por eles em suas vidas cotidianas. É possível que tenha ocorrido certa percepção das contradições da realidade.

É possível considerar tais depoimentos como uma abertura para o pensamento dialético, ainda que o avanço feito pelos alunos de pensar a realidade ainda é insuficiente para a completa libertação das amarras do pensamento unidimensional.

Na décima aula, foi dada autonomia quase que total para que os alunos tomassem a direção da aula, decidindo, dialogando, vivenciando e efetuando diferentes ações de gestão da aula. Com isso, visou-se identificar, por meio de observação, até que ponto, ao final da unidade didática, o pensamento unidimensional poderia ter cedido espaço para manifestações do pensamento dialético. Essa verificação tentou perceber possíveis aberturas para os valores humanos em relação aos desumanos predominantes sem a interferência do professor.

Durante a aula, na vivência da atividade selecionada pelos alunos, houve a presença dos valores desumanos em alguns alunos mais do que em outros. Esses valores tenderam a ser mais visíveis nos alunos mais habilidosos do que nos menos habilidosos, mas o que chamou a atenção foi como os processos baseados no senso comum unidimensional e nos valores desumanos do esporte de alto

rendimento tenderam a acontecer durante a aula, sendo considerados naturais em muitos casos. Observou-se que houve um retorno às condutas do senso comum relacionado às práticas esportivas cotidianas dos alunos.

Mesmo tendo havido um processo de ensino-aprendizagem visando à não aceitação e adesão de condutas e comportamentos relacionados aos valores desumanos do esporte, eles aconteceram e houve um negligenciamento quase que completo dos valores humanos com base no princípio de participação ensinado anteriormente. Isso pode significar a dificuldade e a resistência de rompimento com formas do pensamento unidimensional que já vinham cristalizadas nas consciências dos alunos. Os aspectos axiológicos que embasam o pensamento unidimensional, misturados à atmosfera social, parecem exercer um processo formativo das consciências que se mostra difícil de modificar.

Apesar de os avanços terem sido menores do que as recorrências no modo de pensar unidimensional dos alunos foram possíveis pequenos indicativos relativos à aproximação da consciência discente ao pensamento dialético-negativo, como observado em diferentes momentos no conjunto de aulas ministradas. O quantitativo de dez aulas (vinte tempos) foi considerado ainda bastante insuficiente para a sobreposição do pensamento unidimensional pelo dialético, mas a unidade didática trouxe elementos importantes a serem pensados como forma de ensinar esportes a partir de uma perspectiva efetivamente crítica de formação de consciências livres, mesmo que as condições sociais de dominação e repressão da liberdade ainda permaneçam presentes.

Um exemplo interessante ocorrido na última aula foi de um dos alunos mais habilidosos da turma em relação à sua conduta na vivência do futebol, quando demonstrou certa preocupação com a integridade física dos goleiros, alterando sua postura para atender a necessidade de participação de outro aluno sem machucá-lo. Além disso, ao final da aula, no momento de discussão, esse aluno apresentou uma posição clara e firme sobre a aula organizada pelos alunos, atribuindo a ela ausência dos valores humanos e relatando que outras atividades poderiam ter sido incluídas durante a aula, já que havia tempo viável para isso, o que contemplaria atividades sugeridas por outros colegas de turma.

Foi possível identificar que esse aluno pode ter adquirido certa conscientização em relação aos conhecimentos ensinados. Isso pode ter gerado

alteração de conduta, como observado em seu comportamento no campo e em suas falas posteriores.

A atitude dos demais alunos, que disseram que a aula continha valores humanos, demonstrou incoerências em suas justificativas. As incoerências dos discursos desses alunos com a prática não se demonstraram verídicas e eles conseguiram perceber isso após discussão sobre o assunto, mesmo que com certa relutância. A percepção de que os valores humanos não foram atingidos na aula teve enorme resistência pela maior parte dos alunos, o que reflete, igualmente, certa resistência à alteração do pensamento unidimensional.

O ensino do esporte a partir das suas contradições favoreceu reflexões que possibilitaram aos alunos estudarem o esporte para além da perspectiva pragmática e tecnicista que impera normalmente nas aulas de educação física escolar. A ideia de perceber o esporte a partir de outra racionalidade (dialética) suscitou reflexões por parte dos alunos, além de confrontá-los acerca dos próprios comportamentos e condutas, visto que o processo de conscientização ocorreu antes do processo de concretização dessa conscientização na vivência esportiva.

Ao que parece, um projeto educacional de formação do homem tendo em vista a libertação do pensamento unidimensional possui duas incursões que se complementam. A primeira incursão está ligada ao processo de conscientização da condição de dominado, imprescindível para gerar o desejo de transformação da realidade. A segunda incursão está na absorção dessa conscientização de forma a materializar-se concretamente na consciência, gerando modificação comportamental baseada em valores mais humanos advindos de um pensamento dialético qualitativamente superior.

Desse modo, o trabalho realizado revelou alguns avanços e clarificação de pontos a serem refletidos para a condução de processos de formação humana fomentados por vias críticas que podem se estabelecer através do pensamento dialético-negativo em contraposição à racionalidade unidimensional-positiva, que impera sobre o esporte e é advinda, principalmente, das sociabilidades da sociedade hegemônica contemporânea.

A seguir, será tratada, especificamente, a questão da racionalidade técnica e do esporte tendo como eixo as aulas realizadas no campo e os movimentos realizados nessas aulas.

#### **5.4.2 Racionalidade Técnica e Esporte.**

Neste tópico, serão tratadas, de forma mais específica, as aulas realizadas no campo, dando ênfase especial ao elemento instrumental planejado por meio da Matriz Crítica para a realização da unidade didática sobre o futebol. Dessa forma, será evidenciado o fundamento técnico “passe” e os aspectos estratégicos e táticos ofensivos e defensivos no que tange à questão da racionalidade presente na técnica.

A técnica é uma problemática inerente ao ensino dos esportes na área da educação física escolar, sendo um tema que mobiliza muitas discussões. Desse modo, pretendemos relacionar os movimentos, os procedimentos técnicos do futebol e a racionalidade que interfere na técnica e atua sobre o contexto onde ocorre a prática do futebol como observado durante as aulas.

Ao longo das vivências realizadas, os alunos foram encorajados a participarem de todas as atividades buscando não se preocuparem com os erros. O professor teve como preocupação colocar para os alunos a ideia de que eles estavam em uma aula e, por isso, o erro e o acerto faziam parte do processo de ensino-aprendizagem ali proposto. Buscou-se, com isso, deixar os alunos à vontade na aula, já que o baixo nível de habilidade, para alguns alunos, poderia ser motivo de constrangimento, o que levaria a um possível distanciamento das vivências que seriam realizadas.

Sobre a conduta emocional dos alunos durante as aulas, percebeu-se que os alunos mais habilidosos tenderam a ser mais confiantes do que os menos habilidosos, pois não tinham como preocupação o medo de errar nas diversas tentativas de jogadas ocorridas. Eles usufruíam mais da prática esportiva e das propostas de movimento apresentadas pelo professor. Já os alunos menos habilidosos aparentavam ter maiores dificuldades para lidar com os erros e, em muitos casos, não tentavam certas jogadas com medo de errar e ouvir reclamações. Assim, eles acabavam ficando mais inibidos para jogar.

O aprendizado de fundamentos técnicos e a progressão desses aprendizados são aspectos importantes no ensino dos esportes, mas deve-se considerar que os valores presentes no contexto onde o esporte acontece são aspectos igualmente relevantes.

Os valores que permearam a aula, em muitos casos, refletiram a exclusão dos menos habilidosos em relação aos mais habilidosos. Apesar de haver incentivos por parte do professor em relação à criação de regras que pudessem viabilizar a participação de todos (como, por exemplo, a que a bola deveria passar nos pés de todos os companheiros de equipe antes que fosse marcado o gol), houve continuidade da maior participação e controle das ações de jogo pelos mais habilidosos, que acabaram tendo, por isso, maiores oportunidades de vivência dos movimentos do futebol aplicados em aula do que os demais alunos.

As diferenças de participação nas aulas, no que diz respeito às possibilidades de vivência dos movimentos, ocorreram muito porque os alunos mais habilidosos ficavam mais tempo com a bola do que os demais e não confiavam passar a bola para um de seus companheiros de equipe que não estivesse no mesmo nível de habilidade que ele. Por causa disso, a bola era passada pouquíssimas vezes para os menos habilidosos e, quando passavam, os mais habilidosos solicitavam a devolução da bola quase que imediatamente. Com a inclusão de regras com vistas a favorecer a maior socialização da bola, esse quadro melhorou, mas não se alterou.

Isso quer dizer que, durante as aulas, ocorreram momentos de tensão acerca dos interesses dos envolvidos na aula, os quais foram gerados pelos alunos mais habilidosos, que visavam à manutenção da posse de bola e controle das ações de jogo, e pelos menos habilidosos, que desejavam maior participação e contato com a bola. A diferença existente entre os interesses foi condição para a separação entre esses dois grupos (mais e menos habilidosos) em algumas atividades, como o futebol setorizado, por exemplo. Essa condição contraditória entre os interesses dos alunos não inviabilizou os momentos lúdicos.

O princípio da participação considerado nas vivências das aulas foi utilizado para ampliar a socialização da cultura corporal e aumentar as oportunidades de movimento aos alunos. A ideia foi reduzir a concentração das ações de jogo nos alunos mais habilidosos e favorecer maior envolvimento dos alunos menos habilidosos no usufruto do futebol.

O princípio de participação adotado veio de encontro aos valores desumanos do esporte de alto rendimento (alta competição, sobrepujança, meritocracia, rendimento máximo e individualismo), fruto do pensamento unidimensional que emana da sociedade. É bem possível que o princípio da participação tenha contribuído para a alta participação dos alunos nas vivências realizadas.

A participação foi considerada, na unidade didática, como estratégia que pudesse contribuir com a alteração do tipo de racionalidade unidimensional presente no esporte para atender aos interesses de formação crítica e ampliação do usufruto do futebol pelos alunos. Pode ter representado um ponto de mediação entre o conservadorismo presente no esporte e possibilidades mais democráticas de relacionamento nesse elemento da cultura corporal, atuando principalmente em relação à conscientização do esporte enquanto fenômeno vinculado à cultura humana e, portanto, direito de todos.

Isso não anulou a presença do pensamento unidimensional referente ao esporte, mas possibilitou o encaminhamento de reflexões potencialmente mais críticas, contribuindo com todo o processo de formação humana desenvolvido por intermédio da unidade didática. O olhar contraditório advindo do pensamento dialético-negativo foi o motor propulsor das discussões realizadas e da condução do trabalho pedagógico como um todo.

Assim, é possível que tenham ocorrido modificações comportamentais referenciadas pelos valores humanos trabalhados em aula (baixa competição, cooperação, democracia, rendimento ótimo e coletividade), como observado em um dos alunos na última aula.

Nesse caso, a técnica referente aos movimentos presentes na aula não se modificou, pois, ao longo das vivências, o professor ensinou procedimentos técnicos para aquisição de habilidades que pudessem favorecer o êxito no ato de jogar futebol, atendendo ao rendimento ótimo de cada aluno. Os procedimentos técnicos basearam-se, inclusive, nos conhecimentos ligados ao futebol de alto rendimento, mas sem empregar níveis além das capacidades dos alunos (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Considerou-se que “jogar futebol” envolve diferentes aspectos técnicos. Para retratar essa questão, serão apresentados dois exemplos que ilustram a presença de diferentes técnicas em um determinado fenômeno, como a dança e o trabalho de um operário.

No primeiro exemplo, um dançarino utiliza diferentes procedimentos técnicos para transmitir, através do seu corpo, sentimentos e sensações que se dão através de movimentações corporais que interagem em certo ambiente e com certos objetos (ou não). Destaca-se que as técnicas da dança sendo realizadas em determinado contexto podem assumir características diferentes que resultarão em novas técnicas

que serão desenvolvidas para dar conta da interação do corpo com o ambiente. A inclusão de objetos no ato de dançar exigirá do dançarino novas formas técnicas de utilização do corpo que dança em um determinado espaço. De posse de objetos, o dançarino deverá realizar novos ajustamentos que atendam às novas demandas do contexto onde ocorre a dança.

No segundo exemplo, um operário também utiliza seu corpo através de certos movimentos que se ajustam ao tipo de ferramenta utilizada e ao tipo de trabalho realizado por ele, que ocorre em locais com certas condições específicas, com objetivos igualmente específicos. Por exemplo, cimentar uma casa é diferente de cimentar um prédio de vinte andares do lado de fora dele. O ato de cimentar não é o mesmo, pois exigirá do operário maior cuidado com o ambiente onde se dá o ato de cimentar. Ele deverá, portanto, assumir novas técnicas para trabalhar em condições mais perigosas, inclusive, adotando artefatos técnicos e equipamentos que sirvam para aumentar a sua segurança.

O que se deseja demonstrar com esses exemplos é que a técnica é influenciada pelo contexto onde se insere e pelas variáveis desse contexto, ou seja, é possível que, no contexto onde se realiza determinado fenômeno (o trabalho, a dança ou o esporte), ocorram um conjunto de técnicas para dar conta da variabilidade do contexto onde o fenômeno acontece.

No caso do futebol, foram identificados alguns indícios dessa multiplicidade de técnicas no ato de jogar futebol. Primeiramente, uma técnica utilizada para a realização de um determinado movimento nem sempre servirá para outro tipo de movimento. Por isso, podem existir diferenças de aproveitamento em diferentes fundamentos técnicos. Assim, é possível haver um jogador que passe a bola muito bem e chute muito mal.

Em segundo lugar, existem técnicas mais inerentes ao indivíduo e aquelas mais inerentes ao ambiente e ao espaço onde se dá o fenômeno. Por exemplo, passe, chute e recepção são técnicas ofensivas referentes ao controle da bola por determinada equipe com fins à conversão de uma jogada em gol. A marcação e o desarme, por exemplo, são técnicas defensivas referentes ao ajustamento individual do corpo para interromper a progressão ofensiva do adversário. Há, ainda, a técnica relacionada ao posicionamento e ocupação de espaços que envolvem procedimentos táticos e estratégicos e ligam-se ao ambiente onde se dá o fenômeno



por meio do ajustamento do corpo em relação à determinada coletividade que se movimenta em um espaço específico.

Essas manifestações técnicas foram consideradas e contempladas durante a unidade didática. Obviamente, o tempo para a consolidação e desenvolvimento das técnicas ligadas ao futebol não foi suficiente, aliás, bem abaixo do minimamente necessário para essa tarefa.

As técnicas trabalhadas em aula foram pautadas no futebol moderno. Não houve, portanto, alterações em relação aos procedimentos técnicos ligados aos fundamentos do futebol por estarem relacionados ao alto rendimento. A técnica dos movimentos esportivos do futebol não refletiu a exclusão dos alunos no ato de jogar. (não pareceu durante a unidade didática que o trabalho com os conhecimentos técnicos do futebol moderno tenha resultado em exclusão dos alunos).

A desconsideração do ensino dos fundamentos técnicos do futebol pode ser um erro, já que, ao negligenciar tais conhecimentos ao aluno, pode haver um processo de exclusão por ele não conseguir se inserir de forma adequada no esporte, isto é, o aluno pode não ter condições técnicas mínimas para o usufruto do esporte que atenda ao rendimento ótimo. A negação da técnica dos esportes nas aulas de educação física pode resultar em aulas baseadas num recreacionismo.

Com isso, foram consideradas diferentes técnicas do futebol durante a aplicação da unidade didática sem a preocupação de cair em contradição em relação ao trabalho pedagógico, isto é, trabalhando com uma perspectiva dialética e, ao mesmo tempo, ensinando o conservadorismo presente na técnica dos esportes.

A técnica é um meio utilizado para se alcançar um fim e, para diferentes fins, existem diferentes técnicas que se materializam nos esportes (BRACHT, 2009) através de movimentos elaborados e complexos na relação do corpo com o espaço e do corpo com objetos. O conservadorismo presente na técnica se dá em relação ao tipo de racionalidade que prevalece sobre o esporte onde a técnica se manifesta.

Nesse sentido, o que especificamente trabalhou-se nas aulas foi a deflagração da racionalidade conservadora que impera sobre a técnica percebida em diferentes contextos sociais e áreas do conhecimento humano, como foi apontado no início do presente trabalho como forma de problematização sobre a questão do tipo de racionalidade unidimensional-positiva vigente e que tendeu a ser disseminada pela sociedade, alcançando, inclusive, o esporte. Apontamos ainda a presença da racionalidade conservadora a partir de formas de concepção da

realidade que, individualmente, revelam-se na forma de pensamento unidimensional, como bem afirma Marcuse (1964).

O pensamento unidimensional esteve presente nas consciências dos alunos do 2º segmento do ensino fundamental que participaram do questionário realizado na etapa 1. Dessa forma, trabalhou-se não na alteração da técnica, já que ela parece ser um fundamento inerente ao homem em relação aos diferentes modos como ele lida com o mundo e com a cultura ao seu redor de modo geral, mas buscou-se realizar uma alteração do tipo de racionalidade que se vincula diretamente com o tipo de modo de produção vigente. Essa racionalidade conservadora impõe valores desumanos sobre a técnica. Nesse caso, seria possível ter a mesma técnica servindo a valores humanos de promoção do homem e de formação crítica para a destruição das amarras do pensamento unidimensional que escraviza um contingente amplo de pessoas da classe trabalhadora aos ditames da ordem do capital.

A técnica, dotada de outra racionalidade, poderia servir, então, para a libertação dos aspectos que aprisionam o homem, liberando-o para a verdadeira existência em relação a uma maior igualdade material entre os homens. Para isso, faz-se necessário o rompimento ideológico de dominação das consciências humanas, cujo ordenamento que impera é o do individualismo que coloca os homens como adversários disputando um lugar na sociedade, considerando ainda, que a maior parte desses homens já inicia sua existência condenados a uma vida miserável e suscetível a sofrer os males de uma sociedade racionalizada para atender aos interesses particulares de acumulação da classe dominante (MARCUSE, 1964).

Podemos inferir que as desigualdades existentes entre os homens, de diferentes aspectos, têm relação direta com o tipo de racionalidade que gere a sociedade. A classe que gere, organiza e controla a sociedade é a dominante e, como bem afirma Marx (2014), “as ideias dominantes de uma época sempre foram apenas as ideias da classe dominante” (p. 64).

Controlar e se apropriar das riquezas geradas na sociedade é um fator preponderante dessa dominação, mas a dominação só é possível através do convencimento de que a gestão vigente atende a todos e isso só é possível a partir de manipulação ideológica para mascarar a realidade e as contradições que existem

nela. Transvestido dessa roupagem unidimensional é que o esporte moderno pode contribuir com a alienação da população.

O papel da educação física escolar comprometida com o ensino dos esportes fundamentada em uma perspectiva que pretende ser libertadora do homem deve atentar-se principalmente à deflagração da racionalidade que impera sobre o homem e sobre os diferentes elementos da cultura corporal. A técnica, longe de ter autonomia na condução das decisões humanas, pode ser considerada como um instrumento pelo qual o homem constrói seu próprio mundo, e como esse mundo será construído, são os próprios homens que determinarão (MARINHO, 2010).

Assim, através do exposto, a técnica presente na cultura corporal não é boa nem má. Enquanto aspecto social de fundamental importância para o homem e de constituição da própria cultura corporal, a roupagem que assume a técnica é apenas o reflexo do pensamento de classe que gere a sociedade, absorvendo o tipo de racionalidade hegemônica predominante na sociedade.

Desse modo, não houve qualquer receio de trabalhar as técnicas do futebol com preocupações em relação à elaboração de novas técnicas que atendessem à perspectiva da dialética negativa. Pretendeu-se desenvolver no processo pedagógico a alteração da racionalidade presente no futebol profissional que tende a influenciar e a formar as consciências das pessoas.

O tom crítico dado às aulas levou em consideração a revelação da racionalidade conservadora e a conscientização de mudanças dos aspectos axiológicos que dão base à racionalidade unidimensional presente no esporte. As aulas ainda foram embasadas na proposição de outros aspectos axiológicos que se mostraram mais coerentes com o pensamento dialético e com a lógica de formação humana contrária ao pensamento unidimensional-positivo predominante.

Dando prosseguimento à análise, a seguir, serão apresentados os dados da etapa 3 como planejado no presente trabalho.

## 6. CAPÍTULO VI

### 6.1 Análise do questionário final (etapa 3) após os alunos vivenciarem as aulas da unidade didática

Neste tópico, será apresentado o terceiro e último momento da análise proposta para o presente trabalho. Este terceiro momento consta de verificação de questionário realizado ao final da unidade didática submetida aos alunos. A aplicação de novo questionário serviu para a identificação de possíveis alterações em relação ao predomínio do pensamento unidimensional nas consciências dos alunos, que foi diagnosticado no primeiro questionário. Esse questionário final da etapa 3 foi aplicado apenas aos alunos que participaram da unidade didática, diferentemente do primeiro, que abrangeu alunos de outras turmas e de outros anos de escolaridade. Assim, obtivemos 23 questionários finais respondidos.

O questionário da etapa 3 foi bastante similar ao questionário da etapa 1. Entretanto, ocorreram algumas modificações em relação ao teor das questões. Na elaboração do questionário da etapa, objetivou-se diagnosticar a presença, ou não, da racionalidade unidimensional em relação ao esporte na forma como é concebido socialmente nas consciências dos discentes da Escola Municipal Parque Capivari. Dentre os aspectos observados, foi possível considerar as percepções em torno do esporte, dos valores inerentes a eles e da prática esportiva cotidiana dos alunos como elementos que pudessem retratar a presença do pensamento unidimensional.

No questionário da etapa 3, buscou-se captar como os alunos consideraram as aulas e como essas aulas puderam contribuir, ou não, com avanços rumo à diminuição do predomínio do pensamento unidimensional nas consciências dos alunos, com vistas à ampliação da possibilidade de ascensão do pensamento dialético em relação ao esporte.

Desse modo, foram mantidos um 1º bloco de questões abertas com onze perguntas modificadas para atender o objetivo apontado acima e um 2º bloco com duas questões fechadas. A primeira questão fez referência aos valores desumanos do esporte e à percepção que os alunos tiveram deles durante as aulas, e a segunda questão foi sobre a ocorrência, ou não, de situações que pudessem refletir os valores desumanos do esporte de alto rendimento durante as vivências nas aulas.

Antes de darem início às respostas das questões do questionário final, os alunos foram orientados a responder aquilo que eles observaram durante as aulas e

que eles poderiam opinar livremente de forma mais pertinente possível sobre as questões do 1º bloco, visto que muitas delas apresentavam teor bastante opinativo. Uma das recomendações direcionadas a eles foi que pensassem bem antes de responder as perguntas.

## 6.2 1º BLOCO DE QUESTÕES – Tensões do Pensamento Dialético-Negativo

Para a exibição dos dados coletados, foram criadas tabelas para apresentar as expressões fornecidas pelos alunos em relação às perguntas realizadas no questionário. Foi necessário realizar certo esforço interpretativo sobre as expressões fornecidas por alguns alunos pesquisados, já que muitos tiveram dificuldades de se expressarem por meio da escrita. Abaixo das tabelas, constam as considerações analíticas e apontamentos críticos pertinentes às expressões fornecidas pelos alunos a cada questão. As análises e os apontamentos críticos relacionados ao questionário foram atrelados ao referencial teórico adotado no presente trabalho.

### O que você gostou e o que você não gostou nas aulas sobre o futebol?

Inicialmente, apresentamos abaixo as expressões dos alunos em relação à 1ª questão do 1º bloco:

Expressão	Gostou	Não Gostou
1	Todo mundo tocava na bola	Alguns alunos tentaram formar panelinhas
2	Da organização	
3	Da organização	Muitos alunos egoístas
4	De participar das aulas	Times diferentes
5	De jogar, pois não jogo muito	
6	Foi muito divertida	Ocorreram muitas reclamações
7	Gostou dos “passes de bola”	Ocorreram muitas reclamações
8		Alguns alunos não queriam jogar e isso atrapalhou as divisões
9		Ocorreram muitas reclamações
10	Gostou sobre as posições	Muita competitividade

11	Todos estavam participando e teve muita brincadeira (zoeira)	
12		Da indiferença dos jogadores
13	Da aula no campo todo (última aula)	Da aula que tinha que passar a bola “em pé em pé”
14	Mesmo não sabendo jogar futebol quando errava começava a rir	
15	Melhorou seu futebol	Estava com o dedo machucado
16	Teve diversão e era animado	
17	Foi legal	Muita discussão
18		Jogou em um grupo que não tocava pra ele
19	Até os menos habilidosos puderam jogar	
20	O time participou e não reclamou de nada	
21	Sei lá	Sei lá
22	De ir para o campo	Dos xingamentos
23	De quase tudo	O futebol acabava rápido

**Tabela 36 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O que você gostou e o que você não gostou nas aulas sobre o futebol?**

Nesta primeira questão, das diferentes expressões colocadas pelos alunos, foi possível extrair a multiplicidade de sentidos com que elas se apresentaram. Essa multiplicidade de expressões estava atrelada às absorções do contexto e ao que esse contexto foi capaz de transmitir de acordo com os alunos investigados.

Um fato bem previsível é que, ao serem perguntados do que gostaram e do que não gostaram em relação às aulas de futebol, o que predominou nas expressões dos alunos foram as aulas realizadas no campo e as vivências relacionadas ao futebol. Não houve qualquer referência às aulas realizadas fora do campo, isto é, aos textos trabalhados, às discussões e diálogos que foram realizados em sala de aula, aos momentos de reflexões sobre o esporte etc.

A ideia que prevaleceu nas expressões desta questão foi a do predomínio das aulas vivenciadas através do futebol em detrimento das demais aulas realizadas, as

quais contribuíram também para o estudo do esporte ensinado. O movimento realizado nas aulas de educação física parece exercer um fascínio que inviabiliza possibilidades de considerações mais amplas em torno do conjunto total de aulas dadas.

A ideia que norteou as aulas durante a unidade didática foi de que na educação física se estuda futebol e que jogar faz parte do processo de aquisição de conhecimentos, mesmo que tal ideia não tenha transparecido nas expressões dadas pelos alunos, pelo menos nesta questão. A vinculação da ideia de jogar por jogar é bastante presente na consciência dos alunos em relação à educação física. Isso ocorre muito possivelmente por causa das influências históricas sofridas pela educação física atrelada ao tecnicismo e pragmatismo que se refletem ainda em tempos atuais no ensino dos esportes e, alterar isso, parece ser uma tarefa bastante árdua e complexa.

Sobre as expressões fornecidas pelos alunos, podemos verificar diversas delas fazendo referência ao aspecto lúdico presente nas aulas. O desenvolvimento técnico dos fundamentos, assim como do pensamento tático e estratégico do futebol, foi realizado tendo como fundamentação as propostas de inclusão dos alunos na prática, pautadas tanto na participação quanto na ludicidade. Em convergência a tais propostas lúdicas e participativas, tivemos diversas expressões que retrataram a efetividade dessas propostas.

Isso pode representar avanços do ponto de vista do fazer e do estudar esporte em uma perspectiva diferente do fazer tradicional e de como a educação física tem tratado o esporte na escola fundamentado no tecnicismo. A participação, por exemplo, foi citada como aspecto que agradou aos alunos, sobretudo, pelas estratégias utilizadas no próprio contexto das atividades, o que ampliou a participação dos alunos menos habilidosos.

Observaram-se algumas expressões consideradas conservadoras, como na expressão 13. O aluno manifestou ter gostado mais do futebol nos moldes do senso comum (perde, sai), que foi realizado na última aula cuja gestão ficou com os alunos. Isso mostrou como o futebol nos moldes tradicionais, embasado por valores unidimensionais do senso comum, pode exercer influência. Parece existir uma cristalização da cultura em relação à forma de jogar futebol adquirida através do senso comum que, por sua vez, é permeado pelo pensamento unidimensional. Dessa maneira, alterar tal cristalização não aparentou ser tarefa fácil, visto que no

primeiro momento de autonomia dado aos alunos, eles retornaram à prática do futebol realizada nos moldes do senso comum.

Na mesma expressão (13) e seguindo a mesma linha conservadora, o aluno colocou que não gostou da aula em que era regra fazer a bola passar por todos os componentes da equipe antes de marcar o gol. Essa foi uma expressão que representou certo conservadorismo em relação à possibilidade de abrangência da cultura corporal por todos os alunos participantes da unidade didática. Importante considerar que esse aluno foi bastante faltoso durante as aulas, o que pode ter refletido na baixa conscientização dos processos de participação como estratégia real de inclusão e de vivências e usufruto do futebol por todos os participantes.

Outro aspecto das expressões que chamou a atenção foi a existência de xingamentos, reclamações e discussões que ocorreram com certa constância, mais no início da unidade didática e menos ao final dela. Os xingamentos, reclamações e discussões pareceram entrar em contraste com os aspectos lúdicos mencionados pelos alunos. As expressões 6, 7 e 17 demonstraram esse contraste entre a ludicidade e os conflitos. Essa contradição parece ser inerente à natureza do esporte, já que a sociabilidade interna do esporte está atrelada à oposição, contrastes. Assim, eliminar esses contrastes parece ser uma descaracterização do esporte.

O trabalho pedagógico do professor de educação física na formação crítica do aluno diante da cultura corporal parece estar ligado à capacidade de considerar os conflitos existentes no esporte como aspectos que podem fornecer subsídios para reflexões críticas em relação ao esporte, viabilizando, inclusive, o pensamento dialético no processo pedagógico com o esporte.

O esporte parece manifestar essa realidade contraditória, pois mobiliza sentimentos, sensações e percepções das mais variadas e o professor competente deve necessariamente estar atento a todas elas para conduzir o processo pedagógico em uma perspectiva crítica de acordo com o que se quer atingir para alcançar os objetivos propostos. Vale ainda lembrar que o contexto onde se dão as aulas nunca é igual, ele poderá se revelar distinto, pois os valores que permeiam a realidade advindos dos sujeitos submetidos ao processo pedagógico de ensino dos esportes nunca são os mesmos, apesar de guardarem certa familiaridade.

O ensino do esporte a partir do pensamento dialético pode ser relevante quando se tem em vista o aprofundamento da compreensão do esporte para além



da unidimensionalidade instalada no pensamento. O professor como protagonista do ensino deve perceber o esporte a partir da totalidade que se apresenta tanto nas formas unidimensionais quanto nas formas contraditórias que se manifestam, para daí sistematizar o conhecimento.

### Qual aula chamou mais a atenção e por quê?

N°	Expressões
1	Os alunos mais habilidosos não tocavam para os menos habilidosos. Tentavam tudo sozinhos.
2	A última porque passou coletivo o campo todo.
3	A primeira porque todo mundo tinha que encostar na bola para fazer o gol.
4	Quando fomos para o campinho jogar futebol muito diferente.
5	Não.
6	Quando tomava gol eles reclamavam.
7	O futebol setorizado.
8	Não.
9	Aula que todo mundo participou.
10	Futebol setorizado.
11	A aula que o aluno menos habilidoso participou da aula.
12	Não.
13	Não.
14	Futebol setorizado, pois ficaram ela e a amiga dela.
15	Futebol setorizado.
16	Não.
17	Não.
18	Não.
19	Atividade de passes em círculo com duas bolas.
20	Não.
21	Nenhuma.
22	O futebol é maneiro.
23	Não.

**Tabela 37 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: Qual aula chamou mais a atenção e por quê?**

Aqui, repetiu-se a percepção dos alunos voltada exclusivamente para as aulas realizadas no campo, relacionadas às vivências do futebol. Em diversas expressões, os alunos destacaram o futebol setorizado como algo que lhes chamou a atenção. Isso já havia sido observado durante a aula, os alunos mostraram-se bastante interessados nessa atividade, não apenas pelo fato de vivenciarem a atividade na prática, mas também pela autonomia dada pelo professor aos alunos na elaboração das estratégias de jogo, assim como na distribuição dos jogadores. Ter dado poder de decisão sobre a melhor estratégia e também sobre sua reelaboração, depois de certo tempo de jogo, favoreceu o diálogo entre os envolvidos. Isso viabilizou maior percepção tática e também o desenvolvimento do espírito de coletividade.

As expressões 3, 9 e 11 mostraram essa consideração ao espírito de coletividade nas aulas e a redução da exclusão dos alunos por meio da ampliação da participação proporcionada pelas atividades. Na expressão 11, percebemos ainda um aluno fazendo referência a outro, argumentando que a aula que mais chamou a atenção foi aquela cujo aluno menos habilidoso participou. Podemos acrescentar que as medidas tomadas na aula favoreceram a participação.

Em relação aos valores desumanos do esporte de alto rendimento, assim como na questão anterior, nas expressões 1 e 6, foram relatadas situações que refletiram alguns dos valores desumanos do esporte de alto rendimento mencionados e trabalhados ao longo da unidade didática. Ao que parece, a manifestação dos alunos nessas expressões vinculou-se ao desagrado gerado pelos valores desumanos do esporte durante as vivências no campo. Tais expressões relacionadas ao descontentamento com os valores desumanos presentes nas aulas serviram para apontar alguns indícios de percepções da realidade unidimensional no esporte por parte de alguns alunos.

### **As aulas sobre futebol contribuíram para saber de coisas sobre o esporte que você não sabia?**

Aqui, visou-se identificar a assimilação dos alunos em relação aos conhecimentos tratados nas aulas. A tentativa que buscamos nesta questão foi a de

fazer com que os alunos se esforçassem para destacar as aprendizagens que mais acrescentaram à formação deles. Seguem abaixo as expressões dos alunos:

Nº	Expressões
1	Zonas (Provavelmente relacionado ao tipo de marcação ou ao futebol setorizado em relação à distribuição dos jogadores em campo).
2	Futebol.
3	Esqueci.
4	Não.
5	Não.
6	Não.
7	Defender.
8	Músculos do corpo.
9	Não.
10	Parar a bola e defender.
11	Alguns valores como individualismo, alta competitividade, etc.
12	Não.
13	Só ensinou o que eu já sabia.
14	Sim (não especificou)
15	Conceitos de alto rendimento.
16	Não.
17	Não.
18	Aprendi regras que eu não sabia e a passar a bola no pé de todos antes de marcar o gol.
19	Sim (não especificou)
20	Trabalhar em grupo.
21	Não ser individualista.
22	Não.
23	Não.

**Tabela 38 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: As aulas sobre futebol contribuíram para saber de coisas sobre o esporte que você não sabia?**

A presente questão teve muitas respostas “não”. Boa parte dos alunos desconsideraram em suas respostas os conhecimentos transmitidos durante a

unidade didática. Isso pode ter ocorrido pela grande fixação que os alunos tiveram pelas aulas no campo de futebol na hora de responder as questões. Como jogar futebol em campinhos perto de casa é algo bastante presente no cotidiano dos alunos, é possível que eles tenham ignorado apreensões mais específicas no conjunto de aulas realizadas em relação aos conhecimentos trabalhados tanto em sala quanto no campo.

Em compensação, nesta questão, tivemos a primeira resposta sobre aprendizagens que não refletiram as vivências tidas no campo, como a expressão 8 demonstrou. O ensino anatômico dos membros inferiores constou nas aulas que trataram do elemento “biologia” juntamente com uma discussão sobre o corpo funcional e o corpo contraditório.

Em outras expressões, foram identificadas aprendizagens destacadas pelos próprios alunos referentes ao ensino do futebol especificamente voltadas para o elemento instrumental trabalhado na unidade didática, como nas expressões 2, 7 e 10.

Algumas expressões aproximaram-se de uma percepção dos valores desumanos e humanos do esporte, trazendo-os à lembrança e destacando-os como assuntos aprendidos. As expressões 11 e 15 deram destaques aos valores desumanos do esporte, enquanto as expressões 18, 20 e 21 apontaram muito provavelmente para a percepção de aspectos que podem ir de encontro aos valores desumanos do esporte de alto rendimento. As expressões 18, 20 e 21 podem ser consideradas como avanços na direção do pensamento dialético-negativo.

### **Você mudaria a forma como as aulas foram realizadas?**

Nº	Expressões
1	Aumentaria o número de jogadores.
2	Não.
3	Não.
4	Mudaria as regras.
5	Não.
6	Mudaria a forma de jogar sem reclamação.
7	Não.
8	Não.

9	Não.
10	Não.
11	Mudaria a forma de escolher os times. O professor deveria escolher com a opinião dos alunos.
12	Não.
13	Não.
14	Não. Foi muito top.
15	Não.
16	Um pouco mais de ordem.
17	Mudaria o jogo (provavelmente o tipo de esporte abordado).
18	Não.
19	Não.
20	Não. Foi muito legal.
21	Não.
22	Não.
23	Não.

**Tabela 39 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: Você mudaria a forma como as aulas foram realizadas?**

As aulas pareceram ter agradado aos alunos de modo geral. Nas expressões que constaram de opiniões sobre o que os alunos alterariam nas aulas, houve argumentações que trataram de modificações na organização das aulas e nas atividades propostas. De modo geral, a organização das aulas por meio da Matriz Crítica para o Ensino dos Esportes foi satisfatória por parte dos alunos que foram submetidos ao processo pedagógico sistematizado.

**O esporte de alto rendimento e o esporte que estudamos e praticamos são parecidos? Ou são diferentes?**

Nesta questão, visou-se identificar como os alunos perceberam o esporte que foi desenvolvido durante a aula e o esporte de alto rendimento a partir de críticas tecidas sobre ele. Nossa pretensão, inicialmente, foi verificar como se deu, ou não, os contrastes relacionados a ambos os tipos de esportes trabalhados ao longo de toda a unidade didática com temática sobre os valores do esporte.

N°	Expressões
1	Não são parecidos. A forma de jogar é diferente.
2	São diferentes. Lá tem impedimento (alto rendimento) aqui não.
3	Não são parecidos.
4	São diferentes em algumas coisas.
5	Um pouco diferente e parecido, porque usamos quase o mesmo equipamento.
6	A regra e o futebol são diferentes. O profissional tem campo bom, rede.
7	Foram parecidos, por exemplo alta competitividade.
8	Diferentes, pois no nosso jogamos para nos divertir o outro não.
9	São diferentes em algumas coisas. Os profissionais têm equipamentos e o que praticamos não.
10	Sim.
11	Não.
12	São parecidos.
13	As regras são parecidas: sair na lateral, sair atrás do gol, faltas e não colocar a mão na bola.
14	São iguais. A gente não ficou achando que o outro time é rival.
15	São parecidos, pois teve que correr e coisas iguais do treinamento.
16	Inelegível.
17	São parecidos.
18	A posição e a colocação dos jogadores ficaram diferentes.
19	São diferentes. O de alto rendimento é mais concentrado (relacionado à seriedade dos jogadores) o que estudamos é mais divertido.
20	Teve xingamentos.
21	Não sei.
22	São parecidos.
23	Não, porque o alto rendimento é desumano e o que nós praticamos foi humano.

**Tabela 40 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O esporte de alto rendimento e o esporte que estudamos e praticamos são parecidos? Ou são diferentes?**

Os alunos demonstraram certa capacidade de diferenciação entre os esportes de alto rendimento e o esporte que foi trabalhado nas aulas, ainda que de forma bastante ingênua, pois as argumentações de diferenciação dos esportes estavam situadas nas questões visíveis do futebol, ou seja, diferenças de regras, de equipamentos e do local onde ocorre o futebol de alto rendimento e o local onde ocorreram as aulas de educação física, conforme exposto nas expressões 1, 2, 6, 9, 13 e 18.

As diferenciações em relação aos aspectos invisíveis, ou seja, o tipo de racionalidade que embasa os dois tipos de futebol, apareceram de forma mais tímida. Na expressão 7, o aluno percebeu o esporte de alto rendimento e o esporte trabalhado em aula parecidos e citou alta competitividade como elemento similar entre eles. Os valores desumanos realmente estiveram presentes nas aulas, mas, ao mesmo tempo, eram trabalhados aspectos reflexivos que fossem de encontro a esses valores em um contexto de ensino do futebol permeado por uma racionalidade distinta daquela do alto rendimento.

A expressão 23 também retratou valores do esporte. O aluno, concomitantemente à percepção de valores desumanos do alto rendimento, atribui valores humanos ao futebol realizado em aula. O que se tentou realizar nas aulas foi refletir e possibilitar a vivência do futebol que atendesse a valores que pudessem corresponder a relações sociais mais humanas no esporte. Isso ocorreu na mesma medida em que estudamos e deflagramos os valores desumanos, sugerindo possibilidades de alteração dessa lógica desumana por outra mais humana.

A estruturação, a organização das aulas e a opção político-filosófica adotada na Matriz Metodológica Crítica não eliminaram os valores desumanos nas aulas, mas contribuíram para a implementação de reflexões críticas sobre esses valores em patamares qualitativamente superiores. Dessa maneira, as aulas realizadas não anularam a presença de valores desumanos por serem estes mais predominantes no contexto do esporte do que os valores humanos.

A expressão 20 parece também contemplar a visualização de condutas que estão embasadas pelos valores desumanos presentes no esporte de alto rendimento e que são bastante observáveis em uma partida de futebol, por exemplo. O aluno captou a existência de xingamentos, o que pode estar ligado a formas hostis que são geradas pela alta competitividade.

Algumas respostas se mostraram incoerentes com o que foi trabalhado, o que demonstrou que alguns alunos não assimilaram os conhecimentos de acordo com as discussões e problemas apresentados em relação ao esporte e aos valores que predominam sobre ele. As expressões 5, 14 e 15 demonstraram isso. Elas retrataram, respectivamente, que os equipamentos, o tipo de racionalidade e o tipo de exigência em relação ao treinamento de ambas as manifestações do esporte são similares, e isso não é verdade. Esses alunos não conseguiram captar o teor contraditório presente na relação entre ambas as manifestações do esporte, o que aponta para incoerências na identificação das características do tipo de racionalidade em que o esporte hegemônico e o esporte vivenciado em aula se baseiam.

### O que significou vencer e perder nas aulas?

Expressões			
Nº	Vencer	Neutro	Perder
1		Normal	
2		Nada	
3	Não zoar nem rir dos colegas.		Levantar a cabeça e tentar de novo.
4	Momento de Vitória.		Ruim.
5		Não sei	
6	Muita felicidade		Muito ruim
7			As pessoas tem que se esforçar mais.
8	Sinal de satisfação		Humilhação
9	Legal		Triste
10		Só uma brincadeira	
11		Nada	
12	Se esforçou.		Não se esforçou.
13	O time armou bem as jogadas.		O time adversário armou bem as jogadas.
14	Vitória; alegria		“Tu é ruim”.
15		Importante é se divertir.	



16	Comemoração		Reclamação
17		Nada	
18		Nada	
19	Treinar para conseguir		
20		Perdendo ou ganhando o jogo foi legal.	
21	Bom		Ruim
22	Feliz		Triste
23		Normal	

**Tabela 41 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O que significou vencer e perder nas aulas?**

Em se tratando das qualificações feitas aos significados que poderiam ser atribuídos à vitória e à derrota, não foram obtidas alterações na forma de percepção da vitória, da derrota ou do meio termo (neutro). Uma expressão era enquadrada como neutra quando não havia características na resposta do aluno vinculadas ao vencer e ao perder. O termo neutro em nenhum momento foi tomado como aspecto voltado para neutralidade de opinião ou falta de posicionamento.

As expressões da presente questão pareceram bem similares ao questionário realizado inicialmente na etapa 1 para a verificação, ou não, do pensamento unidimensional. No aspecto quantitativo, o que nos interessou olhar foi a quantidade de expressões neutras, ou seja, que perceberam a vitória e a derrota como algo inerente ao esporte e que, por isso, não devem ser tidas como aspecto supervalorizado ao ponto de fazer acepção de pessoas ou motivar a exclusão no esporte.

Nos dados acima, foram obtidas 10 expressões referentes à neutralidade valorativa em relação à vitória e à derrota, mesmo número do questionário inicial. A diferença é que, proporcionalmente, o questionário da etapa 3 apresentou uma maior concentração de respostas neutras em relação ao questionário inicial, já que o questionário final teve 23 questionários analisados, enquanto o questionário inicial teve 44 analisados.

Em valores percentuais, no questionário inicial, houve 22,73% de respostas consideradas neutras na relação com 44 questionários. No questionário final, houve 40% de respostas neutras em relação a 23 questionários. O que demonstra uma

concentração maior de respostas neutras, ou seja, mais favoráveis aos valores humanos que foram trabalhados através do esporte nas aulas. Isso pode representar também uma diminuição da alta competitividade.

A mesma mensuração foi realizada partindo apenas dos questionários respondidos pelos mesmos alunos na etapa 1 e 3. No total, foram examinados 21 questionários. Nos 21 questionários da etapa 1, foram encontradas as seguintes expressões:

Expressões			
N°	Vencer	Neutro	Perder
1		Eu não me senti triste vencendo ou perdendo.	
2			Mais uma tentativa
3	Uma alegria para todo mundo		Aprender com nossos erros
4	Momento de alegria		Desânimo
5			Você aprende com a vida
6	Fico feliz		Fico muito triste
7	Realização		Humilhação
8	Legal		Raiva e tristeza
9	Felicidade		Aprender com os erros
10	Fui bem		Tem que se esforçar mais
11	Treinei e tive melhor desempenho que meu adversário.		Meu adversário foi mais habilidoso
12	Você é bom e joga muito bem.		Tudo uma grande brincadeira
13	Uma vitória		Faz parte
14			Uma lição que hoje eu perdi amanhã eu ganho
15	Legal		Ruim

16	Não foi possível decifrar		
17	Uma das conquistas quando se treina		Treinar e dar mais duro
18			Fico com muita raiva
19	Bom		Ruim
20	Ser feliz		Ficar triste
21		Tanto faz. O importante é competir.	

**Tabela 42 - Comparativo entre as Expressões relacionadas à Pergunta "O que significou vencer e perder nas aulas?" entre a etapa 1 e 3. EXPRESSÕES DA ETAPA 1.**

No questionário da etapa 1, foram encontradas apenas duas expressões que apontassem para o ponto de vista neutro e, mesmo assim, com sentidos que nos fazem crer que há a presença do pensamento unidimensional-positivo. Por exemplo, na expressão 21, o aluno não atribui qualquer valorização à vitória ou à derrota, mas atribui o ato de participar do esporte submetido à ideia de competição. Vejamos a tabela dos 21 questionários da etapa 3:

Expressões			
N°	Vencer	Neutro	Perder
1		Normal	
2		Nada	
3	Não zoar nem rir dos colegas.		Levantar a cabeça e tentar de novo.
4	Momento de Vitória.		Ruim.
5		Não sei	
6	Muita felicidade		Muito ruim
7	Sinal de satisfação		Humilhação
8	Legal		Triste
9		Nada	
10	Se esforçou.		Não se esforçou.
11	O time armou bem as jogadas.		O time adversário armou bem as jogadas.

12	Vitória; alegria		“Tu é ruim”.
13		Importante é se divertir.	
14	Comemoração		Reclamação
15		Nada	
16		Nada	
17	Treinar para conseguir		
18		Perdendo ou ganhando o jogo foi legal.	
19	Bom		Ruim
20	Feliz		Triste
21		Normal	

**Tabela 43 - Comparativo entre as Expressões relacionadas à Pergunta "O que significou vencer e perder nas aulas?" entre a etapa 1 e 3. EXPRESSÕES DA ETAPA 3.**

Na etapa 3, as expressões que se situaram na coluna “neutra” foram nove ao todo. Isso pode representar um processo de deslocamento do pensamento unidimensional para o dialético, ainda em fase bastante inicial.

Do ponto de vista qualitativo das respostas neutras fornecidas pelos alunos, no questionário inicial (Etapa 1), há a percepção de aspectos mais vinculados ao pensamento unidimensional. No questionário final (Etapa 3), apesar de haver mais respostas na coluna “neutra”, não foi percebido nas respostas neutras qualquer aspecto que fizesse menção às formas de manifestação do pensamento unidimensional vigente no esporte. Em algumas respostas, foram constatadas expressões ligadas à ludicidade, algo que não foi encontrado na etapa 1.

#### **O atleta profissional pode servir como exemplo para as pessoas?**

N°	Expressões	
	Sim	Não
1	Não especificou.	
2	Porque incentiva.	
3	As pessoas precisam se espelhar e seguir os passos do jogador.	
4		Mau exemplo.

5	Impulsiona as pessoas	
6		Eles xingam muito.
7	As pessoas se inspiram nos jogadores profissionais.	
8	Influencia-nos a se divertir.	
9	Dá inspiração.	
10	Resposta desconsiderada.	Resposta desconsiderada.
11		Devemos agir do nosso jeito. Os atletas treinam de outra forma.
12		Porque não vai mudar nada.
13		O atleta treina muito mais do que o corpo permite.
14		Os atletas se preocupam muito com o futebol.
15	Alcança metas.	
16	Dá confiança.	
17	Os jogadores são exemplos	
18	Ele conseguiu ser jogador. Para os outros não custa tentar.	
19	Pois pode ficar saudável.	
20	Vendo-os jogar aprendemos ainda mais.	
21	Não especificou.	
22	Eu ia ficar feliz. Ter dinheiro para ajudar a minha família.	
23		Eles praticam esporte por dinheiro.

**Tabela 44 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O atleta profissional pode servir como exemplo para as pessoas?**

Nesta questão, houve 7 respostas negativas, 16 respostas positivas e 1 resposta desconsiderada em relação à figura do atleta como exemplo para a vida das pessoas. No quadro acima, foram observadas diversas expressões nas respostas positivas que fazem menção às categorias verificadas no questionário da etapa 1 que tendem à unidimensionalização das consciências.

É possível observar, por exemplo, a categoria econômica aparecendo na expressão 22. A categoria social apareceu bastante, sendo verificada nas expressões 2, 3, 5, 7, 9 e 16. A categoria lúdico-funcional foi percebida nas expressões 8 e 20. Houve ainda duas respostas que não explicaram (Resposta: não especificou) o porquê de o atleta ser exemplo para as pessoas.

A categoria social foi amplamente acionada e pouco se modificou como uma das formas com que o pensamento unidimensional se apresentou nas consciências dos alunos. Isso refletiu muito o senso comum em relação ao atleta profissional como sinônimo de motivação e superação. Essa ideia por trás do atleta mostra a presença dos valores unidimensionais que condicionam o homem aos princípios do individualismo e da meritocracia e, ainda, da aceitação dos processos competitivos e de sobrepujança aos quais estão submetidos os homens em sociedade.

Instala-se o conteúdo da alta competitividade entre os homens. O homem, então, passa a ser algo a ser superado por outro para obtenção da vitória como ocorre no esporte. Essa ideia se espalha pela sociedade por meio da racionalidade conservadora em tons sutis que vão determinando a conduta humana em direção ao egoísmo, enquanto esconde as sociabilidades desumanas baseadas pela divisão de classes.

Ao que parece, algumas ideias unidimensionais em relação ao atleta profissional ainda se fazem predominantes. Não se deve esquecer que o atleta é também alienado quando se torna um símbolo do projeto de unidimensionalização engendrado pelo projeto societário vigente. O atleta pode ser considerado um dos instrumentos utilizados para a adesão e aceitação dos processos unidimensionais da sociedade pelo fascínio que promove através de uma vida glamourosa.

Nas repostas negativas, foram obtidas expressões que forneceram diferentes vertentes sobre a vida do atleta profissional e a relação dele com o esporte de alto rendimento. Algumas respostas negativas refletiram condutas das quais os alunos não gostam nos atletas e, disso, foi possível realizar interpretações também do atleta e da alienação que recai também sobre ele. Realizou-se, então, um esforço interpretativo dessas expressões, ampliando-as no sentido da complexidade com que os valores do esporte de alto rendimento se manifestaram.

As expressões 4 e 6, por exemplo, atribuem aos atletas imagens de pessoas que são maus exemplos e que xingam muito. Na verdade, o que pode determinar tais condutas dos atletas profissionais é a hostilidade de um ambiente altamente

competitivo como o do esporte de alto rendimento, o que tende a moldar também as condutas dos atletas. Ao propagar valores hostis do contexto esportivo de alto rendimento, o atleta pode ser um mau exemplo.

Duas respostas apontaram para a negação dos valores unidimensionais presentes no esporte. A primeira resposta identificada fez menção à negação da lógica do atleta ser tido como sinônimo de saúde, já que o excesso de exercícios que visam ao aumento do rendimento físico-corporal tende a sobrecarregar o corpo produzindo, com isso, malefícios à saúde. Tal resposta está presente na expressão 13. A segunda, na expressão 12, retratou o sentimento de que o atleta não vai mudar nada, e nem os valores que ele transmite. O aluno não considerou que o atleta, como propagador de valores desumanos, pudesse ser exemplo para gerar mudanças àqueles que se espelham em sua vida. Talvez tenha sido um desabafo diante da dura realidade enfrentada todos os dias, mas também é possível que tenha ocorrido a percepção acerca da cristalização conservadora que impõe uma sociedade capitalista baseada na divisão de classes e a dificuldade de mobilização social que ela impõe. Nesse caso, ter o atleta como exemplo ou não parece ser irrelevante.

A negação do atleta como exemplo de vida e de superação pode demonstrar certo descontentamento com a forma como a realidade está estruturada, mesmo sem os subsídios teóricos para se pensar sobre os motivos que levam a isso. Parece haver uma percepção, ainda difusa, de que o que atleta é e o que ele representa na sociedade atual não são ideais.

### **O que é o corpo humano para você?**

<b>N°</b>	<b>Expressões</b>
1	Não sei dizer
2	Não sei
3	Não sei.
4	O corpo nos ajuda nos movimentos.
5	Transporte (o aluno pode ter tentado dizer locomoção).
6	O corpo é diferente. Homens e mulheres são diferentes.
7	Um meio de se movimentar e de fazer exercícios físicos.
8	Que nós somos um corpo e não um objeto.

9	Muito importante para mim.
10	O corpo humano para mim é carne e ossos.
11	Uma forma de vida temporária.
12	Nada.
13	É para guardar nossa alma e vivermos na terra cuidando dele.
14	Uma ajuda para a gente.
15	O corpo sou eu. Eu sou um corpo.
16	Um estudo.
17	Nosso corpo.
18	Inelegível.
19	Uma coisa para cuidarmos até o dia de partir.
20	Tem que cuidar.
21	Um corpo.
22	Sem corpo não tem vida.
23	Uma maravilha.

**Tabela 45 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O que é o corpo humano para você?**

A presente questão e os conhecimentos sobre corpo, assim como a forma de abordagem desses conhecimentos se mostraram complexos para os alunos. Durante a unidade didática, já havia sido percebida a dificuldade que os alunos tiveram para lidar com os conhecimentos relacionados ao texto “Corpo: do Funcional ao Contraditório”. Nas respostas apresentadas na tabela acima, percebe-se também certa dificuldade para se expressarem a partir dos conhecimentos abordados.

Essa questão e as duas que virão posteriormente tiveram como intenção captar apreensões realizadas pelos alunos dos conhecimentos que permearam o texto abordado em sala de aula como parte da unidade didática, mais especificamente, do elemento biologia. O texto tentou transcender a visão funcional do corpo, ampliando-a também para os aspectos sociais que resultam na diferenciação e separação dos homens em classes sociais distintas entre si e que podem ser percebidas no corpo.

O curto tempo para trabalhar a temática nas aulas (4 aulas de 45 minutos) foi um aspecto que dificultou a apreensão dos conhecimentos de forma mais aprofundada pelos alunos. A pouca quantidade de aulas pode ter contribuído para a



grande quantidade de respostas “não sei”, “nada” ou outras que não atenderam grau mínimo de compreensão que favorecesse a extração de informações pertinentes ao conteúdo dado, como podemos perceber nas expressões 14, 16, 17, 21 e 23. Apesar disso, certas considerações puderam ser obtidas das expressões fornecidas pelos alunos.

Algumas expressões fizeram referência ao corpo a partir de concepções possivelmente religiosas, como nas expressões 11, 13 e 19. Tais expressões consideraram o corpo como algo passageiro, que não acompanhará os alunos quando “partirem” ou como um depósito para a alma. Essa ideia manifesta certa fragmentação do corpo e de secundarização do físico como aspecto menor. Na expressão 10, também é possível perceber essa fragmentação, mas sem fundo religioso aparente.

Tal concepção de corpo é bastante prejudicial à educação física, pois ao conceber o corpo de forma fragmentada, dicotomizado em físico e intelecto, é inibida a transmissão de conhecimentos que possam favorecer a formação total do aluno acerca dos elementos da cultura corporal. O que pode resultar também em resistência em relação ao trabalho pedagógico distanciado do tecnicismo que impera na educação física.

Além da concepção religiosa presente na compreensão do corpo pelos alunos, foram verificadas expressões limitadas à esfera do corpo funcional (expressões 4, 5, 6, 7), que se atenta apenas para os aspectos relacionados aos movimentos que emanam dele e também do cuidado que se deve ter com ele (expressão 20), acrescentando aí a prática de exercícios físicos, o que aponta também para a presença da categoria biológico e/ou promoção da saúde.

Apreenderam-se dos alunos concepções de corpo expressadas pelos aspectos funcionais que retratam a ideia pragmática exclusivamente voltada para o movimento humano, o que é um fator limitador no que tange a compreensões mais amplas sobre o corpo para tratar de assuntos mais aprofundados tanto em relação à cultura corporal quanto ao homem.

Na presente questão, até aqui, percebeu-se uma visão de corpo fundada na histórica, e ainda presente, concepção biologicista da educação física nas expressões dos alunos em relação ao corpo caracterizadas, sobretudo, pelos aspectos funcionais e pela relação do corpo com a promoção da saúde. Visões estas muito presente na educação física nos dias atuais.

Nas concepções de corpo baseadas pela fragmentação dicotômica, figura-se predominantemente a ideia do aspecto físico relegado à desvalorização em relação ao intelecto. Essa forma de conceber o corpo pode inviabilizar estudos de forma mais aprofundada dos elementos que envolvem a busca pela compreensão total do corpo. Essa ideia de totalidade pode vincular-se às funcionalidades do corpo, percebendo-o, portanto, do ponto de vista anatômico, mas também como elemento que se insere em determinado contexto social, cujas contradições desse contexto acabam por deixar marcas. Do ponto de vista pedagógico, a não percepção dessas questões por parte do professor pode contribuir para a perpetuação de abordagens pragmáticas no ensino da educação física e na falta de aprofundamento em questões importantes para a formação crítica do aluno.

Essas percepções conservadoras sobre o corpo predominaram mesmo quando colocadas de encontro com formas de conhecimento mais aprofundadas em uma perspectiva crítica (fundamentada no pensamento dialético-negativo), como realizado na unidade didática deste trabalho.

Em contraposição a essas percepções conservadoras, surgiram algumas expressões que representaram percepções mais críticas de concepções de corpo, pois mais aproximadas da negação da fragmentação e, como resultado disso, uma visão dentro de certa unicidade entre corpo e mente. Essa ideia esteve contida nas expressões 8, 15 e 22.

A expressão que “nós somos o corpo”, por exemplo, representou um rompimento com concepções conservadoras de corpo, pelo menos em um nível conceitual na consciência do aluno. Para a educação física, isso pode fazer toda a diferença, pois corpo e homem tendem a se misturar formando uma unicidade que pode resultar em uma formação humana distinta da que tem predominado na área. Os próprios conhecimentos inerentes aos elementos da cultura corporal podem assumir formas distintas e mais aprofundadas porque mais complexas, visto que o corpo como homem que é (ou vice-versa) passa a ser concebido de forma mais ampla e as relações sociais desse homem-corpo com a cultura corporal tendem a estar mais latentes.

Assim, pode-se considerar que ampliar a concepção de corpo é compreender o homem na cultura corporal para além dos elementos funcionais. Abre-se, então, com isso, possibilidades de tomar as relações sociais como aspectos essenciais na formação crítica dos discentes, tendo em vista revelar as concepções ilusórias e

aparentes do e sobre o corpo humano, deflagrando as contradições existentes entre o homem, a cultura corporal e as sociabilidades que predominam.

**O que você aprendeu sobre o corpo humano durante as aulas?**

N°	Expressões
1	Que a gente tem mais músculos
2	Que ele se movimenta
3	Pode fazer muitas coisas
4	Sem ele não conseguiríamos nos mover e viver
5	Não sei
6	Inelegível
7	Que ele ajuda a passar a bola
8	Músculos, ossos e como ele funciona
9	Que somos o próprio corpo.
10	Tem várias propriedades
11	Cada parte do corpo tem um propósito
12	Sobre os músculos
13	Músculos, Ossos e o esforço dele.
14	Ossos e músculos.
15	Que o corpo não é um objeto.
16	Sobre os músculos
17	É o nosso corpo
18	Nada
19	Sobre músculos, articulações e ossos.
20	Tem que cuidar.
21	Alimentação saudável (não foi abordada nas aulas qualquer informação sobre isso).
22	Sobre as pernas.
23	Que eu não tenho um corpo, eu sou um corpo.

**Tabela 46 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O que você aprendeu sobre o corpo humano durante as aulas?**

Na presente questão, as expressões fornecidas pelos alunos retrataram de modo predominante o corpo em seus aspectos anatômicos. Não houve, portanto, avanços em relação às expressões que pudessem ir além do funcional. Algumas expressões apontaram para uma perspectiva mais aproximada com a categoria biológico e/ou promoção da saúde, como as expressões 20 e 21. Outras fizeram menção aos movimentos que o corpo é capaz de realizar.

Apenas a expressão 23 avançou um pouco em relação à fragmentação do corpo, mas não avançou mais do que isso. Não chegou a expressar de forma mais aprofundada o contraditório relacionado ao corpo humano. Repetiu-se o que foi visto na questão anterior.

### **O que você entendeu sobre a relação entre corpo e sociedade?**

<b>N°</b>	<b>Expressões</b>
1	Que a forma física é importante
2	Nada
3	Não sei
4	A sociedade necessita muito do corpo
5	Não sei
6	Aprendi músculos
7	Que aos olhos das pessoas da classe dominante, que não mesmo corpo pela classe que as pessoas trabalhadoras vivem.
8	Que elas são separadas pela sociedade, como dominante e trabalhadora.
9	Que o nosso corpo trabalha muito.
10	O corpo tem osso e a sociedade tem desigualdades
11	Que todos são iguais.
12	Nada
13	Não entendi muita coisa.
14	Não sei
15	Que o corpo não pode ser vendido.
16	Uns tem coisas iguais (????)
17	Nada
18	Nada
19	Que o nosso corpo não aguenta tanta pressão. E a sociedade está pagando

	até por um pouco de esporte.
20	Não respondeu
21	Nada
22	Sociedade é a gente, o corpo nós podemos fazer atividades físicas.
23	Toda sociedade são corpos

**Tabela 47 - Expressões dos Alunos sobre a Pergunta: O que você entendeu sobre a relação entre corpo e sociedade?**

A última pergunta, talvez, tenha sido a mais difícil do questionário, pois envolveu pensar o corpo e relacioná-lo com a sociedade e isso realmente foi uma tarefa árdua para os alunos, como percebido no momento da aplicação do questionário. Apesar disso, verificaram-se alguns avanços no que tange à progressão do pensamento a formas mais elaboradas de compreender o corpo, isto é, o homem em um sentido que vai do funcional e chega ao contraditório sobre as relações sociais.

Na expressão 8, foi possível perceber a assimilação de conhecimentos que definem o corpo na sociedade a partir da divisão de classes existente na sociedade capitalista. Seguindo a mesma linha de raciocínio em relação à percepção das desigualdades presentes na sociedade, a expressão 10 fornecida por um dos alunos tentou estabelecer a relação entre o corpo e a sociedade, mas de forma ainda difusa, visto que o corpo se insere na sociedade desigual e sofre, assim, as desigualdades do contexto social onde está inserido. O aluno parece ter feito análises separadas, atribuindo os aspectos funcionais ao corpo e as desigualdades à sociedade, sem permitir que ambos entrassem em contato. A expressão 9 fez menção ao corpo que trabalha muito, atribuindo isso à classe trabalhadora, como tratado nas aulas e mencionado pelos próprios alunos durante as aulas. Apesar de o aluno ter tido dificuldades de exposição das próprias ideias na expressão 7, foi possível identificar, através de um esforço interpretativo, a diferenciação entre os corpos da classe dominante, que não são os mesmos da classe trabalhadora.

O que se percebeu, foram esforços de compreensão que podem ter mostrado potenciais êxitos do trabalho pedagógico na ampliação da realidade percebida nas consciências dos alunos, apresentando assim a realidade em sua manifestação totalizante a partir do contraditório, de forma a promover o embate entre os polos positivo e negativo da realidade.

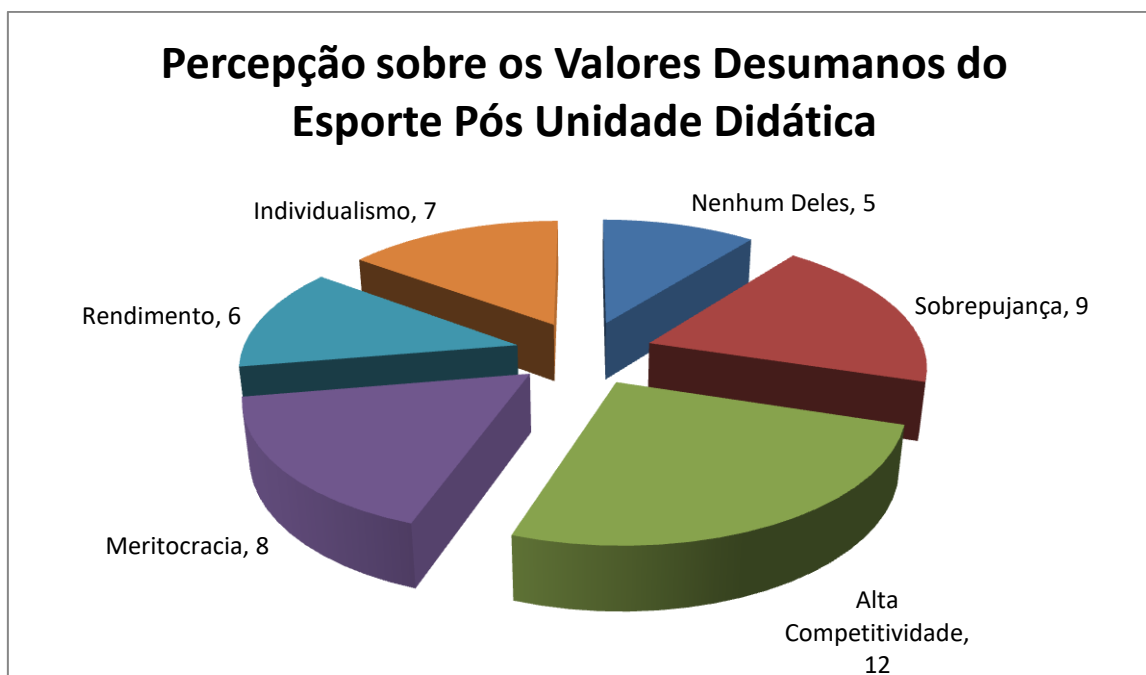
Até este momento da análise da etapa 3, foram identificados alguns avanços em direção à formação do pensamento dialético, mesmo que ainda muito insipientes. A seguir, serão apresentados os dados coletados vinculados ao 2º bloco de questões do questionário da etapa 3.

### **6.3 2º BLOCO DE QUESTÕES – 1º QUESTÃO – A Presença dos Valores do Esporte de Alto Rendimento no Ensino do Esporte.**

O segundo bloco do questionário final é composto por duas questões objetivas. Nessas questões, buscou-se apreender a percepção dos alunos sobre as aulas, com vistas à identificação de indícios que mostrassem a passagem do pensamento unidimensional-positivo para o dialético negativo a partir da percepção dos alunos sobre a ocorrência ou não dos valores desumanos do esporte (alta competitividade, sobrepujança, meritocracia, rendimento máximo e individualismo) durante as aulas, como na primeira questão, e sobre situações que porventura ocorreram durante as aulas que representaram também esses valores desumanos, como na segunda questão. Na primeira questão, foram levantados os seguintes dados:

Nenhum Deles	Sobrepujança	Alta Competitividade	Meritocracia	Rendimento	Individualismo
5	9	12	8	6	7
10,64%	19,15%	25,53%	17,02%	12,76%	14,89%

**Tabela 48 – Quantitativo de Marcações realizadas pelos Alunos sobre a Recorrência dos Valores Desumanos do Esporte durante as aulas da Unidade Didática Aplicada.**



**Gráfico 22 - Percepção sobre os Valores Desumanos do Esporte Pós Unidade Didática.**

De acordo com a percepção dos alunos, os valores do esporte de alto rendimento prevaleceram durante as aulas. A alternativa “nenhum deles” foi o menor quantitativo dentre todas as opções oferecidas pela questão. Cinco alunos cogitaram a ausência completa dos valores desumanos do esporte durante as aulas, o que não é verdade. Tais valores se fizeram presentes.

Por acreditar que tais valores são prejudiciais à formação que pretende ser mais humana, considerou-se a tentativa de denúncia e deflagração dos valores desumanos ao mesmo tempo que foram apresentados valores mais humanos que pudessem servir de referência para a substituição daqueles.

Mesmo assim, a intenção não foi fazer desaparecer os valores desumanos do esporte, já que a realidade é um misto de aparência e essência. Buscou-se deflagrar um lado da realidade e apresentar outro lado esquecido dessa mesma realidade como forma de ampliação da consciência dos alunos para além do pensamento unidimensional em relação ao esporte.

Desse modo, pode-se considerar que os valores desumanos do esporte (alta competitividade, sobrepujança, individualismo, meritocracia e rendimento) estiveram presentes durante as aulas, mesmo havendo tentativas de ensino contra-hegemônico com vistas à ascensão dos valores humanos. Por isso, a ausência dos

valores desumanos, como alguns alunos responderam, não refletiu a realidade da aula.

As respostas que marcaram a presença de valores desumanos do esporte pareceram ter maior coerência, já que a realidade esportiva é feita de valores desumanos e de valores humanos também. O primeiro em maior proporção e o segundo em menor proporção.

Dessa forma, os valores desumanos estiveram presentes e foram deflagrados pelo processo pedagógico de ensino do esporte realizado no presente trabalho e os alunos que conseguiram percebê-los de forma consciente podem ter dado um passo para além do pensamento unidimensional.

#### **6.4 2º BLOCO DE QUESTÕES – 2º QUESTÃO – As Situações e Vivências no Ensino do Esporte e os Valores desumanos.**

A análise da presente questão ocorreu em dois momentos. No primeiro momento, a tabela abaixo (Etapa 3) foi comparada com a tabela da etapa 1 da mesma questão através de valores percentuais mensurados que representaram a concentração de marcações dos alunos em cada valor. Nesse primeiro momento, foi utilizado o cálculo percentual por causa da diferença de questionários colhidos na etapa 1 (44) e na etapa 3 (23).

No segundo momento, a atual questão (etapa 3) foi comparada com a mesma questão da etapa 1 apenas dos questionários dos alunos que participaram da unidade didática, totalizando 42 questionários (21 de cada etapa) das etapas 1 e 3. A mensuração feita neste segundo momento considerou apenas a quantidade de marcações feitas pelos alunos.

Abaixo, segue Tabela com as alternativas marcadas sobre as situações ocorridas durante aulas que representaram os valores desumanos do esporte no primeiro momento de análise.

Nº Situação	Valor	Total de marcações possíveis em cada valor.	Total de marcações feitas por situação	Total de marcações feitas por Valor	Percentual de concentração de situações por valor
-------------	-------	---	--	-------------------------------------	---



1	Alta competitividade	69	19	39	56,52%
2	Alta competitividade		11		
3	Alta competitividade		9		
4	Sobrepujança	69	5	25	36,23%%
5	Sobrepujança		11		
6	Sobrepujança		9		
7	Meritocracia	69	13	38	55,07%%
8	Meritocracia		14		
9	Meritocracia		11		
10	Individualismo	46	16	27	58,69%%
11	Individualismo		11		
12	Rendimento	92	4	42	45,65%
13	Rendimento		19		
14	Rendimento		13		
15	Rendimento		6		

**Tabela 49 – Quantitativo de Marcações relacionadas aos Valores Desumanos do Esporte e as Situações ocorridas durante as Aulas da Unidade Didática (Etapa 3).**



**Gráfico 23 - Total de Marcações feitas por Valor Pós Unidade Didática.**

De acordo com a percepção dos alunos sobre a presença dos valores desumanos do esporte em determinadas situações que podem ter ocorrido nas aulas, como demonstrado no quadro acima, houve uma diminuição nos percentuais de situações relacionadas aos valores desumanos de alta competitividade, sobrepujança e rendimento e um ligeiro aumento percentual dos valores de meritocracia e individualismo em comparação com o quadro de questão similar do questionário da etapa 1<sup>37</sup>.

A diminuição do percentual dos valores de alta competitividade foi de quase 12% e de sobrepujança, 15%. Esses valores são bastante complementares, pois não há sobrepujança fora de um ambiente competitivo, assim como sobrepujança sem competição. Neste ponto, parece coerente essa diminuição significativa ter ocorrido em ambos os valores.

O motivo pelo qual ocorreu essa diminuição pode estar atrelado à perspectiva lúdica presente na aula. O sentimento de satisfação em estar presente nas aulas, como demonstrado pelos alunos, evidenciou a questão lúdica e isso pode ter impactado positivamente os propósitos de redução dos valores desumanos do esporte para favorecer a ascensão de valores considerados no presente trabalho como mais humanos.

<sup>37</sup> Páginas 182 e 183.

A presença do aspecto lúdico nas vivências relacionadas ao futebol pode ter gerado uma diminuição da preocupação dos alunos com a vitória ou com a derrota. Nesse caso, o rendimento, que teve diminuição de quase 10%, pode ter sido um valor reduzido nas aulas possivelmente pela menor preocupação com processos de vitória e de derrota.

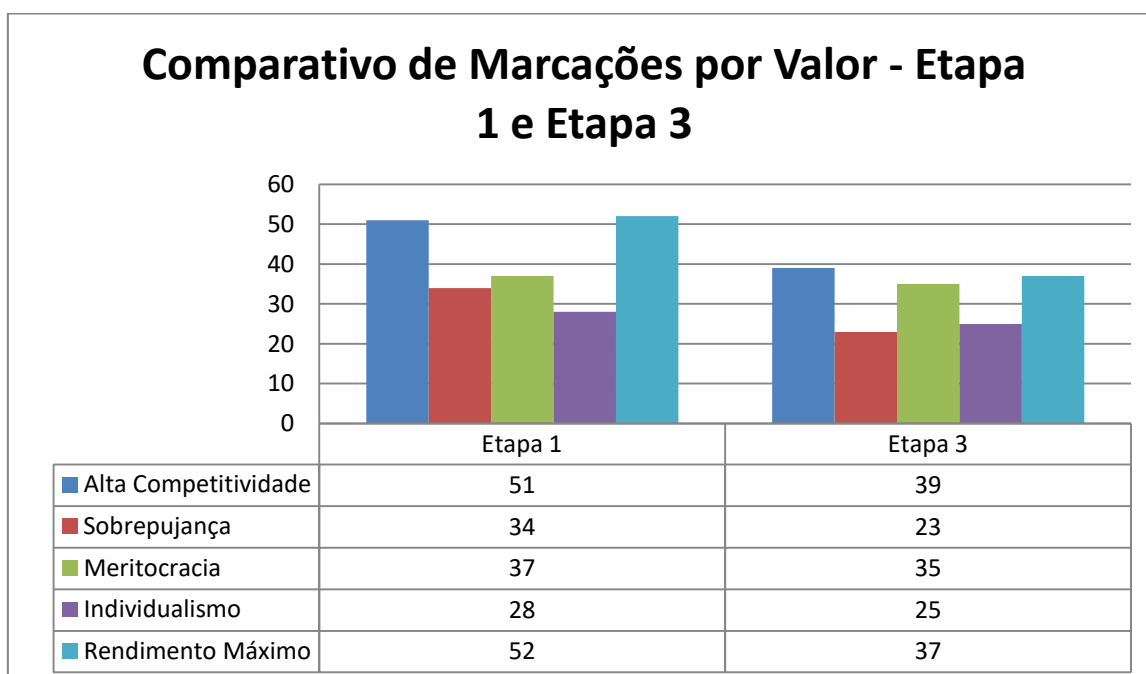
Os aumentos dos valores de meritocracia, de quase 2%, e de individualismo, de pouco mais de 4%, não mostraram alterações significativas. Pode-se, então, considerar uma estagnação desses valores vistos na etapa 1 e 3. A frustração com condutas individualistas e meritocráticas, tais como combinação de pessoas para a formação de equipes, maior concentração da posse de bola e das ações de jogo por parte dos mais habilidosos, tentativas de exclusão dos menos habilidosos pelos mais habilidosos em diferentes situações etc., pode ter contribuído para a estagnação percentual desses valores.

No segundo momento da análise, foram obtidas as seguintes informações representadas na tabela abaixo:

		ETAPA 1		ETAPA 3	
Nº Situação	Valor	Total de marcações feitas por situação	Total de marcações feitas por Valor	Total de marcações feitas por situação	Total de marcações feitas por Valor
1	Alta competitividade	21	51	19	39
2	Alta competitividade	15		11	
3	Alta competitividade	15		9	
4	Sobrepujança	13	34	5	23
5	Sobrepujança	12		11	
6	Sobrepujança	9		7	

7	Meritocracia	12	37	11	35
8	Meritocracia	12		13	
9	Meritocracia	13		9	
10	Individualismo	11	28	14	25
11	Individualismo	17		11	
12	Rendimento Máximo	9	52	4	37
13	Rendimento Máximo	15		17	
14	Rendimento Máximo	15		12	
15	Rendimento Máximo	13		4	

**Tabela 50 – Comparativo entre o Quantitativo de Marcações relacionadas aos Valores Desumanos do Esporte e as Situações ocorridas no Cotidiano Esportivo dos Alunos (Etapa 1) e o Quantitativo de Marcações relacionadas às Aulas da Unidade Didática (Etapa 3).**



**Gráfico 24 - Comparativo de Marcações por Valor - Etapa 1 e Etapa 3.**

Neste segundo momento de análise, a presente questão fez referência às aulas realizadas no campo (etapa 3) em comparação às práticas esportivas realizadas pelos alunos no dia a dia deles (etapa 1). Das quinze alternativas

oferecidas como opções situacionais relacionadas aos valores desumanos do esporte, em doze, ocorreu redução do quantitativo de marcações feitas pelos alunos e, em três delas, ocorreu aumento.

Ao compararmos o total de marcações por valor da etapa 3 em relação à etapa 1, obteve-se redução em todos os valores desumanos. Considerando o curto período de aplicação da unidade didática, foram alcançadas algumas reduções expressivas, como visto nos valores de alta competitividade, de sobrepujança e de rendimento máximo.

### **6.5 Síntese da análise realizada nas etapas 1, 2 e 3: entre o pensamento unidimensional-positivo e o dialético-negativo.**

O encaminhamento da análise realizada seguiu três momentos, que foram: aplicação de questionário inicial (Etapa 1) para verificação da presença, ou não, do pensamento unidimensional-positivo, aplicação de aulas em uma perspectiva contra-hegemônica que foi denominada dialético-negativa (Etapa 2) e, por fim, nova aplicação de questionário para verificação de possíveis alterações do pensamento unidimensional no sentido de modificações em direção ao pensamento dialético (Etapa 3).

Foi possível constatar no questionário da Etapa 1, alta presença do pensamento unidimensional nas consciências dos alunos, como apontado e caracterizado através das diversas categorias (biológico e/ou promoção da saúde, lúdico-funcional, emocional, afetiva, econômica, indefinido e social) com que pôde se manifestar o pensamento unidimensional.

O segundo momento foi a análise das aulas realizadas a partir de uma sistematização pautada na Matriz Metodológica Crítica para o Ensino dos Esportes (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017) em uma perspectiva crítica que, no presente trabalho, foi denominada dialético-negativa. As aulas inicialmente foram demarcadas fortemente por condutas baseadas nos valores desumanos (unidimensionais) do esporte. Ao final, foi possível observar alguns exemplos de condutas, expressões e reflexões aproximadas dos valores humanos do esporte ou de conscientização de classe ensinados em aula e apreendidos pelos alunos, o que pareceram ser indícios significativos que podem representar avanços na formação de consciências dos alunos críticas.

Os valores humanos tiveram presenças inferiores em comparação aos valores desumanos. Pode-se, então, afirmar que ocorreu uma predominância dos valores desumanos do esporte em detrimento dos valores humanos, mas, em compensação, ocorreu um aumento dos valores humanos em diferentes momentos das aulas, o que pode ser considerado como avanços.

No terceiro momento, houve nova aplicação de questionário. O questionário final teve como intenção principal a verificação de expressões que pudessem dar indícios da alteração do pensamento do aluno em relação ao esporte, indo do unidimensional para o dialético. Foi possível detectar avanços no que diz respeito às expressões dos alunos em relação ao esporte e às aulas aplicadas no sentido de oportunizar brechas para o florescer do pensamento dialético-negativo em diferentes aspectos, como: pensar o esporte para além dos valores desumanos, vincular o pensamento de modo aproximado com uma conscientização de classe coerente com a verdade, perceber as contradições tanto no esporte como na sociedade estabelecendo relações destes com o homem etc.

Com isso, é possível considerar avanços na formação crítica implementada aos alunos, mesmo que, de maneira geral, o pensamento unidimensional tenha se mostrado difícil de destruir e ainda fortemente predominante nas consciências dos alunos.

O caminho para a libertação das consciências é longo e árduo, mas foi possível, pelo processo pedagógico, alcançar avanços que pudessem vislumbrar possibilidades futuras, através da continuidade de um projeto político-pedagógico escolar verdadeiramente transformador, de gerar frutos para a libertação das consciências e para a deflagração da condição de explorado, na qual a classe trabalhadora ainda se encontra afundada. Então, provavelmente, seria possível suprimir a alienação que se instala no homem por intermédio do pensamento unidimensional, fazendo com que ele passasse a enxergar a realidade não mais de forma fragmentada, mas em sua totalidade, ou seja, considerando o positivo e o negativo na realidade, favorecendo, com isso, que os filhos da classe trabalhadora façam juízo sobre as relações sociais estabelecidas a partir de uma ética que represente os seus reais interesses.

No quarto capítulo a seguir, será apresentado o produto da presente pesquisa idealizado como parte do estudo desenvolvido. A ideia do produto gira em torno de um *software*, ainda em processo de elaboração, voltado para o auxílio do professor

na tarefa de planejamento de aulas tendo como base a Matriz Metodológica Crítica para o Ensino dos Esportes (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017) e, por isso, foi chamado de Matriz do Esporte. Esse software tem o intuito de servir como uma ferramenta útil no dia a dia do professor no processo de elaboração de planos de ensino anuais, semestrais, bimestrais e mensais.

## 7. CAPÍTULO VII

### 7.1 Matriz do Esporte

No presente capítulo, apresentaremos o software Matriz do Esporte. O capítulo foi organizado da seguinte forma:

- Primeiro: Breve introdução acerca do *software*.
- Segundo: Abordagem das funcionalidades gerais do *software*.
- Terceiro: Abordagem sobre as funcionalidades no processo de planejamento das aulas onde serão explicadas as barras de funções horizontal e vertical.
- Quarto: Manuseio da matriz no processo de planejamento. Este último tópico apresenta as especificidades do processo de elaboração do planejamento no *software*.

### 7.2 Introdução ao Software.

Um *software* está sendo desenvolvido como ferramenta de auxílio ao trabalho do professor. A temática do *software* tem relação com o planejamento compreendido como requisito importante no trabalho docente consciente que deve necessariamente anteceder o ato de ensinar. Sobre o planejamento como aspecto fundamental no trabalho docente, Libâneo destaca:

(...) toda atividade humana implica um modo de ser realizada, uma sequência de atos sucessivos e inter-relacionados para atingir seu objetivo. O trabalho docente é uma atividade intencional, planejada conscientemente visando atingir objetivos de aprendizagem. Por isso precisa ser estruturado e ordenado (p. 96).

Sobre o planejamento, Libâneo (1994) acrescenta ainda:

...o planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino (p. 221).



Mais especificamente, a Matriz do Esporte visa ser uma ferramenta de auxílio ao plano de ensino do professor de educação física. Sobre o plano de ensino, Libâneo (1994) afirma que ele “é um roteiro organizado das unidades didáticas. (...) é denominado também de plano de curso ou plano de unidades didáticas (...)” (p. 232).

De acordo com as definições citadas, o *software* “Matriz do Esporte” foi pensado tendo como base as informações contidas no livro *Matriz Metodológica Crítica para o Ensino dos Esportes* (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INFRAN, ZANELA, 2017), considerando a importância do planejamento em educação física como processo que antecede o ato do ensino do esporte de forma consciente.

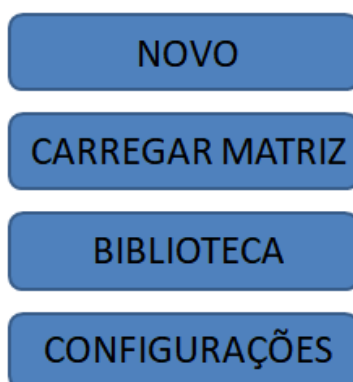
Dessa forma, a produção do *software* foi planejada para acontecer em três fases. A primeira voltada para a idealização do projeto relacionada às funcionalidades e à estruturação do *software*. Fase essa concluída. A segunda direcionada para o processo de desenvolvimento do *software*. A terceira fase voltada para a realização de testes para a posterior conclusão do projeto. A segunda e terceira fases do projeto serão ainda realizadas.

A Matriz do Esporte tem como objetivo ser um instrumento de facilitação no processo de realização do planejamento de ensino e, por isso, a principal pretensão do presente aplicativo é de ser uma ferramenta eficiente e de fácil manuseio por parte do professor. Seguindo essa lógica, apresentaremos abaixo a ideia do aplicativo abordando a sua estruturação a partir da organização das funcionalidades idealizadas.

A apresentação do aplicativo será dividida em duas partes. A primeira tratará das funcionalidades gerais do *software* e a segunda das funcionalidades especificamente inerentes ao processo de elaboração do planejamento, assim como da ordenação do conhecimento a ser transmitido nas aulas.

### **7.3 Funcionalidades gerais da “Matriz do Esporte”.**

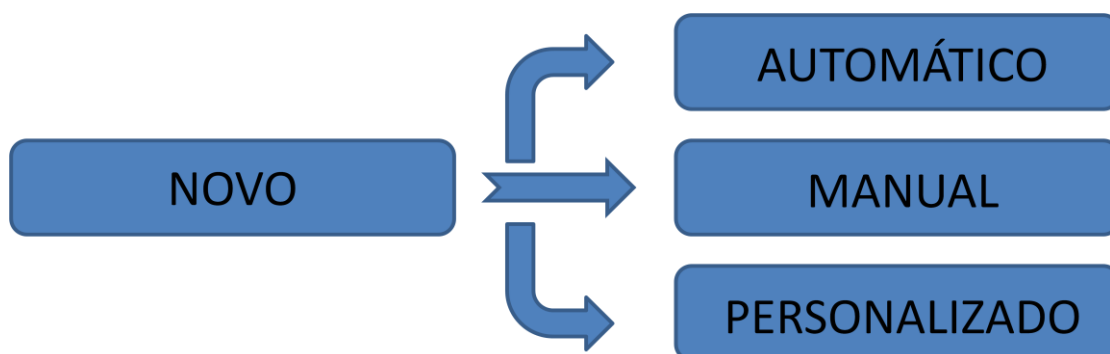
A tela inicial do *software* é composta de quatro funções que se ramificam em outras. As quatro funções iniciais são: novo, carregar matriz, biblioteca e configurações.



**Figura 7 - Funções Gerais da Matriz do Esporte.**

A função “novo” dá início ao planejamento da(s) unidade(s) didática(s). A função “carregar matriz” retoma projetos salvos finalizados ou em fase de elaboração. O botão “biblioteca” pode ser utilizado pelo usuário para armazenar textos, arquivos em PDF, vídeos, imagens, músicas, matrizes prontas etc., ou seja, tudo aquilo que o usuário achar necessário como material útil para estudos e para a preparação do ensino, podendo consultar tais materiais a qualquer momento. A função “configurações” oferece algumas opções de personalização do software.

Na função “novo” há três opções para dar início ao trabalho de planejamento de ensino.



**Figura 8 - Função "Novo" da Matriz do Esporte.**

As opções que se ramificam da função “novo” são três. A primeira, “automático”, é o início a partir de uma matriz já previamente configurada, como a realizada no presente trabalho e apresentada na metodologia do presente estudo. Quando o usuário optar por começar o planejamento pela função “automático”, ele iniciará todo o processo de elaboração do planejamento tendo como ponto de início

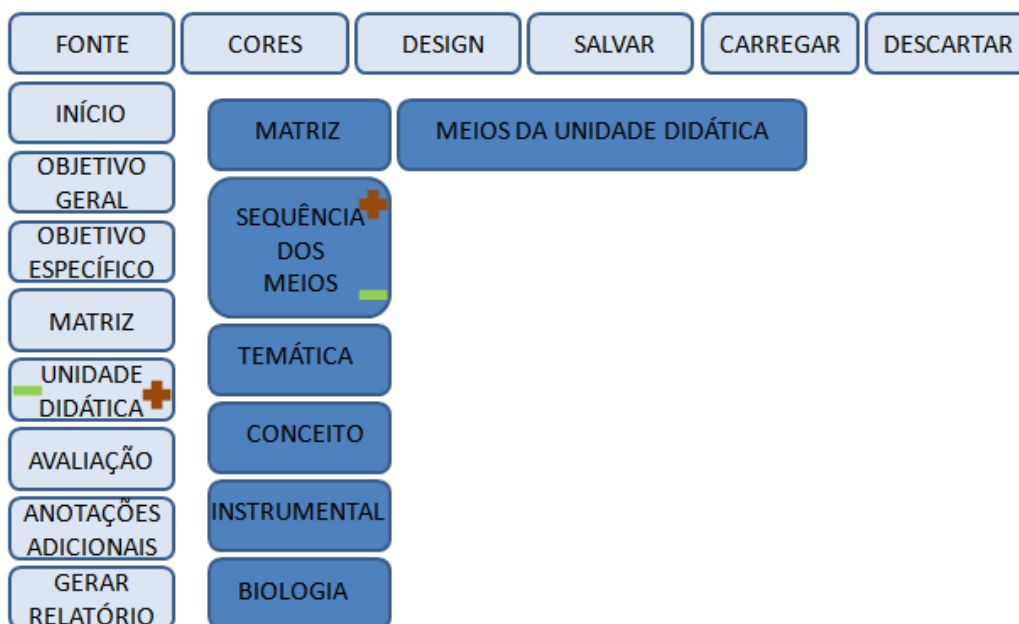
a unidade didática do presente trabalho. Entretanto, a unidade didática padrão da função “automático” poderá ser alterada em “configurações”.

A segunda função “Manual” propõe oferecer ao usuário elaboração da(s) unidade(s) didática(s) do início sem uma pré-programação de quantas unidades didáticas e quantos meios irão compor a matriz. A função “Manual” dá toda autonomia para o usuário na montagem do planejamento desde o início. Nesse caso, é necessário amplo domínio do *software*. O *layout* inicial dessa função dará apenas a barra de tarefas idealizada da seguinte forma:



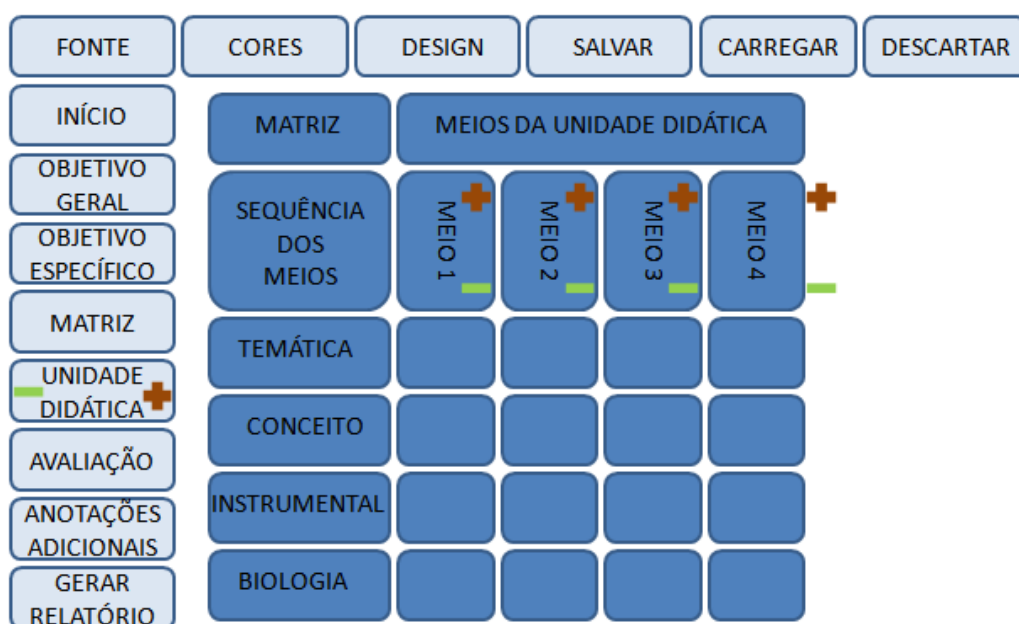
**Figura 9 - Layout Inicial da Barra de Tarefas Horizontal e Vertical da Matriz do Esporte.**

Antes de dar início à construção da unidade didática por meio da matriz, o professor pode estabelecer de forma prévia os objetivos, a fonte e o design, por exemplo. Para dar início à elaboração das unidades didáticas, o usuário precisa acionar o botão “início”. Dessa maneira, a matriz aparecerá, como exemplificado abaixo:



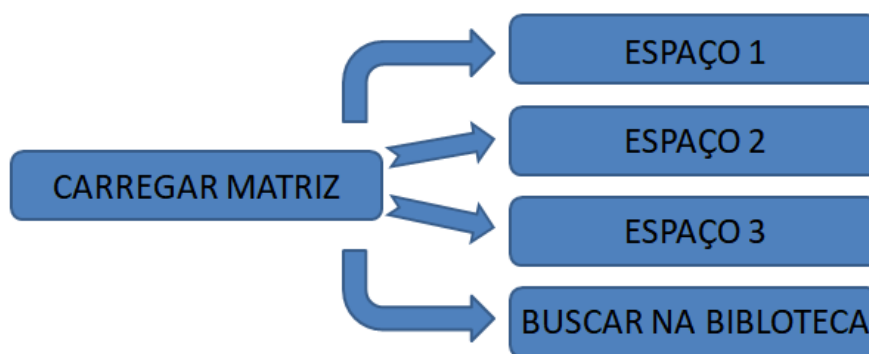
**Figura 10 - Barra de Tarefas da Matriz do Esporte com a Matriz por dentro (a).**

A terceira função “personalizado” fornece possibilidades de pré-programação de quantidade de unidades didáticas e de meios para cada uma delas. Por exemplo, ao acionar o botão personalizado, o usuário será perguntado sobre quantas unidades didáticas constarão no planejamento e quantos meios existirão em cada uma delas. Nesse caso, se o usuário decidir por apenas uma unidade didática com quatro meios a matriz aparecerá inicialmente assim:



**Figura 11 - Layout da Área de Trabalho do Planejamento de Aula por intermédio da Matriz Crítica do Esporte.**

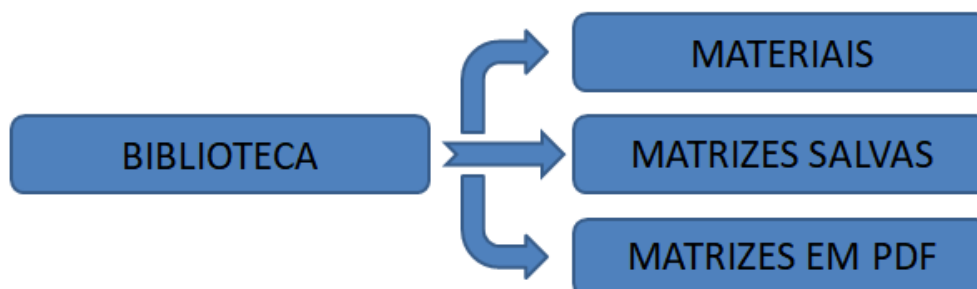
A função da tela inicial “carregar matriz” servirá para o carregamento de trabalhos em elaboração e concluídos que já constam na biblioteca. Ao clicar em “carregar matriz”, uma nova tela aparecerá para o usuário:



**Figura 12 - Função Carregar Matriz.**

Nos botões “espaço 1”, “espaço 2” e “espaço 3” ficam as matrizes em elaboração e, para carregar uma matriz pronta, aciona-se o botão “buscar na biblioteca”.

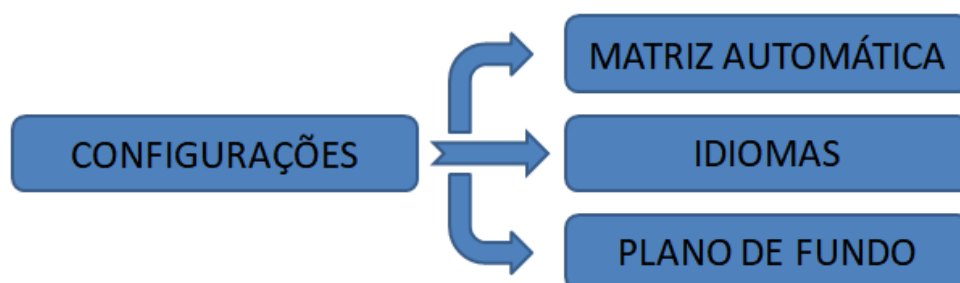
A função “biblioteca” serve como um espaço onde o usuário poderá armazenar os diferentes tipos de conteúdos necessários para a elaboração do planejamento junto a matriz, além de poder acessar as matrizes salvas e matrizes geradas em PDF que podem ser impressas.



**Figura 13 - Função "Biblioteca".**

A intenção é que o espaço seja bastante fácil de manusear os diferentes arquivos em pastas distintas. Essas pastas podem também ser armazenadas em sessões temáticas, se assim o usuário preferir para melhor organização do conteúdo existente nela.

A quarta função da tela inicial é “configurações” que consta de opções gerais de configuração do software. Nela, o usuário poderá configurar a matriz que será gerada automaticamente quando selecionada a opção “novo” e depois “automático”, selecionar o idioma do software (Inicialmente seriam português, espanhol e inglês) e personalizar o plano de fundo com fotos ou imagens da preferência do usuário. Constarão imagens padrões como a capa do livro *Matriz Metodológica Crítica para o Ensino do Esporte* (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017) e outras relacionadas à educação física. Abaixo a estrutura da opção “configurações”.



**Figura 14 - Função "Configurações".**

Após a descrição das funções gerais do software “Matriz do Esporte”, serão apresentadas, a seguir, as funcionalidades mais específicas inerentes ao processo de planejamento das aulas na “Matriz do Esporte”.

#### **7.4 Funcionalidades do Processo de Planejamento das Aulas na Matriz do Esporte.**

Para o desenvolvimento do planejamento por intermédio da “Matriz do Esporte”, temos na área de trabalho a seguinte ideia de estrutura inicial para a elaboração da matriz:



**Figura 15 - Barra de Tarefas da Matriz.**

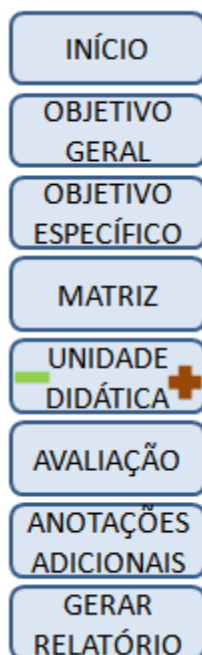
Diversas são as funções que estão disponíveis ao usuário. Essas funções estão distribuídas na área de trabalho através da barra de funções horizontal e vertical. As funções da barra horizontal são:



**Figura 16 - Barra de Tarefas Horizontal.**

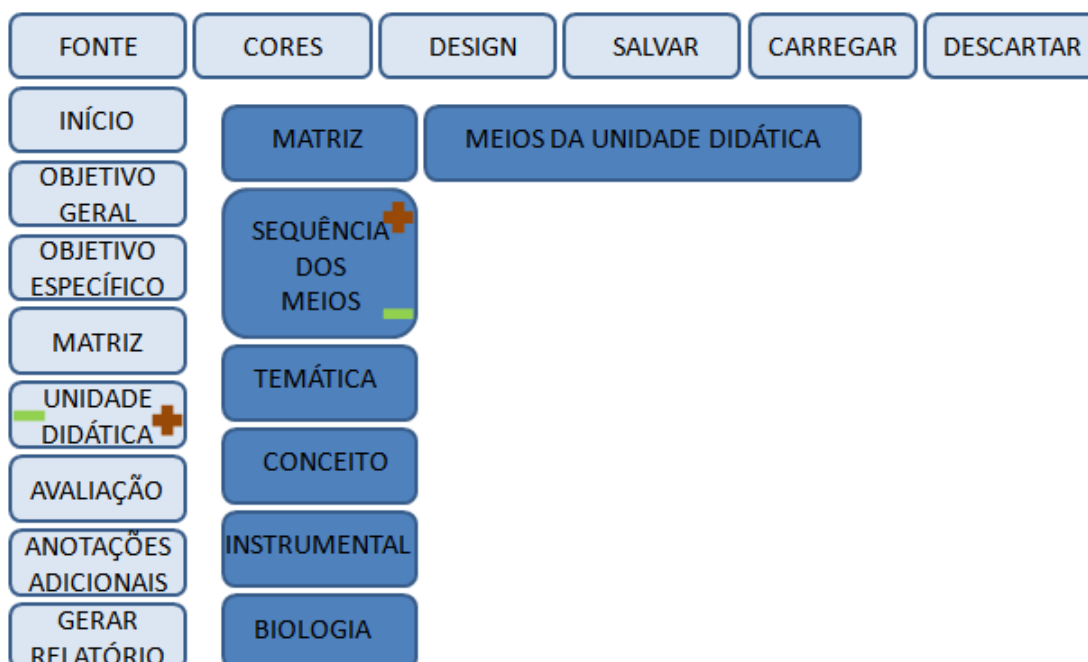
A função “fonte” servirá para a escolha da fonte do planejamento a ser realizado através da matriz. “Cores” servirá para colorir a matriz ou parte da matriz (apenas os conceitos, ou apenas os meios idealizados para o planejamento, etc.) com finalidade de personalização pessoal ou de destaque de algum elemento ou meio da matriz. “Design” oferecerá algumas configurações de matriz pré-estabelecidas, cabendo ao usuário apenas escolher uma delas. As funções “salvar”, “carregar” e “descartar” servirão para armazenar no banco de dados do software as matrizes em elaboração e/ou aquelas já concluídas (biblioteca), para carregar (abrir) uma matriz em elaboração ou já concluída e descartar completamente uma matriz iniciada, começando-a do zero ou voltando para o menu inicial.

A barra de funções vertical oferece outras funções mais específicas à matriz:



**Figura 17 - Barra de Tarefas Vertical.**

O botão “início” servirá para iniciar o processo de elaboração do planejamento através da matriz. Ao acionar essa função, aparecerá por dentro das barras de funções horizontal e vertical a matriz para início do planejamento:



**Figura 18 - Barra de Tarefas da Matriz do Esporte com a Matriz por dentro (b).**

O “objetivo geral” corresponde à elaboração do objetivo mais amplo no projeto de formação humana a ser perseguido através da(s) unidade(s) didática(s). Como aponta Libâneo (1994),





Os objetivos gerais expressam propósitos mais amplos acerca do papel da escola e do ensino diante das exigências postas pela realidade social e diante do desenvolvimento da personalidade do aluno. Definem, em grandes linhas, perspectivas da prática educativa na sociedade brasileira, que serão depois convertidas em *objetivos específicos* de cada matéria de ensino, conforme os graus escolares e níveis de idade dos alunos (p. 121 e 122).

O “objetivo específico” corresponde, especificamente, aos objetivos relacionados aos conhecimentos ensinados durante a(s) unidade(s) didática(s) que servirão para auxiliar ao cumprimento do objetivo geral. Libâneo (1994) define os objetivos específicos da seguinte forma:

Os objetivos específicos de ensino determinam exigências e resultados esperados da atividade dos alunos, referentes a conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções cuja aquisição e desenvolvimento ocorrem no processo de transmissão e assimilação ativa das matérias de estudo (p. 122).

Desse modo, para todo e qualquer planejamento de ensino consciente se faz necessário a elaboração de objetivos pertinentes às ações de transmissão do conhecimento. Para colocar os objetivos na Matriz do Esporte, basta que o usuário acione os botões de objetivo geral e específico e um campo se abrirá para a escrita.

O botão “matriz” servirá para uma visualização panorâmica da ordenação da matriz em relação às diferentes unidades possíveis existentes no planejamento. O usuário pode adicionar mais unidades didáticas via botão “unidade didática”, ao acionar “matriz” ele poderá ver a junção de todas as unidades didáticas em uma matriz única, possibilitando uma visão total do planejamento.

O botão “unidade didática” será acionado pelo usuário para ver as diferentes unidades didáticas criadas no planejamento de ensino. Para adicionar unidades didáticas, é necessário acionar  e para suprimi-las . Ao adicionar uma unidade didática, abrirá um campo abaixo que proporcionará ao usuário gerenciar as diversas unidades didáticas na mesma área de trabalho facilitando a elaboração do planejamento, como demonstra a figura abaixo:



**Figura 19 - Adição de Unidades Didáticas.**

A função “avaliação” servirá para registrar os processos avaliativos a serem realizados em cada unidade didática. Para qualquer observação ou anotação relevante sobre o planejamento ou sobre o contexto onde ele será aplicado, o usuário poderá deixar anotações em “anotações gerais”.

Encerrando a barra de funções vertical, temos o botão “gerar relatório” que consiste em gerar material da unidade didática impresso, organizando todos os dados colocados pelo usuário, materializando todas essas informações em um documento que poderá ser impresso ou salvo em diferentes formatos de arquivos como PDF ou em arquivos compatíveis com programas de processamento e edição de textos como consta, por exemplo, no *Libre Office* ou no *Microsoft Office*.

#### **7.4.1 Manuseio da matriz na elaboração do planejamento**

Para início do processo de planejamento do ensino do esporte através da matriz no que diz respeito à ordenação dos meios, assim como da especificação dos elementos (temática, conceito, instrumental e biologia) que compõem a matriz para o ensino do esporte, é necessário que o usuário acione o botão “início” e a matriz aparecerá na parte mais interna da barra de funções. Como exemplificado abaixo:





**Figura 20 - Barra de Tarefas da Matriz do Esporte com a Matriz por dentro (c).**

Para incluir a temática, o conceito, o instrumental ou a biologia, o usuário pode acionar esses botões e escrevê-los. Para a adição dos meios que farão parte da ordenação e da progressão pedagógica do ensino é necessário acionar o ícone **+** (em sequência dos meios).

FONTE	CORES	DESIGN	SALVAR	CARREGAR	DESCARTAR
INÍCIO	MATRIZ	MEIOS DA UNIDADE DIDÁTICA			
OBJETIVO GERAL	SEQUÊNCIA DOS MEIOS	A	MEIO 1		
OBJETIVO ESPECÍFICO		I			
MATRIZ	TEMÁTICA				
UNIDADE DIDÁTICA	CONCEITO				
AValiação	INSTRUMENTAL				
ANOTAÇÕES ADICIONAIS	BIOLOGIA				
GERAR RELATÓRIO					

**Figura 21 - Adição de Meios.**

O usuário poderá ter quantos meios forem necessários para o cumprimento dos objetivos propostos para a unidade didática de acordo com o tempo e quantidade de aulas disponíveis. Para acrescentar meios ou suprimi-los, basta utilizar os ícones  e  respectivamente. A coluna abaixo do “meio 1” servirá para marcar com “X” os elementos que estarão em contato com os meios pré-estabelecidos. Com isso, é possível planejar o contato dos conhecimentos dos diferentes elementos (temática, conceito, instrumental e biologia) com os meios, podendo prever em que momento determinado elemento entrará em contato com os discentes de forma mais específica. Como demonstra a imagem abaixo:

FUNÇÃO	CORES	DESIGN	SALVAR	CARREGAR	DESCARTAR
INÍCIO	MATRIZ	MEIOS DA UNIDADE DIDÁTICA			
OBJETIVO GERAL	SEQUÊNCIA DOS MEIOS	A MEIO 1 I	A MEIO 2 I	A MEIO 3 I	A MEIO 4 I
OBJETIVO ESPECÍFICO	TEMÁTICA	X	X	X	X
MATRIZ	CONCEITO	X	X	X	X
UNIDADE DIDÁTICA	INSTRUMENTAL		X	X	X
AValiação	BIOLOGIA			X	X
ANOTAÇÕES GERAIS					
GERAR RELATÓRIO					

**Figura 22 - Exemplo de Matriz com Quatro Meios.**

Os ícones A e I servem para anexar (A) arquivos e para adicionar informações (I) ao meio de forma específica. Ao fazer isso, o professor poderá consultar os arquivos anexados e as informações adicionadas nos variados meios presentes na unidade didática. Além disso, os termos “meio 1”, “meio 2”, “meio 3” e “meio 4” poderão ser alterados por outros termos relacionados à especificidade da aula. Por exemplo, no meio 1 pode ser colocado “filme” ou “vídeo”, o meio 2 pode ser modificado para jogos pré-desportivos, etc.

Como visto, a Matriz do Esporte tem pretensões de auxiliar o professor de educação física na montagem das aulas e na organização e seleção dos conhecimentos a serem transmitidos por ele. O planejamento pode assumir maior profundidade e complexidade com o apoio da Matriz do Esporte, já que possibilita diferentes funções, bem como o armazenamento de planejamentos, de documentos e de arquivos para consulta do professor. Isso pode gerar maior enriquecimento dos conhecimentos abordados pela(s) unidade(s) didática(s) e na transmissão desses conhecimentos aos discentes. Feita a apresentação do produto, Matriz do Esporte, serão realizadas as devidas conclusões e reflexões da pesquisa realizada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como intenção investigar a relação entre o esporte e a racionalidade técnica contemporânea demarcada pelo pensamento unidimensional-positivo. O problema que se ergueu e que deu base para os encaminhamentos desta pesquisa teve relação com a manifestação da racionalidade conservadora que parece ter surgido historicamente do setor produtivo por meio do desenvolvimento técnico burguês alcançando a superestrutura de modo a proliferar-se pela sociedade.

A racionalidade técnica exerceu o controle por meio de procedimentos que viabilizaram a extração de mais-valia do trabalho da classe trabalhadora favorecendo a acumulação pelas vias da desvalorização do trabalho humano. A técnica aparelhada pela racionalidade burguesa assumiu características desumanas, pois distanciou o trabalhador dos sentidos ontológicos que o trabalho pode proporcionar, sobretudo, em relação ao processo de humanização do próprio homem.

Dessa forma, o que destacamos foi a racionalidade que impera sobre a técnica de modo a submeter o homem às determinações e aos interesses da lógica capitalista. Com o desenvolvimento e proliferação da técnica aos níveis da superestrutura, a racionalidade conservadora predominante alcançou aspectos culturais da vida humana.

Partindo da concepção de que tal racionalidade emanou inicialmente dos setores produtivos da sociedade (infraestrutura), realizamos, no início do presente trabalho, uma apresentação de diversos estudos que apontaram para a presença da racionalidade burguesa sobre a técnica na infraestrutura da sociedade, assim como, a caracterização multifacetada que pode assumir a técnica por ser capaz de inserir-se em diferentes áreas do conhecimento humano.

Foi mostrado que a técnica tem sido um recurso para promover o mercado capitalista e fazer com que as empresas permaneçam à frente de outras na corrida pelo lucro. A técnica se mostrou materializada de diferentes formas, seja em processos para aumento de eficiência na organização do trabalho, seja em metodologias para o diagnóstico do mercado para a tomada de decisões em relação aos rumos das empresas, seja no desenvolvimento de softwares para simulação de

planos de negócios, seja, ainda, como estruturas grandiosas (artefatos técnicos ou máquinas) para dar conta das demandas do setor produtivo.

Há, portanto, diferenciações em relação aos modos como a técnica é empregada na sociedade. A técnica utiliza diferentes meios para atingir um mesmo fim que, na sociedade capitalista, é a extração máxima de mais-valia.

Na superestrutura também percebemos um espalhamento da racionalidade técnica em diferentes estudos apresentados ligados às artes, à educação e à educação física. Os diferentes estudos tinham como intenção apontar para a racionalidade conservadora que predominam sobre as áreas citadas. Na educação física predominou principalmente concepções relacionadas à promoção da saúde, à esportivização e, em menor grau, à psicomotricidade em relação aos estudos inicialmente apresentados no presente trabalho de pesquisa.

A técnica passou a ser um aspecto problemático no ensino da educação física, já que os professores de educação física atuantes em espaços educacionais distintos consideravam que ensinar a técnica é estar vinculado ao tecnicismo. Essa impressão ocorreu principalmente devido às inúmeras críticas ao esporte e à concepção tecnicista tão presente na educação física.

Não havendo subsídios teóricos sobre como proceder na prática, muitos professores de educação física sem possuir uma referência teórica que pudesse proporcionar uma compreensão mais ampla e aprofundada das possibilidades da educação física escolar acabaram abandonando o ensino da técnica esportiva.

A educação física absorveu o esporte como conteúdo de ensino sem estabelecer referenciais que pudessem analisar o esporte do ponto de vista crítico. Com isso, houve uma transferência dos valores e da ética que dão base ao esporte na sociedade capitalista para dentro da escola, o que gerou a reprodução da racionalidade conservadora no processo educacional no que diz respeito ao ensino do esporte na escola. O tecnicismo e o esporte, como abordagem e conteúdo de ensino predominante na educação física brasileira, foram então compreendidos a partir da contribuição que davam à lógica de manutenção do *status quo*.

Essa reprodutibilidade do esporte, do tecnicismo no ensino dos esportes, da aptidão física como objetivo a ser perseguido no ensino da educação física e de outros aspectos conservadores demarcaram a educação física brasileira. Assim, podemos então caracterizá-la predominantemente através de uma concepção que, no presente trabalho, denominamos de biológico-esportivista. Dessa maneira, foi

necessário estabelecer uma breve contextualização histórica da educação física brasileira visando traçar os determinantes que resultaram nessa caracterização biológico-esportivista e as tentativas de rompimento que vieram de encontro a esta caracterização histórica da educação física brasileira nos anos de 1980 com a abertura política ocorrida naquela época, após a ditadura.

A partir da apresentação de diferentes estudos de diversos intelectuais da educação física brasileira que tiveram como preocupação a deflagração do conservadorismo presente na educação física, destacamos Vitor Marinho de Oliveira como um dos intelectuais que se propôs a essa tarefa de deflagração da característica utilitarista assumida pela educação física brasileira cujos serviços estavam vinculados às concepções higienistas e militaristas.

Outra obra de relevância contestatória para a área foi o livro *Metodologia de Ensino de Educação Física* (COLETIVO DE AUTORES, 1992). O Coletivo de Autores considerou as críticas que existiam em torno do caráter conservador da educação física brasileira e, partindo delas, buscaram sistematizar uma nova educação física que pudesse absorver novos aspectos axiológicos partindo de uma visão marxista de sociedade tendo em vista a elaboração de uma educação física transformadora e mais comprometida com a formação crítica do aluno.

Vitor Marinho de Oliveira e, posteriormente, o Coletivo de Autores visaram uma educação física sociocultural com intenções de confrontar a perspectiva biológico-esportivista, visando fomentar ampliações qualitativas em relação às possibilidades do trabalho pedagógico do professor de educação física.

Entretanto, apesar de mais de trinta anos das denúncias realizadas ao caráter conservador e pragmático da educação física brasileira, há ainda grande predominância da concepção biológico-esportivista no ensino da educação física realizada na escola, como também na formação dos futuros professores que atuarão em diferentes espaços educacionais da sociedade brasileira.

Desse modo, constatado o conservadorismo histórico da educação física atrelado à lógica de dominação presente nos dias atuais, foi possível considerar a relevância e atualidade da temática proposta pelo presente trabalho, sobretudo, em relação à investigação do tipo de racionalidade que vem predominando sobre a educação física, especificamente em relação ao ensino dos esportes.

Para as pretensões da investigação apontada, foram utilizados como suporte teórico para a presente pesquisa os conceitos de alienação em Marx (2014) e o



conceito de racionalidade técnica em Marcuse (1964), mais precisamente abordando questões referentes aos pensamentos positivo (unidimensional) e negativo (dialético).

A apresentação do referencial teórico veio organizada a partir do tempo histórico em que ocorreram as sistematizações dos estudos desses intelectuais. Com tal organização, foi delineado o processo de proliferação da racionalidade técnica dos setores produtivos, como visto em Marx por meio da expropriação do trabalhador do produto do seu trabalho que passou a ser fragmentado e alienado no processo de produção de mercadorias no atendimento das demandas do capital, seguindo até a superestrutura situada em uma fase mais madura do capitalismo que ocorre, sobretudo, através da homogeneização dos interesses de classes distintos (trabalhadora e dominante) como resultado da lógica de consumo das mercadorias em abundância na sociedade, como pudemos observar em Marcuse (1964).

De posse do referencial teórico citado, foram realizados alguns procedimentos para coleta de dados tendo em vista a elaboração da análise. Inicialmente, com intenção de verificar as hipóteses sobre a predominância do pensamento unidimensional-positivo na concepção de esporte em alunos dos anos finais do ensino fundamental, foi aplicado questionário para atender a essa finalidade. Constatou-se, em questões abertas e fechadas, a alta predominância do pensamento unidimensional.

Após a confirmação da hipótese levantada na presente pesquisa (predominância da unidimensionalidade nas consciências dos alunos em relação ao esporte) constatada nos questionários da etapa 1, alunos de uma turma de 6º ano do ensino fundamental, que foram submetidos ao questionário inicial (Etapa 1), participaram de uma unidade didática (10 aulas com dois tempos cada, totalizando 20 tempos de aula) sistematizada a partir de uma perspectiva que denominamos de dialético-negativa com o auxílio de uma Matriz Metodológica Crítica para o Ensino dos Esportes (MALINA, AZEVEDO, ORTIZ, PIERETTI, INSFRAN, ZANELA, 2017).

Durante as aulas, foi possível perceber alguns avanços em relação a possíveis aberturas em relação ao pensamento unidimensional predominante para a ascensão do pensamento dialético. No processo pedagógico, foram estabelecidos contrastes entre valores desumanos e humanos que se manifestam (desumanos) e que podem se manifestar (humanos) como forma de compreensão do esporte próxima da noção de totalidade bidimensional da realidade, ou seja, foram

resgatadas as contradições que se apresentam no fenômeno esportivo como objeto de ensino.

Essas aberturas constatadas para além do pensamento unidimensional no decorrer da unidade didática aplicada também foram constatadas no questionário final aplicado. O pensamento dialético em relação ao esporte apareceu em expressões manifestadas pelos alunos submetidos à unidade didática. A constatação de indícios do pensamento dialético-negativo nas consciências dos alunos ocorreu em questionário final (Etapa 3). Foi identificado que a educação física pode contribuir com a formação crítica do aluno no trato com a cultura corporal, como exemplificado nas aulas realizadas sobre o esporte (conteúdo adotado na unidade didática cujo subconteúdo foi o futebol).

Apesar dos avanços alcançados, o pensamento unidimensional se mostrou ainda bastante predominante nos discentes o que demonstrou a resistência que esse tipo de pensamento pode exercer em propostas de ensino do esporte em uma perspectiva crítica. Para o rompimento do pensamento unidimensional, há a necessidade de um projeto educacional concreto de formação humana voltada para o desenvolvimento do pensamento crítico contestatório. Esse, portanto, não é e nem pode ser um papel exclusivo da educação física.

Assim, o presente trabalho revela o quadro conservador que ainda persiste na educação física brasileira, principalmente em relação ao esporte enquanto elemento da cultura corporal que propaga os valores conservadores, acríticos e unidimensionais que mobilizam as consciências para a adesão inquestionável das sociabilidades que interessam à classe dominante. Em um sentido oposto, houve a tentativa de realizar um trabalho pedagógico com o ensino dos esportes que pudesse vir de encontro ao pensamento unidimensional-positivo fomentado pelo esporte, visando o resgate das contradições presentes no fenômeno esportivo que, de certa forma, também retratam a lógica desumana da racionalidade social vigente.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto de. **História da Educação Física no Brasil: Currículo e Formação Superior**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2013
- BAGNARA, Ivan Carlos; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Intervenção pedagógica em Educação Física escolar: um recorte da escola pública. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 316-330, 2016.
- BARRETO, Márcio. Cinema, ciência e percepção. **ARS (São Paulo)**, v. 12, n. 24, p. 99-115, 2014.
- BASTOS, Rogério Lustosa. Marcuse e o homem unidimensional: pensamento único atravessando o Estado e as instituições. **Revista Katálysis**, v. 17, n. 1, p. 111-119, 2014.
- BEZERRA, Daniella de Souza; BARBOSA, Walmir. Ensino Médio Integrado à Educação Profissional Técnica e seus Projetos Políticos Pedagógicos: na mira (gem) da politécnica e da (des) integração. **Anais da 36ª reunião anual da Anped – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Goiânia/GO, GT: Trabalho e Educação**, n. 9, 2013.
- BRACHT, Valter. "A Criança que Pratica Esporte Respeita as Regras do Jogo... Capitalista". In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de. (Org.) **Fundamentos Pedagógicos - Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987. Capítulo 3, p. 180-190.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: Uma Introdução**. 3 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- BRACHT, Valter. Esporte de Rendimento na Escola. In: STIGGER, Marcos Paulo; LOVISOLO, Hugo. **Esporte de Rendimento e Esporte na Escola**. 1 ed. São Paulo: Autores Associados, 2009, p. 11-26.
- BUENO, Sinésio Ferraz. Política contemporânea e sociedade unidimensional. **Trans/Form/Ação**, p. 39-50, 2004.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a Educação Física na Escola e a Educação Física da Escola**. 3 ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2007.
- CAPIVARI, Escola Municipal Parque. **Projeto Político-Pedagógico**, 2017.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Papyrus Editora, 2007.
- CASTRO, A. de C. Produção offshore na Bacia de Campos (RJ): a perspectiva da Psicologia do Trabalho. **Gestão & Produção**, v. 20, n. 4, p. 833-846, 2013.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. Cortez Editora, 1992.
- COUCHOT, Edmond. As ciências cognitivas e a pesquisa na criação artística e a estética. **ARS (São Paulo)**, v. 10, n. 20, p. 86-95, 2012.

ENTLER, Ronaldo. Acheiropoiesis: sobrevivência do valor de culto na imagem técnica. **ARS (São Paulo)**, v. 12, n. 23, p. 38-51, 2014.

FREIRE JÚNIOR, José Martins; MALDONADO, Daniel Teixeira dos Santos; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Estratégias para ensinar esporte nas aulas de Educação Física: um estudo na cidade de Aparecida/SP. **Motrivivência**, v. 29, n. 51, 2017.

GAMA, Fabio et al. Processo de captação de novas oportunidades no desenvolvimento de novos produtos: em uma empresa industrial de motores elétricos. **Gestão & Produção**, v. 1, n. 1, p. 1, 2016.

GONZALEZ, R.; MARTINS, Manoel Fernando. Competências habilitadoras da melhoria contínua: estudo de casos em empresas do setor automobilístico e de bens de capital. **Gestão & Produção**, v. 22, n. 4, p. 725-742, 2015.

JOST, Araci; SCHLESENER, Anita Helena, 2009. Trabalho e Formação Humana: observações acerca dos escritos de Marx. **6º Colóquio Internacional Marx e Engels do CEMARX – Centro de Estudos Marxistas, UNICAMP – Campinas, 2009.**

KLEIN, Stefan Fornos. **Sobre a dominação e a emancipação na teoria crítica de Herbert Marcuse**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

KOSIK, Karel. **A Dialética do Concreto**; tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1976.

KUNZ, Elenor. Esporte: Uma Abordagem com a Fenomenologia. In: STIGGER, Marcos Paulo; LOVISOLO, Hugo. **Esporte de Rendimento e Esporte na Escola**. 1 ed. São Paulo: Autores Associados, 2009, p. 27-48.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. 7 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

LEANDRO, Janine Barreiro. Herbert Marcuse no Contexto de Fundação da Escola de Frankfurt. **Kairós - Revista Acadêmica da Prainha** Ano IV/1, Jan/Jun 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: A pedagogia Crítico-social dos Conteúdos**. 28 ed. Editora Loyola, 2014.

MALINA, André. O Esporte como um Bem Cultural da Humanidade e o Modo de Produção Capitalista. In: MALINA, André; CESARIO, Sebastiana. **Esporte: Fator de Integração e Inclusão Social?** 2 ed. Amp. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2013, p. 51-65.

MALINA, André; AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto de. História da Perspectiva Sociocultural da Educação Física nos anos 1980 como Fundamento Crítico para a Educação Física Escolar. In: TELLES, Silvio de Cássio Costa; TRIANI, Felipe. **Educação Física Escolar: múltiplos olhares**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Autobiografia, 2017, p. 28-50.

MALINA, André; AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto de; ORTIZ, Caroline Arnaldo; PIERETTI, Eduardo Reis; INSFRAN, Felipe; ZANELA, Jennifer Aline. **Matriz**

**Metodológica Crítica para o Ensino do Esporte.** 1 ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2017.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a Pedagogia Moderna;** [tradução Newton Ramos de Oliveira]. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010. 2º Edição.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade-I.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade-II.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1998.

MARCUSE, Herbert. **O Fim da Utopia.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1969.

MARCUSE, Herbert. **Razão e revolução.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial.** Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

MARCUSE, Herbert. **Contra revolução e revolta.** Zahar 1973.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: Uma interpretação Filosófica do Pensamento de Freud.** LTC, 2013.

MARCUSE, Herbert. **Ideias sobre uma teoria crítica da sociedade.** Zahar, 1972.

MARINHO, Vitor. **Educação Física Humanista.** 2 ed. Editora Shape, 2010.

MARX Karl. **Contribuição à crítica da economia política** - tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** Trad. Jesus Ranieri. 1 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política,** livro I, vol.1: O processo de produção do capital. 32 ed. Editora Civilização Brasileira, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** Trad. Luís Cláudio de Castro e Costa. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 – (Clássicos).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** Trad. Marcos Aurélio Nogueira e Leandro Konder. 2 ed. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2014 – (Vozes de Bolso).

MEDEIROS, Luciano Frontino de. Uso de algoritmos genéticos para definição de mix de produção em simulador de plano de negócios. **Gestão & Produção,** São Carlos, v. 22, n. 3, p. 624-635, 2015.

MENEZES, Graziela Ninck Dias. O Trabalho Docente na Educação Profissional Técnica. **37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.**

MÉSZÁROS, István. **A Teoria da Alienação em Marx;** tradução Nélio Schneider – 1º ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria. Método e Criatividade.** 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MOGENDORFF, Janine Regina. A Escola de Frankfurt e seu legado. **Verso e Reverso**, v. 26, n. 63, p. 152-159, 2012.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MARINHO, Vitor. **O Esporte Pode Tudo**. 1 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. **O que é Educação Física?** 11 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

PEIXOTO, Luiz Antonio da Silva. Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 156-180, 2011.

PERENCINI, Tiago Brentam. A Formação Humana na Ideologia da Sociedade Industrial de Marcuse: Tendências e Unidimensionalidade. **Trilhas pedagógicas**, v. 2, n. 2, Ago. 2012, p. 80-91.

PIRETTI, Eduardo Reis; ORTIZ, Caroline Arnaldo; MALINA, André. A Teoria Marxiana do Valor-Trabalho como Fundamento Explicativo do Trabalho do Professor de Educação Física: Das Determinações Históricas à Atividade Profissional em Educação Física. *In*: AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto; MALINA, André. **Formação Profissional e Formação Humana em Educação Física: Apontamentos Críticos**. 1 ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2017, p. 17-43.

PISANI, Marília Mello. Algumas considerações sobre ciência e política no pensamento de Herbert Marcuse. **Scientiae Studia**, v. 7, n. 1, p. 135-158, 2009.

RANIERI, Jesus. Apresentação. *In*: MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. 1 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p. 11-17.

RIBEIRO, Walmeri. Territórios Sensíveis: uma investigação performativa em arte, ciência, tecnologia e natureza. **ARS (São Paulo)**, v. 13, n. 26, p. 196-205, 2015.

RINCÓN, Omar; TONO, Lina. A audiovisualidade da névoa: vídeo-cliffs vs vídeo-clips. **ARS (São Paulo)**, v. 13, n. 25, p. 115-133, 2015.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. *In*: Polêmicas do Nosso Tempo. 38 ed. Campinas SP. Editora Autores Associados, 2006.

SAVIANI, Dermeval et al. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista brasileira de educação**, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras Aproximações**. 11 ed. Campinas SP: Editora Autores Associados, 2011.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. A sociedade unidimensional e a produção da subjetividade humana. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 9 (1/2), v. 10 (1/2), p. 103-p. 109, Jan/Dez, 1991/92.

SILVA, Marlon André da; SILVA, Lisandra Oliveira e; MOLINA NETO, Vicente. Possibilidades da educação física no ensino médio técnico. **Movimento**, v. 22, n. 1, 2016.

DA SILVA, Andréa Villela Mafra. A pedagogia tecnicista e a organização do sistema de ensino brasileiro. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 16, n. 70, p. 197-209, 2016.

VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte: encontro entre corpo, técnica e tecnologia. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 7, n. 2, 2017.

WEINECK, Jurgen. **Anatomia Aplicada ao Esporte**. 18 ed. Barueri, SP. Editora Manole, 2013.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE  
DO BRASIL  
UFRJ



Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social  
Órgão Suplementar do Centro de Tecnologia UFRJ



#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto de pesquisa: Esporte e Corpo diante da Racionalidade Técnica Contemporânea.

Prezado Senhor (a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre Esporte e Corpo diante da Racionalidade Técnica Contemporânea. O pesquisador André Malina (da Universidade Federal do Rio de Janeiro) pretende realizar um estudo com as seguintes características:

Objetivo do estudo: Identificar as expressões de esporte/corpo em discentes dos anos finais do ensino fundamental, bem como o tipo de racionalidade predominante nessas expressões.

Descrição dos procedimentos para coleta de dados: A coleta de dados será feita através de respostas a um questionário e de aplicação de uma unidade didática em uma perspectiva dialético-naegtiva de ensino do esporte na escola.

Riscos: a participação na presente pesquisa envolverá um risco, físico ou psicológico, muito baixo a você. O questionário não contém perguntas constrangedoras, não haverá nenhum procedimento agressivo (injeção, esforço físico acima dos seus limites, etc.) ou ingestão de quaisquer medicamentos ou mesmo com aparência similar. Além disso, você terá sua identidade mantida sob sigilo.

Benefícios aos participantes e para a sociedade: o presente estudo poderá beneficiar o participante com uma compreensão mais ampliada sobre a racionalidade presente no esporte, podendo resultar em avanços pedagógicos para o ensino dos esportes e da educação física em uma perspectiva crítica.



Garantia de acesso aos pesquisadores: Em qualquer fase do estudo você terá pleno acesso aos pesquisadores responsáveis pelo projeto na Escola de Educação Física e Desportos, situado à Avenida Carlos Chagas Filho, 540, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ, ou pelo telefone 999877159 (André Malina). Havendo necessidade, será possível, ainda, entrar em contato com o Comitê de Ética do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da UFRJ, Rua Prof. Rodolpho Paulo Rocco, 255, 7º. Andar, Sala 01D-46, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ, ou pelo telefone 3938-2480, de segunda a sexta-feira, das 8 às 16 horas, ou através do e-mail: [cep@hucff.ufrj.br](mailto:cep@hucff.ufrj.br) O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão que controla as questões éticas das pesquisas na instituição (UFRJ) e tem como uma das principais funções proteger os participantes da pesquisa de qualquer problema.

Garantia de liberdade: Sua participação neste estudo é absolutamente voluntária. Dentro deste raciocínio, todos os participantes estão integralmente livres para, a qualquer momento, negar o consentimento ou desistir de participar e retirar o consentimento, sem que isto provoque qualquer tipo de penalização. Lembramos, assim, que sua recusa não trará nenhum prejuízo à relação com o pesquisador ou com a instituição e sua participação não é obrigatória. Mediante a aceitação, espera-se que você responda o questionário e/ou participe da unidade didática.

Direito de confidencialidade e acessibilidade: os dados colhidos na presente investigação serão utilizados para elaborar artigos científicos. Porém, todas as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o absoluto sigilo de sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar a identificação do participante e ninguém, com exceção dos próprios pesquisadores, poderá ter acesso aos resultados da pesquisa. Cada participante somente poderá ter acesso aos próprios resultados.

Despesas e compensações: você não terá, em momento algum, despesas financeiras pessoais. As despesas, assim, se porventura ocorrer, serão de responsabilidade dos próprios pesquisadores, incluindo qualquer problema médico decorrente da pesquisa, de transporte ou alimentação, entre outras. Também, não haverá compensação financeira relacionada à sua participação.

Em caso de dúvidas ou questionamentos, você pode se manifestar agora ou em qualquer momento do estudo para explicações adicionais.

### **Consentimento**

Eu, \_\_\_\_\_, acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações sobre o estudo acima citado.

Declaro, assim, que discuti com o Prof. André Malina sobre minha decisão em participar desse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesa. Concordo,

voluntariamente, em participar desse estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido em seu atendimento nesta instituição. Eu receberei uma via desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o pesquisador responsável por essa pesquisa. Além disso, estou ciente de que eu (ou meu representante legal) e o pesquisador responsável deveremos rubricar todas as folhas desse TCLE e assinar na última folha.

Rio de Janeiro,

---

Nome do pesquisador

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

---

Assinatura do participante

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

---

Assinatura do pesquisador

## APÊNDICES

### Apêndice A – Questionário da Coleta de Dados. Etapa 1.

NOME:	IDADE:
ANO DE ESCOLARIDADE:	DATA: ____/____/____

## QUESTIONÁRIO

### 1º BLOCO DE QUESTÕES

---

- 1- Qual o seu esporte preferido e por que você gosta dele?
- 2- Você costuma praticar seu esporte preferido? Quantos dias por semana você tem costume de praticar esporte e qual o principal local que você o pratica?
- 3- Você costuma encontrar dificuldades para praticar esportes? Quais são essas dificuldades?
- 4- Comente sobre o esporte que você mais pratica. Como são as regras? Como é organizado? Quais os materiais são utilizados?
- 5- Quais as influências que levaram você a preferir esse esporte? (televisão, internet, família, amigos, escola, clube, projeto esportivo e etc).
- 6- O que significa esporte para você?
- 7- O que você aprendeu com o esporte?
- 8- Você acha que os aprendizados obtidos através do esporte serão úteis para a sua vida? Se a resposta for sim, dê exemplos de como ele será útil. Se a resposta for não, justifique-a.
- 9- O que significa pra você vencer e perder no esporte?
- 10- Para você, vencer e perder no esporte pode servir de lição para a sua vida?
- 11- Você gostaria de ser um atleta profissional ou tem o atleta profissional como exemplo para sua vida? Por quê?
- 12- Você acha que a vida de um atleta pode nos ensinar alguma coisa? Explique sua resposta.

## 2º BLOCO DE QUESTÕES

---

1- O esporte possui alguns valores que estão presentes tanto na prática do dia-a-dia das pessoas quanto na televisão ou em estádios e arenas. Dividimos aqui os valores em: 1 alta competitividade, 2 sobrepujança, 3 meritocracia, 4 rendimento e 5 individualismo.

Alta competitividade (competição): Disputa entre duas ou mais pessoas por algum prêmio ou vantagem.

Sobrepujança: Passar por cima de; dominar, superar, vencer: Ex: Sobrepujou o perigo.

Meritocracia: Tem haver com merecimento. Ex: Vence quem faz por merecer, quem treina mais, quem tem mais talento.

Rendimento Máximo: Conjunto de medidas (treinamento físico, alimentação e etc) para aprimorar o corpo visando aumentar e melhorar as funções fisiológicas ligadas ao exercício físico em níveis acima do considerado como normal. Ex: O atleta tem treinamento e alimentação especial para sair-se muito bem na competição.

Individualismo: Quando a pessoa preocupa-se apenas consigo mesma, ou quer levar vantagem. As atitudes voltam-se apenas para atender a interesses próprios. Ex: O atleta não aceitar ficar no banco de reservas é uma atitude egoísta e, por isso, individualista.

Quais destes valores do esporte você acredita ser útil para a sua vida, atualmente ou futuramente, e das pessoas de modo geral?

- ( ) Nenhum deles
- ( ) Sobrepujança
- ( ) Alta competitividade
- ( ) Meritocracia
- ( ) Rendimento Máximo
- ( ) Individualismo

2- Marque com **X** as situações que ocorrem ou que já ocorreram na sua prática esportiva cotidiana.

- ( ) Existem muitas discussões entre os participantes.

- ( ) Um participante costuma ameaçar de agressão ou realiza xingamentos a outro participante quando não é feito o que ele quer.
- ( ) Os jogadores fazem jogadas mais ríspidas ou agressivas.
- ( ) Ocorre trapaças para conseguir vencer.
- ( ) Vencer é muito importante.
- ( ) Perder é motivo de humilhação e piadas por parte dos jogadores vencedores.
- ( ) Os jogadores mais habilidosos costumam comandar a organização da atividade.
- ( ) Os jogadores mais habilidosos costumam sortear as equipes.
- ( ) Os jogadores menos habilidosos costumam participar pouco.
- ( ) Os mais habilidosos costumam ficar mais tempo controlando as ações. Por exemplo, ficam mais tempo com a bola não permitindo que os outros aproveitem.
- ( ) Os mais habilidosos costumam formar “panelinhas” para jogar sempre com os jogadores mais fortes.
- ( ) Meninos e meninas nunca jogam juntos pela diferença de habilidade.
- ( ) Quando um jogador é menos habilidoso ou erra uma jogada existe uma excessiva reclamação sobre o erro dele.
- ( ) Existem jogadores que se recusam a jogar com outros por causa da pouca habilidade.
- ( ) Os menos habilidosos já ficaram ou ficam frequentemente de fora.

3- Marque com X as imagens que, na sua opinião, representam o esporte:

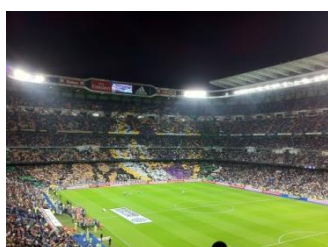
a-( )



b-( )



c-( )



d-( )



e-( )



f-( )



g-( )



h-( )



**Apêndice B – Questionário da Coleta de Dados. Etapa 3.**

NOME:	IDADE:
ANO DE ESCOLARIDADE:	DATA: ___/___/___

**QUESTIONÁRIO****1º BLOCO DE QUESTÕES**

---

1- Levando em consideração todas as aulas da unidade didática realizada sobre o futebol, responda.

- a) O que você gostou e/ou o que você não gostou nas aulas sobre futebol?
- b) Das aulas dadas, teve alguma que te chamou atenção? Se sim, qual foi a aula e explique por que ela te chamou atenção.
- c) As aulas sobre futebol te ajudaram ter informações sobre o esporte que você não sabia? Se sim, dê exemplos do que você aprendeu.
- d) Você mudaria a forma como as aulas de futebol foram realizadas? Se sim, o que você mudaria?
- e) Você acredita que o esporte de alto rendimento e o esporte que estudamos e praticamos são diferentes, ou são parecidos, ou são diferentes em algumas coisas e parecidos em outras? Dê exemplos.
- f) O que significou vencer e perder nas aulas sobre o futebol?
- g) Você acha que o atleta profissional (como o jogador de futebol) pode servir como exemplo para a vida das pessoas? Por quê?
- h) Como você vê a relação entre os valores do esporte de alto rendimento e a nossa sociedade? Explique.
- i) O que é o corpo humano para você?
- j) O que você aprendeu sobre o corpo humano durante as aulas de educação física?
- k) O que você entendeu sobre a relação entre o corpo e a sociedade?

**2º BLOCO DE QUESTÕES**

---

1- Os valores estudados nas aulas de educação física do esporte de alto rendimento são: 1 alta competitividade, 2 sobrepujança, 3 meritocracia, 4 rendimento máximo e 5 individualismo.

Alta competitividade (competição): Disputa entre duas ou mais pessoas por algum prêmio ou vantagem.

Sobrepujança: Passar por cima de; dominar, superar, vencer: Ex: Sobrepujou o perigo.

Meritocracia: Tem haver com merecimento. Ex: Vence quem faz por merecer, quem treina mais, quem tem mais talento.

Rendimento Máximo: Conjunto de medidas (treinamento físico, alimentação e etc) para aprimorar o corpo visando o aumentar e melhorar as funções fisiológicas ligadas ao exercício físico em níveis acima do considerado como normal. Ex: O atleta tem treinamento e alimentação especial para sair-se muito bem na competição.

Individualismo: Quando a pessoa preocupa-se apenas consigo mesma, ou quer levar vantagem. As atitudes voltam-se apenas para atender a interesses próprios. Ex: O atleta não aceitar ficar no banco de reservas é uma atitude egoísta e, por isso, individualista.

Quais destes valores do esporte você identificou, ou não, estar presente durante as aulas de educação física?

- ( ) Nenhum deles
- ( ) Sobrepujança
- ( ) Alta competitividade
- ( ) Meritocracia
- ( ) Rendimento Máximo
- ( ) Individualismo

2- Marque com **X** se houve algumas das situações abaixo nas aulas de educação física. Se não ocorreu a situação deixe em branco.

- ( ) Existiram muitas discussões entre os participantes.



- ( ) Um ou mais participantes costumavam ameaçar de agressão ou realizava xingamentos a outro participante quando não é feito o que ele quer.
- ( ) Os jogadores fizeram jogadas mais ríspidas ou agressivas.
- ( ) Ocorreram trapaças para conseguir vencer.
- ( ) Vencer era muito importante nas aulas.
- ( ) Perder foi motivo de humilhação e/ou piadas por parte dos jogadores vencedores.
- ( ) Os jogadores mais habilidosos costumavam comandar a organização das atividades.
- ( ) Os jogadores mais habilidosos costumavam sortear as equipes.
- ( ) Os jogadores menos habilidosos costumavam participar pouco.
- ( ) Os mais habilidosos costumavam ficar mais tempo controlando as ações. Por exemplo, ficavam mais tempo do que o necessário com a bola não permitindo que os outros aproveitassem.
- ( ) Os mais habilidosos tentavam formar “panelinhas” para jogar sempre com os jogadores mais fortes.
- ( ) Houve separação entre meninos e meninas na aula pela diferença de habilidade ou por outro motivo.
- ( ) Quando um jogador menos habilidoso errava uma jogada existia uma excessiva reclamação sobre o erro dele.
- ( ) Teve algum jogador que se recusou a jogar com outros por causa da pouca habilidade.
- ( ) Algum aluno menos habilidoso ficou de fora de alguma atividade por causa que os alunos mais habilidosos não queriam jogar com ele.

## Apêndice C – Primeiro texto da Matriz Didática. Aula 1.

### OS VALORES DO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

O esporte é algo que nos chama atenção pela enorme influência que possui, nos dias atuais, nas nossas vidas. Ele está nos noticiários televisivos e na internet. Os eventos esportivos mais importantes ligados ao esporte, como as Olimpíadas e a Copa do Mundo, são transmitidos para muitos países, alcançando milhares de pessoas.

No Brasil, o esporte que as pessoas mais gostam é o futebol. É difícil encontrar alguém, por exemplo, que não possui um time de futebol para torcer. As pessoas tendem a acompanhar as informações sobre seu time e os campeonatos que ele participa e isso se torna algo realmente importante. Os “ídolos” do time são acompanhados nas redes sociais (facebook e instagram, por exemplo) como se fossem pessoas próximas da gente, que faz parte do nosso cotidiano de vida. Existem algumas pessoas que respiram o futebol tendo-o como uma espécie de religião onde os jogadores passam a ser considerados como deuses.

Tomando, ainda, o futebol como exemplo, podemos perceber a influência desse esporte no dia-a-dia de muitas crianças e adolescentes quando jogam futebol nas ruas, nas calçadas, em campinhos e em terrenos baldios do bairro onde moram. Na grande maioria das vezes, essas crianças e adolescentes jogam tendo que adaptar o futebol à realidade que possuem, ou seja, ao espaço (campinho, rua, calçada, terreno baldio, pátios, quadra e etc), ao material disponível (bola, bola pequena, bola grande, bola murcha, bola dura, bola macia, gol pequeno, gol grande, gol feito de pedra, gol feito com os chinelos), ao grupo de participantes (duplas, trios, times pequenos, times grandes, se vai ter gente de fora ou não, com goleiro, sem goleiro, como o time será sorteado, times com “panelinha”, times equilibrados), ao tempo de partida (“dez minutos ou dois gols”, rodízio de times, o time que levar três gols primeiro sai, após um período de tempo ou de quantidade de gols os times são escolhidos novamente).

A tentativa de adaptar o futebol para jogá-lo acontece por que ter as mesmas condições (campos, equipamentos e etc) que os jogadores de futebol possuem é

completamente impossível. Apesar de o futebol jogado nos bairros por crianças e adolescentes mostrar-se diferente dos jogadores de futebol profissional, as condutas e comportamentos presentes na prática esportiva da “meninada” podem ser os mesmos daqueles praticados pelos jogadores de futebol nos grandes estádios e arenas. Essas práticas e condutas da “meninada” podem estar sendo influenciadas por valores do esporte profissional que também é chamado de esporte de alto rendimento.

Alguns dos valores presentes no esporte são: alta competitividade (competição), sobrepujança, meritocracia, rendimento físico e individualismo.

Alta competitividade (competição): Disputa entre duas ou mais pessoas por algum prêmio ou vantagem.

Sobrepujança: Passar por cima de; dominar, superar, vencer: Ex: Sobrepujou o perigo.

Meritocracia: Tem haver com merecimento. Ex: Vence quem faz por merecer, quem treina mais, quem tem mais talento.

Rendimento Máximo: Conjunto de medidas (treinamento físico, alimentação e etc) para aprimorar o corpo visando o aumentar e melhorar as funções fisiológicas ligadas ao exercício físico em níveis acima do considerado como normal. Ex: O atleta tem treinamento e alimentação especial para sair-se muito bem na competição.

Individualismo: Quando a pessoa preocupa-se apenas consigo mesma, ou quer levar vantagem. As atitudes voltam-se apenas para atender a interesses próprios. Ex: O atleta não aceitar ficar no banco de reservas é uma atitude egoísta e, por isso, individualista.

### Exemplos dos Valores do Esporte de Alto Rendimento no Futebol

Não é difícil vermos na televisão a disputa de um jogo de futebol ir além das jogadas. Em praticamente todos os jogos conseguimos perceber xingamentos entre os jogadores, entre jogadores e árbitro, de torcedores para jogadores e/ou técnicos. É possível que o alto nível de competitividade presente no futebol faça com que os jogadores, torcedores, árbitros e técnicos percam o respeito uns para com os outros,

tornando o esporte em uma verdadeira guerra de nervos. Em casos mais extremos, vemos as brigas generalizadas tanto dentro quanto fora de campo entre torcedores, tendo como consequência até a morte de pessoas. Essa conduta violenta pode estar ligada aos valores de alta competitividade e de sobrepujança (vencer) o outro. A derrota passa a ser algo inaceitável e quando ela acontece torna-se motivo de violência verbal (quando agredimos com palavras) ou física (quando batemos em alguém).

A meritocracia é outro valor que está presente no futebol e tem relação com “merecimento”, ou seja, vence quem faz por merecer. Mas será que é isso mesmo que ocorre na prática? Vamos imaginar que em um time de futebol existam muitos jogadores bons, o atacante é aquele que tem o melhor salário enquanto os outros possuem um salário menor. O atacante possui o melhor salário porque foi o artilheiro do campeonato, mas considerando que o futebol é um esporte coletivo, percebemos que todos os gols feitos pelo atacante aconteceram de passes vindos dos seus companheiros de equipe, logo esses companheiros possuem igual importância na construção das jogadas e dos passes que resultaram em gols para sua equipe e que possibilitaram que o atacante fosse o artilheiro. É justo o atacante ganhar um salário maior do que os dos outros?

Em relação ao rendimento máximo, o esporte de alto rendimento exige uma dedicação muito alta para que a pessoa torne-se um atleta. A maior parte das pessoas não consegue alcançar tais níveis, por isso consideramos que o esporte de alto rendimento é excludente, ou seja, as pessoas que não atingem os níveis de preparo físico e de habilidades acabam não conseguindo permanecer no esporte profissional. Esse nível de dedicação é tão alto que os atletas (ou pessoas que queiram treinar no mesmo nível de um atleta) podem ter problemas sérios de saúde, tanto físico quanto psicológico. Existem casos de jogadores de futebol que tiveram infarto do miocárdio e morreram em partidas de futebol ou enquanto treinavam.

O individualismo é outro valor do esporte de alto rendimento e está vinculado com o tipo de conduta que uma pessoa toma em relação às outras. É aquela pessoa que só pensa em si mesma e não se preocupa com as demais. No esporte de alto rendimento esse tipo de conduta é bastante comum, por exemplo, quando um

jogador de futebol é substituído durante uma partida e não gosta da substituição ele acaba desrespeitando seu companheiro de equipe que está para entrar.

Esses cinco valores (alta competitividade, sobrepujança, meritocracia, rendimento máximo e individualismo) referentes ao esporte de alto rendimento são considerados como valores desumanos. Através desses valores, o esporte de alto rendimento pode exercer uma influência negativa sobre a nossa forma de ver a vida, o mundo e nossos semelhantes, e até das nossas condutas e comportamentos durante a prática esportiva. O esporte deve ser usufruído por todos aqueles que assim desejem não desconsiderando o ser humano que se movimenta e pratica esporte. Deve incluir todas as pessoas e não excluí-las por qualquer motivo que seja.

#### REFERÊNCIAS:

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. Cortez Editora, 1992.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ed. UNIJUI, 1994.

## Apêndice D – Segundo Texto da Matriz Didática. Aula 3.

### ESPORTE COMO UM BEM CULTURAL DA HUMANIDADE

O ser humano ao longo da sua existência sempre produziu cultura. Ao que parece, a palavra cultura é inseparável da vida humana, ela é importante para a compreensão do homem e da forma como este se relaciona com seus semelhantes em sociedade. Para entendermos melhor a relação entre o homem e a cultura, se faz necessário caracterizarmos a palavra cultura que “é o conjunto dos valores materiais e espirituais criados pela humanidade no decorrer de sua história”.

Por valores materiais, podemos compreender todas as riquezas geradas através do trabalho humano que possibilitou a criação de diferentes produtos que contribuíram para a transformação do mundo em que o homem vive. Atualmente, essas transformações podem ser percebidas tendo como exemplos: carros, prédios, aparelhos tecnológicos (telefone celular, computadores, internet), energia elétrica e etc. Por valores espirituais, temos os diversos conhecimentos que foram e são acumulados todos os dias para o progresso da sociedade e para o desenvolvimento pessoal do homem. Podemos citar alguns exemplos como: educação, instrução, artes, esportes, literatura e etc.

Se compararmos a vida do homem antigamente com os dias de hoje, perceberemos que a vida se modificou bastante. Um exemplo interessante é compararmos um jogo de futebol nos dias de hoje com um de cinquenta ou quarenta anos atrás, identificaríamos uma série de diferenças que nos impressionariam.

Como parte da cultura humana, o esporte faz parte da vida humana. Desde tempos antigos, o homem sempre sentiu necessidade de se movimentar. Existem relatos diversos de jogos que eram realizados por povos antigos, assim como diferentes tipos de lutas e danças. Esses conhecimentos que foram desenvolvidos e praticados pelos homens ao longo de sua história, ligados ao corpo e ao movimento, e que prevalece nos dias de hoje, podemos chamar de cultura corporal.

A cultura corporal tem haver com os diferentes conhecimentos ligados ao corpo e ao movimento que o homem produziu ao longo de sua história, tendo como destaque: os jogos, os esportes, as ginásticas, as lutas e as danças. Esses

elementos da cultura corporal fazem parte do patrimônio cultural da humanidade e, por isso, são importantes para o desenvolvimento pessoal e social de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Dentre esses elementos, destacamos o esporte como um dos mais presentes na vida do homem nos dias atuais.

Se fizermos a seguinte indagação: Quem nasceu primeiro o esporte ou o homem? Qual resposta nós daríamos? O homem, é claro, seria a resposta correta. Em outra pergunta: Quem criou o esporte? A resposta também seria o homem. Nesse caso, é importante destacar que toda cultura produzida (como o esporte, por exemplo) deve ser para o desenvolvimento cultural, social e pessoal de homens e mulheres em todas as idades, sem distinção de sexo, cor da pele, religião, nível de habilidade e etc. O esporte como patrimônio da humanidade não pertence a todos os homens? Então os homens possuem o direito de usufruir dele, não realizando ou sofrendo qualquer tipo de preconceito na prática esportiva. O esporte deve ser desfrutado por todos os homens e mulheres, de todas as faixas etárias, que assim quiserem.

#### REFERÊNCIAS:

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. Cortez Editora, 1992.

PEREIRA, Flávio Medeiros. *Dialética da cultura física*. São Paulo: Ícone, 1988.

MALINA, André. O Esporte como um Bem Cultural da Humanidade e o Modo de Produção Capitalista. In: MALINA, André; CESARIO, Sebastiana. **Esporte: Fator de Integração e Inclusão Social?** 2 ed. Amp. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2013, p. 51-65.

## **Apêndice E – Terceiro Texto da Matriz Didática. Aula 6.**

### **CORPO: DO FUNCIONAL AO CONTRADITÓRIO**

#### **Do funcional**

O corpo humano é algo fascinante. O corpo humano é capaz de realizar uma enorme quantidade de movimentos diferentes, e isso ocorre pela grande quantidade de ossos, articulações e músculos que possuímos. Quando nascemos podemos ter de 300 a 350 ossos, mas no processo de crescimento ocorre a fusão de alguns ossos reduzindo esse número para 208 a 212 ossos na fase adulta. No encontro entre os ossos, temos as articulações que são os pontos onde ocorrem os movimentos do corpo humano. Em relação aos músculos, temos distribuídos em nosso corpo mais de 600 músculos com tamanhos e formas diferentes. Esses três componentes: ossos, articulações e músculos, compõem o sistema locomotor humano, ou seja, é através do trabalho em conjunto desses três componentes que ocorre o movimento.

Os ossos conferem a estrutura rígida para que o corpo permaneça firme. Os ossos são ligados pelos ligamentos que são estruturas fibrosas que ajudam a fixar os ossos uns aos outros, e é por causa dos ligamentos, por exemplo, que a tíbia não se desprende do fêmur. Esses ligamentos situam-se nas articulações, nos pontos onde há o encontro entre ossos. Os músculos são fixados aos ossos através de uma estrutura chamada de tendão. O tendão é responsável em fixar o músculo ao osso, não permitindo que o músculo se desprenda dos ossos, por exemplo. O movimento, portanto, ocorre a partir de contrações (encurtamentos) dos músculos, que presos aos ossos pelos tendões, movimentam os ossos através dos pontos denominados de articulações.

Olhando o corpo dentro do ponto de vista das suas partes e funções, compreendemos que todos os seres humanos possuem ossos, músculos e articulações, além de pernas, braços, tronco e cabeça. Por causa dessa similaridade, homens e mulheres também são capazes de andar, correr, saltar e jogar. Apesar dos movimentos possíveis ao corpo (andar, correr, saltar...) serem os mesmos, a forma como esses movimentos são realizados podem ser diferentes. Por



exemplo, o salto de um jogador de futebol para cabecear a bola para o gol não é o mesmo salto de um zagueiro que quer evitar que a bola entre no gol da sua equipe. Assim como o chute de um atacante para o gol não é o mesmo que o chute de um zagueiro que quer afastar a bola do seu gol.

Dependendo dos objetivos que temos na realização do movimento (um chute para o gol, um chute para tirar a bola de perto do gol, de um passe mais fácil, para um passe mais difícil...), seja no esporte ou em qualquer outra situação da vida, músculos, ossos e articulações trabalharão em conjunto para que o movimento possa ser realizado de forma a atender aos objetivos que queremos atingir, e isso através de diferentes e inúmeras combinações possíveis entre ossos, músculos e articulações.

Se prestarmos atenção, ainda, na prática do futebol da “meninada”, perceberemos que todos chutam, passam, driblam, defendem, atacam, marcam, mas cada um de forma diferente, ou seja, apesar de os movimentos serem os mesmos, são realizados de forma diferente. O corpo humano possui inúmeras similaridades, podemos perceber que todos os seres humanos possuem características que nos tornam “iguais” do ponto de vista funcional do corpo. Mas será que todos os corpos são iguais do ponto de vista social em uma sociedade capitalista?

### **Do contraditório**

A cultura da sociedade onde estamos inseridos tende a nos influenciar. Nesse caso, o esporte, assim como as pessoas que temos contato, nossos familiares e amigos, por exemplo, por serem parte da sociedade, tendem a sofrer a mesma influência. Com o corpo não é diferente, ele não está livre de ser influenciado por essa cultura. É normal percebermos as características de uma pessoa através do corpo dela, por isso que conseguimos atribuir se uma pessoa é alta ou baixa, magra ou gorda, branca ou negra etc. É através do corpo que distinguimos as pessoas umas das outras, pela fisionomia, aparência, cor do cabelo, pela forma como se veste, como anda ou corre etc.

Na sociedade capitalista, por exemplo, temos algo que a caracteriza muito bem: a desigualdade social, ou seja, desigualdade entre as pessoas. Nessa

sociedade podemos verificar, nos corpos, as marcas dessa desigualdade. Por exemplo, quantas vezes passamos nas ruas e vemos pessoas que não tem onde morar? Ou sabemos de pessoas que não tem o que comer? Ou pessoas que ficaram desempregadas? Fica fácil distinguir um corpo que sente fome, que não se alimenta bem, que mora na rua e por causa disso está completamente tomado pela sujeira das calçadas.

Temos, ainda, aquelas pessoas que lutam diariamente pela sobrevivência (que são muitos, os trabalhadores), pais e mães que lutam para dar o sustento para seus filhos e, apesar de muito se esforçarem, no fim do mês as contas nunca fecham, nunca sobra dinheiro para poder usufruir do tempo livre (se houver), já que tudo nessa sociedade deve ser pago.

Ao contrário dessa realidade sofrida por milhões de brasileiros, temos o outro lado da história, a de poucos homens que se beneficiam da miséria e das dificuldades financeiras desses muitos. Para estes poucos homens existe abundância de tudo, de comida, de casas para morar, de carros. Seus corpos estão sempre vestidos com as melhores roupas, limpos e calçados com os melhores sapatos, frequentam os restaurantes e lugares mais caros, conseguem ir ao cinema, ao teatro, ao jogo de futebol do seu time sem ter que se preocupar com as contas no fim do mês.

A cultura da sociedade capitalista faz separação entre as pessoas, classificando-as em classes: classe trabalhadora (muitos) e classe dominante (poucos). A diferença entre essas classes pode ser percebida no corpo, através da forma de falar, da forma de se vestir, da forma de se expressar, na forma de pensar, etc. As diferenças ainda acontecem em relação às possibilidades de usufruir os bens culturais da humanidade pois, para a classe dominante, o usufruto dos bens culturais é uma realidade já que possui as condições financeiras para isso, para a classe trabalhadora, não há qualquer possibilidade de usufruto, já que não possuem condições financeiras suficientes, visto que os bens culturais tornaram-se mercadorias e, quem quiser tê-las deve comprá-las.

Os corpos representam pessoas. Os corpos daqueles que pertencem à classe dominante e daqueles que pertencem à classe trabalhadora são iguais, ou seja, todos possuem cabeça, tronco, braços e pernas, mas não estão inseridos

igualmente na sociedade. Todas essas pessoas têm um corpo que as representam, mas, apesar disso, os corpos são marcados e diferenciados pela lógica de cada classe e de consumo que ornamenta o corpo com mercadorias, como o relógio, o tênis e a roupa, dentre outros. Os corpos são colocados e separados em classes distintas entre si, pois uns tem muito e outros têm pouco ou nada além do corpo que serve como força de trabalho.

#### REFERÊNCIAS:

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

MARX Karl. **Contribuição à crítica da economia política** - tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. 1 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**, livro I, vol.1: O processo de produção do capital. 32 ed. Editora Civilização Brasileira, 2014.

WEINECK, Jurgen. **Anatomia Aplicada ao Esporte**. 18 ed. Barueri, SP. Editora Manole, 2013.

## Apêndice F – Quarto texto da Matriz Didática. Aula 9.

### VALORES DO ESPORTE E SOCIEDADE

Foi através do trabalho que o homem criou e desenvolveu os diversos produtos que temos hoje em nossa sociedade. Todos esses produtos foram desenvolvidos a partir dos conhecimentos que o homem acumulou e desenvolveu ao longo de sua história. Esses conhecimentos foram passados de geração para geração e serviram (e ainda servem) para construir o mundo e formá-lo de acordo com as intenções do homem. Nos dias atuais, esses conhecimentos e produtos não estão disponíveis a todos os homens e mulheres. O que existe é uma separação entre aqueles (classe dominante) que têm acesso a esses conhecimentos e produtos e aqueles (classe trabalhadora) que não têm qualquer acesso a esses bens culturais.

A sociedade capitalista é dividida em classes, a saber: dominante e trabalhadora. Nessa sociedade, as desigualdades entre as pessoas são enormes. Normalmente, aquelas que pertencem à classe dominante têm todos os recursos materiais para satisfazer todas as necessidades que possuem, tanto em relação à obtenção dos diversos bens materiais quanto em relação ao acesso aos diferentes bens culturais pertencentes à humanidade, já a classe trabalhadora não. Isso acontece porque na sociedade capitalista apenas aqueles que possuem condições financeiras podem usufruir de tudo o que a cultura humana foi capaz de criar, pois tudo se transforma em mercadoria, ou seja, tudo deve ser comprado. Nessa lógica, aqueles que têm maior poder de compra levam vantagem sobre aqueles que não têm.

Desta forma, a classe trabalhadora fica excluída de aproveitar e se beneficiar dos diversos bens culturais da humanidade, acaba tendo que passar seus dias trabalhando para ganhar um salário que mal dá para sobreviver. Alimentar-se, vestir-se, ter onde morar, ter momentos de lazer são direitos de todas as pessoas, e por que esses direitos são desrespeitados? Por que um trabalhador passa a maior parte do seu dia trabalhando sem ter qualquer tempo livre para sua família ou para qualquer outra tarefa que queira realizar ou participar como, por exemplo, praticar esportes?

O que se percebe é que, em nossa sociedade, há uma enorme desigualdade. Essa desigualdade se dá, principalmente, por causa dos valores que estão presentes nela. Esses valores são bastante similares com os do esporte de alto rendimento: alta competitividade, sobrepujança, meritocracia, individualismo e rendimento máximo.

Atualmente, as pessoas passaram não apenas a competir umas com as outras, mas passaram a competir também contra a vida de certa forma. Um exemplo disso é a batalha diária travada para sobreviver. Quando competimos precisamos vencer para termos êxito e, para termos vitória alguém precisa ser derrotado – alta competitividade. Os vencedores conseguem seu prêmio (um emprego, por exemplo), os derrotados amargam a derrota (o desemprego, por exemplo) – sobrepujança. Aqueles que vencem passam a vangloriar-se por ter conseguido a vitória pelos seus méritos, mas será que todos não são merecedores de uma vida digna, independente das habilidades e capacidades que cada um possui? – meritocracia.

Desta forma, a sociedade capitalista submete, através da alta competição, as pessoas a competirem entre si, os nossos semelhantes passam a ser os adversários que enfrentamos no jogo da vida. Por causa disso, as pessoas tornam-se mais individualistas e materialistas, valorizam mais os bens que possuem do que o seu próximo – individualismo. Assim, não basta mais trabalhar para ser feliz, para ter as necessidades básicas atendidas. As pessoas buscam ter tudo aquilo que é possível obter, quanto mais bens melhor e, para isso, é necessário se esforçar todos os dias cada vez mais, afinal na sociedade capitalista as pessoas são medidas pelo o que tem e não pelo o que são – rendimento máximo.

Os valores desumanos citados acima, presentes na sociedade e que cabem também ao esporte de alto rendimento, geram desigualdades sociais entre as pessoas. Esses valores favorecem a permanência dos privilégios da classe dominante enquanto negam direitos iguais à classe trabalhadora.

#### REFERÊNCIAS:

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

MARX Karl. **Contribuição à crítica da economia política** - tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. 1 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**, livro I, vol.1: O processo de produção do capital. 32 ed. Editora Civilização Brasileira, 2014.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. Cortez Editora, 1992.

## Apêndice G - Quadro Teórico Estruturado do Questionário Inicial

OBJETIVOS	PERGUNTAS	REFERENCIAL TEÓRICO
<p>1 Identificar o tipo de pensamento predominante, unidimensional-positivo ou dialético-negativo, nas consciências dos alunos a partir da relação que estabelecem socialmente com o esporte.</p>	<p>1- Qual o seu esporte preferido e por que você gosta dele?</p> <p>2- Você costuma praticar seu esporte preferido? Quantos dias por semana você tem costume de praticar esporte e qual o principal local que você o pratica?</p> <p>3- Você costuma encontrar dificuldades para praticar esportes? Quais são essas dificuldades?</p> <p>4- Comente sobre o esporte que você mais pratica. Como são as regras? Como é organizado? Quais os materiais são utilizados?</p> <p>5- Quais as influências que levaram você a preferir esse esporte? (televisão, internet, família, amigos, escola, clube, projeto esportivo e etc).</p> <p>6- O que significa esporte para você?</p> <p>7- O que você aprendeu com o esporte?</p> <p>8- Você acha que os aprendizados obtidos através do esporte serão úteis para a sua vida? Se a resposta for sim, dê exemplos de como ele será útil. Se a resposta for não, justifique-a.</p> <p>9- O que significa pra você vencer e perder no esporte?</p> <p>10- Para você, vencer e perder no esporte pode servir de lição para a sua vida?</p>	<p>Racionalidade técnica (MARCUSE, 1964).</p> <p>Conceito de Alienação (MARX, 2014).</p> <p>Conceito de Pensamento Unidimensional-Positivo e Dialético-Negativo (MARCUSE, 1964).</p>

11- Você gostaria de ser um atleta profissional ou tem o atleta profissional como exemplo para sua vida? Por quê?

12- Você acha que a vida de um atleta pode nos ensinar alguma coisa? Explique sua resposta.

2 Identificar a presença ou a ausência de valores unidimensionais-positivos vinculados ao esporte de alto rendimento na prática cotidiana de esporte dos discentes.

1- O esporte possui alguns valores que estão presentes tanto na prática do dia-a-dia das pessoas quanto na televisão ou em estádios e arenas. Dividimos aqui os valores em: 1 alta competitividade, 2 sobrepujança, 3 meritocracia, 4 rendimento e 5 individualismo.

Alta competitividade (competição): Disputa entre duas ou mais pessoas por algum prêmio ou vantagem.

Sobrepujança: Passar por cima de; dominar, superar, vencer: Ex: Sobrepujou o perigo.

Meritocracia: Tem haver com merecimento. Ex: Vence quem faz por merecer, quem treina mais, quem tem mais talento.

Rendimento Físico: Conjunto de medidas (treinamento físico, alimentação e etc) para aprimorar o corpo visando o aumentar e melhorar as funções fisiológicas ligadas ao exercício físico. Ex: O atleta tem treinamento e alimentação especial para sair-se muito bem na competição.

Individualismo: Quando a pessoa preocupa-se apenas consigo mesma, ou quer levar vantagem. As atitudes voltam-se apenas para atender a interesses próprios. Ex: O

Racionalidade técnica (MARCUSE, 1964).

Conceito de pensamento unidimensional-positivo e pensamento dialético-negativo (MARCUSE, 1964).

Valores do esporte de alto rendimento (COLETIVO DE AUTORES, 1992).



atleta não aceitar ficar no banco de reservas é uma atitude egoísta e, por isso, individualista.

Quais destes valores do esporte você acredita ser útil para a sua vida, atualmente ou futuramente, e das pessoas de modo geral?

- Nenhum deles
- Sobrepujança
- Alta competitividade
- Meritocracia
- Rendimento
- Individualismo

2- Marque com **X** as situações que ocorrem ou que já ocorreram na sua prática esportiva cotidiana.

- Existem muitas discussões entre os participantes.
- Um participante costuma ameaçar de agressão ou realiza xingamentos a outro participante quando não é feito o que ele quer.
- Os jogadores fazem jogadas mais ríspidas ou agressivas.

- Ocorre trapaças para conseguir vencer.
- Vencer é muito importante.
- Perder é motivo de humilhação e piadas por parte dos jogadores vencedores.
- Os jogadores mais habilidosos costumam comandar a organização da atividade.
- Os jogadores mais habilidosos costumam sortear as equipes.
- Os jogadores menos habilidosos costumam participar pouco.
- Os mais habilidosos costumam ficar mais tempo controlando as ações. Por exemplo, ficam mais tempo com a bola não permitindo que os outros aproveitem.
- Os mais habilidosos costumam formar “panelinhas” para jogar sempre com os jogadores mais fortes.
- Meninos e meninas nunca jogam juntos pela diferença de habilidade.
- Quando um jogador é menos habilidoso ou erra uma jogada existe uma excessiva reclamação sobre o erro dele.
- Existem jogadores que se recusam a jogar com outros por causa da pouca habilidade.
- Os menos habilidosos já ficaram ou ficam frequentemente de fora.

4-Marque com X as imagens que, na sua opinião, representam o esporte:

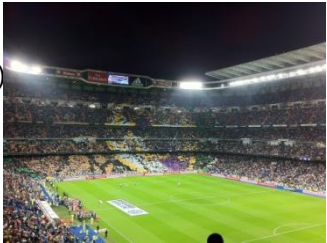
a-( )



b-( )



c-( )



d-( )



e-( )



f-( )



g-( )



h-( )





## Apêndice H – Quadro Teórico Estruturado do Questionário Final

OBJETIVOS	PERGUNTAS	REFERENCIAL TEÓRICO
1 Identificar as percepções dos alunos sobre as aulas de educação física em uma perspectiva dialético-negativa para o ensino do futebol.	<p>1- Levando em consideração todas as aulas da unidade didática realizada sobre o futebol, responda.</p> <p>a) O que você gostou e/ou o que você não gostou nas aulas sobre futebol?</p> <p>b) Das aulas dadas, teve alguma que te chamou atenção? Se sim, qual foi a aula e explique por que ela te chamou atenção.</p> <p>c) As aulas sobre futebol te ajudaram ter informações sobre o esporte que você não sabia? Se sim, dê exemplos do que você aprendeu.</p> <p>d) Você mudaria a forma como as aulas de futebol foram realizadas? Se sim, o que você mudaria?</p> <p>e) Você acredita que o esporte de alto rendimento e o esporte que estudamos e praticamos são diferentes, ou são parecidos, ou são diferentes em algumas coisas e parecidos em outras? Dê exemplos.</p> <p>f) O que significou vencer e perder nas aulas sobre o futebol?</p> <p>g) Você acha que o atleta profissional (como o jogador de futebol) pode servir como exemplo para a vida das pessoas? Por quê?</p> <p>h) Como você vê a relação entre os valores do esporte de alto rendimento e a nossa</p>	<p>Racionalidade técnica (MARCUSE, 1964).</p> <p>Alienação (MARX, 2014).</p> <p>Pensamento Unidimensional-Positivo e Dialético-Negativo (MARCUSE, 1964).</p>

sociedade? Explique.

i) O que é o corpo humano para você?

j) O que você aprendeu sobre o corpo humano durante as aulas de educação física?

k) O que você entendeu sobre a relação entre o corpo e a sociedade?

2 Identificar a presença ou não de valores unidimensional-positivos vinculados ao esporte de alto rendimento nas aulas de educação física escolar a partir da percepção de alunos do 6º ano do ensino fundamental.

1- Os valores estudados nas aulas de educação física do esporte de alto rendimento são: 1 alta competitividade, 2 sobrepujança, 3 meritocracia, 4 rendimento e 5 individualismo.

Alta competitividade (competição): Disputa entre duas ou mais pessoas por algum prêmio ou vantagem.

Sobrepujança: Passar por cima de; dominar, superar, vencer: Ex: Sobrepujou o perigo.

Meritocracia: Tem haver com merecimento. Ex: Vence quem faz por merecer, quem treina mais, quem tem mais talento.

Rendimento Físico: Conjunto de medidas (treinamento físico, alimentação e etc) para aprimorar o corpo visando o aumentar e melhorar as funções fisiológicas ligadas ao exercício físico. Ex: O atleta tem treinamento e alimentação especial para sair-se muito bem na competição.

Individualismo: Quando a pessoa preocupa-se apenas consigo mesma, ou quer levar vantagem. As atitudes voltam-se apenas para atender a interesses próprios. Ex: O

Racionalidade técnica (MARCUSE, 1964).

Alienação (MARX, 2014).

Valores do esporte de alto rendimento (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

atleta não aceitar ficar no banco de reservas é uma atitude egoísta e, por isso, individualista.

Quais destes valores do esporte você identificou, ou não, estar presente durante as aulas de educação física?

- Nenhum deles
- Sobrepujança
- Alta competitividade
- Meritocracia
- Rendimento
- Individualismo

2- Marque com **X** se houve algumas das situações abaixo nas aulas de educação física. Se não ocorreu a situação deixe em branco.

- Existiram muitas discussões entre os participantes.
- Um ou mais participantes costumavam ameaçar de agressão ou realizava xingamentos a outro participante quando não é feito o que ele quer.
- Os jogadores fizeram jogadas mais ríspidas ou agressivas.
- Ocorreram trapaças para conseguir vencer.



- Vencer era muito importante nas aulas.
- Perder foi motivo de humilhação e/ou piadas por parte dos jogadores vencedores.
- Os jogadores mais habilidosos costumavam comandar a organização das atividades.
- Os jogadores mais habilidosos costumavam sortear as equipes.
- Os jogadores menos habilidosos costumavam participar pouco.
- Os mais habilidosos costumavam ficar mais tempo controlando as ações. Por exemplo, ficavam mais tempo do que o necessário com a bola não permitindo que os outros aproveitassem.
- Os mais habilidosos tentavam formar “panelinhas” para jogar sempre com os jogadores mais fortes.
- Houve separação entre meninos e meninas na aula pela diferença de habilidade ou por outro motivo.
- Quando um jogador menos habilidoso errava uma jogada existia uma excessiva reclamação sobre o erro dele.
- Teve algum jogador que se recusou a jogar com outros por causa da pouca habilidade.
- Algum aluno menos habilidoso ficou de fora de alguma atividade por causa que

os alunos mais habilidosos não queriam jogar com ele.